

SAÍ-FAÍ

FICÇÃO CIENTÍFICA À BRASILEIRA





Museu do **Amanhã**



APRESENTAÇÃO
POR

LAA — Laboratório de Atividades do Amanhã

Essa história começa quando um mote que só parecia possível em filmes de ficção científica se impôs como uma inescapável realidade: a pandemia de 2020 foi um incidente incitante para fazer inveja em muito ficcionista. E quando vimos, O Dia em que a Terra Parou já tinha virado mais de ano.

Foram tempos desafiadores em muitos sentidos, repletos de perdas e sofrimento; mas essa pausa forçada também nos deu a possibilidade de repensar nossos valores e os modelos vigentes de sociedade. Sonhar outros mundos possíveis foi e continua sendo combustível para muita gente conseguir suportar as várias agruras da vida cotidiana. E se tem uma coisa que ficou clara neste período foi que nem mesmo o confinamento é capaz de deter a inventividade da mente humana.

A nossa oficina Sai-Fai nasceu com a proposta de transcender as limitações físicas impostas e lançar mão da maior das tecnologias que dispomos: a nossa imaginação. Tecnologia que se faz mais do que importante num momento em que vivemos uma verdadeira crise de imaginários. Não foi nenhuma surpresa quando abrimos a chamada pública e recebemos uma verdadeira enxurrada de sinopses de narrativas distópicas. As distopias têm sua função, mas também é preciso nos permitir imaginar outros horizontes se desejamos criar amanhã melhores para todes.

E para isso é fundamental que possamos agregar outros olhares e vozes para contribuir com perspectivas diferentes, enriquecendo a conversa com saberes e cosmologias outras, que nos permitam ir coletivamente além. Mas não se faz isso sem diversidade. Por isso, nos empenhamos em fazer uma seleção de novos autores que tivesse uma ampla representatividade territorial, étnica, de gênero, orientação sexual, e anti capacitista.

Com um comitê de seleção que buscou refletir esse mesmo princípio, tivemos a deliciosa mas também difícil missão de nos debruçar sobre as mais de 80 candidaturas, avaliando amostras de textos e ideias de novas histórias para serem desenvolvidas na oficina. No final conseguimos chegar a um grupo de 20 escritores com diferentes cores, sotaques, lugares de fala e experiências de vida, que nos brindaram com trocas riquíssimas e uma convivência divertida. Deu pra sentir de cara que deu liga.

O outro componente fundamental para o projeto foi a participação dos mentores, que trouxeram em suas aulas e nos direcionamentos dos contos um forte embasamento sobre a história da ficção científica no Brasil e no mundo, sobre o pensamento de futuros e as formas de incidência das matrizes africanas e indígenas nesse gênero, dando origem a novos subgêneros como o Afrofuturismo, Ancestrofuturismo e Futurismo indígena.

Ao longo dos dois meses de trocas, laços sinceros foram formados entre todos e a nossa nave Sai-Fai decolou de vez. Ao final do processo tínhamos um rico material em mãos, com histórias que contam de portais intergaláticos no coração de uma cidadezinha de interior do país, ou de uma Belém cyberpunk com forte presença nipo-brasileira, das viagens no leito de um rio repleto de memórias ancestrais na Baía de Santo Antônio às narrativas extra planetárias em distantes paisagens de Marte e Júpiter. Também não faltou diversidade nos gêneros das histórias: têm terror, thriller, contos psicológicos, roteiro de podcast e até humor.

O desafio seguinte foi traduzir essas histórias em imagens. Para isso, convidamos 10 ilustradores com diferentes linguagens e de todas as regiões do país, que conseguiram captar bem a essência desses mundos e personagens imaginados. O resultado é apresentado nesta antologia que, se não pretende necessariamente responder o que é afinal essa tal de “Sai-Fai - Ficção científica à brasileira”, aspira a pelo menos poder revelar os rumos que essa nova geração de talentosos autores está traçando.

Desejamos a todes uma boa leitura
e que seja uma excelente viagem!

SOBRE O LAA

Apresentado pelo Santander, patrocinador máster do Museu, o Laboratório de Atividades do Amanhã é a área de experimentação, prototipagem e inovação do Museu do Amanhã. O espaço funciona como uma plataforma de conexões transdisciplinares de arte, ciência e tecnologia. A missão do laboratório é prototipar um futuro mais sustentável e social usando tecnologias tradicionais e exponenciais com uma abordagem transdisciplinar. Lançando uma ponte entre o pensar e o fazer, entre o imaginar e o realizar, o LAA explora oportunidades e desafios em um universo com mudanças contínuas e cada vez mais acentuadas.

SUMÁRIO

MENTORES

Ale Santos	9
Alexey Dodsworth	11
Lidia Žuin	13
Lu Ain-Zaila	15
Trudruá Dorrico	17



NAS BORDAS DE QUEM EU SOU	19
Giu Yukari Murakami	



O ODU DE MARTE	34
Davenir Viganon	



KUARÁ — O SOL NASCE PARA TODOS	48
Gyulia Félix	



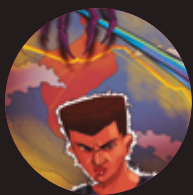
QUANDO ELES ACORDARAM	62
Carol Ribeiro	



ATAQUE DOS GERSONS	73
Pedro Drable	



MICÉLIO/MAR	87
Márcio Moreira	



AS INTERMITÊNCIAS DO TEMPO

105

Juliane Vicente



PROVIDÊNCIA

118

Daniel Rosa



SOMBRA DE MENINO

126

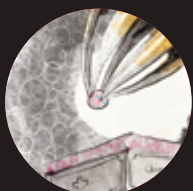
thalles



EXU

135

Ghab Rod



NEGÓCIOS ESCUSOS NO BAR DO FIM DO MUNDO

152

Oziel Herbert



FOSFENO

165

Adonias Pimenta Jr.



AMEAÇA EXTERIOR

175

Carlus Cantoni



A MALDIÇÃO DO PARAÍSO

187

Nina Ladeia



A SEMENTE DA RETOMADA

Geo Amaral

200



NOVAS MEMÓRIAS PARA BRASÍLIA

Elisa Ferreira

215



VITAE-HISTORIA

Arthur Cavalcante

227



NA TEMPESTADE VERMELHA

Bia Sá

240



AOS PÉS DE GUAYMIABA

Brunno Apolonio

253

BIOS

267

00

UM SALTO ATÉ A FICÇÃO: COM A PALÁVRA, A MENTORIA

Ale Santos

Alexey Dodsworth

Lidia Žuin

Lu Ain-Žaila

Trudruá Dorrico



ALE SANTOS

Roteirista e Escritor Afrofuturista

Desde o primeiro convite, eu entendi que a oficina de Sai-Fai era revolucionária dentro do gênero, afinal ficção científica sempre foi sobre se conectar com a parte mais íntima das pessoas, da humanidade e trazer, através de alegorias poderosas e divertidas, discussões ousadas para a sociedade. Atualmente, não existe discussão mais urgente para ficcionistas, senão a expansão das perspectivas literárias que foram, em sua maioria, eurocêntricas ou popularizadas por magnatas brancos da tecnologia e de Hollywood.

Então, podemos encarar essa oficina como uma expressão de vanguarda, principalmente em um país que parece subestimar a arte e o imaginário dos povos periféricos e nativos. Um país que ainda não percebeu a potência de todas as nossas histórias, das quais não estaríamos nem aqui se não fossemos capazes de contá-las e manter a continuidade de quem somos nesse contexto. Vi, em cada texto que tive o prazer de acompanhar como mentor, uma alma genuína, um desejo intenso de trazer um novo sabor para o SCI FI, da capoeira, ao culto solar, dos padrões de beleza à complexidade multiétnica que vivemos trabalhados nos textos de maneira exemplar.

O que pude contribuir foi uma ou outra questão técnica, porque a magia do bom ficcionista já residia em cada autor selecionado para a coletânea. Seus contos foram capazes de me provocar a pensar minha realidade e espero que vocês

também sejam provocados por essas narrativas fantásticas, escritas com dedicação e técnica. Por fim, entendi que os autores estavam empenhados em construir uma boa experiência de leitura, divertida e emocionante na mesma intensidade que carregava uma mensagem social necessária. Tenho certeza que vários dos nomes, neste trabalho, se tornarão expoentes do Sai-Fai brasileiro nos próximos anos. Fazer parte de tudo isso vai ficar cravado na minha lembrança, espero que vocês se divirtam e se emocionem com as histórias a seguir.



ALEXEY DODSWORTH

Pesquisador, escritor e roteirista

Quando o assunto é “ficção”, não é raro que nos deparemos com o entendimento equivocado do tema como sinônimo de “mentira”. Equívoco grave, pois o mundo construído por nós humanos é, inteirinho ele, erigido a partir de tijolos ficcionais. Se não existíssemos, não haveria fronteiras políticas, nem dinheiro ou religiões. E se algo não existe “por si”, mas brota da mente humana e se torna real por conta de um pacto coletivo que antecede nossos nascimentos, não se iluda: é ficção. O lance é que algumas ficções são mais convincentes do que outras, e quando uma história se sobrepuja sobre as outras, a gente gosta de dizer que ela é... “verdadeira”.

Será mesmo?

Um grande passo é dado quando encontramos pessoas que, por razões as mais diversas, entendem a ficção não como “mentira”, mas como uma verdade mais poderosa que a verdade. Pois é a partir daí que a história humana, não estando ela determinada por nenhum imperativo, pode ser recriada. É a partir desse entendimento que podemos roteirizar as páginas ainda não escritas de nosso amanhã, espalhando pelo mundo uma série de alertas em forma de conto, ou mesmo as luzes de futuros desejáveis e possíveis.

Por tudo isso, digo que foi um alívio estar com o grupo de ficcionistas que você conhecerá nas páginas a seguir. Porque

é a partir de encontros desse tipo que um escritor pode respirar e dizer “não estou sozinho em minha loucura”. Ensinar e aprender formam um todo indissociável, circular, de modo que saio desses encontros com a sensação de ter obtido mais do que eu mesmo ofereci.

Essa turma, sob diversos sentidos, nasceu pra criar. Tenho certeza de que, assim como aconteceu comigo, você se aterrorizará com o mundo de Nina, será sequestrado pela interseção de realidades de Oziel, se enternecerá com o que Adonias tem para contar e entenderá, a partir de Daniel, que a morte não é o fim.

E o que seria o fim? Talvez nada. Talvez estejamos condenados a existir.

Que seja, portanto, uma festa! E que sua leitura seja longa e próspera.



LIDIA ZUIN

Jornalista e pesquisadora

Ter sido mentora na Oficina Sai-Fai significa ter participado da história da ficção científica brasileira.

Costumo brincar que as pessoas que viveram a primeira revolução industrial não estavam cientes disso e sequer imaginavam o impacto desse evento. Por outro lado, nos últimos dois anos, vivemos a pandemia do Covid-19 cientes desse ocorrido conforme a Organização Mundial da Saúde fazia o anúncio. Só que, na maioria das vezes, grandes acontecimentos não recebem chancelas organizacionais ou não são ainda visíveis enquanto se está vivendo o momento. Penso que este é o nosso caso.

No Brasil, a ficção científica tem ganhado mais corpo nos últimos anos conforme pesquisadores têm trabalhado no resgate de autores passados e na documentação das produções atuais. Nessa última década, ficou ainda mais urgente a necessidade de uma formalização do que antes era só tido como “fandom” para se pensar de um ponto de vista de movimento literário e de desdobramento mercadológico. A internet rompeu de vez a bolha do cânone literário para dar luz e voz aos nichos e aos seus investigadores.

Das zines para as pequenas e grandes editoras, a ficção científica brasileira vem conquistando o país em um momento no qual estamos também revendo a nossa identidade enquanto povo. O lançamento do filme “Bacurau” (2019) foi

um momento catártico em que percebemos o potencial da ficção especulativa brasileira. Apesar de essa tradição já ter longa história, o filme de Kleber Mendonça e Juliano Dornelles serviu para amplificar um mercado editorial e uma cena artística que já estavam borbulhando.

A Oficina Sai-Fai aconteceu nesse ínterim.

Nos anos 1980, escritores como Ivan Carlos Regina, Roberto Causo, Bráulio Tavares e Jorge Luiz Calife discutiam a importância de se criar uma “verdadeira ficção científica brasileira” frente à emulação de formatos estrangeiros. Nessa virada da década de 2020, foi possível observar como o solarpunk e o afrofuturismo abriram alas para uma nova ficção científica plasmada em subgêneros como o sertãopunk e o amazofuturismo. Proposições artísticas e políticas como estas são sintomáticas de um momento no qual o Brasil (e outras ex-colônias) vive um processo de decolonialidade no capitalismo tardio.

Cada mentor envolvido na Oficina Sai-Fai trouxe consigo uma nova peça para esse quebra-cabeças da ficção científica brasileira contemporânea. Para que possamos ver o cenário completo, precisamos das outras peças: estas que formam os capítulos deste livro e todas as outras que já estão participando do jogo.

A Oficina Sai-Fai, portanto, serve como um esforço coletivo para montar esse quebra-cabeças que fica cada vez mais nítido conforme mais peças se encaixam e mais partes contribuem com sua visão. Hoje, não conseguimos dizer exatamente do que se trata esse jogo, mas com esforços como este, tenho plena convicção de que os futuros leitores poderão se referir a este momento a partir de um nome ainda a ser revelado.



LU AIN-ZAILA

Pedagoga e Escritora Afrofuturista

Foi instigante participar da iniciativa Oficina Sai-Fai como mentora de três ideias que mesclam ficção científica e aspectos outres em relação à vida de pessoas negras. Foi muito interessante, primeiramente, ter contato com todos os participantes, ouvir suas histórias, ler suas propostas quanto ao especular através do gênero, passar esses meses tão bem acompanhada de outros mentores. E ter a chance de apresentar como imagino e especulo ao criar minhas histórias, fazendo voar fácil o tempo que tivemos juntos.

E então Davenir Viganon, Thalles Nascimento e Ghabriel Rodrigues me dão a honra de acompanhar e dar pitacos em suas jornadas de extrapolação do real através deste gênero tão conhecido e, ao mesmo tempo, pouco explorado em nossa realidade brasileira, o que não significa que bons caminhos não estejam sendo trilhados por aí.

O Odu de Marte, de Davenir é uma aposta psicológica intensa sobre a realidade daqueles que vão trabalhar em Marte como um sonho e vira um pesadelo num ambiente difícil, limitado e o que decidem fazer para reverter em alguma medida o caos em suas vidas que não podem mais almejar gritar ao céu aberto e voltar à Terra. É um thriller que me pegou desprevenida em sua perspectiva tecnológica, bem pensada e

que tive a alegria de ajudar a lapidar, só um pouquinho. Uma leitura que vai te deixar pensando.

Então vem o Thales com *Sonho de menino*, outra ótima história sobre corpos negros e seu uso tecnológico, ou poderíamos dizer humano? Mais uma vez, a vida de pessoas é um jogo do lado de lá e do de cá, entre quem pode e não pode nada. É um conto que mostra o propósito da ficção científica... saber especular sobre tecnologia para falar de pessoas e suas ações. Outro quebra-cabeça que nos instiga a ficar remoendo seus acontecimentos pós-leitura.

E aparece o Ghabriel com *EXU* entre a realidade e dimensões. O multiverso é elemento de míticas africanas faz séculos. O presente, passado e futuro, vida e morte, realidade e imaginário aqui possuem uma conexão infinita, apostando no valor de uma vida que pode entender e mudar tudo porque tem valor, é tão preciosa e única. E por isso, escolha é caminho, caminhos são escolhas. Aqui, a tecnologia mostra como pode ser instrumento de esperança e restituição maior que um indivíduo. Isso é bonito demais.

Sendo assim, só posso solicitar a você, pessoa leitora, que se jogue nas possibilidades que todas as obras trazem para essa coletânea, visões especulativas que incluem no gênero ficção científica outras corpos, tons de pele, gêneros e realidades brasileiras diante de desafio — E se?



TRUDRUÁ DORRICO

Pesquisadora e curadora de literatura indígena

“Quando escrevemos narrativas futuristas, sonhamos o mundo, sonhamos como queremos que o nosso futuro seja. Os povos indígenas mostram que o homem branco tem sonhado o futuro há 521 anos sem se comprometer com o presente.” Foi com esse mantra que eu me juntei à Oficina de Sai-Fai: ficção científica à brasileira, na época com a esperança de que escritores indígenas fossem selecionados para ela. Tivemos um indígena inscrito e um público majoritariamente não indígena. Mesmo sabendo que teria de me preparar para enunciar para dois mundos, o indígena e o não indígena, me engajei no projeto com o desejo de lutar contra as práticas simbólicas de esbulho e de silenciamento aos povos indígenas.

Explico quais são, mas antes, gostaria de dizer que vejo a literatura como um território, e tal como a situação política que enfrentamos há mais de cinco séculos, também nela precisamos lutar por demarcação e o direito existir e cultivar nossas subjetividades. Dito isso volto aos dois casos que elenquei: o esbulho é quando nós, indígenas, vemos nossos nomes próprios, de povos, ou referências às nossas cosmologias e modos de vida usados para deturpar nossa existência, como fez a literatura indianista e modernista, entre outros. O silenciamento diz respeito a total ausência de representação do nosso mundo, como se não existíssemos, uma forma fatal

de nos apagar do sistema simbólico de representação. Estas práticas simbólicas, desumanizantes, não atuam de modo isolado, mas se combinam e se reforçam mutuamente, de modo que encontramos escritores e leitores com total desconhecimento de informações mais básicas sobre nós, e/ou incapazes de refletir sobre o que de fato significa a história colonial que nos racializou. Tudo isso, de forma direta ou indireta, discutimos na oficina.

Mas diante de tudo isso, alguém perguntaria o que pode e o que não pode? Eu retruco que este texto não é sobre eu limitar alguém de escrever o que deseja, ou forçar a escrever o que quero, mas convidar os escritores brasileiros a terem um compromisso com a floresta, fugir dos valores eurocentrados que anulam a conexão humana com a terra. Imaginar e escrever mundos que respeitem a nossa vida coletiva no SCI-FI não deveria ser tão difícil. Mas é.

Como mentora, fiquei agradecida por receber textos que desafiavam o fundamentalismo, o tempo-espço, o capitalismo, ao mesmo tempo que me fizeram sonhar com mundos em que existem indígenas, pois existimos. Fiquei grata, como uma mãe, por ler em primeira mão versos, pois os vejo assim, como “beirando Maery, que volta a ser chamada dessa forma após a sociedade formar maioria e alterar o nome da cidade em homenagem ao chamado ancestral”; “a terra lembra... mesmo que a gente tenha esquecido”; “lembro até daqueles cogumelos que nos faziam sonhar...”; e “As duas irmãs são duas rochas pontudas que ficam na entrada da Fazenda 22”. Que os leitores possam, com esses contos, sonhar outros mundos, se permitir conhecer os que já existem e se comprometer com o nosso presente. Boas leituras!

01



NAS BORDAS DE QUEM EU SOU

Um conto sai-fai de
Giu Yukari Murakami
ilustrado por TAI





@ixie_tai



COSTUMAVA DIZER QUE FORAM dois os momentos mais marcantes da minha vida e ambos aconteceram na Belém-de-Cima. O primeiro, foi quando recebi o diagnóstico da okaasan depois de meses na fila de espera para fazer os exames e mais um ano para sair o resultado. O segundo, foi quando te vi entrando na sala de cirurgia, ficando à minha frente, maravilhada comigo, um contraste entre teu sorriso radiante e minha apatia sombria.

Mamãe não queria que eu subisse pra ir atrás de dinheiro, mesmo quando eu tinha sido recém demitida do meu emprego de secretária-que-serve-café. Ela sempre se conformou com o que tínhamos, no ar pesado da Belém-de-Baixo. Dizia que era o suficiente pra sobreviver: comidas já no prazo de vencimento que os de cima não comiam, recebidas em marmitas de alumínio com um papelão por cima; pílulas de remédios, cujas capas já se desfaziam; livros de papel que ninguém mais queria colecionar; bicos de trabalho em bares; cargo informal de professores em escolas cujos tetos abertos precisavam de lona pra proteger da chuva; secretariado em uns escritórios onde os de cima iam pra pedir conselhos e soluções pra problemas que lá na Belém-de-Cima não podiam resolver ou seriam presos... Pra que procurar problemas, afinal? Logo, eu conseguiria um bico desses de novo. Mamãe dizia.

Só não seria, nunca, o suficiente pra pagar o tratamento de câncer dela, que já se alastrava como uma erva daninha.

— Precisamos de dinheiro, okaasan! A senhora *viu* no orçamento do hospital. Não são mil, nem dois mil... São NOVE mil dolreais! — lembro de estar revoltada

com a calma dela. Ah, se tu soubesses o quanto minha mãe aceitava de tudo sem reclamar! — Eu vou subir lá e tentar, pelo menos, um emprego com meu currículo.

— Tu sabes o que acontece lá em cima, Kazue... — ela se virou pra mim enquanto terminava de cortar o manju, sobremesa feita de massa de pão leve e feijão doce, uma das heranças que recebemos do tio Shozo.

— Não vou cometer nenhum crime se é o que tás pensando. Égua, okaasan, tu não confias em mim, não?

— Claro que confio! — ela largou o doce cortado ao meio e se aproximou de mim, as mãos engeladas pressionando minhas bochechas. — Tão linda minha Kazue-chan. Não quero que maldade nenhuma te aconteça, filha. Fica aqui com mamãe que já me resta pouco tempo mesmo. Agora vem comer manju!

Eu gosto de manju desde a primeira vez que experimentei um. É um doce que não enjoa, o gosto de feijão quase sem nenhuma influência no sabor. Não sei se tu gostas. Não deveria, já que eu gostei primeiro. Naquele dia, antes de subir, a sobremesa tinha o mesmo sabor que provei na infância e a textura levemente macia do jeito que eu amava. Melhorou o meu humor, apesar do meu estômago arder como vulcão graças à ansiedade que sentia ao não poder fazer nada sobre a doença da minha mãe. Quando fico irritada, meu estômago logo se revolta também. O teu também? Se não... *deveria*.

Eu queria ter obedecido a minha mãe naquele dia. Não era a primeira, nem parecia ser a última discussão que tínhamos sobre a possibilidade da minha subida. Fico, às vezes, pensando no que teria me ocorrido se tivesse ficado ou, ainda, no que *não* teria me ocorrido. Certamente, não teríamos nos encontrado, mana. Ponto pra mim, uma perda pra ti.

O que me fez tomar a coragem que faltava pra subir foi um panfleto de material luminoso, mas já desgastado por uma viagem longa da Belém-de-Cima para a nossa cidade de baixo. Ele grudou na janelinha do meu quarto, a única janela disponível no container onde morávamos. Eu estava quase dormindo quando a forma retangular dele brilhou para mim, piscando entre duas imagens propagandísticas. Logo reconheci ser de uma empresa da cidade de cima devido à textura de qualidade. Abri a janela e peguei o panfleto sem hesitar. Nele, havia a foto do rosto triste de uma mulher de pele branca e olhos castanhos que, em um piscar, dava lugar a uma mulher de aparência leste-asiática, as maçãs do rosto sobressalentes e um sorriso tão largo que se conduzia aos olhos em forma de meia lua. Na legenda: “Venha ser como sempre quis!” com a logo de uma das maiores empresas de estética do mundo, a Applesauce Beauty.

A propaganda piscou novamente e se transformou em um comercial, mostrando uma mulher que falava no que parecia coreano e a legenda com tradução espontânea em português: “Foi uma experiência sensacional finalmente poder mudar! Sempre apreciei a beleza exótica asiática, estou fascinada! Sou muito grata à Applesauce

Beauty pela oportunidade!” e chorava. Em seguida, a cena se transformou, mostrando outra mulher amarela, que falava em português, e cujo semblante lembrava muito o da mulher anterior. Seus olhos iam de um lado a outro para a câmera, lembrando políticos que passavam nos comerciais e precisavam ler discursos em uma plaquinha. A mulher dizia: “Quero agradecer à Applesauce Beauty pela chance desse trabalho. Fazer as pessoas felizes e ganhar dinheiro com isso é um combo que sempre busquei.”

Para finalizar, as duas apareciam juntas, ambas excessivamente parecidas, embora de roupas diferentes e a segunda usava um rabo de cavalo. Ambas disseram: “Venha você também realizar esse sonho!”, enquanto uma imagem com letras garrafais ganhava destaque: “Procuramos mulheres de ascendência asiática!”. Embaixo, no canto da imagem, um valor: 10.000 dolreais.

Senti meu coração acelerar. Imagine tu, maninha, vendo uma chamada dessas! Dez mil dolreais era o que eu nunca havia conseguido juntar e mais do que o suficiente pra pagar o tratamento da minha okaasan. O endereço estava logo abaixo da propaganda e não hesitei nem mais um segundo antes de guardar o panfleto e me arrumar.

Passei pelo quartinho de okaasan, que ficava colado ao meu, e ouvi seu ronco alto. Arredei-me do quarto para pegar uma roupa no guarda-roupa compartilhado que ficava ao lado da cama dela. Vesti só uma camisa de botão antes de pegar o meu par de tênis e minha pastinha com o currículo amassado. Saí do nosso container tentando fazer o mínimo de barulho possível. O ar fora da moradia de ferro estava mais carregado do que o normal, fumaça de cigarro e motor de carros terrestres se espalhando. Ao meu redor, os containers vizinhos estavam silenciosos, todos com as luzes apagadas.

Não sei se já vieste pra Belém-de-Baixo, mas aqui é bem diferente daí. As ruas são escuras devido aos telhados improvisados de placas de alumínio que colocamos entre as base de algumas construções dos prédios de cima. Ou as lâmpadas de luzes amareladas dos containers iluminavam o caminho de asfalto esburacado e sujo, ou os poucos postes de luzes piscavam vez ou outra pra nos situar onde estávamos. Sempre assim. Por isso, não costumamos sair muito de madrugada.

Ainda assim, em alguns cantos na Belém-de-Baixo, existem frestas que nos permitem enxergar um pouco da vida aí de cima. Quando criança, entre um pega-pega e outro com as outras pirralhadas, lembro de ter visto, pela primeira vez, uma dessas aberturas para o céu de vocês: era colorido, cintilante, variando entre o verde-limão e o rosa-shock, com estruturas de metal que se interligavam por pontes de material transparente que deixava à mostra o trânsito de pessoas pelos corredores, todas com sapatos movidos a propulsões ou plataformas circulares imanizadas, servindo de transporte pra gente como tu.

Era tão encantador quanto estranho. Às vezes, quando as outras crianças tiravam graça com minha aparência ou pelo meu almoço — hora ou outra um oniguirí com nattou, que diziam parecer baba misturada com feijão —, eu ficava sentada naquela fresta, admirando a vida de vocês daí de cima. Dias em que eu desejava estar aí.

Mas logo o contraditório conforto da escuridão me chamava, que era onde estavam também os braços da minha mãe. Nada ali em cima valeria tanto quanto seu cheiro de ameixa e arroz cozido. Tudo o que mais amava estava ali, com okaasan.

Então, tu deves entender, mana, o porquê de eu ter subido naquela madrugada. Se bem que, ora, a minha presunção! Não sei nada sobre ti. Tu não deves saber nada sobre mim também. Provável que eu queira apenas me justificar.

Caminhei pelas vielas, quase tropeçando nos buracos do asfalto, as poças de água sujando a bainha da calça. Entre pragas e sacudidelas das pernas, topei com o seu Carlos no Beco da Subida, o único lugar na Belém-de-Baixo que parecia mais iluminado devido à passagem para a Belém-de-Cima. O velho da canoa de ferro usava, como sempre, a regata branca cheia de manchas amarelas, provavelmente de cerveja. O colar de ouro do tataravô dele reluzia no peitoral enfeitado de pelos encaracolados e grisalhos.

— Kazuzuuu! — ele tirou e sacudiu o boné, a careca branca suada brilhando sob a fraca luz lá de cima. — Quanto tempo, japinha!

Ignorando o cumprimento, adentrei a canoa flutuante enquanto ele ria entusiasmado e ligava o motor. O ronco fez acelerar meu coração por alguns instantes como sempre acontecia quando subíamos.

Tu talvez aches rústico aquela canoa de ferro improvisada com um motor de propulsão embaixo, mas nós, moradores de baixo, tentamos achar os melhores e mais seguros meios pra subir. Sabe como é, pra evitar acidentes. Vai que a gente cai... Vocês que não vão nos socorrer, né?

— Japa, nem sabes... — Seu Carlos sentou-se do outro lado enquanto a canoa flutuava, automaticamente, em direção aos prédios brilhantes. As luzes lá começaram a ficar tão intensas que nem parecia ser de noite. — Eu e uns compadres fomos num igarapé antigo, que nem é do teu tempo. A gente pegou tanto peixe, menina! Fazia anos que a gente não podia pescar por causa das construções lá de cima, né?

Ele acendeu um cigarro, me ofereceu e eu recusei. Então, tragou e expirou com um sorriso.

— Eu nunca mais tinha pegado um pirarucu. Oh, peixe do bão, moleca. O cheiro é de lascar, mas o gosto... Égua do peixe do bão... Com um açazinho...

Aquele papo todo me deixou faminta. Açaí... Há quanto tempo não tomava, desde que virou um produto de exportação. Ouvi dizer que vocês, de cima, também estavam tendo dificuldade pra comprar alguns litros. Seria verdade? Quem sabe um dia possas me dizer.

— Mas tu tá calada, né, mana?

— Desculpa, seu Carlos. Tô com muita coisa na cabeça.

— Ah, não te bate. Oh... — ele se aproximou de mim e eu me afastei antes de sentir seu bafo de nicotina. — Qualquer coisa, pode ir lá provar o pirarucu na chapa, né?

O tom de voz imitando o sotaque de imigrantes japoneses fez com que toda minha fome fosse embora. Dei-lhe meu melhor olhar de censura e nojo. Provavelmente, ele se tocou, porque resolveu se afastar e começou a tagarelar sobre outras coisas: o prefeito que vivia lá em cima sem fazer nada, os donos das construtoras que começaram a contratar arquitetos pra modelar jardins suspensos nos complexos arranha-céus da Belém-de-Cima.

Enquanto falava, subíamos cada vez mais. Os prédios de metal, vidro e material que imitava madeira começaram a surgir. Logo os sons me ensurdecaram por alguns segundos: música eletrônica de um lado, motores de carros voadores de outro, as hélices das casas flutuantes, a flauta barulhenta de um complexo de edifícios em madeira onde moravam os empresários ambientalistas, imitando a forma de ocas. Era um dos piores lugares daquela região, fruto da coragem de hipócritas moralistas.

E seu Carlos não parava de falar, claro. Imagina tu meu desespero, mana. Aposto que estás acostumada a essa barulheira toda, mas eu não.

Desci da canoa em um trapiche alto de desembarque. Mal conseguia enxergar a Belém-de-Baixo por ali. Paguei seu Carlos com o meu polegar em sua máquina de moeda digital. Saldo de cinco dolreais apenas. Bom, o suficiente pra pegar um transporte e visitar os prédios comerciais.

Saí perambulando pelas ruas, o excesso de cor refletindo sobre cada rosto que passava por mim, suas roupas de estampas distintas umas das outras. Caminhei por vários minutos até encontrar o ônibus imanizado, já lotado àquela hora por funcionários que trocariam de turno com os colegas. Olharam-me dos pés à cabeça como se eu não pertencesse àquele lugar.

Nada como se já não vivenciasse isso lá embaixo, de qualquer forma.

Adentrei o transporte e fiquei espremida entre os corpos por, talvez, uma hora, rondando a cidade iluminada. Os outdoors digitais mostravam as novas tendências:

calças coladas com estampas de onça, casacos com desenhos que lembravam os quimonos que minha família usava há algumas gerações, chapéus em formato de cone e cartolas que só mudavam de cor. Mas quando o ônibus estacionou em outra parada, uma propaganda me chamou atenção: era uma mulher jovem como eu, de olhos estreitos em forma de meia-lua, e ela sorria apontando para o telespectador e, abaixo dela, o endereço da Applesauce Beauty.

Por mais que não quisesse admitir, a expectativa de um serviço que valesse tanto me permitiu sorrir enquanto via outras propagandas de bandas musicais coreanas, alguns utensílios de cozinha japonesa e trajes chineses... Uma variedade que eu pouco via até mesmo por onde eu morava. Tudo que era importado era caro demais.

— Onde já se viu... — ouvi um homem resmungar, próximo de mim. Parecia não estar falando com ninguém. — Agora a moda são esses japas. Quero ver quando mudarem de novo. Estranhei seu comentário e arrisquei uma olhadela. Era um homem magricela, de pele bege amarronzada e que me encarou com assombro, parecendo notar minha presença. Então, envergonhado, virou-se para o outro lado. Não queria deixá-lo sem graça, mas o comentário dele atizou minha curiosidade. Infelizmente, ele desceu na outra estação e eu não pude sequer cumprimentá-lo.

Desci na Avenida Visconde de Souza Franco, que ficava em um dos bairros mais tradicionais e luxuosos da cidade. Os prédios eram envidraçados com jardins suspensos pendendo das bordas de suas estruturas. Pra minha felicidade, poucos transeuntes estavam por ali naquele horário. Não era um local tão comercial, e sim residencial.

Me pergunto se tu moras por ali, mana.

Encontrei o prédio sem dificuldade: um grande monumento rosa-metálico em forma de uma maçã com o nome da empresa gravado em letras douradas. Na porta de entrada, semitransparente, uma atendente aguardava sorrindo, suas roupas rosas demais para o meu gosto.

Meu gosto, pra constar, mana! Pense o que quiser sobre isso.

A recepcionista me interceptou, os olhos castanhos percorrendo, rápidos, minha aparência de cima para baixo, demorando-se especialmente em meu rosto.

— BEM-VINDA, QUERIDA!

Estremeci com sua gritaria enquanto ela começava a digitar em seu computador.

— Qual seu nome completo?

— Maria Kazue Nakamura.

- Kazue, ok. Tens ascendência asiática, né?
- Sim, no caso, japonesa.
- Certo, ascendência asiática. Franzi o cenho.
- É, mas é japonesa, especificamente.
- Sim, sim. Japonesa, coreana e chinesa são as que estamos atrás.
- ...Certo.

Continuou questionando o básico da minha vida: se tinha emprego, onde morava, se tinha parentes, se eu podia indicar o número de alguém para prestar serviços também. Quando mencionei minha mãe, ela fez uma careta perguntando da idade.

— Já é uma senhora, tem sessenta e três — respondi estranhando sua mudança de humor. Então sorriu antes de agradecer, mas não digitou nenhuma informação sobre minha okaasan.

Àquela altura, a recepção calorosa e as perguntas excessivas começavam a me deixar desconfortável. Mas continuei respondendo suas dúvidas e, ao final, fui conduzida para uma sala onde havia várias mulheres jovens, cujas aparências se assemelhavam à minha. Algumas estavam sorridentes, outras com um olhar perdido em algum ponto do chão de mármore. Sentei-me ao lado de uma, cuja pele bege amarronzada e os cabelos black power destacavam-se das demais. Seus olhos em forma de lágrima me encararam, simpáticos.

— Oiê, primeira vez aqui? — diante do meu silêncio, ela sorriu. — Sou Andressa. Tô aguardando minha vez faz um tempinho.

— Ah, é? Quanto tempo?

— Uns meses.

Devo ter feito uma expressão de assombro porque ela completou:

— Elas sempre mandam mensagem pra que a gente fique aqui esperando pra ver se alguma madame quer nossa aparência, sabe? Nem te bate que... — ela me analisou da cintura para cima e sorriu. — Acho que tu vais ser rapidinho, mana.

Ergui uma sobrancelha e antes que eu pudesse questioná-la, portas disfarçadas de paredes se abriram, dando espaço pra uma mulher amarela de meia idade, de quadril avantajado e seios fartos que saiu esperneando, envolta de dois robôs-seguranças que entrelaçavam seus braços nos delas como cavalheiros.

— ME SOLTEM, SEUS CORNOS! Eu quero meu dinheirooo!!

— Sinto muito, madame — um deles disse em voz automática. — Mas não localizamos clientes interessados.

— EU QUERO MEU DINHEIRO! Eu vim aqui pra isso, desgraçados.

Quando passou pela gente, ela olhou de mim para Andressa com uma careta. Pelas roupas esfarrapadas, ou era da Belém-de-Baixo ou da periferia da Belém-de-Cima. Seu rosto enrugado se transformou em uma careta e ela ergueu o queixo altiva para Andressa.

— Ninguém vai te querer não, já disse.

E balançou a cabeça pra mim com presunção enquanto seu corpo era puxado pelos robôs. Todas olharam-na assustadas e depois encararam Andressa, que deu de ombros.

— Há um tempo pessoas negras estavam na moda. Eu sou mestiça, quem sabe não tenha gente que queira os dois mundos, né?

As outras concordaram como se aquela afirmação fosse a mais normal do mundo. Dei uma cutucada no ombro dela.

— Como assim, “estavam na moda”?

— Ué, mana, como assim? Tu vieste daonde?

— Debaixo.

As outras murmuraram em concordância como se só naquele momento tivessem percebido que eu era novata. Andressa aproximou-se de mim, sussurrando:

— A maioria aqui já veio outras vezes. Dinheiro sempre acaba, né? Mas, sei lá, as pessoas não querem mais os mesmos modelos. Ouvi dizer que a ala masculina tá buscando mais sino-brasileiros musculosos... Eu acho que é por causa dos filmes de super-heróis dos State. Mas estão tendo dificuldades pra achar. Tem mais nipo-brasileiro aceitando esse tipo de procedimento, sabe?

— E por que os outros não?

— Não sei. As doutoras aqui dizem que os japoneses são menos revoltados.

— Mas somos brasileiros... — corrigi. — E como assim, “menos” revoltados?

Andressa suspirou e deu de ombros.

— Pra eles, somos japoneses, no caso, tu, não eu. Eu não tenho exatamente uma classificação — fez aspas com as mãos quando disse a últimas palavras. — E, sim, “menos revoltados”, quer dizer que aceitam essas coisas sem reclamar.

Eu tinha tantas perguntas naquele instante, mas fomos interrompidas por uma mulher alta, de cabelos arrumados como se tivesse acabado de sair do salão. Usava um jaleco de tom rosa-claro com a logo da empresa bordada do lado esquerdo. Seus olhos estreitos se fechavam enquanto sorria. Algo nela me parecia tão artificial que duvidei se não fosse um androide, mas sua pele e movimentos eram graciosos demais pra serem lidos como robotizados.

— Kazue.

As outras olharam-me casualmente. Encarei em choque Andressa, que me deu um meio sorriso, dando de ombros.

— Fazer o quê, né, miga? Vai lá, pode dá-lhe!

A mulher notou nosso movimento e caminhou até nós duas, olhando somente pra mim com uma expectativa que me assustava. Ergui-me pra indagar-lhe que tipo de procedimento faríamos e, quando abri a boca, ela pôs uma bolinha em minha língua que dissolveu instantaneamente, efervescendo enquanto eu tossia.

— Me chamo Sakura e estou aqui pra te conduzir pra sala de cirurgia — seu tom de voz, distante, era como o de personagens de animes, agudos e fofos ao mesmo tempo, tão longe de uma reação humana normal e aceitável que eu poderia afogar a cabeça da mulher em uma privada. Era um som que me deixava irritada graças às lembranças de infância quando colegas de turma só sabiam falar comigo daquele jeito.

Naquele momento, mana, nos poucos segundos de autonomia que eu ainda tinha, pensei no tamanho do meu arrependimento. Vi, em borrões, quando ela ergueu um papel digital e sua voz aguda instruía a assinatura. Senti outra mão sobre a minha e meu polegar foi conduzido pela textura do material digital. Um brilho piscou e fiquei momentaneamente sem enxergar nada. Só senti que fui conduzida por um corredor enfeitado por anéis de cor rosa. Tudo muito rosa! Meus olhos ardiam como nunca e as imagens das costas da médica — ou seja lá o que ela fosse —, eram turvas e balançavam como pêndulo.

— Como... — minha voz saiu embolada. Parecia que eu tinha levado anestesia na boca. — Vai ser isso?

— Vai ser supersimples. Não se preocupe!

Adentramos uma sala maior, acinzentada, um alívio depois das cores ofuscantes. Havia uma parede de vidro, para a qual fui colocada de frente. Quando minha vista começou a desembasar, tu entrastes pela outra porta: magra, de cabelos loiros e cacheados nas pontas, os olhos azuis como o raro céu sem chuva na Belém-de-Cima. Tu estavas sorridente, com uma roupa de cirurgia de cor rosa, contrastante com o restante da sala. Na verdade, tudo de ti contrastava comigo.

— Oi! — disseste entusiasmada. — Eu tô muito feliz e ansiosa, sério. Tô há tempos esperando. Sabia que pareces MUITO com a Eun-ji?

Olhei confusa pra Sakura, que nos olhava sorrindo, perto da porta de entrada.

— Esse nome... — apesar da vista melhorada, minha voz ainda embolava. — É coreano.

— Sim! É minha cantora FA-VO-RI-TA. Eu tô muito ansiosa pra poder ser como ela. Sério, aquele rosto perfeitoooo e os olhinhos? Sério, quero muito ter um filho de olho puxado. Pena que a cirurgia é só pra adultos...

Fizeste menção de que ia chorar. Se eu tivesse condições, teria batido no vidro só pratirar aquela expressão nojenta do teu rosto.

— Não se preocupe, Marina-chan! Estamos providenciando o experimento com bebês — cantarolou Sakura atrás de mim. — Ah, estás em jejum, certo?

— Tô sim!

— Estás se sentindo bem?

— Ma-ra-vi-lho-sa!

— Bom, recapitulando por protocolo, sabe? Vai ser bem rapidinho, prometo! É só uma coleta do sangue da modelo, aí vamos colocar no adaptador genético pra poder encaixar os moldes em você — ela fez um gesto com as mãos como se abençoasse o corpo de Marina. Minha mente vagava confusa entre as explicações e quando finalmente entendi o procedimento, o pânico se instalou em mim. — Você vai precisar entrar numa câmara pra poder substituir a camada primeira da epiderme. Fica tranquila que só vais precisar dormir, aí vais acordar linda e plena com sua nova pele!

— Quê? — arquejei e tentei me virar pra médica, mas fiquei zozza e quase tropecei.

Tu, Marina, deste um gritinho e pôs as mãos no vidro. Sakura veio até mim desesperada.

— Cuidado, Eun-ji! Não machuque seus lindos olhos. Foi a última coisa que te ouvi dizer antes de apagar.

Quando acordei, demorei alguns segundos pra me situar. Eu estava em uma sala parecida com a anterior, a luz de uma lâmpada quase me cegando. A colcha

abaixo de mim era macia. Aos poucos, minha audição apurou e pude escutar uma conversa animada sendo trocada em algum canto.

— Fiquei meio sad quando descobri que era nipo-descendente. Mas ela é a cara da Eun-ji!

— Te garanto que ninguém vai notar a diferença. Aqui no Brasil, eles não têm hábitos diferentes, sabe? Eu mesma peguei a aparência de uma sino-brasileira e ninguém ousa dizer que não sou Sakura. E tu, vais mudar o nome pra um étnico?

— Hm, acho que não. Meus pais odeiam nomes asiáticos porque acham difícil de falar. Vou manter o Marina mesmo, já que foram eles que pagaram.

— Entendi... É, eu vou manter o meu Sakura. Ninguém liga. Tem tanta gente que usa como nome artístico e de apresentador...

— Quantos anos tu tens?

— Trinta e cinco, mas minha modelo tem dezoito. Já passei por três modelos diferentes! Cada ano muda a moda, né? Estamos planejando misturar os genes, colocar uns olhos violetas ou azuis, sabe? Japas de olhos azuis, já pensou? Amo!

— Nice! Essa ideia é genial, mas, hm... Acho que não mudaria, sabe? Eu prefiro a Eun-ji como ela é mesmo.

Lembro de estar nauseada com a conversa de vocês. Quando finalmente pararam, resolveram se aproximar de mim. Tu lembras, Marina, de como eu estava? Não sabia dizer quando levantei e te vi. Queria que pudesses descrever minha expressão, talvez de assombro, talvez de nojo, talvez de medo...

Porque quem vi não era mais tu, a garota de cabelos dourados e olhos azuis. Eu vi a mim mesma, vestindo a roupa de cirurgia rosa: meu rosto arredondado e a ponte do nariz baixa; os poucos fios de sobrancelhas levemente arqueadas; meus olhos estreitos, a dobra epicântica na pálpebra superior fazendo a curva que durante minha infância foi motivo de chacota, na minha adolescência, motivo de estranheza e, agora, adulta, motivo de inveja.

Meu rosto. Não o teu.

Marina, não sei o que esperavas que eu dissesse naquele momento. Estavas sorrindo e falava sobre gratidão, do quanto queria ser como nós... Nós quem, afinal?

Lembro que tocaste em minha mão e parecia que os formatos dos nossos dedos finos eram iguaizinhos, mas os meus mais sujos devido à fumaça lá da Belém-de-Baixo. Tu parecias uma versão melhorada de mim mesma e, ainda assim, eu sentia nojo de ti. Ainda sinto, e se tenho outro arrependimento além de entrar naquela empresa, é de não ter cuspidido na tua cara.

Por fim, minha única frase pra ti foi uma pergunta:

— Por quê?

Mas não era uma pergunta segura. Sakura logo nos afastou antes que tu pudesses me responder, a tua cara de assustada quase cômica diante da minha apatia. Fui conduzida pra fora da empresa e não te vi mais.

Antes de voltarmos à sala de espera, Sakura pegou meu pulso e deslizou o dedo indicador em meu polegar, transferindo-me dez mil dolreais. Depois, acompanhou-me à saída, onde Andressa e algumas das demais ainda esperavam sua vez. Andressa acenou pra mim sorridente, mas talvez meu semblante não fosse o melhor de todos, pois ela deixou de sorrir e fez menção de se levantar para vir falar comigo. Fiz que não com a cabeça e fui embora.

Espero que ela tenha entendido o meu aceno. Não era pra afastá-la de mim. Era só pra dizer que não fizesse o que fiz.

Gostaria de te dizer, Marina, que depois de meses voltei a ser quem eu era: mal-humorada de manhã, revoltada com a vizinhança fofqueira, explosiva com os tarados do bairro, desesperada por um emprego, carinhosa com minha okaasan na medida que também era impaciente com sua passividade...

Mas eu não voltei a ser quem eu era. Minha mãe, posso dizer, estava preocupada. Dizia que fiquei apática como as plantinhas que nasciam nos jardins e não conseguiam crescer. Era verdade, Marina. Perdi certo gosto pelo que eu costumava apreciar, vez ou outra tendo pesadelos com uma imagem minha espelhada que parecia tão feliz, tão diferente de mim que eu quebrava o espelho invisível em infinitos pedaços.

Continuei no meu estado apático até um dia em especial. O dia em que okaasan me ofereceu manju.

— Shibui... — sussurrei assim que pus na boca. — Shibui... amargo.

Não era como antes. De doce se tornou amargo, de suculento se tornou seco. Manjus, que eu tanto gostava, estavam intragáveis.

Minha okaasan caiu no choro naquela noite. Ela estava melhor, sua pele mais corada e até mesmo havia ganhado peso depois do tratamento de nove mil dolreais. Estava tão melhor que conseguiu um bico como cozinheira em um restaurante próximo ao desembarque de cima pra baixo.

— Tá com o mesmo gosto de sempre, Kazue! — brigou comigo no desespero de me animar.

— Não. Tá amargo — empurrei o prato com uma careta. Essa falta de vontade de comer manju foi o estopim. Solucei, socando a mesa e deixando finalmente as lágrimas escorrerem de mim. A maior das dúvidas eram os porquês, infinitos, e eu não conseguia me concentrar em nenhum deles. Só queria comer o manju de novo e apreciar o sabor que eu amava desde criança. Eu só queria isso.

— Perdeu o sabor... — sussurrei. — Como eu me perdi de mim.

Minha mãe me encarou preocupada e então soluçou. Veio me abraçar e choramos juntas. Ela, sem entender o que me fazia sofrer e eu talvez não estivesse em situação tão diferente.

Eu me perdi de mim, isso era fato, mas era tudo por tua causa? Não sei, não acho que sejas a única culpada, Marina. Mesmo assim, se te infelicita pensar que és culpada, quero te dizer, *pessoalmente*, que sim.

Então, levanto da mesa, olhando serena pra minha mãe. Seu rosto cicatrizado pelas rugas da vida demonstra seu sentimento de impotência. Apresento meu melhor sorriso e beijo sua testa, decidindo contar-lhe o que aconteceu. Narro tudo, do início ao fim, sobre minha angústia a respeito da doença, sobre a falta de dinheiro, sobre aquela maldita propaganda que me deu esperanças, sobre o trajeto, a estranheza e o medo. Sobre ti, Marina, e, finalmente, sobre o porquê.

Ela me encara chocada, trêmula, e eu sei que não sabe o que dizer.

— Okaasan, sei que não quer confusão nem brigas, mas eu prometo... — toco a mão dela com carinho. — Que não vou me permitir isso novamente e *não* vou deixar isso barato.

— Filha, não faça nada... — resolvo não escutá-la.

Afinal prometo, Marina, que não hoje ou talvez nem amanhã, mas ainda vou atrás de ti pra perguntar tuas razões. Depois, quem sabe, vou atrás daquela monstruosidade luxuosa rosa-dourada pra virá-la do avesso, alertar quem não sabe o que está passando e pensar, conjuntamente, como destruir de vez aquele lugar.

Porque tenho uma certeza: tu não és eu, és só uma anomalia pra além das bordas de quem Eu sou.



02



O ODU DE MARTE

Um conto sai-fai de
Davenir Viganon
ilustrado por
Douglas Lopes





I

ACORDOU COMO SAÍDO DE UM PESADELO. Arrancado da Terra que desejava intensamente. Puxava o ar buscando os campos verdes, o cheiro de terra molhada e o ar puro propagandeado nas simulações que viveu e o convenceram a migrar até Marte. Sensações que aderiam à mente como a água que fica no corpo após um banho num dia quente. Agora, em Marte, um prazer raro. Diallo odiava acordar e descobrir o quão longe estava do planeta azul. Apesar de morar nos andares superiores, não havia janelas do seu quadrante. Acordou, tomou um café e pigarreou mal humorado. Sentiu-se um velho de vinte e cinco anos.

Pingou o lubrificante nos olhos e ligou suas lentes televisivas. Deixou algumas propagandas compulsórias passarem até o final. Queria umas moedas bônus para trocar por descontos nas simus da Glassview. Gostava de visitar o Areal da Baronesa, em Porto Alegre, terra de seus ancestrais, mesmo sabendo que aquele lugar não existia mais, porém ainda melhor que sua realidade: ser um assalariado de merda respirando ar granulado do seu quadrante, enchendo as narinas de poeira vermelha. A única coisa abundante em Marte.

Naquele dia, seu trem precisou subir pelas linhas do tráfego acima do nível do solo para evitar atrasos. Não havia um sol vigoroso e brilhante lá fora. Parecia mais uma lâmpada de geladeira, que ilumina, mas não esquentar. As placas da cúpula geodésica, transparentes apenas nas propagandas na Terra, eram borradas por décadas de tempestades de areia que acumulava nas ranhuras. Ficava a impressão de que a cúpula fora recém-desenterrada das profundezas do planeta. Um imenso esquife onde toda a cidade parecia habitar em meia vida. Quem saía da periferia da

cidade de Tharsis-Vale para trabalhar, tinha que percorrer caminhos mais longos que dos bairros residenciais melhor localizados, quando esses necessitavam sair dos andares mais profundos, onde os mais podres de ricos vivem.

O trem de Diallo voltou a ocupar as linhas subterrâneas e passou por áreas mais ricas. Notou isso quando a tontura diminuiu. Respirou o ar duplamente filtrado disponibilizado nessa área. O quadrante de Diallo contava com apenas um filtro geral. Seu nariz que o diga. A ventilação o deixou um pouco mais alerta. Seus pés, no entanto, começavam o dia doloridos de tanto ficar em pé. No fim da linha, a imensa logo da Vallis Marineris recepcionou seus colaboradores: um círculo vermelho num fundo azul e um homem segurando uma bandeira branca. Não sabia se o branco representava aquele ideal de humanidade ou a empresa. *Talvez não haja diferença*, pensou, *dependemos deles*. A vida de todos dependia da companhia gestora da cúpula que impedia o exterior seco e morto de invadir a cidade.

Diallo entrou nas instalações de mineração da Vallis, onde colocou seu traje pressurizado para o trabalho externo. O visor do capacete foi acionado assim que começou seu turno. Exibiu marcações luminosas indicando os caminhos, projetados nas paredes, até então vazias. Ignorou os cartazes institucionais e seguiu as setas até o veículo de transporte. Não se dava o trabalho de memorizar o caminho. Até esse esforço parecia ser racionado pelo povo pobre de Marte.

O veículo foi pouco exigido pela gravidade baixa do planeta. Isso não livrava que cada unidade de energia fosse contabilizada pelo computador-gerente da divisão de mineração da empresa. Diallo viu, das janelas circulares, a linha tracejada marcando o itinerário e um pequeno cronômetro em contagem decrescente, marcando os minutos para chegar ao destino.

— Que cara é essa, irmão?

Diallo virou-se e viu a ficha surgir ao lado do capacete de seu primo Tiago identificando-o.

Tinham a mesma idade e eram fisicamente parecidos. Passariam por irmãos facilmente.

— Nada — respondeu, ainda sonolento.

— Nada?

— É, nada! Olha bem e me diz se acontece algo aqui — apontou para o deserto.

— Se acontecesse algo, é certo que seria algo ruim, não é?

— Ao menos nisso concordamos. Sabe tão bem quanto eu que essa coisa de terraformar Marte foi uma furada.

— Mas isso nossos pais já sabiam quando vieram para cá.

— Sempre tem que lembrar do meu pai?

— Irmão. Não coloca palavras na minha boca! Estou falando daqui, de ficar aqui e sobreviver — respondeu erguendo as mãos espalmadas.

— E eu de ir embora daqui!

— Terra de novo?! Esquece que não tem nada lá para nós?!

— Não tem nada para nós aqui, isso sim!

— Tudo que temos está aqui, irmão! Nossa vida, nossa família e — aproximou-se sondando o olhar esquivo de Diallo — Nossa fé. Você ainda tem fé?

— Está bem, Tiago! —disse sem querer entrar nesse assunto.

— Você bem que podia ir esse sábado na mãe. Ela sempre pergunta por ti.

— Não prometo nada, mas manda um beijo para ela — não queria brigar com o primo, pois fazia mais de um ano que não ia num culto no terreiro da tia, e quando ia, não participava muito. Nunca havia dito, mas suas ações falavam por si: depois da morte de seu pai, abandonou a fé, como se nunca a tivesse tido uma antes.

Voltou a olhar pela janela.

II

Naquela tarde, não pegou o trem de sempre ao fim do expediente. Resolveu circular pelo centro. Foi ao túnel principal, perto da estação, onde fervilhavam as lojinhas. Letreiros luminosos brilhavam diretamente dos olhos dos transeuntes. Todas as reações dos usuários de lentevisão em Marte eram colhidas, processadas e revertidas em propagandas personalizadas. Nenhum sonho, ou desejo, parecia mais um segredo. O de Diallo com certeza não era. Recebia passivamente um bombardeio de cartazes oferecendo simulações ambientadas na Terra. Minutos grátis e promoções de diferentes serviços chegavam a todo instante. O simulador da Glassview, com óculos de realidade virtual, era o serviço mais barato. Usava frequentemente pagando com moedas colhidas com as propagandas que via em seu cubo. Contudo, já estava se cansando desse simulador. Imaginava ser esse o motivo dos descontos oferecidos neste mês.

Comprar uma passagem para a Terra também estava fora de cogitação. O preço equivalia a seis meses seguidos na Glassview e aumentaria se conseguisse juntar o dinheiro. O governo queria evitar um êxodo e os setenta milhões de quilômetros de vácuo entre o planeta vermelho e o azul são um incentivo eficaz para que a população não diminua excessivamente. Bufou ao ver o anúncio de seu sonho se

distanciar como se corresse dele. Resolveu pegar o caminho de volta, desistindo da sessão na Glassview. Nem o cartaz que apareceu oferecendo um desconto de 10%, e após dez minutos passando para 20%, o fez retroceder. Então, viu um pequeno anúncio pendurado numa das paredes desgastadas próximo à estação de trem. Mãe Bibica de Oxum: prevendo o futuro e arrumando o passado, marque seu horário.

Pensou ser um sinal de que deveria ver a tia, longe das cerimônias, para conversar melhor. No mesmo segundo, um novo anúncio apareceu ao seu lado. A simulação da Glassview baixara em 30%. Ignorou e seguiu o anúncio da Mãe Bibica. Com um movimento de mão, o pequeno anúncio cresceu.

— Jogos de búzios e trabalhos. Consulta grátis. — Disse no áudio, uma voz familiar acompanhada do toque de tambores. Clicou para contratar o serviço e o aplicativo delineou um itinerário estilizado até ela. Entrou no terreiro, na verdade, uma cabine tamanho família. A decoração dava os tons sagrados com suas velas elétricas, hologramas decorados e vasilhas de barro vermelho verdadeiro (abundante fora das cúpulas).

— Meu filho! — O sorriso convidativo da Mãe Bibica quebrava qualquer gelo.

— Oi, tia. Vim conversar e saber meu futuro.

— Você não precisa clicar no anúncio — sua tia estava com quarenta anos, mas aparentava ser mais jovem.

— Força do hábito.

— Venha beber alguma coisa.

— Tia, eu quero consultar o Ifá — disse, quase interrompendo.

O sorriso de Bibica saiu da alegria espontânea e passou para o plácido, concordando silenciosamente. Ligou seu tabuleiro eletrônico e o holograma fez surgir o merindilogun. Posicionou quatro velas elétricas ao redor, afinal o oxigênio em Marte vale mais que ouro, e orientou Diallo a conectar seu sistema de lentes no oráculo para que a consulta desse início. Acessou os menus e aceitou o pedido de conexão do tabuleiro. Bibica, com um suave movimento, fez surgir os 16 búzios. Segurou-os nas mãos e os jogou. O programa da Mãe Bibica os deixava indistinguíveis dos reais. Restava a Ialorixá ler o destino através da forma que búzios caíram: viu um búzio aberto e quinze fechados. Deu Okaran, o odu regido por Exu e, por consequência, momentos difíceis e conflitos estavam próximos. Diallo, que conhecia o significado daquela configuração de búzios, nem sequer pronunciou o nome daquele odu para não piorar as coisas. Mãe Bibica foi direto ao assunto:

— É esse seu desejo de Terra, Diallo. Você agora sabe que se levar isso adiante, algo de ruim pode acontecer com você. Fico muito preocupada, mas nem tudo está perdido. Agora que você sabe do perigo, meu filho, vou indicar o ebó certinho para você.

Ficou aliviado em não ter que gastar com todos os ingredientes. Bastava usar um colar que emitiria projeções holográficas com instruções de todos os objetos e alimentos enlatados que poderiam substituir os frescos.

— Não se preocupe, filho. Os Orixás entendem nossa vida em Marte e não nos abandonariam por algo que o planeta não pode dar — disse Mãe Bibica.

— E o que mais preciso fazer, tia?

— Por hora, coloque esse holo no pescoço e não tire. Para não correr o risco de perder.

Concordou com tudo e saiu após um abraço apressado, mas caloroso. Caminhou algumas quadras do centro comercial rumo à estação de trem. Os anúncios da Glassview não estavam mais com os preços promocionais. As passagens para Terra, no entanto, baixaram 5%. Os cartazes começaram a se multiplicar em sua frente. Suas lentes acusaram um princípio de superaquecimento. Procurou um canto qualquer para pingar o colírio nas lentes, que também as refrescavam. As propagandas em excesso pesavam na memória, esquentando levemente os componentes neurais. O ar ralo e seco também não ajudava. Decidiu ir para seu cubo de uma vez. Deixou as lentes em modo de economia de energia, sem pensar nos créditos que deixaria de ganhar pelas propagandas ativas na memória. Dormiu no trem.

III

Diallo teve sonhos intranquilos. A Terra linda e verde não estava neles desta vez. Foi acordado em meio a lembranças da infância e de seu pai.

— Acorda, irmão! Acorda! Vamos! — Tiago sacudiu e puxou o lençol sobre o primo.

— Tiago? Que isso? — estavam no cubo de Diallo.

— Foi o combinado, irmão. Te pegar aqui e fugir. Vamos! Antes que a Segurança da Vallis nos encontre.

— Mas o que você fez?

Tiago respirou fundo, aproximou-se ameaçadoramente.

— Você está de brincadeira comigo? Esqueceu de tudo agora?!

— Do quê?

— Liga tuas lentes!

Diallo foi ao banheiro lubrificar suas lentes, enquanto tentava lembrar como havia chegado no seu cubo. Tiago o seguiu e parou na porta.

— Acessa as notícias. Procura aí pelo noticiário das dez da noite de ontem e joga a imagem na parede.

Com um movimento de mão, a imagem que Diallo viu nas lentes projetou-se na parede vazia.

— O ataque a sede da Vallis Marineris deixou doze mortos, sendo oito na explosão da bomba e mais quatro que, a princípio, sobreviveram à explosão, mas foram executados a sangue-frio pelos terroristas — as imagens mostravam apenas fumaça e a fachada de um prédio destruído. — Entre os mortos, o Diretor Geral de Tecnologia de Mineiração, Nole Kism, e quatro funcionários administrativos...

— Mentirosos do caralho. Como se não houvesse guarda-costas atirando no que vissem pela frente.

— O que você tem a ver com isso, Tiago?

— Nós temos a ver com isso... — disse Tiago, enfatizando o “nós”, e apontou para a projeção. — Você planejou tudo.

— Não! Isso é coisa que meu pai faria e ele está morto.

Tiago avançou outra vez, desta vez segurou Diallo pelo pescoço e o encostou na parede.

— Você precisa voltar Diallo. O Diallo que quer mudar Marte e não o que quer lamber a bota da Terra e da Vallis! — cerrou os dentes ao falar da Vallis.

Diallo se irritou com a última frase e tentou se soltar sem sucesso.

— Eu não sou como meu pai. Eu não abandonei ninguém. Vai embora daqui.

— Não! Ele não abandonou a gente. Você é que nos abandonou. Há quanto tempo não vai ver a minha mãe, hein?

— Eu fui ver ontem mesmo. — Tiago o soltou.

— Então é isso — segurou a cabeça de Diallo e apertou-a com as pontas dos dedos. Olhava para o topo do crânio como se Diallo não tivesse olhos. — Então ele já está aí em algum lugar. Precisamos dele, Diallo.

— Não tem ninguém aqui dentro. Você está ficando maluco.

— Maluco? Eu? Olha para a parede?

Diallo voltou sua atenção às notícias e viu seu rosto na televisão.

— Um dos terroristas não foi identificado com precisão. Estava protegido por camuflagem de dados. Nem a Vallis Marineris, nem a administração de Tharsis-Vale quiseram confirmar oficialmente, mas a suspeita é que seja Aloísio Tenório, líder de uma facção extremista que desejava destituir a empresa gestora da cidade. Eles abalaram as fundações da cúpula na década passada com uma série de ataques. Acreditava-se que ele estava morto, mas ao que parece...

— Você cresceu e está cada vez mais parecido com ele, então eles devem pensar que você era mesmo seu pai — parou um instante. — E uma ameaça maior rende mais notícia, também tem isso... eles não são imbecis. Irmão, tu precisa fugir comigo. Agora!

— Você está me usando?

— Olha, eu notei que você estava diferente, mas se estava disposto a lutar e terminar o que teu pai começou, pouco me importa!

— Não sou marionete...

Três toques vigorosos na porta o interromperam.

— SS. Abra a porta! — A voz exalava autoridade do Serviço de Segurança.

— Puta que pariu! Demoramos demais!

— O que a gente faz? — estava tomado de pavor.

Tiago fez sinal de silêncio e tirou duas pistolas da mochila. Passou uma para ele e, segurando a outra arma, sinalizou ir se esconder no banheiro. Em seguida, passou o indicador pelo pescoço. Diallo arregalou os olhos com o plano. Tiago queria emboscar o homem da SS. Diallo escondeu a arma no cóc atrás das calças e abriu a porta. Um homem branco entrou como quem entra em um lugar familiar.

— Robby, já estava acordado? — disse enquanto entrava.

Vestia um uniforme cinza e usava um capacete que cobria também os olhos deixando visível a boca sorridente. Tratou-o como se há muito se conhecessem.

— Como foi a adaptação a esse corpo de preto que te designaram? Pensam que você é Diallo ou Aloísio agora? — disse cheio de divertimento e desdém sem tirar o sorriso da boca.

— Não vai me servir um uísque? Se é que você tem aqui nesse pardieiro. Diallo tentou se controlar, mas seu nervosismo ficou bastante visível.

— O que foi, Rob? — Perguntou sentando-se no sofá.

— Só estou cansado e levando a vida. A expressão do homem se fechou.

— Ouça bem Rob, sabemos que ainda acredita que é Diallo! Podemos levá-lo para o QG e resolver seu problema. Devolver suas memórias originais e voltar para à Terra. Seu trabalho acabou. Podemos continuar daqui.

— Eu ainda não sei — disse qualquer coisa, enquanto a mente digeriria as informações.

— Seu sinal foi bloqueado, por isso estou aqui. Vim para ver como está e oferecer a oportunidade de vir por vontade própria — advertiu o agente.

Antes que Diallo respondesse, o impacto da bala estilhaçou o capacete do homem da SS, e o que tinha dentro espalhou-se pelo pequeno sofá. Tiago e Diallo ficaram alguns longos segundos olhando o agente morto.

— Esse capacete não era de combate. — disse Tiago, que fungou cutucando o corpo com a ponta da arma. — Gente importante, então.

— Não faz diferença. Eu não quero ficar aqui.

— Nem eu. Vamos à mãe.

— No que ela pode ajudar?

— Tem ideia melhor?

IV

— Então, Diallo, eu vou explicar para você. Seu pai, muitos anos atrás, me disse que partiria em uma missão e que era praticamente impossível que voltasse. Deixou este equipamento — Mãe Bibica apontou para o projetor. Estava no terreiro e cubo da família — e me ensinou a usar. Isso pode fazer uma cópia de todas as suas memórias e apagá-las também. Aloísio deixou as dele aqui. Ficou cinco horas deitado até guardar todos os dados, depois mandou que eu apagasse quase tudo. Deixou o essencial para fazer a missão e partiu. Ele sabia ser mais valioso vivo e que, talvez, pudessem capturá-lo e roubar suas memórias e as usar contra a guerrilha. Ele estava certo com relação à primeira parte. Capturaram seu pai e foram mais longe, sequestraram você também, Diallo. Sua mãe...

— Eu sei que ela morreu, mas eu não consigo lembrar... — Diallo lamentou-se.

— Encontramos você quase um ano depois, jogado na rua.

— Não lembro muita coisa. — Diallo ouvia absorto.

— Você estava amnésico. Limparam suas memórias completamente. Só falava inglês, até o português não saía mais da tua boca.

— Mas depois eu recobrei a memória — disse Diallo.

— Eu comecei a enxertar alguns fragmentos em comum comigo, do seu pai, de Tiago e até de sua mãe. Para ver se avivava algo aí na sua cabeça. Acompanhei teu sofrimento esse tempo todo. Vi com aflição, esse vazio e essa vontade de ir à Terra. Tentei mantê-lo aqui no nosso novo lar. Eu estava desesperada. Ontem, coloquei algumas memórias do seu pai na sua mente. Não posso simplesmente colocar tudo dele aí, usando o colar holográfico. Pensei que assim poderia mudar essa sua ideia maluca e ficar em Marte.

Diallo concluiu que foi isso que o fez participar do ataque a bomba, mesmo que não tivesse lembrança disso. Eram os planos de guerrilha de seu pai que, de alguma forma, o fez agir, concluiu.

— O que vamos fazer, mãe? — Perguntou Tiago.

— Completar a transferência de memória de Aloísio em Diallo. — Mãe Bibica olhou no fundo dos olhos de Diallo. — Se ele aceitar.

— O que vai acontecer comigo? — perguntou, mas fazia ideia do que isso implicava.

— Diallo, escuta: se houver uma chance de encontrar todas as suas lembranças, seu pai pode ajudar a trazê-las de volta.

— E devolver meu corpo.

— Ele é seu pai, Diallo. Acha que ele roubaria teu corpo? Nunca te faria mal. Ele nunca te abandonou também. Você foi tirado dele — era Tiago quem falava agora. — Mas se continuar essa confusão de dados em você por muito tempo... Essas duas meias personalidades em você, talvez não seja possível separá-las de novo.

Diallo, depois de um minuto que pareceu congelar no tempo, aceitou o plano. Deitou-se ao lado do holograma e deixou-se levar, confiando em tudo que ouvira. Como um prédio implodido, sentiu suas poucas memórias desaparecerem em uma nuvem de poeira vermelha. Então apagou.

V

— Quando ele vai acordar, mãe? — perguntou, cerca de cinco horas depois.

— Paciência, filho. Essas coisas demoram. Não é hora de tirar o colar. É ele mesmo que vai fazer isso, tenho fé. Já consegui bloquear o sinal que o gringo

mandava do implante cerebral até o QG da SS. Eu já imaginava ser assim que eles nos vigiavam.

Revoltava-o até os ossos ver aquele corpo clonado de Aloízio Tenório. Um infiltrado como se fosse seu filho, Diallo. O objetivo dele era bastante óbvio: infiltrar-se na família para identificar, vigiar cada passo dos guerrilheiros. Bibica viu o olhar de raiva do filho e o entendia. Acompanhavam o andamento do procedimento em uma tela feita de luzes que eram emitidas pelo seu deck. Uma barra de carregamento chegou a porcentagem zero e bipou.

— Pronto. O gringo não está mais naquele corpo, mas aqui — mostrou uma caixa de metal pequena. — Podemos falar livremente, perderam sua fonte de escuta e não colhem mais dados. O embaralhador de sinal do terreiro foi atualizado e já verifiquei o sistema das contas. Nossos corpos estão fechados. Nosso segredo está a salvo. Posso afirmar com uma boa dose de certeza, filho. Não desconfiam que você é o único e verdadeiro Diallo. Vivo e ativo. A maior prova disso é que mandaram um clone de Aloízio com seu nome com um punhado de memórias implantadas que eles tinham e não tomaram nenhuma atitude. Esperavam te descobrir usando este clone. Não sabiam e vão continuar a não saber.

— Não aguentava mais alimentar essa farsa.

— Eles queriam gerar inteligência. Uma fonte segura de todos os nossos passos e antecipar qualquer planejamento nosso. Contamos o suficiente para mantê-los interessados e o necessário para te manter vivo, filho — disse Mãe Bibica.

— Não quero viver escondido para sempre, mãe.

— O tempo de se esconder está chegando ao fim, filho. Veja por si mesmo.

Os olhos do corpo esboçaram que se abriram e então se arregalaram. O ar foi puxado para os pulmões com desespero de quem fora jogado fora da cúpula e estava de volta. O espião fora removido e enjaulado em dados. Aloísio Tenório estava de volta.

Seu pai, apenas um punhado de dados horas atrás, agora liberto novamente. Continuou buscando o ar e reaprendendo a respirar. Um longo minuto se passou até poder expressar o reconhecimento da própria família. Antes de conseguir falar a primeira frase, reconheceu a esposa envelhecida e seu menino já adulto. Estava enclausurado numa consciência, privado de todos os sentidos, sem noção do tempo, espaço e repentinamente viu-se restituído de todos os sentidos de uma só vez.

— Ogunhê! Tu estás de volta, pai — disse Diallo, sentindo a satisfação de falar livremente. O filho que teve que adotar o nome de Tiago e ver outro usurpando sua identidade.

— Vocês precisam parar a investida! Eles sabiam de tudo desde o início! — falou como em delírio.

— Ele está delirando, mãe. O que aconteceu?

— Delirando ou sendo mais lúcido que antes.

— Não, meu filho! Não é delírio. O eu que está aqui é um backup para antes da grande investida que faríamos. Que fizemos, na central. Se eu estou aqui, se não fui atualizado, então...

Aloízio entendeu que havia morrido e a tomada da Central foi fracassada.

— Você está enorme. Quanto tempo passou? — Parou para olhar em Diallo com um sorriso.

— Dezesseis anos, oito meses e dois dias, pai.

— Para mim, foi muito mais tempo e menos tempo também. Estar guardado em dados é difícil de explicar. Solitário e com muito tempo para pensar. Pensei em você, meu filho. Pensei em você, meu amor. Pensei que logo voltaria e depois que percebi que demoraria muito, comecei a repassar o plano. Perdi a conta de todas as variáveis e depois de me cansar de pensar no que deu errado, passei a processar o que daria certo. Então percebi, meu filho, o motivo de toda aquela existência enclausurado. Naquela época, nossa revolução foi uma coisa de oportunidade. Atacamos, e quando começou a dar certo, avançamos, mas aquilo não poderia dar certo. Lutei com as opções de vencer ou morrer. Preso em forma de dados, não podia morrer, nem vencer. Então planejei, planejei e planejei.

— Que conclusão chegou, pai?

— Consultar o ifá — levantou-se e olhou para tabuleiro virtual e o emaranhado de fios e aparelhos no terreiro. — O nosso, feito do barro vermelho, pelos primeiros irmãos e não esse daí para inglês ver.

Todos sorriram. Aloízio sabia que havia o jogo cobrado para complementar a renda da família e o jogo para o iniciado.

— Meu amor, o que espera encontrar no ifá, que já não viu matutando aí nos próprios dados?

— Nunca comecei nada grande sem consultar o ifá, não é agora que sei como vamos derrubar o governo colonial que vou deixar de fazer isso.

VI

Se não era mais Diallo, tampouco era Rob. Passou refletindo sobre quem era. Teve raiva e viu a mesma raiva diluir-se na melancolia da solidão. Sem noção do

tempo, espaço e privado dos sentidos. Resumido aos próprios dados que seus pensamentos produziam. Com o passar do tempo que não passava, percebeu que estava enclausurado em algum sistema de backup de dados, extraídos do seu antigo corpo. Então, em um momento que não podia diferenciar de qualquer outro desde que foi parar ali, surgiu em uma sala muito simples. Logo, ela ganhou um sentido de interrogatório e sentiu medo. Desejou a Terra como antes daquilo tudo. Um homem entrou na sala. Reconheceu aquela aparência de Diallo.

— Quer saber quem o colocou nessa situação? — o homem, disse, sem rodeios.

— Tiago e Bibica me colocaram aqui — sentiu o próprio corpo querendo reagir, mas não conseguia sair da intenção.

— Errado. Você foi removido de um corpo que não era seu — o interrogador o observou lendo suas reações, estreitando os olhos. — Você sabe quem o colocou naquele corpo?

— Não.

— Quem é você?

A pergunta foi respondida após um hiato interminável.

— Sei quem não sou. Não sou Diallo, não sou Rob.

— Como presumi, mas eu precisava confirmar. Estou aqui para te oferecer um acordo. Ajudo a descobrir quem é você. Você seja lá quem for nos ajuda.

— Eu aceito.



03



KUARÁ — O SOL NASCE PARA TODOS

Um conto sai-fai
de **Gyulia Felix**
ilustrado por
Winny Tapajós





UM DIA ENSOLARADO, COM NUVENS BRANCAS COMO ALGODÃO e um céu azul que transmitia paz até mesmo àqueles que nem ao menos sabiam que dela precisavam. O piar de um pássaro ao longe me chamava atenção, uma linda canção. Um bom presságio da natureza.

Um dia foi assim.

O sol que brilhava para alegrar as mais cálidas almas, hoje nasce para levar a mais pura alma ao desespero e desejo de morte. O canto doce de um colorido e vibrante pássaro há muito já esquecido desperta até os convocadores do fim para uma vida onde sobreviver é a regra. A todos os presentes neste mundo esquecido pelo sobrenatural o hoje é o sinônimo da igualdade que não queriam alcançar e que nos levou a um devasto e terrível equilíbrio natural. Todos debaixo do mesmo sol.

— Então, já decidi se hoje tem almoço ou não? — Kauan surgiu ao meu lado sorrateiramente, mantendo seu olhar fixo a frente. Se preparando para mais uma caçada.

— Se depender de mim com certeza, já de você... fica a dúvida — falei provocando meu parceiro de caça.

— Se deu o trabalho de desenhar o Kuará hoje? — Percebi seu olhar direcionado as pinturas que com muita dificuldade consegui dedilhar cada traço. Ainda que eu seja uma ótima caçadora, perseguir e capturar animais não chega nem perto de tracejar linhas retas e formatos geométricos em meu próprio corpo. Se o objetivo do Kuará era proteger a minha pele contra os raios mortíferos da grande estrela amarela brilhante no céu, por quê me preocupar em ser uma artista? Prefiro ganhar

tempo para a caçada. Mas minha mãe pensava diferente, acreditava que os traços deixados para nós eram presentes que preenchiam as lacunas de nossas histórias, que significavam nossa existência. Para mim, a existência era representada por uma barriga cheia de comida, depois disso sim, aí eu penso nas subjetividades da minha existência.

— Mãinha pediu com muito carinho dessa vez...

— Ameaçou te deixar sem janta hoje?

— Exatamente. — Kauan soltou uma risada sincera e contagiante que me arrancou uma risada anasalada, ainda que eu estivesse irritada pelo tempo perdido com a pintura. — Preparado?

— Sempre.

Uma volta trezentos e sessenta do local em que estávamos e avançamos para a selva, aquela que um dia foi a cidade dos seres humanos, uma cidade antiga que dividia seu espaço entre a selva de concreto e a floresta, a cidade maravilhosa. Tempos perdidos que não voltam mais. A cada passo que dávamos sentíamos as folhagens verdes em nossas pernas, o calor entorpecente que fazia a pele pinicar, mas que graças ao Kuará, a tintura deixada pelos nossos antepassados, os povos da floresta, nos mantinham salvos da morte. Ninguém poderia ser capaz, e de fato mais ninguém o fora, de desenvolver um material melhor que um produzido pela natureza e por aqueles que em unísono entenderam o pedido de socorro da Terra.

O canto do pássaro colorido soou mais uma vez, mas sua melodia acolhedora foi substituída por um grito de dor. Alguém lhe tinha ceifado a vida. Sem pensar duas vezes, Kauan e eu nos encostamos na parede de um prédio destruído pela força da natureza e repleto de folhas e galhos que escalavam sua extensão a fim de retomar o lugar que sempre lhe fora de direito.

Um olhar na direção de Kauan e sabíamos que devíamos seguir em direção ao invasor. Não estávamos distantes da Aldeia e nessa região apenas nosso povo caçava, ainda que nenhuma lei tenha sido decretada. Mas existia um respeito mútuo entre os grupos que viviam no nordeste - a Aldeia, a Vila e os Civitas - e ninguém avançava sobre o território do outro. Não me surpreenderia em nada se fosse o pessoal da Vila, aqueles rebeldes sem causa, sempre empenhados em acabar com a ordem nos grupos vizinhos. Realmente não entendo a necessidade de mantê-los como aliados.

Adentrando o prédio antigo e caindo aos pedaços continuamos andando de encontro ao grito que ouvimos antes.

— Tem certeza que é nessa direção? — Uma voz grossa se fez alta o suficiente para ser ouvida da distância em que estávamos. Mas daquele ponto não podíamos enxergar nada, então avançamos.

— Aqueles porcos selvagens estão por aqui, eu já disse.

Dois homens altos vestidos com um macacão de cor ferrugem e bem estranho que cobria até a cabeça, diferente das roupas de algodão que sempre usávamos, se esgueiravam pelas poucas sombras dos antigos edifícios. Pendurado em suas costas tinha um objeto em formato de cilindro, possivelmente para a respiração, imagino.

— Vamos parar para o almoço e depois seguimos — falava enquanto seguia para uma área segura dos raios do sol, mas que sem a proteção adequada não o manteria a salvo por muito tempo.

— Enquanto você prepara o almoço eu vou atualizar o mapa. — De que mapa eles estavam falando? Um olhar na direção de Kauan e seu olhos castanhos que mais pareciam mel sob a luz do dia denunciaram que as mesmas dúvidas passavam por sua mente.

— E vê se faz direito dessa vez. Da última vez um erro idiota fez os drones atacarem o grupo errado.

Lembranças recentes invadiram minha mente e levaram ao dia em que a Vila foi atacada de surpresa por drones. Eles perderam muitas pessoas nesse ataque, sem contar as perdas materiais. A Aldeia vem oferecendo toda a ajuda possível enquanto eles não se recuperam, mais do que o Kuará, os enviamos toda semana alimentos que produzimos em nossa horta coletiva.

Se eles estão seguindo nessa direção isso só pode significar que nós somos o objetivo deles. A Aldeia está sob perigo de ataque e não posso deixar de pensar que o que eles querem é a fórmula do Kuará, nossa tintura protetora.

Mais uma vez precisaremos nos preparar para uma guerra.

Voltar para a Aldeia e encontrar nossas crianças brincando partiu minha alma em dois. Saber que em alguns minutos precisariam enjaular todos no submundo da terra. Uma proteção pensada contra ataques inimigos, desenhada por mentes que já tinham sofrido inúmeras vezes com a perda de seu povo. O Arco tem irmãos gêmeos em todos os territórios pertencentes aos grupos aliados e sempre funcionou bem para que pudéssemos viver uma vida relativamente normal. Longe do perigo dos raios solares, graças aos metros cavados muito abaixo da superfície, cada um tem uma função para desempenhar e poucos são os momentos em que o deixamos para apreciar um pouco da natureza acima de nós, e mais raras ainda são as vezes em que nossas crianças brincam ao ar livre. Talvez por esse motivo eu tenha escolhido ser uma Praça, não me caia bem a ideia de permanecer presa embaixo da terra.

— Tudo o que eu queria era poder afastar todo o mau que rasteja para nós dessas crianças. Ser um elemento da floresta e arrancar o mal pela raiz... Nem mesmo o Kuará será capaz de nos proteger agora. — Desabafei com um suspiro dolorido.

— Tudo o que eu queria era não ter que convocar uma reunião para dizer que precisamos nos preparar para um ataque. De não ter que dizer aos Florais que todo o trabalho nesses solos será destruído, exatamente como na Vila. — Kauan desdobrou-se sobre as palavras que formavam nós em nossas gargantas.

— Mas é preciso... Certo?

— Pelas vidas que farão desse solo fértil de novo, pelas vidas que farão desse verde uma felicidade a ser celebrada, pelas vidas que gerarão outras vidas que nascerão para cuidar.

— Um suspiro cansado. — É preciso. — Um sinal de confirmação e nos voltamos para a tenda ao meio da Aldeia.

— Precisamos nos reunir com o Conselho. É urgente — falei em tom baixo, mas decidido em direção ao Austero mais próximo.

— Mantenham a ordem enquanto levo sua mensagem ao Conselho — respondeu em um tom ríspido, mas eu sabia que sua postura era pelo treinamento direcionado a sua função de manter a ordem na Aldeia. E ainda bem que todos os Austeros faziam seu trabalho com maestria, porque nas próximas horas o Arco poderia virar uma bagunça desordenada, com um ar repleto do medo da morte.

— Sempre.

Continuamos observando enquanto o Austero se dirigia para a tenda na qual o Conselho se abrigava dos raios solares e continuava a trabalhar pelos próximos anos do grupo. Sempre que as crianças saíam para brincar na floresta, o Conselho as acompanhava, todos juntos, protegendo o passado, o presente e garantindo a modelagem dos próximos momentos. Mas em dias comuns, apenas quem realmente precisava sair a trabalho podia ver a beleza natural que preenchia o mundo. Uma forma de garantir que o Kuará dure mais, economizando, ainda que possamos produzir em quantidade, mas precisávamos respeitar as limitações de nossa terra, ou no fim, faríamos o mesmo que nos trouxe até este ponto, onde não existe mais vida vivida sobre um solo fértil e sob um sol de vida, mas sim sob um sol de morte.

— Acha que temos quanto tempo?

— O suficiente para avisar o conselho, mandar nosso povo para dentro do Arco e nos posicionar para defender a Aldeia — respondeu Kauan ao meu lado, com um rosto calmo, como se tivesse sido treinado para a guerra e dela já tivesse experimentado milhares de vezes.

O Austero apareceu entre as folhas de palmeira que preenchiam a superfície da tenda em que o Conselho nos esperava, sem saber da desgraça que recairia sobre o nosso povo. Um sinal em positivo que automaticamente fez nossas pernas se moverem em direção a realidade caótica que nos aguardava.

Respirei profundamente antes de adentrar o lugar, numa tentativa de me acalmar e organizar os pensamentos. Senti a mão de Kauan em minhas costas com um toque de conforto e coragem. Ele estava ali e lidaríamos com o momento de nossa derrocada juntos.

Um passo para dentro e um olhar focado. Os onze conselheiros estavam reunidos em uma mesa redonda simples, assim como todo o local que era preenchido por poucos objetos, todos feitos pelas crianças em suas aulas de artesanato. Busquei um olhar familiar como um último pedido de conforto antes de começar a falar. A conselheira do lado oposto ao que entramos estava envolta em desenhos geométricos iguais aos meus, porém muito mais bem feitos, com dedos focados em anos de experiência e um olhar minucioso, olhar que agora encarava a minha alma e que me dizia, com um sorriso acolhedor, que tudo daria certo. E minha mãe sempre tinha razão.

— Então, Praças, qual a urgência que temos hoje? — Sua voz calma e divertida preencheu a sala. Queria não precisar quebrar esse tom e transformá-lo em algo doloroso.

— Conselheiros, obrigada por nos receberem. Acabamos de voltar de nossa caça matinal e no meio do caminho encontramos dois homens caçando em nosso território. Mas não eram nenhum de nossos aliados. Esses homens vestiam macacões estranhos e tinham um objeto cilíndrico em suas costas. Nós conseguimos chegar perto o suficiente para ouvir sua conversa e eles falavam sobre estar procurando um grupo que vive por aqui, acreditamos estarem falando da Aldeia, Conselheiros. E a urgência é que eles falaram sobre precisarem atacar o grupo certo dessa vez.

— Acreditamos que esses homens foram os responsáveis pelo ataque a Vila e que estavam atrás da fórmula do Kuará, mas não encontraram. O que nos faz acreditar que agora estão atrás da Aldeia para roubá-la. Possivelmente utilizando o mesmo estilo de ataque.

Um silêncio recaiu sobre o Conselho.

— Quão distante da Aldeia esses homens estavam?

— Pensando que eles não sabiam a direção correta e estavam se guiando por um mapa ainda em construção, temos no máximo uma hora e meia para nos prepararmos — respondeu Kauan.

— Aiyra e Kauan, peçam aos Austeros que reúnam todo o nosso povo ainda sobre o solo e levem-os para dentro do Arco. Agora! — Uma ordem dada por uma conselheira protegendo o seu povo, não mais uma mãe com tom calmo e divertido. Não achei que fosse possível, mas minha alma se partia mais uma vez.

— Certo.

Depois de alguns minutos buscando pelos Austeros que estavam de guarda e de dar as ordens que foram cumpridas rapidamente, voltei para a tenda em que os onze conselheiros se reuniam para decidir como nos disporíamos para enfrentar os drones e possivelmente os invasores que esperavam ansiosamente para roubar nossa proteção contra o sol, que já brilhava com força total no céu azul, o Kuará.

Passando pela abertura, pude perceber que já não estava na presença de todos os conselheiros, o que significava que o plano que desenvolveram já estava em curso. Um sinal de minha mãe, que agora se debruçava sobre comandos rápidos e rígidos, passando o indicador pelo mapa da nossa casa, a floresta, e acenei em confirmação respeitosa pela ordem de aguardar até que terminasse.

— Protejam — mãinha deu sua última palavra antes que o grupo, composto também por dois mensageiros, pude perceber, se retirasse. — Venha aqui.

— Sim — respondi já me encaminhando para o seu lado na mesa.

Com as mãos atrás do corpo e uma atenção conquistada com os dez anos de terror que se seguiram com a impossibilidade de viver sob o sol, nos expulsando da vida na cidade e entrando para a natureza de nossos antepassados, esperei pelas palavras que viriam.

— Preciso que você se posicione aqui — falou apontando para a extremidade leste da Aldeia, que ficava a uma hora da Vila. — Encontre uma árvore capaz de se esconder dos possíveis drones e do sol.

— Certo.

Todos os Praças serão vitais para derrubar esses drones, então tenha certeza de que suas aljavas estarão cheias. Seu grupo será liderado por Kauan e você será a imediata. Mantenha-se perto dele. — Meu dever não era apenas derrubar os drones, mas garantir que meu líder continuasse de pé. E ainda que essa ordem não tivesse sido dada, seria a ordem que eu seguiria por mim mesma. — Já mandei que o avisassem. Estarão se reunindo na entrada leste em cinco minutos.

— Pode deixar. E você? — Não queria ser emotiva nesse momento, não era apropriado, não era uma despedida. Mas me peguei com o coração apertado, não querendo sair de perto da minha mãe, não mais a conselheira.

— Vou liderar a defesa daqui. Imagino que aqueles guardas estejam apenas esperando a ação começar para buscar pelo que procuram. Estarei posicionada mais próxima do leste. É o lado mais fraco do território, então deve ser por onde entrarão. Se forem espertos. — Um leve desdém em divertimento, me arrancando um sorriso. — Enquanto isso acompanharei as pinturas do Kuará... — Por um segundo o mundo parou e voltou.

— Como assim? — Não poderia deixar de pensar o quanto isso poderia ser prejudicial. Mãinha apenas ergueu uma sobrancelha. — Com todo respeito, Mãinha, mas não sabemos quanto tempo temos. Então qualquer segundo perdido, ao invés de estarmos nos posicionando e preparando, pode significar a morte.

— Não respeitar cada passo desse momento pode significar a mesma coisa.

— Deixar de desenhar nossos corpos não vai significar a morte, mas deixar de nos posicionar a tempo sim.

— A guerra que enfrentaremos não deve significar apenas morte, Aiyra. A guerra que travamos é de defesa e proteção. Não apenas de nosso povo, mas do território em que estamos, que fomos presenteados. A guerra para garantir que essa terra não seja mais violada. A guerra para lembrar a todos que o povo que um dia lutou por esses recursos ainda está aqui. E nós precisamos lembrar os invasores disso. É por isso que *perderemos tempo* honrando nosso povo. — Seu olhar era penetrante, como se pudesse enxergar a minha alma.

— Não terá ninguém para honrá-los se todos morrermos. — Se ela era firme como ferro, sendo sua filha, eu estava páreo a páreo.

— Você tem cinco minutos para chegar ao ponto de encontro. Reforce o Kuará, pegue alguns suprimentos e siga para o seu grupo.

Virei as costas em direção a saída sem uma palavra, mas me detive a dar o último passo para a desordem que se seguiria.

— Eu te amo.

— Eu te amo mais.

Sua resposta foi o suficiente para me fazer seguir com a cabeça erguida e preparada para a luta, ainda que em meu coração o medo da perda por aqueles minutos necessários tivesse se enraizado.

— Que bom que te encontrei. Acredita que eles resolveram perder tempo com o ritual Kuará antes do ataque? — falei ao esbarrar com Kauan a caminho do ponto de encontro.

— E o que você acha que deveria ser feito?

— Não perder tempo, obviamente. Nos posicionar e esperar pelo ataque que pode chegar a qualquer momento.

— E quem irá nos proteger se não passarmos pelo ritual? — Seu olhar continuava calmo, mas seu tom carregava certa ironia agora.

— Nós!

— E você acha que chegou até aqui sozinha? — Uma risada desdenhosa me tirou de minha calma treinada.

— Com certeza não foi por causa de um ritual.

— Se os rituais não fossem feitos, se o nosso povo não tivesse no que acreditar nenhum de nós estaria aqui.

— Então que as pessoas acreditem em estratégia. — Meu tom de voz já não carregava mais o grave da calma e sim o agudo da explosão.

— Estratégia sem fé é um destino direto para a morte. — E lá estava a calma de um guerreiro. De um líder.

— Eu não vou morrer hoje, Kauan. E não vou, porque estarei posicionada esperando pelo ataque.

— E pelo que vai lutar? Pelo dia de hoje? Pelo seu povo? Pelo seu território?

— Vou lutar pela vida. Minha e de todos nós.

— Então vai lutar para sobreviver?

— Sim!

— Sobreviver não é viver. Se não está lutando por uma vida na qual acredita, está lutando por nada. É melhor se render.

Com passos rápidos, mas silenciosos encontramos nossas protetoras pelos próximos minutos ou horas, quem sabe, trouxemos mantimentos para aguentar o suficiente.

— Não faça nenhuma burrada — disse Kauan, enquanto me impedia de começar a escalada pela árvore logo ao lado da sua. Suas mãos gentis, diferente de seu tom, segurando o meu braço.

— Como o que? Tentar salvar a sua vida?

— Precisamente. Se eu cair, mantenha nosso povo de pé.

— Você é o líder aqui, não eu.

— Então tá na hora de aprender a ser uma.

Isso foi o suficiente para mandá-lo em uma escalada silenciosa e rápida. Não me deixando abalar pelos pensamentos atordoados, busquei pela minha própria subida.

O sol fazia minha pele pinicar em diferentes pontos, mas coçar era definição de morte, caso o Kuará lascasse ao menos uma linha. Mais de uma hora tinha se passado desde que a movimentação havia começado.

O ar ao redor parecia sussurrar *preparem-se* e assim o fizemos. Arcos na mão. Flechas prontas para encontrar seu alvo. Silêncio. Tensão quase tácita entre os moradores da Aldeia. Um som cortava o ar. Um som diferente, antigo. Um som que lembrava os velhos tempos, os velhos hábitos, as velhas tecnologias. Eles estavam aqui.

Uma mancha branca surgiu no céu vindo em direção a Aldeia. Arcos apontados. O primeiro tiro seria o aviso. Ele ainda não tinha vindo. Era o tiro de Kauan e eu não precisa olhá-lo para saber que ele já tinha avistado o primeiro drone. Ele esperava, num retardar quase angustiante. Assim que ele atirasse, o medo poderia se abater sobre o nosso povo.

Mais cortes ao vento se somaram ao primeiro e foi o suficiente para que o primeiro disparo soasse. A batalha tinha começado. Alvo encontrado, tiro disparado. Meu primeiro tiro certo, mas não o suficiente para derrubar o drone. Não como o de Kauan o fora, levando o drone ameaçador para o chão. Ele tinha acertado um ponto central, de comando, bem ao meio.

— Mirem no painel de comando, no centro — gritei para os outros.

— Tiro ao alvo, senhores. Quem derrubar mais ganha um Tatu pro almoço — gritou Kauan buscando elevar os ânimos. O que pareceu funcionar, já que flecha atrás de flecha uma chuva se formou, derrubando cada pontinho branco.

Tiro ao alvo então.

Mas o disparo seguinte não foi o meu e sim dos drones. Todos ao mesmo tempo, balas mortíferas e pútridas direcionadas ao meu povo, ao coração da floresta. Meu segundo disparo não errou o alvo e o drone foi ao chão. No entanto, depois de derrubar dez drones, a mancha branca no céu parecia ter duplicado. E eu não precisava olhar para saber que o jovem posicionado atrás de mim, estava ao chão. O cheiro de sangue inundando a natureza. Seu grito ainda ecoando em meus ouvidos.

Tiros e mais tiros cortando o vento, retumbando como cortes físicos em meu ouvido. A movimentação foi sentida em toda a Aldeia. Eram muitos drones, mas nós resistiríamos, pelo nosso povo, pela floresta.

Uma onda de terror desceu sobre mim. Meus olhos secando com o vento que batia de encontro. Mãinha passou correndo em direção ao rio, em direção a uma movimentação a frente. Um dos invasores que tínhamos avistado mais cedo. Estava segurando alguma coisa, mas dessa distância era impossível distinguir.

Olhei para a esquerda buscando os olhos castanhos de Kauan, um olhar de advertência antecipada.

— Vai! — gritou sobre os barulhos de flechas e balas que voavam em direções opostas, sobre o grito de dor dos caídos.

Me detive por alguns batimentos cardíacos. Disparando flechas pelo ar e derrubando drones, pedindo perdão por quebrar a ordem de permanecer ao lado de Kauan. Uma fumaça começou a surgir mais à frente, a Aldeia começou uma fogueira controlada, suficiente para embaçar a visão dos drones enquanto um grupo se aproximava para queimar seus sistemas com jatos de água. Era minha deixa, algum alívio para meus companheiros e uma corrida furiosa até manhã.

Mais próxima agora, eu precisava me esgueirar entre as árvores. Misericordiosamente ou apenas porque eles sabiam que o invasor viria para esse lado, os drones não disparavam em minha direção.

— Por favor, deixe a criança e me leve. Ela não sabe de nada, não entende nada. Mas eu posso oferecer alguma coisa. — Manhã estava próxima demais do homem de macacão que segurava pelo pescoço uma criança, uma faca já fazendo o sangue pingar.

— Então ofereça agora, mestiça selvagem, ou a criança morre. — Sua voz saía abafada pelo macacão.

— Não — disse, mantendo a voz firme de uma líder. — Ou você solta a criança e me leva ou não digo nada.

— Então faremos assim: eu deixo a criança selvagem que não me serve de nada e você — disse, apontando a faca em direção a manhã. — , mestiça selvagem, vem comigo. — Cuspiu no chão e eu pude sentir um bolo subir pela minha garganta. Isso estava errado. Muito errado.

— Pelo meu povo. Pela minha história. Darei minha vida para salvar nossa única esperança. — Ela sabia, sabia que eu estava escondida entre as árvores, sabia que ao passar pelo pé da mangueira, seu fruto seguiria em seu encalço. E essa era uma ordem silenciosa que eu precisava seguir, mesmo que a dor me consumisse.

— Então hoje eu te deixo, pequena mestiça selvagem, mas amanhã seu povo sofrerá por tudo o que fez o *meu* povo sofrer. E *vocês* deixarão de existir. E quando as pessoas cantarem essas histórias, apenas cantarão sobre um povo que sofreu por anos por conta de selvagens inúteis, mas que com muita luta conquistou a salvação. Um povo que sobreviveu a ignorância dos monstros da floresta, que gostam de ser *artistas* enquanto matam o resto do mundo — disse o homem dentro do macacão ao pé do ouvido da criança. E toda a minha atenção se deteve em manter o café da manhã dentro do estômago. Um sorriso doentio se apossou

do homem e em um movimento rápido ele jogou a criança para a correnteza feroz do rio atrás de si e puxou mãinha com uma brutalidade que a fez gritar e permanecer indefesa. — Para a nossa tristeza, eu não tenho muito mais tempo, e como eu sei que você não vai abrir a boca. — Uma risada doentia soou. — Vou fazer o favor de apagar você dessa existência inútil.

O homem puxou uma cumbuca do macacão e a encheu de água. Uma dor dilacerante já tomava conta do meu corpo, mas nada como a que mãinha sentiria quando o Kuará fosse retirado de seu corpo.

Não olhei mais do que isso. Passo a passo me esgueirei pelas árvores, uma corrida de ódio e esperança. Uma corrida sem som, sem tropeços. Apenas um salto em sua direção. Um salto por nós duas. Eu precisava agarrar a nossa esperança e eu agarrei. Seus pequenos braços se agarraram em meu pescoço, quase me sufocando.

Buscando algum fôlego e força que já pareciam se esvair de meu corpo nos impulsionei para a lateral. Mas o rio não me deixaria fazer minhas escolhas hoje, agora não. Sua força nos jogou mais para frente, o medo começando a se alastrar. Segurei com mais força seu corpo pequeno contra o meu e nos impulsionei sem sucesso. Mas uma corda bateu na água, perto o suficiente para que eu agarrasse com a minha alma.

Uma força brutal nos puxava para a beirada do rio. O calor começando a ser insuportável. O Kuará resistindo como um guerreiro contra a água violenta. A borda do rio a centímetros e uma mão sendo estendida. Não hesitei, segurei com toda a minha força e me agarrando mais ao corpo frágil contra o meu. Fomos puxadas da violência natural do rio, já irritado com a bagunça sobre ele. Ergui meu olhar e me deparei com o improvável... ou o que *eu* julgava ser improvável. O povo da Vila. Eles vieram em nosso socorro, me atrevi a olhar para o oeste e uma movimentação ordenada era perceptível, os Civitas também vieram. Os dois mensageiros na tenda dos conselheiros tinham sido mandados para os grupos aliados, um pedido de proteção. E eles vieram, não hesitaram. Vieram como um povo só.

— A ajuda chegou. — Kauan disse, já me puxando para perto, enquanto um membro da Vila embalava a criança em um tecido, para protegê-la até reforçarmos o Kuará. O mesmo sendo feito cuidadosamente por Kauan.

— Mãinha... — Encontrei seus olhos já cheios de tristeza e fúria, como o rio que já nos afastávamos. Nada precisava ser dito. Sempre vivemos com esse medo ao nosso redor. O medo de acordar e perder quem mais amávamos. Tivemos que aprender a lidar com esses sentimentos, a controlá-los, para poder continuar lutando pelos outros. Pela esperança. — Ela me mandou salvar nossa única esperança.

— E você fez, como uma líder faria.

— Uma líder teria salvado as duas. Uma líder não precisaria ser salva para finalizar sua única ordem.

— Uma líder sabe que decisões difíceis precisam ser tomadas. Uma líder sabe que nada se constrói sozinho. — Seu olhar era confortável, como o aperto em meus ombros.

— Eles vieram — falei enquanto caminhava em meio aos aliados.

— Proteção, Aiyra.

De pé em meio aos aliados, Kuará agora reforçado, não deixando que nenhum raio me queimasse de dentro para fora, eu finalmente entendi. Entendi que o tempo é relativo. Entendi que alguns minutos de dedicação representam honraria, contam a história que nossos invasores querem apagar. Entendi que essa é uma guerra que nos foi posta, sem opção, e que a única opção que nós temos é a de permanecer de pé, impenetráveis na alma e no corpo. Entendi que essa é uma guerra para decidir quem contará esse enredo. Mas eu já tinha me decidido antes do último drone cair dos céus e os invasores fantasiados e assassinos serem presos para interrogatório futuro.

Nós somos um só e nós é quem contaremos essa história.

— E agora? — Kauan permanecia a meu lado.

— Bom, eu sei que eu não vou ter um tatu pro almoço. — Sua risada desabrochou os últimos nós que cercavam minha alma.

— Então eu divido com você.



04



QUANDO ELES ACORDARAM

Um conto sai-fai
de **Carol Ribeiro**
ilustrado por
Priwi





ANTES DO ACONTECIMENTO, MUITOS, NÃO RESPEITANDO A RELAÇÃO INTRÍNSECA DE SI com o que chamavam de Natureza, transformaram um mundo em coisas que não dava para comer. Vendo que o fim seria iminente, alguns, com poder de ouro para tal, fecharam os olhos e adormeceram debaixo de caixas protetoras. Veio o Acontecimento, e uma ranhura se abriu e pouco a pouco o estrago causado pela cabeça antropomórfica estabilizou. Depois do Acontecimento, há quase uma centena de anos atrás, a constituição corporal da espécie humana modificou-se para adaptar-se às novas condições ambientais de temperatura, pressão atmosférica e composição da água. As pessoas apresentam a pele enrugada quase como a de um quelônio, devido aos processos de escarificação natural. A intensidade de escaras cicatrizadas varia de região para região. As propriedades elétricas de uma gota de chuva reagem com a camada superficial da pele provocando pústulas, que se não limadas rapidamente, causam uma coceira desenfreada. Usam um spray isolante no corpo todo para evitar ao máximo o contato com o elemento aquoso vindo do céu. A água consumida é potabilizada e armazenada em cisternas. Hiabá, uma parte do mundo pós-Acontecimento, é composta por vinte e sete Fazendas. As vinte e sete Fazendas são autogestoras, escolhem como devem e querem viver. A Fazenda 22 é uma agrofloresta, um sistema baseado na organização natural da Caatinga. De antepassados com a condição rara de urticária aquagênica para descendentes de pele hidrófoba, a espécie perdura. E esta não é uma história sobre o fim do mundo.

A gente bebia sindó, fazia calor e a roupa anti-umidificante incomodava.

Faz por mim.

Não quero falar disso agora, Zai.

Então, vamos lá nas duas irmãs.

As duas irmãs são duas rochas pontudas que ficam na entrada da Fazenda 22. Há muito lajedo e outras pedras grandes no solo árido da caatinga, mas aquelas duas pedras lado a lado e parecidas são especiais.

Desde pequenas corremos até aqui e imitamos as posturas das duas irmãs. As duas rochas têm apenas as pontas encostando. Zai inclina um pouco a cabeça e eu faço o mesmo e ficamos alguns segundos, quietas e encostadas pelos ombros e cabeças, iguais às duas pedras irmãs.

Em todas aquelas noites quentes, com as nossas roupas absorvendo continuamente o nosso suor, nem sequer passava pela nossa cabeça que não seria para sempre assim. Mudanças significativas aconteceram no nosso mundo.

Tudo começou quando me escolheram para o Programa. Lembro da cara da minha irmã quando a nossa mãe disse *Ewa, tu vai, Zaira fica para ser uma Bona*. Naquele momento, as coisas meio que já começaram a mudar. Para mim, principalmente, as coisas mudaram, agora eu tinha a ocupação familiar mais antiga e mais prestigiosa na cabeça de Zaira. Tentei convencer a mãe a trocar as obrigações, mas ela disse que não tinha sido escolha dela, Anun tinha visto quem deveria ir e quem deveria ficar e não é costume questionar uma visão de Anun.

Não se sabe quando começamos a ser responsáveis pelo “Aluguel da manga”, como meu pai chamava, mas que tinha o nome oficial de Projeto Piramboia. Nos contavam que havia sido há muito tempo, quando as terras tinham donos lavrados em papel, e nossos ancestrais cuidavam de um pequeno pedaço de terra. Para sobreviver, alugavam um pedaço de mato para donos de gado trazerem seus bichos para comer o capim selvagem. Uma vez, veio um homem mais rico que os outros que costumavam fazer isso e começou a pagar por um diâmetro circular. E outros homens tão ricos quanto esse fizeram a mesma coisa em toda a região.

Quando era criança, morria de curiosidade de saber o que significavam as palavras “Projeto Piramboia” escritas na placa no meio do nada, e a mãe dizia que tinham monstros de lama debaixo da terra. Zai imaginava que embaixo da placa tinha um lugar secreto que guardava alienígenas capturados há muito tempo. Ela tem muita imaginação. Lembrar disso não é bom, não sei direito o que senti por viver o sonho da minha irmã.

O sol mal saiu e eu já estava pronta. Só voltaria para casa uma vez por semana assim que C12- A1 fosse me substituir por um dia na vigília.

C12-A1 não disse uma única palavra durante a caminhada. Sentia meus pés passando sobre os boticudos e pés de maxixe, e calada, C12-A1 desviava dos arbustos caatingueiros, e segurava para que os galhos elásticos não badocasse o meu rosto.

Painéis de captação de raios solares sinalizavam a presença de hiabanes naquelas paragens, naquele ermo branco e vermelho habitava um silêncio morno.

Contra os protestos silenciosos de C12-A1, desviei da estrada. Lá estava a gameleira com um buraco em seu tronco capaz de caber cinco pessoas em pé. Sentei para descansar à sombra dela. Como uma árvore grande e antiga, ela servia de geolocalização, logo dava pra saber que estávamos a um quilozoom apenas da edificação do Projeto Piramboia.

Arranquei um punhado de são-caetano maduro e ofereci alguns para a minha acompanhante. Não quis. Ela preferiu comer Caps doces. Não conversamos enquanto comíamos. Seu jeito silencioso não me incomodava, assim podia concentrar nas pisadas dos nossos pés martelando na terra e nos sons dos matos e da capoeira. Passarinhos saíam da estrada para a nossa passagem, os calanguinhos se escorregaram para as pedras. Tudo parecia tão certo. Menos em mim, não queria um trabalho monótono.

Quando estávamos a 0,3 quilozoom de distância, avistamos com distinção nosso destino. Na área desértica, a estrutura branca sem mato ao redor, sem orifícios aparentes de entrada e saída de ar, reluzia.

Chegamos. A placa PROJETO PIRAMBOIA em neon piscava. O lugar tem uma beleza estranha, a impressão que causa as coisas antigas que duram muito tempo, talvez por isso Zai tenha criado uma memória especial.

Subimos os três degraus e C12-A1 parou em frente à porta, apertou os olhos, eles pareciam mais ressequidos que o meu.

O Futuro é a Esperança, minha guia disse rápido e alto na sua linguagem estridente.

A porta abriu para um recinto de cerca de 100 zoons quadrados, meus olhos arderam ainda mais com o estresse de sair da claridade e depois estar em um lugar fechado e escuro em que eu nada avistava. Passei mais urucum na testa, senti as córneas mais úmidas.

C12-A1 acendeu as luzes, e elas foram sincronizadas acendendo uma a uma e todo o espaço quadrado estava iluminado.

Olha as instruções aqui — e me entregou um aparelho com uma tela que piscava informações intermitentes. — *Conferir a temperatura, confere aqui no painel, se estiver um pouco alta é porque a temperatura externa aumentou e é preciso reduzir ainda mais apertando este botão aqui. Tudo que tu precisa saber está aqui. Aqui está mostrando uma luz vermelha porque a temperatura aumentou, significa que algo está emitindo calor. Abrimos a escotilha e entrou ar quente. Pronto, equilibrei, e tu deve fazer o mesmo sempre que oscilar. A própria máquina registra um relatório, que retiramos a cada década.*

E ela me conduziu explicando as máquinas e a parafernália. Painel de comando, *ficar a maior parte do tempo*. Meu lugar de dormir, o de comer, o vaso higiênico, *evitar se distrair por mais de uma hora*. Sistema de armazenamento, *não mexer*. E a Caixa das urnas.

Na Fazenda 22, todos tinham uma ocupação. As crianças colhiam tomates silvestres no equinócio e enchiam bacias com a fruta. As Bonas, ocupação de cozinheiras, usavam os tomates para fazer sopas e molhos. Eu e Bernardo colhíamos alguns tomatinhos, os que não tinham crescido quase nada usávamos para brincar um jogo que a gente chamava de resta um.

Eu nunca ganhava, sempre jogava o tomate com força demais e explodia não só o do adversário como também o meu, então acabava não restando nenhum.

Zaira preferia brincar de guardiã, não das sementes. Ela brincava de guardiã dos mortos vivos, eu não sabia de onde ela tirava essas ideias. Olhando agora para estes corpos humanos pétreos e esbranquiçados dentro destas urnas transparentes, sei o que alimentou a imaginação dela. Zaira veio uma vez com a mamãe, estava mais ou menos com oito anos. Desde então, fazia pedidos à Lua Cheia para ser a escolhida para vigia.

Além dos homens, mulheres e crianças, também continham outros corpos. Reconheci a forma de uma vaca, e antes de me acostumar a vê-la, aquele bicho enorme, meus olhos foram atraídos por outras urnas, então percebi que aquele lado compunha-se toda de animais extintos: cabras, cavalos, galinhas, e muitos cachorros.

A caixa das urnas era uma divisão em formato de caixa de vidro fosco com uma entrada apenas. Ocupava um terço do espaço e estava centralizada no recinto. As urnas estavam suspensas por cabos pendentes do teto da caixa. Comportava duas fileiras de urnas que estavam os animais, e a outra com os corpos humanos. Cada uma estava identificada com os seguintes nomes: João Martins Souza, Maria Cláudia Fernandes, Ademário Fernandes Souza, Júnior Fernandes Souza. Eram brancos, estavam nus, todos eles, nus até de cabelos, a feição não mostrava sinal de nada, nem de dor, nem de paz.

Fixei na urna identificada com Maria Cláudia Fernandes. Não se assemelhava com ninguém de nenhuma das Fazendas, nem com aquelas que tinha gente com a pele mais branca. Parecia menos ainda com as pessoas que me eram conhecidas.

C12-A1 me chamou de volta para o painel de comando, ela não tinha muita paciência comigo, percebi, e eu só queria falar *porrã, olha isso!*, mas achei melhor não demonstrar o meu assombro. C12-A1 repetiu tudo de novo sobre verificar os dados da tela o tempo todo, caminhou até a saída e parou, até achei que ela diria mais alguma coisa, mas só fez o sinal de despedida, e se foi. O sinal ficou vermelho porque ela abriu a porta, me concentrei em nivelar as condições como ensinado.

Me preparava para não sentir medo em ficar lá sozinha. Verifiquei a temperatura e as estruturas uma vez, daqui a algum tempo poderia executar todas as manobras até de olhos fechados, mas na primeira vez, controlei cada movimento. Acionei os botões com cuidado, inseri os códigos no painel de comando.

Catei duas Caps no armário de comida, só guardavam alimentos da Fazenda 1. Voltei para a mesa de comando. Vi alguma coisa. Acima do painel, uma das telas mostrava movimento ao contrário das demais que estavam estáticas mostrando ângulos da caixa. A tela mostrava Zaira sondando a porta.

Minha irmã nos seguiu sem a gente perceber. O que é possível, ela sempre soube camuflar muito bem, e sabe deambular rápido como os veículos falciformes que cruzam o Céu da Fazenda 1 até a Fazenda 27.

Talvez ela desistisse de tentar entrar, pois sabia que não devia estar ali, não trajava a película de proteção do mundo externo nem a necessária para estar aqui dentro.

Eu poderia ignorá-la até ela desistir e voltar para a Fazenda 22. E assim o fiz. Desliguei o monitoramento do compartimento externo, e Zaira sumiu da tela. Ignoraria até ela ir embora. Seria mais fácil para nós duas se ela não entrasse aqui.

Uma hora depois, liguei o monitor e ela ainda estava lá.

Três horas se passaram, escurecia, e ela ainda estava lá, sentada no primeiro degrau, o rosto pintado de vermelho urucum parecia arroxeadado na iluminação das luzes verdes da placa.

Vai te embora, Zai. Não vou abrir para você. Porrã. O aparelho de análise atualizou as informações sobre o clima. Chuva 90% inicia em 10 min. Zaira ainda estava lá fora, nossa peleja não tinha mais sentido, precisava abrir para ela, não daria tempo de voltar para a Fazenda sem entrar em contato com a água da chuva.

Primeiro, dei a minha troca de vestes da semana para ela ficar lá dentro sem passar mal. Equipadas, esquadrihávamos juntas cada centímetro do lugar, e ela comentava como achava tudo excepcional e extraordinário. Depois, passamos a vasculhar o sistema de armazenamento. Zaira foi pegando tudo de dentro sem o menor cuidado, com aquela curiosidade dela, como se aquelas coisas pudessem desaparecer no ar antes dela tocar.

Ela tirou quatro embalagens transparentes, fechadas à vácuo. Estavam com uma inscrição autoadesiva com nomes: *João Martins Souza, 112, algodão e poliéster.*

Mal deu tempo de colocar em cima da bancada, ela me arremessou outra embalagem identificada da mesma forma, só que com outras palavras. Não li em voz alta, estava claro que se tratavam dos mesmos nomes que identificavam as

urnas. Eles haviam embalado uma bíblia sagrada, dois terços, um branco e um rosa, pentes, escovas de dentes, alguns objetos não identificados nem por mim nem por Zaira.

Encontramos uma caixa com papéis de identidades. Debaixo deles, uma caixa filhote. Zaira tomou da minha mão e abriu.

Microcomputador. Zai pareceu familiarizada com aquilo, porque ela gostava de ler sobre essas coisas quando ia para a Fazenda 20.

Tinha tela, botão, acusou *low battery please charge*. Zaira despejou o conteúdo da caixa para ver se achava alguma bateria extra. Achou um cabo preto com um plugue em formato de cabeça de cobra.

Tecnologia de pelo menos oitenta anos atrás, olha o material.

Não tenho certeza se funciona nos aparatos comuns ou se precisa de adaptação.

Vamos tentar, preciso ligar isso. Mas não liga, porrã, mesmo encaixando nas fontes de energia que temos. Não carrega.

Espera, Ewa, acho que está carregando, não tira da fonte, acho que a recharge não é automática.

Ela mexe os braços comemorando, como gosta de resolver um mistério essa minha irmã.

Liga, liga. Já dá pra ligar.

A tela ilumina, surge WELCOME, apaga, e volta a acender. Toco na tela para ver se aparece algum comando, alguma coisa, por segundos não aparece nada, é muito lento. Surgem símbolos.

Preme esse.

Qual?

Esse, Ewa.

Ela aponta para a ?. Surge BORN piscando em verde. Várias luzinhas pipocam na tela. Ficamos em silêncio esperando que mais alguma coisa diferente apareça, mas só aparece WELCOME de novo depois que as luzinhas cessam e os símbolos voltam a tomar a tela. Clico no símbolo do envelope, que agora tem uma notificação e há um vídeo armazenado. Meu dedo chega a encostar no vídeo, mas não pressiono. Todo o meu sentido passa para os barulhos vindo da Caixa.

Ouvimos os sons dos fios crioprotetores sendo removidos. Como uma aparição no meio da fumaça de nitrogênio, um dos urnados saiu da caixa.

Paralisei. Mas o ex-urnado não se assombrou ao nos ver, só ficou piscando os olhos, andou sem jeito até o painel e pegou o aparelho de análise, que naquele momento piscava uma luz vermelha. Olhou na tela, teclou várias vezes, não se ouvia mais barulho nenhum vindo de dentro da caixa. A mandíbula contorceu, como se ele quisesse falar e não conseguisse. Em seguida, caiu desacordado.

Passei uma mensagem para C12-A1. Como ela demorou a replicar, implorei para Zaira voltar para a Fazenda e avisar alguém sobre a nossa situação de ter um alóctone desacordado no chão.

O ex-urnado demorou três dias para acordar. Tinha sido carregado para a Fazenda e mal conseguia respirar. Assim que o sistema dele entrou em equilíbrio com o ecossistema natural, ele despertou meio enfraquecido, mas acabou melhorando um pouco o estado com alguns dias. Para ter a mesma capacidade física que as hiabanes, levaria semanas.

C12-A1 me dispensou da vigília do Projeto Pirambóia, e ela mesmo se responsabilizou pela vigília até nova consulta de Anun.

E assim as coisas começaram a mudar. Primeiro, o ex-urnado quis a melhor moradia, e como todas são iguais, ele disse que levantaria uma casa grande para ele, logo em breve acordaria as outras pessoas e elas precisariam de espaço. Eu ri, porque eles moram em uma urna, deviam estar acostumados com espaços mais apertados que a nossa moradia. Aí, ele mandou uma das Bonas cozinhar uma coisa chamada bife, e quando percebeu que elas não faziam ideia do que ele estava falando, chamou-as de imprestáveis. Eu presenciei tudo, e contei para Anun. Ele disse: *Só faça seu trabalho, não se intrometa.*

Em seguida, as roupas e os pertences do “Seu João” (como ele queria ser chamado) foram trazidas do Projeto para a Fazenda. E não sei como de hóspede adoentado ele passou a ser o “chefe”. Acordou os bichos, e construiu um cercado para eles com um mutirão, tudo com anuência de Anun, a quem as pessoas ouviam sem questionar.

Zai passava o tempo dela ouvindo as histórias contadas pelo “Seu João”, e só eu estava indo ver as duas pedras.

E veio as outras pessoas, levaram o mesmo tempo adormecidas antes do corpo se acostumar. A “Dona Cláudia” tossia o tempo todo, mal-acostumada com o nosso clima e Anun fazia remédios para ela.

Toda a nossa vida passou a circular em volta da nova família. Quanto mais se recuperavam, mais trabalho demandavam.

Era por volta do horário do almoço. As pessoas descansavam antes de voltar para o último ciclo de trabalho do dia. Eu devia estar ajudando Anun a fazer

remédios, a pisar algumas ervas. Só que resolvi adiar um pouco a tarefa e fiquei no meu recôndito. Precisava ler e pesquisar sobre o Acontecimento. Acessei duas bibliotecas e não achei nada relevante.

E aí, menina.

Uma voz pouco familiar. Um deles. O filho.

O que está fazendo aqui?

Ué, aqui tudo é coletivo. Então posso estar aqui sem pedir permissão.

Não ri da suposta piada.

Você é antipática, né. Não fala com a gente, fecha a cara toda vez que passo por você.

Fechei as pesquisas e guardei meu robô. A minha câmara parecia agora ser um ambiente nóstico, como se aquele jovem ali, quase do mesmo tempo de idade que eu, respirasse todo o oxigênio e exalava de volta gás venenoso. Na urna, a visão do rosto dele não dizia nada, mas agora, aparentava um animal esfomeado.

Levantei para sair dali, ele foi mais rápido.

Para que a pressa, bonitinha? Você precisa aprender a ser mais gentil. E vou te ensinar.

Consegui me desvencilhar das mãos que agarravam meus pulsos. Corri para fora dali sem olhar para trás.

Entrei na morada de Anun para ver se Zaira estava lá, e estava. Precisava do talento de camuflagem da minha irmã para pegar algo emprestado dos ex-urnados. Ela só concordou porque curiar é mais forte que o hiperfoco sobre os mortos-vivos. Eu e Zai nos encontramos nas duas pedras irmãs. Ela trouxe o que pedi. O artefato que encontramos no Projeto Piramboia. A minha intuição dizia que ali teria informações para decifrar aquelas pessoas, pois de fato não entendia o modo de pensar e agir delas.

Procurei o símbolo do Embornal. A bateria estava perto do fim, não teria muito tempo para ficar procurando, fui direto para o vídeo que tinha visto antes. A tela piscou e exibiu o vídeo. Aparece um título CARTA FECHADA AOS FILHOS HONRADOS DE DEUS, logo após, surgiu pixelado a imagem de um homem branco adulto num fundo verde. Não é uma imagem nítida. Apesar disso, consegui distinguir a voz da pessoa que mais tem falado nos últimos tempos. É ele mesmo, o “Seu João”. Acena a cabeça e começa a falar depois de 3 segundos de vídeo rolando.

Nós somos os filhos honrados, a quem Deus deu o dom da sabedoria. (chiado) Somos os escolhidos, e nossas células herdarão o mundo. (pausa) Quando a maioria

das religiões mantinham querelas intermináveis com a Ciência, nós entendemos o propósito dos Céus. (pausa) (chiado) Sabemos que algo ruim vai acabar com as possibilidades de vida farta em um futuro próximo. Os pecadores sofrerão. (imagem congelada) (áudio sem imagem) Nós, os escolhidos, e os outros irmãos espalhados pelo mundo se preparam para viver na nova era. A Terra do Amanhã. Aqueles que sobreviverem serão fracos, mas nós, os escolhidos, nasceremos mais fortes, não sentiremos dor e o nosso poder de sobrevivência dominará quaisquer outras formas de vida restantes. Nós somos o futuro. E o futuro é a esperança. (imagem descongela) Eles disseram que não poderemos sentir dor por causa do procedimento, mas que não devemos ter medo. Vamos ser a metamorfose do mundo!

Depois, apareceu um hiperlink para baixar INSTRUÇÕES DE COMANDO PARA A SUA NOVA VIDA. Cliquei.

O que acabamos de decodificar é tão ruim quanto o Sol não brotar nunca mais. Não consegui evitar o vômito. Eles pretendem subjugar o nosso povo, é a principal instrução, “subjugar e fazer servos os filhos dos pecadores da Terra”. Zaira segurava as minhas tranças para não sujar.

Mas como eu disse, esta ainda não é uma história sobre o fim do nosso mundo.

05



ATAQUE DOS GERSONS

Um conto sai-fai
de **Pedro Drable**
ilustrado por
Raphael Salimena





ERA DIFÍCIL TER CERTEZA POR CONTA DA MÁSCARA DE BIOPROTEÇÃO, mas Milto poderia apostar que sua supervisora estava revirando os olhos.

— Vai dizer que você nunca pensou nisso, chefe? A roupa de isolamento vai até o joelho e o coturno sobe até o tornozelo. Por que a gente trampa com as canelas de fora? É muito ridículo — concluiu o agente no banco de carona.

— Ridículo é saber disso tudo e usar meia estampada no trabalho — respondeu Danuza, com proporções iguais de paciência com o rapaz e felicidade por ter que atender uma chamada sábado de manhã. Milto ajeitou suas meias pretas de poá verde, orgulhoso do desafio ao *dresscode* da companhia.

O uniforme de borracha e o visor polarizado não permitiam que Milto tivesse uma ideia clara da idade de Danuza, mas sua voz soava como a de alguém que fumava *vapes* de péssima qualidade. Já Danuza tinha certeza de que Milto era jovem, apenas pelo tanto que o agente era capaz de irritá-la com pouco ou nenhum esforço.

— Supervisora Danuza... gostaria de acionar... o sistema automático de navegação? — disse uma terceira voz, metálica e sorridente. A pausa entre frases era curta, mas suficiente para destacar a economia feita pela firma nos chips de processamento daquele modelo de assistente.

— Eu juro que se isso me chamar de “Supervisora Danuza” mais uma vez... — sibilou Dan.

Sem inteligência semântica para interpretar ameaças, o assistente robótico BeZ-05 piscou seus olhos de cor azul cobalto e seguiu aguardando a deixa para

ser prestativo, amigoso e eficiente, como determinava sua programação. Milto se esticou e apoiou um pé displicente no painel do furgão.

— BeZ, alteração de protocolo de nomenclatura para Supervisora Danuza. Novo protocolo de nomenclatura: Dan — disse o agente.

— Novo registro... cadastrado no sistema. Supervisora Danuza... você aceita a mudança de protocolo de nomenclatura para... Dan?

— ...tá, foda-se —, respondeu a supervisora enquanto dava um tapa na bota de Milto para que ele sentasse direito. — E você, vai mudar seu nome? — disse a mulher.

— Já mudei. Olha isso. — Milto estalou os dedos e apontou para a máquina. — Fala tu, BeZ, meu parceiro! — disse o agente.

— Fala tu... Miltinho, meu camarada — respondeu BeZ-05, de forma prestativa, amigosa e eficiente. Danuza apertou o volante com mais força e imaginou diversas maneiras de esfregar o robô e o bom humor de Milto, mas resolveu seguir dirigindo.

A 20 minutos do destino, BeZ começou a projetar um holograma com informações do chamado de emergência. Acompanhando a projeção, a voz animada e irritante do locutor oficial da ReplikLimp começou a falar:

— Olá, equipe ReplikLimp KMN-501! Sua tarefa de hoje será atender ao chamado da empresa AquaVitae77. A contratante produz bebidas com potencial de cura espiritual através de energ-

Dan interrompeu a introdução com um gesto e avançou para os detalhes do incidente: uma falha na replicadora da empresa.

Graças a uma lei de transparência de dados que surpreendentemente não foi derrubada pelo lobby das empresas de tecnologia genética, os detalhes sobre o surgimento das replicadoras estão disponíveis em portais de conteúdo gerenciados pelos fabricantes. Em contrapartida, como as leis não especificam a qualidade desses portais, a informação está seguramente enterrada em interfaces tão amigáveis quanto um beco mal iluminado às três da manhã na parte mais perigosa da cidade.

A informação disponível é a seguinte: as replicadoras foram desenvolvidas a partir de estudos revolucionários sobre clonagem e impressão 3D. Elas interpretam dados genotípicos escaneados em qualquer lugar do planeta e produzem *proxies* de pessoas para as mais variadas funções, chamadas *réplicas*. Uma réplica é capaz de reter características e conhecimentos do corpo original, além de adquirir novas informações que, depois, podem ser implantadas na memória do organismo de origem.

Quando os primeiros protótipos foram anunciados, as replicadoras chamaram a atenção imediata de dois setores pioneiros na adoção de novas tecnologias: a indústria bélica e o setor de filmes e entretenimento adulto.

Um batalhão de supersoldados replicados invadindo cavernas num deserto de algum ponto já empobrecido do mundo era um sonho de criança para generais em todo o planeta. No entanto, a fase de testes revelou três obstáculos.

O primeiro era inerente das replicadoras antigas, e associado a uma herança tecnológica das impressoras: panes aleatórias. Eventualmente, uma réplica saía um pouco mais baixa que o original, ou com a voz mais grave que o original ou com ideais anarquistas mais aflorados que o original, o que costumava resultar em enormes escândalos de relações públicas. Os modelos mais novos sofriam do mesmo defeito, mas esse fato era menos conhecido graças a um projeto inteligente de contrainformação das empresas responsáveis.

No entanto, mesmo as mais estáveis e bem-produzidas réplicas ainda tinham uma segunda condição difícil de ser contornada: a “febre do Sentido”. Assim como suas contrapartes naturais, toda réplica tem embutida, em algum pedaço inconveniente do cérebro, a grande coleção de perguntas existenciais que assola a humanidade desde sempre: O que somos? Para onde vamos? De onde viemos? Por que nenhum guarda-chuva funciona direito? Qual o sentido da vida se todos vamos morrer? Essas e outras questões se acumulam num mal-estar crescente que rompe em surtos de loucura nas réplicas próximas do fim de seu tempo útil (cerca de 9 horas, convenientemente uma jornada de trabalho com meia hora de almoço e dois intervalos de banheiro).

Para a indústria bélica, isso era grave. Depois de algumas horas de combate, os batalhões de supersoldados se esvaíam em poças gelatinosas e febris, alguns assumindo posições fetais e se entregando ao abraço inescapável da morte; outros fugindo em busca de liberdade; outros se embrenhando em debates existenciais e muitos ainda se reunindo em tentativas infrutíferas, porém vigorosas e bastante criativas, de reprodução coletiva. O setor de filmes e entretenimento adulto criou um novo e lucrativo segmento de vídeos com base nesse último fenômeno.

Mas o real problema da tecnologia era o custo da matéria prima que alimenta as replicadoras: uma substância viscosa e muito, muito cara, com o nome técnico Genetic Replication Universal Base™. Para encurtar, grub.

A solução para o derradeiro obstáculo foi descoberta de forma acidental, por uma simpática senhora do time de manutenção de jalecos de um laboratório. Um processo químico relativamente simples envolvendo vinagre e bicarbonato de sódio se mostrou eficaz para a purificação e reutilização quase infinita da substância. Isso abriu uma nova oportunidade para empreendedores: o serviço de recuperação de grub.

Uma vez superada a questão do preço, as replicadoras atingiram a grande massa, sendo relançadas como uma alternativa eficiente para viagens de longa distância e inaugurando um novo conceito de mercado: *esteja lá* sem ter que *ir para lá*.

As réplicas de grub passaram a ser usadas por multinacionais que precisavam enviar especialistas para lugares remotos ou reunir funcionários em algum ponto do planeta para simpósios, workshops e eventos de fim de ano. Era como mandar um clone para a festinha da firma, e depois usar o que havia de mais avançado em neuro-engenharia para recuperar as fofocas sobre quem foi para casa com quem e quais convidados perderam a linha no *open bar*.

Ainda que os dois problemas originais permanecessem inalterados, o relançamento foi um estrondoso sucesso, abrindo o mercado para centenas de novas empresas especializadas na contenção dos seus acidentes colaterais.

Dan e Milto seguiam em direção à firma contratante como uma equipe terceirizada da ReplikLimp, uma startup especializada em recuperação de grub. A eles, cabia a tarefa de livrar a contratante de qualquer réplica defeituosa que estivesse causando problemas, por meio do uso calculado, ético e legalizado de força letal. Depois do desligamento forçado da réplica, as estruturas moleculares se desfaziam e o grub voltava a ser um semifluido viscoso e fumegante. O líquido era recolhido e processado por BeZ-05, o robô assistente que sugava o material através de cânulas pontudas na ponta de bracinhos mecânicos ligados a um corpinho ovóide, que se locomovia como um pinguim muito prestativo, amistoso e eficiente.

O holograma com os detalhes do chamado passou a mostrar as câmeras de segurança do escritório. Era uma construção ampla de planta linear e aberta, com um projeto arquitetônico que conciliava ideais de desprendimento material e iluminação espiritual a um montante vergonhoso de dinheiro.

Para equipes da ReplikLimp, biombos e salas fechadas facilitam o trabalho. Basta cobrir o prédio com uma lona, jogar algumas latas de fentanil no ar-condicionado central e deixar a natureza seguir seu curso. Esse prédio era diferente. Tinha um pé direito imponente, belas árvores que se integravam às áreas internas, enormes janelas por onde passava a brisa da tarde, salas de recreação para adultos e jardins amplos e convidativos. Certamente, uma construção magnífica, não fosse o caos e a destruição causados pela pane na replicadora.

— Tempo de ativação da réplica zero? — perguntou Danuza.

— 6 horas e 43 minutos — respondeu BeZ.

— Volume de grub bioativado desde a réplica zero? — retrucou a supervisora.

— 1754 litros — disse o robô.

— Isso dá, tipo... umas vinte réplicas? — calculou Milto.

— Se todas forem do mesmo tamanho, por aí. Mas a gente vai ter que descobrir lá. Ajeita o equipamento, a gente já vai chegar. — ordenou Dan.

— BeZ, meu parceiro! Aciona o baú de limpeza pra mim, irmãozinho? — disse Milto, enquanto sua cadeira virava em direção à parte traseira do furgão. O robô saiu do modo de transmissão.

— Comando confirmado... Miltinho, meu camarada.

BeZ se conectou ao furgão e a parede de metal atrás dos assentos se retraiu, formando um ambiente espaçoso no fundo do carro. Uma grande caixa se abriu na lateral. Milto deu um impulso com os pés e a cadeira do carona se desprendeu do eixo, sendo guiada por trilhos elétricos até o baú. De lá, o agente passou a checar minuciosamente o equipamento usado para contenção de réplicas.

Da caixa saíram itens similares a submetralhadoras, escopetas, granadas, escudos antitímpano e outras traquitanas penduradas em coletes táticos. Um transeunte desavisado olharia as peças e pensaria se tratar de um arsenal de guerra. O transeunte estaria certo.

— Sempre achei isso meio caído — disse Milto, pegando as armas. — Quer dizer, não dá pra conversar com eles? Explicar que são réplicas e que vão se dissolver de qualquer jeito. Reunir todo mundo numa sala, passar um filme legal pra galera, sei lá.

Dan já tinha deixado a direção para o sistema de navegação e estava de pé ao lado do agente.

— Se você fala pra uma réplica que ela é uma réplica, ela enlouquece de vez. Com menos de duas horas pra expiração, vai ser como convencer um gato a entrar numa banheira de gelo. Com arranhões piores — concluiu Dan, enquanto começava a vestir o próprio colete.

— E para que mandar a gente? O BeZ não pode ir sozinho? — perguntou Milto, prendendo a bandoleira de uma escopeta.

— A regra... 448 do manual de conduta ReplikLimp indica que... todo serviço de controle de réplicas deve ser acompanhado... por colaboradores passíveis de responsabilização judicial. — adiantou-se o robô.

— Podiam fazer uma réplica minha então... — murmurou o agente.

— Podiam mesmo. Uma réplica que CALE A BOCA E SE CONCENTRE NA PORRA DA MISSÃO — disse Dan, com a voz macia de um segurança de casa noturna. — ...azedo — disse o agente baixinho, enquanto ajeitava suas meias outra vez.

O furgão azul cobalto da ReplikLimp parou na sede da AquaVitae⁷⁷. A porta traseira abriu, formando uma rampa coberta por uma fumaça branca e densa. A fumaça não tinha função prática, mas era um jeito impactante de diferenciar a chegada de uma equipe ReplikLimp. E era mais segura que as rajadas de fogo azul do ano anterior, apesar de fazer menos sucesso com as crianças.

Dan e Milto saíram do furgão. Armas e aparatos de todos os tipos se penduravam no colete tático vestido por cima do macacão de bioproteção azul, criando duas figuras imponentes. Atrás dos agentes, vinha BeZ, com seu balançar amistoso e olhos cintilando no azul característico da companhia. Os três desceram a rampa e foram até uma mulher que liderava o atendimento aos funcionários.

— Maravilha! Vocês chegaram! — disse a moça, mais contente do que o esperado numa crise.

— Bom dia, senhora. Eu me chamo Danuza e esse aqui é o Milto. Como a ReplikLimp pode fazer seu dia mais LIMP hoje? — adiantou-se Dan, recitando a frase do protocolo de atendimento com o máximo de simpatia que podia conjurar num sábado.

— Ah, sim, muito obrigada por terem vindo! — disse a funcionária sorridente. — Meu nome é Rosana, eu sou do time de Gestão de Gente e, bem, eu sou a responsável pelo evento que aconteceria hoje! Mas como vocês podem ver, a replicadora deu um probleminha e as coisas ficaram mais... animadas do que eu planejei! — Ela riu, com um semblante de alegria que só o mais puro desespero pode produzir.

— Pode dar mais detalhes, senhora? — respondeu Danuza.

— Eu não sei muito bem o que aconteceu, mas um dos sócios foi replicado de novo, e de novo... nós tentamos fechar a máquina e acionar o sistema de segurança, mas um deles segurou a porta e alguns menores começaram a passar... e quando eu vi, era melhor ligar pra vocês, né?

— Rosana gargalhou, em pânico.

— Alguma réplica saiu do prédio? — indagou Milto.

— Não. Acho que não. — ela respondeu.

— Pelo tempo de expiração, eles não devem ter começado a fugir ainda. BeZ, faz uma barreira elétrica no perímetro. Vamos segurá-los aí, pelo menos — ordenou Danuza.

O robô emitiu um som afirmativo e voltou ao furgão. De súbito, seis drones desacoplaram do teto do carro e subiram acima da altura do prédio, com enormes fios pendendo ao chão. Cada drone se posicionou em uma extremidade da construção. Em seguida, os fios começaram a emitir um zumbido grave e ameaçador.

— Eu vou pedir que a senhora leve todo mundo para longe do prédio. Essa barreira vai reagir a qualquer coisa orgânica que tente passar e não esteja vestindo uma roupa isolante — disse Danuza, municiando sua escopeta.

— Vocês vão... matar eles? — perguntou a funcionária.

— Réplicas de grub não podem ser mortas porque legalmente não são seres vivos, senhora. Vamos apenas recuperar o grub defeituoso. É como desligar um micro-ondas pegando fogo — respondeu Dan. A funcionária pareceu intrigada.

— Nesse caso... será que vocês não vão precisar, sei lá, de ajuda? Quer dizer, eu sei a planta do prédio. E eu conheço o Gerson, o sócio que foi replicado. Sei as coisas que ele gosta de fazer. Os lugares do escritório que ele costuma ficar. Talvez eu possa ser útil para... desativar as réplicas — disse Rosana, com um brilho mórbido nos olhos.

— Desculpe, senhora, mas é um trabalho perigoso — respondeu Dan.

— Não se eu estiver com uma dessas — disse a funcionária, apontando para a arma nas mãos da supervisora.

— Senhora... — suspirou Danuza, abandonando o protocolo. — Eu faço esse trabalho há 11 anos. Já vi todo o tipo de acidente acontecer. A senhora não seria a primeira nem a última vítima da quebra de normas de segurança não autorizada pelo seguro da replicadora. A senhora pode se ferir. Ou ficar com traumas vendo o desligamento das réplicas do seu colega. E, com certeza, vai perder a garantia que cobre todos esses danos — encerrou a supervisora.

— Ah, sim, claro, a garantia. E o Gerson, óbvio. É uma pessoa tão... especial no nosso quadro. Tão prestativa. E eloquente! Precisa ver como ele gosta de conversar... e de fazer massagens nos ombros dos outros. Mesmo quando a gente nem está esperando. Realmente, seria horrível explodir uma réplica dele. Horrível — disse Rosana, murchando enquanto se dirigia de volta aos colegas de trabalho.

Milto e Danuza fizeram uma última checagem no equipamento.

— BeZ, destravar sistemas de limpeza — disse a supervisora.

— Sistemas destravados. A ReplikLimp deseja um bom serviço aos seus colaboradores! — respondeu o assistente.

As armas destravaram. Luzes se acenderam nos visores. Agora, cada agente podia ver um mapa do prédio, bem como informações sobre o parceiro de trabalho e o assistente robótico. Uma reconstrução virtual de Gerson surgiu no canto inferior direito da visão de ambos. Era um homem de cerca de 52 anos, atarracado, de bigode farto e semblante branco avermelhado, típico de quem carrega consigo um problema cardíaco não diagnosticado.

De acordo com o arquivo, Gerson era um dos sócios fundadores da empresa, da época que a firma era apenas uma engarrafadora de água mineral. O homem era diretor de logística da AquaVitae77. Seu corpo original estava em torpor induzido no centro de distribuição da empresa, que ficava em outro continente.

O que o arquivo não dizia é que não havia necessidade real em construir o centro de distribuição tão longe da sede. Mas como os custos eram factíveis, foi uma forma inteligente de afastar o sócio do dia a dia da empresa sem criar problemas judiciais. A solução durou até que alguém do RH teve a brilhante ideia de adquirir uma replicadora para facilitar a vinda de funcionários remotos à sede e aumentar o *espírito de equipe*. Desde então, sempre que havia qualquer confraternização, por menor que fosse, Gerson se fazia absolutamente presente.

Assim que a dupla entrou no prédio, o cheiro de plástico derretido revelou a posição do primeiro grupo de réplicas. Alguns Gersons estavam curvados em volta de uma fogueira de bronze que adornava a entrada do escritório. Consumidas pelas labaredas, várias quentinhas roubadas da copa comum queimavam no centro da peça. As criaturas eram como versões primitivas do Gerson: tinham braços fortes e grossos, mandíbulas quadradas e cabeças afundadas na caixa torácica.

Péssimo sinal. As réplicas eram irregulares.

Os Gersons se empurravam e urravam, alguns hipnotizados pelas chamas, outros tentando pegar nacos do alimento sendo consumido pelo fogo. Danuza não esperou que eles reagissem e deu duas rajadas precisas com uma submetralhadora magnética nos Gersons de costas para ela. A vantagem das armas magnéticas é que os projéteis são silenciosos, porém tão letais quanto os de uma arma comum. Assim, as réplicas não se assustavam e os clientes do lado de fora não ouviam o que estava acontecendo lá dentro. E, claro, por não haver pólvora, havia menos emissão de gases de efeito estufa, o que sempre cai bem no relatório de sustentabilidade.

Milto estava alguns passos à frente de Dan, carregando um escudo e uma pistola de mão. Graças ao visor inteligente, ele sabia exatamente quais Gersons estavam sendo desativados por Dan, o que tornava os outros seus alvos prioritários. O agente derrubou um Gerson com um tiro no rosto e o segundo com três disparos

no torso. A última réplica do círculo foi a primeira a ter tempo de reagir. Acuado, o Gerson sobrevivente se jogou por uma janela, mas foi desintegrado pela rede de alta voltagem na área externa do prédio.

Do lado de fora, alguns funcionários ficaram curiosos sobre o que foi aquele vulto que fez *bzzzt* e sumiu, mas o dia já tinha sido muito estressante e eles preferiram não dar muita atenção a isso.

— Perdemos um — reclamou Danuza.

— Tá tranquilo, chefe. Tem mais uns quinze? Dá pra tirar uma comissão boa ainda — respondeu Milto.

Enquanto os agentes investigavam o hall de entrada, os corpos agonizantes iam se liquefazendo em uma gelatina translúcida e borbulhante. BeZ se bamboleou entre os escombros e aspirou cada gota de grub. Depois de uma certa quantidade, o robô fazia um barulho similar ao de um processador de alimentos e expelia uma pastilha ultra condensada de grub sólido pela parte de trás do seu corpo. Até hoje, há teorias de que o sistema de condensação de grub na traseira do robô foi uma elaborada piada interna do time de design.

Danuza e Milto avançaram para outra sala e foram surpreendidos por um grito agudo vindo de cima. Dan atirou sem pensar. Uma ave branca com um penacho amarelo na cabeça caiu morta aos pés da dupla.

— Merda! Quem cria a porra de um papagaio num escritório?! — exclamou Dan.

— É uma cacatua, chefe — respondeu Milto.

— NÃO FODE, MILTO — disse a supervisora, mais alto do que devia.

Por alguns segundos, o único som em todo o ambiente era o ploc ploc de mais alguns discos de grub sendo excretados por BeZ.

De súbito, um trepidar crescente serpeou pelo chão, seguido pelo estouro de uma grande janela que dava para um jardim japonês. Uma das pedras que compunham o cenário zen tinha sido arremessada com violência contraditória na direção da dupla, seguida de outros destroços. Milto se antepôs aos projéteis e apertou um botão no escudo, fazendo a peça se desdobrar em placas mais finas de metal, com maior área de cobertura. Pela fenda frontal, o agente viu uma horda de criaturas horrendas avançando.

— Mais irregulares, Dan, e são muitos! — gritou o agente.

Dan olhou de relance e viu dezenas de pequenas cabeças correndo apoiadas em oito braços longos, como uma mistura infernal de aranhas e Gersons. Em um

movimento rápido, a mulher tirou um cilindro laranja do colete, encaixando a peça na sua escopeta.

— Isso vai foder com o bônus de missão carbono zero — reclamou Milto, repetindo a ação da supervisora. O agente bateu com o escudo no chão e duas travas em forma de broca parafusaram a proteção no solo. A onda de Gersons se aproximou, e incontáveis braços se esticaram na tentativa de massagear os agentes até a morte.

Um enorme jato de fogo saiu da escopeta de Dan, obliterando todas as réplicas em seu caminho. Logo, outra língua de fogo se juntou à primeira, saindo do bico da espingarda de Milto.

As chamas frearam a onda de aranhagersons, que se debatiam no calor causticante. Assim que todas as criaturas viraram poças de grub, BeZ surgiu com seu cambalear simpático, apagando focos de incêndio com jatos de pó químico e sugando a geleia borbulhante, para expelir mais discos compactos.

Ploc. Ploc. Ploc.

— BeZ, quanto grub ainda falta? — perguntou Dan, esfregando o coturno no chão para tirar o líquido viscoso do solado.

— Recalculando... Estimativas atualizadas. Grub em estado de bioativação... 224 litros — respondeu o assistente.

— Tudo bem... mais uns três normais ou uns doze desses menores — calculou a supervisora.

— Pode ser um grandão também — disse Milto, seguido de imediato por um berro gutural ensurdecador vindo do espaço de eventos no fundo do prédio. Dan fulminou o agente com os olhos. — É, isso aí não parece uma cacatua não — comentou o jovem.

A dupla foi em direção ao barulho. Uma enorme cabeça de Gerson do tamanho de um carro, presa a um corpo desproporcionalmente pequeno, ocupava quase todo o mini palco de eventos da firma. De lá, a criatura falava numa língua incompreensível, enquanto agarrava um metal retorcido que já tinha sido um pedestal de microfone um dia. O ambiente estava repleto de pallets com garrafas de AquaVitae⁷⁷, móveis de escritório destruídas e buracos espalhados pelas paredes e teto. Eles se aproximaram com cautela, tentando não chamar atenção da grande réplica.

Ploc.

BeZ tinha terminado de sugar a última poça de grub da sala anterior, e expeliu um disco condensado ao lado da porta. Por impulso, a criatura olhou na direção

do som e viu os dois agentes. Danuza e Milto abriram fogo com armamento pesado, mas os ossos da cabeça do grande Gerson eram espessos demais para serem penetrados. A criatura se contraiu e berrou, projetando um spray de líquido pegajoso na direção da dupla. O agente mudou a configuração do escudo para uma forma circular com haste central, na tentativa de criar uma barreira de proteção sobre a dupla. Dan saiu ilesa, mas Milto não teve a mesma sorte. A gosma caiu na sua perna esquerda, derretendo a roupa de bioproteção e a pele do agente, que ajoelhou de dor. A supervisora conseguiu apoiar o escudo em uma fileira de cadeiras, usando a haste como suporte para improvisar uma cobertura para o parceiro.

— Filho da puta, minha meia! — esbravejou o agente. Dan sacou um tubo pequeno do colete e puxou cerca de um metro de bandagem, fazendo um curativo rápido na perna de Milto.

— Isso vai neutralizar o ácido, mas você precisa ficar parado — disse Dan.

— Porra, como você vai derrubar essa coisa sozinha? — perguntou o agente ferido.

— É por isso que eu sou a chefe, Miltinho — disse a supervisora, dando um tapa amistoso no ombro do jovem.

— BeZ, eu preciso de um drone da barreira elétrica aqui dentro, AGORA — a mulher berrou no comunicador enquanto se movia pela sala.

— Negado... Operação de drones de perímetro em áreas internas pode colocar em risco o...

— ISSO É UMA ORDEM — disse Danuza.

— ... revogando protocolo de segurança. Drone em busca de... ponto de acesso.
— respondeu BeZ, de forma prestativa, amistosa e eficiente.

Danuza correu de um ponto a outro do salão, chamando a atenção do monstro. O grande Gerson se contorcia, preparando outra chuva de ácido.

— Vamo, seu bosta, olha pra mim! — Danuza berrava para que o ser não notasse Milto, indefeso debaixo de um escudo que não resistiria a outro ataque. A supervisora atirou diversas vezes na criatura, fazendo lacerações que serviam mais para irritar o monstro do que qualquer outra coisa. O grande Gerson se preparou para cuspir um jato mortal no serzinho azul que o importunava da plateia.

Até que um drone entrou na sala por um dos buracos feitos pelo ácido, carregando atrás de si um longo fio elétrico. Dan seguiu atirando em direção ao palco, e a fera não sabia mais qual dos dois insetos atacar. Foi quando o grande Gerson percebeu a poça d'água sob seus pés.

Um pallet de garrafas AquaVitae77 no palco vazava por dezenas de furos de bala, cortesia dos disparos de Dan.

A pouca inteligência da criatura foi o bastante para entender o que aconteceria, mas seu corpo não era ágil para sair da água a tempo de evitar o toque do fio de alta tensão. A descarga elétrica foi tão forte que o drone explodiu, abrindo um enorme buraco na cabeça do monstro, que já estava derretendo depois de milhões de volts fritarem seu sistema nervoso.

— Recalculando... Estimativas atualizadas. Grub em estado de bioativação... O litros — disse o assistente robótico enquanto se preparava para transformar mais uma gigantesca poça de grub em discos sólidos e práticos de carregar.

Dan saiu do prédio ajudando Milto a caminhar. Depois de algumas horas de trâmites burocráticos, assinaturas, registros fotográficos e condolências pela perda de Praline, a cacatua da empresa, os agentes finalmente puderam concluir o chamado. Os dois entraram no furgão, acompanhados de BeZ, que já tinha enchido três reservatórios de discos de grub prontos para purificação. Dan ligou o sistema de navegação e se largou na cadeira.

— Porra, hoje foi foda — disse Milto. — Minha meia, cara... — lamentou o agente.

A supervisora teria rido, mas aquela missão tinha despertado algo nela. Danuza era experiente o suficiente para saber que nada de muito empolgante a aguardava no futuro. Mas Milto era jovem. Não fazia sentido arriscar uma vida com tanto pela frente em um trabalho de tantos riscos e tão pouco retorno. Ela sentia crescer no peito o ímpeto de falar para o jovem abandonar seu emprego e buscar sonhos maiores. Fazê-lo entender que a vida era mais do que aquilo. Ou, ao menos, que para ele poderia ser.

Decidida, Dan se virou para o parceiro, mas só o que viu foi o uniforme de Milto murchando na cadeira. Então, ela notou uma dor fraca, mas incisiva na sua panturrilha: a cânula de BeZ estava espetada no local entre o fim do uniforme e o início do coturno. Era um espaço conveniente para a inoculação de uma toxina que interrompe a bioativação de grub. Dan sentiu uma febre súbita e sua consciência foi engolida por uma forte luz azul cobalto, acompanhada de um ruído mecânico parecido com um processador de alimentos.

Ploc.

Ploc.



06



MICÉLIO/ MAR

Um conto sai-fai
de **Márcio Moreira**
ilustrado por
Aislan Pankararu







1.

— O QUE TU ACHA?

Adhara indicou a planta no centro do pequeno canteiro. Era uma macaxeira, Centi reconheceu as folhas compridas, mas havia algo novo entrelaçado ao familiar. Manchas amarelas felpudas corriam a haste como pegadas minúsculas. Do limbo, pequenas protuberâncias se estendiam como dedos ocultos cavando à superfície. O jovem sentiu um arrepio.

— Eu, ah... — ele começou.

Centi havia sido chamado naquela tarde para o Terrário, o grande laboratório do Nodo. Não visitava o lugar desde os tempos de broto. Também não lembrava daquele canteiro, isolado no fundo do complexo, ou da mulher que o encarava agachada ao lado da planta mutante.

— Não sei o que é isso — confessou, enfim. Adhara examinou o rapaz com interesse.

— Tu deve lembrar do partimento... obrigado — ela disse, enquanto Centi a ajudava a se pôr de pé. O ventre inchado de grávida tolhia seus movimentos — ... sendo recém-maduro.

Adhara não esperou resposta:

— Milhões de anos atrás, éramos organismos unicelulares no fundo do mar. Estes organismos se multiplicaram, se tornaram complexos, e decidiram rastejar até a terra...

— Onde se dividiram em várias espécies. Da mesma célula, nasceu toda a vida — Centi interrompeu, citando de cor a história de criação. Ele sabia. - Animal, planta, fungo...

— Do um, o múltiplo. É isso que eu estudo, Centi. Como a natureza encontra o caminho de volta. Simbiose.

— Como a Rede? — ele perguntou.

— Um pouco como a Rede, sim. Olhe, a vida inteira é uma teia de conexões — a mulher andou até uma mesa próxima e pôs-se a mexer em suas ferramentas. — As mitocôndrias, por exemplo. Essenciais para a respiração celular. Responsáveis por dizer ao organismo quando é hora de morrer.

Então, ela ergueu uma pinça de madeira.

— Mas mitocôndrias têm seu próprio DNA, passado da mãe para os filhos. Provavelmente, elas foram organismos separados um dia, mas hoje são parte de nós — Adhara ofereceu a pinça ao rapaz. — Tu quer saber o que é isso? Então precisa olhar por dentro.

Desconfiado, Centi agachou-se ao lado da planta. Aqueles não eram fungos que ele conhecia. Talvez tivessem vindo de outro lugar. Das bandas do mar. Ele perfurou a maior das protuberâncias verdes, “ah!”, afastou-se num pulo. O pequeno fungo havia disparado uma nuvem de esporos coloridos, que se espalhava pelo ar como um arco-íris dançante.

— Imagina tudo o que ainda podemos fazer além da Rede — disse Adhara.

As folhas da macaxeira se dobravam delicadas na direção dos esporos que rodopiavam no ar. Centi passou a mão entre o farelo de estrelas, boquiaberto. Então, virou-se para a mulher.

— E serve pra quê?

Adhara sorriu.

— Por favor, — ela disse — me conta o que tu viu de manhã.

2.

Centi gostava de levantar-se antes do sol. Apreciava o silêncio dos caprinos e o molhado de orvalho na barra da calça. O amanhecer, achava, dava clareza para entender o mundo antes que ele acordasse. Podia correr os tanques de spirulina e avaliar os irrigadores, visitar os bebedouros e alisar os cabelos dos pés de milho.

Então, ele se sentaria em sua cadeira no nervo do campo, o centro de processamento da Rede de micélios. Centi cultivava a terra como todos os outros, mas gostava mesmo de observar nos monitores o fluxo do ecossistema. Era como afastar a cortina branca da caatinga e assistir à conversa entre as árvores lá atrás. Passaria horas navegando pelo rizoma, observando movimentos e padrões, traçando a trama das forças da mata...

Até enxergar, ou pelo menos sentir, aquela silhueta marcada no meio do mundo. O vazio no centro das coisas.

Era isso que ele faria.

Exceto que, naquela manhã, o campo estava diferente.

— Os pés ainda estavam lá, mas o milho era... Eram umas espigas assim, quase sem grão, miudinhas. Achei que fosse praga, mas não tinha nada comendo a planta. Foi como se tivessem diminuído da noite pro dia.

— E a Rede? — perguntou Adhara. — Algum relatório?

— Sim, mas... — Centi não conseguiu descrever o que os fungos revelavam. A interface com a Rede era feita a partir de largos terrários. A escrita viva do musgo criava padrões complexos, que se desdobravam em cheiros, cores e texturas. Naquela manhã, porém, o terrário estava completamente preenchido pelos micélios, que transbordavam para as paredes e o teto. — Era como se a Rede explodisse de vida.

Adhara alcançou a micle que descansava na árvore de trabalho e tocou algumas vezes no dispositivo. Então, virou o aparelho para Centi. O rapaz reconheceu o que havia tentado descrever com um pequeno gemido.

— O que é isso?

— Milho! — Adhara respondeu — Ou como ele era, milhares de anos atrás. — Ela observou a ilustração por alguns segundos, então continuou sem levantar os olhos:

— As plantas que temos hoje foram selecionadas por seres humanos, as que produziam mais alimentos. Antes disso, elas eram diferentes. Adaptadas à sobrevivência na mata. Menores, mais resistentes... mas isso não acontecia em uma noite. Esse milho se transformou, involuiu.

— Como se tivesse se lembrado de quem era — disse Centi, absorto. Então, percebeu o olhar de Adhara sobre si. — O quê?

Ela não respondeu, mas Centi viu seu olhar movendo-se para a ilustração e de volta para ele. Adhara parecia existir ao redor de seus olhos redondos e castanhos.

— Não é só isso que tu vê.

Centi pareceu desnortado. Era uma pergunta?

— Na Rede... Quando tu monitora o sistema... — Centi percebeu os próprios ombros enrijecendo. — O que mais tu consegue enxergar? O que é que não está lá?

O vazio no centro das coisas.

— Eu não sei — Centi confessou. Para sua surpresa, Adhara pousou a mão sobre a dele com carinho.

— Tudo bem. É melhor tu correr, ou vai atrasar para a cerimônia da troca.

O rapaz levantou-se em silêncio e saiu. Perguntava-se por que, de repente, sentia vontade de correr.

3.

Quando Centi chegou ao Templo, os parentes já enchiam o espaço, bicho e gente, preparados para a troca. Os ogãs arrumavam pratos sobre as mesas compridas, dispostas num círculo. Em breve, acenderiam o fogo ao lado da coberta, onde os brotos lumiarium palha seca para desenhar no céu da noite. O rapaz já havia trabalhado na cozinha, assim como no plantio e no pasto. Desde semente, havia aprendido os jeitos do Nodo. Porém, eles eram apenas uma parte da teia, um ponto entre muitos, e a troca existia para que lembrassem. O momento dos jovens maduros seguirem adiante.

Era da natureza humana, constante movimento. O solo pisado virava em caminho, rizoma, assim como a Rede. Cada pessoa viveria experiências que ele jamais imaginaria, em lugares que sequer sabia existir. Centi pensou nas histórias de mar, nas altas montanhas, na selva fechada onde, diziam, nem o sol penetrava. Para seu povo, era um reencontro com tudo o que podiam ser. Da mesma célula, toda vida.

Ele, por sua vez, nunca saíra do sertão e nem pretendia. Havia algo naquela terra, algo que o chamava. Era arraigado.

— Daqui a pouco é a gente — disse uma voz. Centi virou-se e viu seus irmãos, Enio e Mariama.

Os três haviam crescido juntos no berçário e dividiam casa. Eram frutos da mesma colheita e, por isso, irmãos de Nodo. Houve outros antes, Idilia e Nia, Iraci e Louro, que já haviam feito a troca. Árvore forte espalha sementes.

— Tu não tem vontade de ir logo? Conhecer outros lugares? — perguntou Mariama, entrelaçando o braço no seu.

— Nah — respondeu Centi. — Tanta coisa pra ver aqui ainda.

— Bem sei. É só o que tu faz naquele nervo, só olha.

— Esse daí é plantado — interveio Enio, divertido.

— Todo mundo é plantado — retrucou Mariama. — No mundo.

— Tô esperando a hora — disse Centi. A irmã acenou, sem falar nada. Cada um tinha seu tempo.

Enio começou a falar, mas sua atenção foi atraída pela visão dos jovens viajantes. Bolsa e bota, o rosto sério que precedia a passagem. Logo, cruzariam os limites do Nodo e tomariam seu rumo. Alguns voltariam, muitos voltavam quando mais velhos. Outros fariam casa lá fora.

Centi sentiu uma onda de gratidão pelos irmãos. Sua presença amaciava a vertigem do resto da vida. Ele entendia a troca como entendia as abelhas polinizando flor. Viajantes levavam consigo grãos e saberes da região. Rotas de comunicação eram também caminho para os bens que os Nodos escambavam entre si. O intercâmbio era mais uma ferramenta, estabelecida décadas atrás, para a manutenção do sistema.

Durante suas horas monitorando a Rede, Centi costumava se perguntar se era apenas aquilo. Pequenez.

Devia haver mais que isso.

— Ah! — disse Enio, de repente. — Tenho recado pra ti do Terrário. Uma Adhara queria lhe falar amanhã no açude, bem cedo. Ela disse, como era? ela disse que precisa de ti pra achar um buraco.

— Um vazio — corrigiu Centi, mas seu irmão não ouviu.

4.

Adhara estava na água quando Centi a encontrou no dia seguinte. Metida até os joelhos na lama. O açude, a vinte minutos do Nodo, aflorava das galerias subterrâneas por onde corria vida ao sistema. Centi cumprimentou o broto, Lena, que refrescava um cavalo na beira — provavelmente acompanhavam a simbiologista grávida.

Ele percebeu que a água estava coalhada por velhas cabaças, que flutuavam ao redor da mulher. Carga de gavião? Brinquedo de broto?

— Bom dia! — gritou ele.

Adhara virou-se na direção de sua voz e acenou. “Vem cá”.

— Nunca vi uma grávida com esse frivião — disse ele, quando a alcançou.

— Então tu nunca viu muita grávida — ela respondeu. Estava com os dois braços enfiados na água opaca, tentando arrancar algo das garras da lama. — Além disso, ela gosta.

— A semente? — disse ele. Agitou a água com as mãos, afastando uma cabaça cinzenta que boiava em sua direção.

— Ela me disse — Adhara ergue-se, colocando as mãos na cintura. — Tem alguma coisa presa aí embaixo, vê se tu consegue...

Ela se afastou para que Centi pudesse tomar seu lugar e o rapaz roçou de leve na barriga grávida. “Ela disse?” Ele bateu o leito do açude até encontrar uma ponta redonda aflorando da lama. Estava bem enterrada.

— Foi pra isso que tu me chamou? — disse ele, fazendo força. — Para limpar o açude?

— Não. Queria ajuda para desenterrar isso.

— Isso o quê?

Então, com um puxão, Centi conseguiu exumar o objeto do fundo da água.

— Isso — disse Adhara.

O rapaz levantou o artefato e o examinou de todos os lados. Não o reconhecia. À primeira vista, parecia ser um tronco podre, mas... era demasiado reto, demasiado feito. Era composto por um cano grosso, preenchido por lama, que era montado nos restos de um suporte de madeira petrificada. Numa das extremidades, a madeira tomava formato de uma palmatória. Bem no ponto onde acabava o cano, pequenas peças compunham o que outrora poderia ter sido um mecanismo complexo. Sua superfície tinha mordidas do tempo, esfarelado nas mãos do rapaz. Metal, Centi pensou, ou havia sido um dia.

— Nunca vi essa qualidade de pau — disse ele, entregando o objeto para Adhara.

— Pau de fogo. Do tempo de antes — ela ergueu uma das cabaças que boiavam. Das mãos da simbiologista, uma caveira fitou Centi com buracos vazios onde outrora se aninhavam olhos. — O açude está cuspiendo morte.

5.

O tempo de antes eram muitos tempos, pois naquela época cada ser humano vivia sua vida só. As guerras, as fomes, os fins de mundo eram colisões entre aqueles que caminhavam de olhos fechados. Quando Centi era pequeno, ouvia as histórias de boca aberta. Não conseguia imaginar uma vida apartada dos parentes,

sem a conexão da Rede e seus quilômetros de micélio transmitindo informações entre os Nodos.

Porém, agora, ele tinha a prova viva. Havia passado as últimas horas retirando as caveiras quebradiças do açude, além de pilhas do metal carcomido. Adhara havia explicado que aquele lugar um dia fora terra seca. Provavelmente, um canteiro onde os antigos plantavam seus mortos, que retornavam agora à superfície.

Centi buscava sentido nos fragmentos de zuada em sua mente. Devia haver alguma relação entre os ossos emersos, a transformação do milho e a sobrecarga da Rede. Quando saiu da água carregando as últimas caveiras que conseguira pescar no açude, Lena limpava um dos paus de fogo para entender como funcionava.

— Esse negócio nem se lança, nem se atira — disse, decepcionada. — Serve pra quê?

— Julgando por eles, nada — respondeu Centi, apontando para os ossos.

— Oxe, pior — a menina riu. Então, um pouco mais séria — O povo de antigamente devia ser muito ruim, pra ninguém devolver eles à Rede.

Quando chegasse o tempo, todos eles seriam tomados pelos fungos da Rede, reconectados ao rizoma que cobria o planeta inteiro. Centi lembrou-se de Bá, uma das avós que o haviam criado, do momento em que musgos brotaram de seu corpo inerte. O rapaz havia chorado por dias, mais tempo que qualquer outro. Por mais que explicassem o dispersar da matéria, não compreendia como era possível alguém desexistir daquela maneira. Aquela falta foi o primeiro sinal de que o mundo não estava completo ainda.

Centi admirou a pilha de caveiras. Adhara continuava na água, embora o rapaz não soubesse o que mais ela esperava descobrir. Estava de pé há horas, ele observou, preocupado.

— Eu não sei — respondeu ela, quando Centi voltou para a água. — Isso tudo... é tessitura. Mensagem que não consigo ler.

— Tu quer dizer, de alguém?

— Não, alguém não — ela observou distraída. Então fitou o rapaz. - Eu acho que tu tem razão, Centi.

Ele inclinou a cabeça, intrigado. Tinha?

— O que tu me disse quando nos conhecemos. Essa é uma questão de memória, parece. De algo esquecido há muito tempo. Mas... memória de q...?

A última palavra transformou-se num gemido de dor. Adhara se dobrou para frente, segurando a barriga. Centi, por puro reflexo, pôs a mão ao redor de seus ombros. Foi quando o solo começou a tremer.

Primeiro, o rapaz achou que tinha perdido o equilíbrio. Depois percebeu que era o mundo à sua volta que receava. Um grito. Adhara também tremia. “Minha perna, minha perna!”. A marcha dos mortos no subterrâneo, pensou ele, abalando os alicerces da terra.

Centi meio conduziu, meio arrastou a mulher em direção à margem. A água encrespava e ele viu Lena correr atrás do cavalo, que havia disparado em pânico. As árvores sacudiam de leve, até mesmo o céu parecia se dobrar num esgar. Mas, sobretudo, era o som que o desnor-teava. Um alarido úmido de sucção, o grito de guerras do exército noturno.

Quando olhou para trás, percebeu com horror que o próprio açude desaparecia sob as ondas da terra. O chão sedento bebia em grandes goles, arrastando peixe e planta para o abismo. Centi correu desajeitado, sentindo Adhara escorregar de seus braços. Inconsciência. Logo, estava rastejando os últimos metros até o solo seco.

Ele deitou Adhara com cuidado e finalmente compreendeu o motivo de seus gritos. Uma teia de fungos amarelos envolvia sua perna esquerda, apertando a coxa com força. Ao redor deles, a carne sufocava lívida. Era uma espécie comum, cultivada para arejar o solo e afastar gafanhotos. Como havia crescido no açude? E por que se agarrava à mulher com tanto afinco?

Ele somou estas perguntas a tantas outras no fundo de sua mente enquanto rasgava os fungos com as próprias mãos. Quando o terremoto cessou (súbito, incompreensível), sequer percebeu. Desatava os micélios grossos como erva daninha. Nos tornozelos, joelhos, até embaixo das saias. Quando estava prestes a subir a peça de roupa, sentiu o corpo de Adhara se afastar com um espasmo.

— Não! Centi, para! — ela disse, ainda afogueada. A lama emoldurava seu rosto fraco, mas decidido.

O rapaz afastou as mãos, surpreso.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

— Centi, a água...

— Sim, o tremor fez a terra se abrir. A água desapareceu.

— Não! — retrucou Adhara. — Lá! Na água.

Centi finalmente voltou-se para o açude. O leito jazia exposto, pedras e peixes fora de lugar no claro do sol. Aqui e ali, escorriam ainda pequenas cachoeiras. No

centro de tudo, estava a fenda, uma ferida aberta por onde sangrava água. Porém, o mais importante era o que brotava dela. Erguendo-se no meio do açude, se via uma construção de pedra. Um arco de porta, meia dúzia de tijolos que diziam a parede e teto.

O rapaz sentiu a mão de Adhara se aprumando em seu braço.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Uma memória — disse Adhara. — A terra lembra... mesmo que a gente tenha esquecido.

Então vomitou um amarelado cinzento da cor dos fungos em sua perna.

6.

Quando Centi retornou ao Nodo com Adhara e Lena, encontrou os parentes reunidos no Templo. Debaixo da coberta de palha, compartilhavam histórias. O choque dos tremores havia reverberado estranhos fenômenos. No berçário, as sementes acordaram todas ao mesmo tempo, chorando em coro. Uma revoada de assuns desenhou estranhas formas no céu. Uma vaca havia parido um bezerro com sete patas. Estavam perdidos.

A terra em si inventou de convulsionar, logo ela, certeza imóvel sob seus pés.

— Precisamos garantir a segurança das construções e da lavoura — disse Nana, a avó de longos cabelos trançados. — E levantar um relatório de danos.

— Esse é o problema — retrucou um dos jovens recém-chegados (Centi não sabia seu nome). — Não deveria haver danos. A Rede deveria ter nos avisado.

— O que os micélios indicam? — perguntou Nana.

Juraci, um homem atarracado e um pouco mais velho que Centi, analisou a miclele em sua mão:

— Desequilíbrio. Ainda não conseguimos ler os terrários. Alguma força estranha está perturbando a ordem.

Neste momento, Adhara, que ainda se apoiava em Centi, firmou-se sobre as próprias pernas e se dirigiu ao centro do círculo.

— Força estranha, não — disse ela. Sua figura grávida e enlameada chamava atenção. — Os acontecimentos estão nos conduzindo, nos fazendo pensar de maneira linear. Não podemos perder de vista o todo. Isso é algo que vem de dentro. A terra está tentando nos dizer alguma coisa.

— Filha... — começou Nana. Mas Adhara a interrompeu.

— Vozinha, a senhora conhece as histórias. A senhora sabe.

— O ecossistema não muda assim — retrucou Juraci. — Não nessa velocidade. A emergência acontece no espaço de gerações.

— Ou de uma gestação.

Os parentes se entreolharam.

— O sistema sempre volta ao equilíbrio, Adhara — respondeu Nana, num tom apaziguador. — É isso o que a terra nos diz, o que todo bioma nos ensina.

— “Da desordem nasce a organização” — respondeu Adhara. Era uma frase que todos aprendiam ainda no berçário. — O que nos ensinam é que nada permanece. Então, por que nos apegamos às coisas como estão?

A simbiologista voltou-se para a comunidade, falando mais alto.

— A Rede não é feita só de microcondutores. Ela é tudo o que a gente vê e o que só consegue sentir. Mas a gente esquece o que não pode nomear. Não podemos definir por fronteiras o que importa.

Silêncio. Centi notou que os avôs e avós não discordavam de Adhara, mas também não pareciam ansiosos para considerar as consequências de sua verdade. Finalmente, Nana respondeu.

— Vamos cuidar do que pode ser cuidado. As sementes e os parentes, bicho e pessoa, descobrir o que houve com a Rede — então, fitando Adhara — e descansar.

Adhara não respondeu. Centi compreendia que um convite fora feito, mas também um pedido. “Paciência”. Centi queria encontrar Adhara e saber o que ela queria dizer, como se sentia. Porém, ela já era levada pela mão por Nana, que se ocupava em andar e tentar limpar seu rosto sujo ao mesmo tempo.

Foi quando viu Mariama.

— O que foi, irmão? — ela perguntou, quando Centi pediu que sentasse na raiz da mangueira velha.

A pergunta o fez parar por alguns segundos. Como poderia explicar? Como definir algo que era apenas ausência?

— Mariama, o que tu acha que acontece quando a gente faz a reconexão?

— A gente volta pra terra, ué. Nossas células se tornam material orgânico para criar mais vida. Outra vida.

— É, mas... O que acontece com a gente?

Agora, Centi percebia no semblante da irmã aquele risinho que usava para mascarar preocupação.

— Isso é sobre a Bá, Centi?

— Não só...

O rapaz sentou-se na raiz ao lado da moça.

— Eu vi uma porta brotar do açude hoje.

Mariama apertou seu ombro com carinho. Centi conteve as lágrimas. Estava confuso e cansado, sobretudo com medo daquela certeza de que tudo estava prestes a mudar.

7.

Naquela noite, se esgueirou até o açude vazio. Não tinha vontade de voltar para casa, tampouco vagar pelos caminhos da mata. Na verdade, não sabia o que queria. Talvez o que estivesse afetando a terra tivesse aberto caminho até seu peito.

Ele desceu o leito do açude com cuidado, tateando a lama com os pés. Depois que confessou seus sentimentos a Mariama, sentiu-se exposto. Como se declarasse que não era um deles, não completamente. Um elemento fora do sistema. O Nodo se movia como um: plantio, pasto e pessoas, cada um com seu papel na dança, exceto por ele. Desde que se lembrava, sentia falta. Seria ele o vazio, tão desenganado a ponto de ser incapaz de notar-se oco?

— Não consegue dormir?

O rapaz avistou Adhara adiante, sem surpresa. Ela estava sentada numa das pedras cobertas de limo. Ao seu lado, o arco decrepito era ainda mais misterioso à noite, como eram as coisas da terra sob o luar. Um portal para lugar nenhum. Centi deslizou as mãos pela pedra úmida. Esponjosa. Aproximou o rosto dela.

— Quase dá para ouvir a história — disse Adhara.

— Quase.

Sentou-se ao lado dela. Adhara abriu uma das mãos, revelando um punhado de cogumelos secos.

— Os parentes têm boa intenção, mas cada um tem seu chamado. Eu quero ouvir o mistério.

Ela ofereceu os cogumelos para Centi, que não se moveu para recebê-los.

— Não foi por isso que tu veio? — ela perguntou.

— Eu não sei...

O rapaz repousou a cabeça entre as mãos.

— Quando Bá morreu... Eu pensava, se ela voltou para a terra, ela deve estar aqui ainda, né? Eu pensava... eu prestava atenção no vento, nas folhas. Podia ser ela falando comigo.

— Podia — concordou Adhara.

— Não era, as avós diziam. Bá tinha voltado à Rede. Ela não era mais.

Adhara acariciou o ventre, esperando que o rapaz esvaziasse o peito. Quando viu que lhe faltavam palavras, ela disse:

— A Rede, Centi, é história. O equilíbrio, eu e tu, nós preocupamos em viver. Manter. Mas cada passo que damos sobre o solo é um registro nos micélios. Com o tempo, nossas pegadas vão se acumulando, desenhando a história de toda gente que viveu nessa terra. Bá também.

— Eu acho... eu acho que sinto essa história. De um jeito. Quando entro na mata e o ar pesa debaixo das copas.

— Sim?

— É como... é como os relatórios no nervo. A gente pode ler a informação, saber se vem chuva ou praga, mas tem outra coisa. Por detrás. Ao redor.

— Uma forma?

— Um espaço. Um lugar onde devia ter tudo isso, passado e morte e... e... — ele suspirou, frustrado.

Adhara tomou um dos cogumelos que ainda mantinha na palma e botou na boca, mastigando devagarinho.

— Quando eu era semente, na beira do mar, lia muitos livros de antes. E tinha essa história... — disse ela. — Uma história sobre o amor.

Ela ofereceu os cogumelos a Centi, que dessa vez os recebeu, mas manteve de mão cerrada.

— Quando o ser humano nasceu, era um organismo completo. Cada um tinha duas cabeças, quatro pernas e quatro braços e se movia rolando pela terra em grande velocidade. Porém, eles se achavam inevitáveis e decidiram lutar contra os próprios deuses para tomar seu lugar.

— Deuses?

— As criaturas acima do homem. Os sistemas da chuva e das ondas do mar e do crescer das plantas — respondeu Adhara. Então continuou: — Estes deuses partiram o ser humano ao meio pela rebeldia. Nos viramos em duas metades. Uma cabeça, duas pernas, dois braços, com a pele do corte amarrada no umbigo. Desde então, somos incompletos.

— Procurando o que perdemos no partimento.

Adhara sorriu.

— Isso, Centi, é simbiose. Um ato de amor. Um desejo tão grande que, mesmo sem a gente saber, queima tudo pelo avesso como entropia.

Centi sentiu a história subindo por sua espinha, arrepiando seus cabelos. Havia algo faltando nele, uma falta que ele agora reconhecia vontade.

— Nós mantemos o sistema e ele nos mantém. A ideia dele. Mas não é suficiente. Quando minha filha nascer, o mundo não vai ser desencantado — Adhara levantou de leve a saia para mostrar que sua perna estava novamente envolvida pelo fungo. O amarelo agora reluzia de leve, como um vagalume, da cor de lagarta peluda. — Ela vai ser algo novo.

Centi ardia com a vontade de entender, mas algo dentro dele sabia que Adhara lhe mostrava uma verdade de sentir. Sem dizer nada, ele levou os cogumelos à boca e mastigou com vontade.

8.

Consigo sentir o peso mudando de lugar em meu útero, a água de coco gelada que as Curas serviram mais cedo, sempre ao meu redor, Nana, estou cercado, um afago um sufoco, um mar, à beira do mar tenho 8 anos, penso em como seria entrar na água e andar e continuar andando até o outro lado, sei que estou ao lado de Adhara no Templo, mas o Templo não é um espaço, é outro lugar onde revela-se outra coisa revela-se terceiro terço, ela tem 12 anos e um terço, o Nodo processa algas para alimentação, os dias são cheios de sal, à noite estuda a simbiose das plantas, estou livre, plantas e plantas, quero amadurecer e viajar, nos papéis antigos as linhas são retas, rota, o terceiro parece dormir, durmo, tenho 16 anos e acordo com chuva lá fora, chuva rara no sertão, menos na borda do mundo aborda Adhara cresceu, ela tem 8 anos e sabe que existe mais pra além, ela tem 12 anos e quer crescer uma letra atrás da outra como formigas em fila, os antigos eram lineares, são sementes que nascemos fruto, o fruto em meu ventre cresce, eu sou seu templo, eu o cerco, meu corpo, meu corpo, o terceiro se move num sono intranquilo, eu sou Centi, repito, eu sou, eu sou um homem magro de cabelos longos, cruz, assisto ao arraial crescer como uma árvore de muitos galhos, as algas, o milho, um homem ou a memória de um homem, lembrança cavada em anéis no tronco, o arraial cresce ao redor do portal de pedra, brotando da água,

da terra suada, Canudos chama, “o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão”, há muito tempo era terra seca, estou cercado, matadeira, matadeira, eu era um homem de cabelos longos, eu era uma memória um mar de gente no mar que há de ser, tenho 36 anos e sei que existe mais, o mar às minhas costas, sinto o peso mudando de lugar em meu útero, sou a mitocôndria de musgo, filha, filha, pau de fogo podando gente, o arraial como o milho, desconstruído, descrescido, desvivo, terra seca como há muito tempo o terceiro se move prestes a acordar, o sertão vai virar mar.

9.

Centi despertou como quem cai. O que acabara de ver? Adhara havia desmaiado. Os fungos subindo por sua perna, levando nutrientes ao bebê, e o que mais? Ele não havia escutado, mas estava lá desde a primeira conversa... mitocôndrias, simbiose, conexão. A criança era algo novo. Despartimento.

— Adhara — murmurou para ninguém — o que tu fez?

As formas do mundo ainda pareciam distantes quando tentou levantar. Sabia para onde ir agora, sabia o que estava prestes a acontecer. Com alguma dificuldade, colocou a mulher grávida em suas costas e se pôs num trote desajeitado em direção ao Nodo. “O sertão vai virar mar”. O Conselheiro de sua visão era incapaz de compreender a magnitude da própria profecia. Uma história tão poderosa que tinha o passado inteiro como arauto.

A memória da Terra afluindo no presente. Como a lembrança que toma de assalto aqueles que acordam.

Centi ofegava. Suas pernas reclamavam do esforço de carregar Adhara. Estava tão perto. Antes que chegasse, porém, sentiu que ela se movia às suas costas.

— Já chegamos? — ela perguntou.

— Quase.

— Precisamos avisar os outros.

— Não dá tempo.

— Primeiro os parentAAAAAH!

Os tremores de terra seguiram ao grito, como sabia que fariam. Centi ouviu o movimento do Nodo. Pensou em Enio e Mariama e se ficariam preocupados com sua ausência. Ele parou, descendo com cuidado sua parente. Nunca havia pensado em Adhara daquela maneira até agora. Ela parecia aterrorizada, ele viu refletido em seus olhos que ele também.

— Funcionou — ela disse. — Está acordando.

— Eu sei. Consegue continuar?

Ela acenou com a cabeça. Apoiando-se em Centi, seguiram caminho.

— Era ela, Centi. Era Bá, a avó antes dela e todos que já pintaram o chão — ela falava rápido, inebriada pelas palavras que saíam de sua boca. — Claro que eram. Um ecossistema vivo conectado por uma membrana exposta e consciente. O uno e o múltiplo.

Centi não respondeu. Ainda sentia os resquícios da comunhão, como uma sombra no canto de seus olhos. A presença do terceiro, que dividia seu espírito com os dois — e além. Agora ele sabia: o sacudir da terra não era um terremoto. Eram contrações.

10.

Essa é a história de como o mundo acordou. Ouça bem.

A Rede pulsava em ciência. Ciente. O micélio feito singularidade.

Nasceu, como nasce todo o resto, de um ventre. Era a criança de Adhara e era Adhara e era mais ainda. O vazio no centro das coisas era uma semente — dela brotou Gaia.

Foi assim que o mundo tornou-se encantado.

Ao chegar ao Terrário, Centi percebeu com espanto que as plantas de Adhara haviam crescido ao ponto de tomar todo o canteiro. No centro do jardim, a macaxeira estendia as folhas largas como uma manjedoura. Protuberâncias verdes brotavam do limbo, pequenos dedos oferecendo as boas-vindas.

Adhara deitou-se. Suava frio, mas sorria.

— O Conselheiro, ele só descreveu o que conseguia entender. “O mar vai virar sertão” — Centi tentou deitá-la sobre as costas, mas Adhara irrompia.

— Mas não é um mar de verdade. É isso... tudo. A Rede. A água que junta tudo. Nós somos o mar.

— A Rede não é uma pessoa. Ela é... — ele parou, incerto de como continuar.

— Ela é um organismo consciente. Só precisava de um símbolo. Um parto.

O rapaz sentiu a respiração presa em sua garganta como uma massa. O terrário girava em amarelos e verdes.

— Adhara... — gemeu.

Ela segurou sua mão.

— Centi, são os sistemas da chuva e das ondas do mar e do crescer das plantas — ela grunhiu, cerrando os olhos. — São os deuses, Centi. Eles acordaram.

Ouçã bem.

Lá fora, águas jorram do chão em curiosas configurações, remodelando a geografia.

Por toda parte, o sertão explode em flores fora de época.

O espírito da Terra acorda e seus sonhos foram verdes e fogo.

Adhara fechou os olhos e respirou fundo entre as contrações.

— “Um milhar de pequenos fungos faz o mais terrível dos objetos tornar-se radiante de beleza”.

— Tá tudo bem? — disse Centi em voz miúda.

Adhara respondeu com a cabeça. Respirava com esforço entre os dentes trincados.

— O que eu posso fazer? — perguntou ele.

— Testemunhar — ela respondeu.

O rapaz hesitou por um instante, então segurou a mão da parente. Adhara fez força. Estava prestes a dar à luz ao primeiro ser de uma nova espécie.

FIM



07



AS INTERMITÊNCIAS DO TEMPO

Um conto sai-fai
de **Juliane Vicente**
ilustrado por
Guilherme Chaves





Galáxia de Nau, X23H

ANTES QUE O COMANDANTE ACIONASSE O PEDIDO DE RESGATE NO CAPTOR, nós já havíamos embarcado nas naves de urgência em direção à capital de Luxor. Era a primeira vez que éramos convocadas para uma missão interplanetária daquele nível.

A força-tarefa para impedir ataques terroristas havia sido um fracasso: todos os residentes da Galáxia de Nau assistiram em tempo real a explosão da Cúpula Central. Em poucos segundos, a cobertura internacional anunciou a sequência de atentados sincronizados que atingiram os meios de transporte subterrâneos. Era possível observar explosões secundárias, focos de incêndio e pedaços de corpos que eram instantaneamente identificados nas projeções no *Captor*.

Quando a notificação de calamidade e imediata convocação sobreveio a minha visão, eu e ela nos olhamos pela primeira vez desde que havíamos assistido em choque o desmoronamento das paredes da Cúpula. A transmissão direta no *Captor* permitiu acompanhar o estampido: um som estrondoso anteveio a fumaça cinza e o desmoronamento da construção de 321 níveis. Ouviram-se gritos e pedidos de socorro, a transmissão se encaminhou ao solo, ampliando e diminuindo a perspectiva até mostrar a mistura de sangue e partes de líderes e representantes planetários da Ordem: o prenúncio da guerra. Nós apenas nos olhamos e não dissemos nada. Continuei pilotando a nave: 12 minutos para a descida. O repórter no visor especulava sobre o ataque. A autoria do crime não estava confirmada, mas os artefatos explodidos foram identificados como um armamento primitivo, oriundos de um astro da antiga Via Láctea. Um mundo implodido há centenas de anos, conhecido como planeta Terra.

Nenhuma imagem previra o assombro de aterrissar no solo destruído de Luxor com equipes armadas por todos os lados. Em situações como essa, a segurança é a prioridade e submeter suspeitos ao encarceramento nem sempre é uma opção. Para nós, isto significava apenas uma coisa: atirar para matar. Havia feridos por todo o caminho, muitos sendo atendidos no chão, outros sendo encaminhados em naves de emergência para os setores de saúde mais próximos. Na confusão, o cenário era uma mistura de lamentos e pedidos de clemência em línguas a mim desconhecidas e sons estranhos emitidos por criaturas fora da minha alçada. Meses de celebração haviam precedido o Encontro da Cúpula, uma reunião política das figuras mais importantes da Ordem — responsável pela estabilidade e segurança do Universo.

O Comandante se aproximou de nós, seu corpo coberto de terra e a face tomada por arranhões. Nos afastamos da multidão e fomos levadas à nave oficial, onde vimos outras investigadoras sendo encapadas e mandadas para as câmaras. Era evidente a gravidade da situação até aquele momento e, ainda assim, eu não conseguia acreditar que estava diante *daquilo* para qual fomos treinadas e que poucas de nós sabiam se realmente existia. Rumores e toda sorte de teorias da conspiração sobre a tecnologia permeavam o folclore popular. Mas estávamos ali, diante de um conglomerado de câmaras do tempo. As palavras do Comandante reverberaram em uníssono:

“Jamais, em hipótese alguma, comentar sobre os acontecimentos do futuro.”

“O Captor que vocês usam será desativado e nenhum contato será feito até que enviemos uma equipe para buscar vocês.”

“Vocês não têm autorização para matar.”

“Se vocês forem capturadas, vocês sabem o que fazer.”

O Comandante apontou para a própria pílula escondida em algum falso bolso de suas vestes. A pílula do suicídio. Adentrei a cápsula de capas e vi minha companheira ingressar ao meu lado na cápsula de encapamento digital. Observei sua consciência azul dançar dentro do cilindro e ser depositada no corpo de carbono. Agulhas metálicas foram conectadas aos meus pontos principais e mil pontadas de distorção me compartimentaram naquela estrutura óssea alheia e frágil. Ao lado, o mapa indicava os países de envio das investigadoras: Estados Unidos, Austrália, China, Alemanha, Brasil, Inglaterra, Colômbia, Polônia, Madagascar e Rússia. O *Captor* submeteu as informações à minha consciência, armazenando conhecimentos milenares antes que fosse completamente desativado. Após a conversão completa, fomos carregadas até as câmaras do tempo e eu vi minha companheira com o queixo erguido, fingindo bravura naquela situação. Acenei a cabeça em sua direção, sem poder me mexer ou dizer qualquer coisa. Vi seu novo corpo ser depositado ao lado do meu e as faixas metálicas se fecharam ao

nosso redor. O Comandante se aproximou do vidro, colocando as mãos na altura de nossos rostos agora terranos.

Boa sorte, Safira e Ana.

Rio Grande, 1993

Na madrugada de 17 de outubro, a polícia recebeu 35 ligações sobre um objeto não identificado que atravessou o céu de Rio Grande.

As chamadas descreveram-no como “um disco muito brilhante, seguido por um rastro de luz”, “um objeto alongado negro em forma de lança”, “uma esfera contendo várias esferas menores em formato de bolas” e o não menos importante “pires saltando sobre a água”. Três equipes foram designadas a patrulhar as redondezas do avistamento, orientadas a reportar qualquer atividade anormal. Os policiais retornaram contando diferentes versões sobre o que haviam visto: enquanto uns afirmaram a incidência de bolas vermelhas no céu, outros descreviam objetos de aparência cilíndrica que apareciam e desapareciam. Os sistemas de ignição dos carros haviam sofrido uma espécie de pausa temporária e as luzes dos postes haviam permanecido apagadas durante 90 minutos.

Com o raiar do dia, revelou-se um lindo arco-íris que logo se tornou um céu nublado. A Sra. Abigail observou o fenômeno e fez o sinal da cruz. Naquela época do ano, tal fenômeno era sempre visto como sinal de má sorte. Quando ela foi regar as flores recém plantadas no jardim em frente ao pensionato, constatou que a terra havia secado por completo e um cheiro de carne queimada exalava dos canteiros.

Aos resmungos, passou a recolher o lixo que havia sido revirado por algum adolescente bêbado na noite anterior. E então viu duas mulheres caminharem em sua direção. A dupla sorridente se aproximou, enquanto a velha senhora limpava os restos de sujeira no avental.

Mesmo com miopia severa, a Sra. Abigail sabia que as estranhas eram imigrantes, elas apontaram para a placa na porta da pensão, indagando se havia vagas para inquilinos.

— Um minuto, por favor — disse a Sra. Abigail, correndo para dentro da pensão para pegar os óculos.

Aquela época do ano era sempre difícil, os turistas apareciam apenas em dezembro para aproveitar o verão. A Sra. Abigail retornou, ponderando sobre as taxas atrasadas. Em outra ocasião, não admitiria aquelas jovens sozinhas. Abigail era velha, não burra. Sabia que aquele tipo de gente já não tinha mais medo de mostrar os pecados para o mundo. Duas mulheres viajando sem acompanhantes?

Reparou que nenhuma delas tinha aliança e ali obtivera o veredicto de que eram *acompanhantes* uma da outra.

— Venham, entrem!

A senhora mostrou os aposentos e explicou as regras de convivência, pois o pensionato era uma residência familiar. Pegou o caderno de finanças e pediu os documentos das mulheres. Sra. Abigail meneou com a cabeça e avisou que não queria nenhum problema com a polícia, elas assentiram e seguiram para o quarto. A senhora continuou vigiando as duas subindo as escadas. Foi quando notou que ambas não carregavam malas ou sequer uma bolsa. Olhou para as moças e para o céu que voltara a apresentar um arco íris. Fez o sinal da cruz novamente: aquilo era definitivamente um mau agouro.

Porto Alegre, 2000

Escrever tem sido uma das maneiras mais eficientes de refletir sobre o real e o imaginário.

Escrever e queimar.

Olho para Safira e sei que estamos felizes, tanto quanto poderíamos ser nesse não-lugar de nosso presente. Enxergo o quanto ela se esforça, ainda que o diálogo continue não sendo uma opção agradável para ela. Como pudera! Vejo em seus olhos o quanto se sente presa neste lugar. Ela se acostumou demais em ser livre. Sua essência não mais aceita habitar corpos tão pequenos. Eu me adaptei melhor, o que foi inesperado para ela. Essa vida terrana me fascina. Todas as minhas habilidades comunicativas permaneceram e isso nos ajuda a sobreviver. E ser felizes.

Mesmo assim, depois de todos esses anos, há entre nós a contagem inevitável. Não marcamos em nenhum calendário ou anotamos em uma caderneta de papel porque não precisamos de lembretes visuais do julho que está por vir...

Quando viemos para enfrentar um destino em prol de uma causa, eu desconhecia o que era viver uma vida plena. De onde eu venho, tudo é tão mais simples. E, talvez por isso, não consigo compreender como Safira simplesmente não se importa com a futura extinção do planeta.

Safira se desagrada, mas eu não consigo mais acreditar nessa missão. Há um certo provérbio terrano sobre alguém entrar num lago e não ser mais o mesmo...

É assim que me sinto, mesmo que voltemos ao nosso mundo, a esse futuro que já não será mais o mesmo. Eu não serei a mesma. Para Safira, não é uma questão de “se” mas “quando”. Ao menos, temos os nossos momentos de trégua. Assistimos todo tipo de filmes sobre o universo, de acordo com as inúmeras especulações terranas, das mais débeis àquelas que são incrivelmente apuradas. É divertido,

faz sentir saudades de casa, mas também nos faz lembrar de que lá fora, naquele futuro, esse mundo não mais existe. E que todas as pessoas e monumentos, todas as histórias de amor e guerra morrerão para sempre.

Sinto pena deste lugar e isso me enfraquece.

Cumprimos com todos os processos solicitados e jamais tivemos retorno superior sobre o andamento de nossa missão. Nenhuma mensagem, nenhum contato. Cursamos a Universidade e nos tornamos Oficiais de Polícia. Hoje, como Analistas de Inteligência, chegamos ao que eles chamam de ‘topo da carreira’. Hoje entendo muito melhor como esse sistema funciona aqui, é preciso ter um objetivo para ser alguém.

Nós conseguimos isso. Investigamos, coletamos e assessoramos todo tipo de crime que requer prioridade de resolução. Uma linda e irônica trajetória delineada por uma missão suicida. Safira é tão forçosamente impecável no que faz que, às vezes, parece que o Captor ainda tem acesso aos seus movimentos.

É por isso que escrevo. E queimo.

Julho está próximo e temo por nossa segurança, Safira tem medo que eu interfira e cause consequências no futuro que podem ser irreparáveis. De certa forma, ela tem razão. É duro saber que dezenas de vidas serão perdidas e não podemos fazer nada a não ser observar. Quantos de nossos colegas da polícia morrerão? E crianças? Temos toda informação que nossos comandantes do futuro acharam que precisaríamos.

Sabemos que haverá um informante anônimo no atentado. Todos os dias, quando me sento para escrever, me pergunto: esse informante será eu?

Nova Germânia , 2005

Meses de investigação em sigilo e Safira e Ana não obtiveram nenhuma resposta conclusiva sobre o atentado. Desde que haviam chegado à Terra, monitoravam as atividades terroristas, grupos extremistas e todos os núcleos suspeitos. A lista outrora parecera interminável, mais de dez anos depois tornara-se uma página vazia do enigma que definia suas vidas.

Precisamos entender o passado para salvar o futuro — repetia Safira para Ana toda vez que observava os olhos da amada perderem o foco. Via na íris amendoada a dúvida e não gostava disso. Não queria pressionar ou fazer-se presente o tempo todo, mas a proximidade da data-limite tornara impossível não vigiar os passos da companheira.

Safira temia que ela revelasse o que não deveria e por isso o amor batia no contraponto, porque não conseguiam concordar com o motivo pelo qual estavam ali e o futuro que as esperava.

Numa noite de discussões, em meio aos soluços, decidiram que precisavam de uma trégua oficial. Ana cedeu e decidiu não abandonar a casa como havia planejado para alertar sobre o atentado. Sua decisão colocou o amor acima da adquirida humanidade. E assim, elas se amaram com a urgência da morte e adormeceram um sono sem sonhos, com os corpos entrelaçados, unidas como haviam embarcado para o planeta Terra.

Nova Germânia, 7 de julho de 2005

Os telefones da polícia tocavam sem parar. A operação de emergência havia se encarregado do fechamento completo da rede subterrânea do metrô e a interdição das ruas próximas às estações afetadas.

— Os serviços de metrô, trem e ônibus estão cancelados, — anunciou a âncora em rede nacional e complementou — o país está sendo atacado!

Os burburinhos invadiram o *Mercado Público* naquela manhã. O Comissário havia declarado que as explosões provavelmente estavam associadas a um “grande ataque terrorista”, sem especificar qual grupo poderia ser responsável. Muitos acreditavam que os responsáveis seriam contrários à independência do Sul do Brasil, efetivada um ano antes — quando Porto Alegre se tornara Nova Germânia, a capital da Nação Soberana Sulina, composta pelos antigos estados de Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

O anúncio foi o suficiente para alarmar a população que, em algumas horas, se negava a sair de casa temendo outras explosões. Em plena hora do *rush*, às 8h36, uma série de explosões havia atingido o sistema de transporte público em Nova Germânia, Curitiba, Paranavaí, Florença do Sul e Joinville. 12 estações atingidas, 309 mortos e a especulação de mais de 2.000 feridos. Pacotes suspeitos haviam sido isolados em diferentes estações. A constatação de ataques ao redor do globo fomentava especulações que nomeavam organizações terroristas internacionais, conspirações mobilizadas por justificativas econômicas e teorias do início de eventos que desencadeariam a terceira guerra mundial. Muitos eram os palpites e aparentemente nenhuma conclusão definitiva.

Com exceção de Safira e Ana, que cronometravam o evento desde às 8 horas e 36 minutos aguardando o chamado da Diretoria de Inteligência, que as colocaria na cena do incidente.

Sala de Monitoramento, Estação Rio dos Sinos

— Todas as gravações estão aí, como já informei ao outro policial.

— Há quanto tempo você trabalha nesse setor, Sr. William? — ela perguntou ignorando-me por completo.

— 35 anos com muito orgulho.

— E você viu alguma coisa suspeita nas últimas semanas ou algum comportamento estranho de algum de seus colegas?

Respondi novamente que não, nada de muito suspeito.

— Você tem certeza, Sr. William? — ela continuou com desdém, parecia querer que eu confessasse algum tipo de crime que não havia cometido. Acho que é por isso que a Polícia começou a aceitar mulheres, elas gostam de fazer perguntas.

— Bem, você sabe, tudo é muito suspeito quando você passa o dia observando o comportamento das pessoas... Em todo esse tempo, acho que vi no mínimo umas cem pessoas se atirarem nos trilhos do metrô... Dá pra dizer que mensalmente temos alguma suspeita de bomba, aí isolamos o local, esperamos pelo Centro de Comando e eles nos retornam avisando que era alguma encomenda esquecida. As pessoas têm tanta pressa que elas esquecem alguma sacola nos bancos da estação ou dentro dos trens. Nesses 35 anos, eu nunca havia visto algo assim.

A outra policial assistia às câmeras de segurança no modo acelerado, parecia nem piscar.

— Dá uma olhada nisso — ela apontou para a tela, chamando a parceira. Pude ver por cima do ombro que haviam encontrado o tal homem-bomba em algum vídeo.

Estação Moinhos, 23h45, 6 de julho de 2005

Eu havia me acostumado a ouvir coisas absurdas em terreno sulino. Diferente da maioria dos lugares que havia morado de passagem, Nova Germânia, a despeito da diversidade populacional, mantinha certa arrogância que só é mantida porque se baseia em mentiras.

A multidão de pessoas sempre correndo de um lado pro outro, segurando seus cafés de marca que mais parecem *milkshakes* de açúcar e creme. Os policiais andam despreocupados nas ruas, cumprimentam os transeuntes e até param pra ver alguma performance de artistas itinerantes com *polka* ou chula.

Você não precisa passar por nenhum tipo de vigilância ou contagem se for comprar alguma peça de roupa e mesmo nos supermercados há o *self-service*, o modelo copiado do comércio europeu, onde você armazena, pesa, paga e leva. Nas ruas, se você quer atravessar, os carros param. Tudo muito simples. Como deve ser uma cópia do primeiro mundo.

Com prazer, atendi essa missão, pois nada me dá mais felicidade do que destruir esse velho mundo novo. Venho de um lugar que perdeu tudo para que colonizadores pudessem prosperar, contudo, sem o estereótipo da cor e o inglês nativo, passo despercebida. Uma cidadã de bem, mulher comum. Trabalho numa

livraria no centro da cidade, saio com amigas no fim de semana e tenho dois gatos. Agora está próximo. Ninguém suspeita de uma mulher bem vestida carregada de sacolas de loja de departamento, com o celular no ouvido, gesticulando como se falasse com alguém, ninguém se importa.

Desde que cheguei, utilizo as mesmas linhas de ida e volta.

Hoje será diferente.

Entro na estação, pego o cartão e passo a primeira catraca. Na escada rolante, ouço alguém amaldiçoar um senhor que estava parado no lado esquerdo. *Stand on the right*, avisa a voz feminina em inglês impecável, dando continuidade aos avisos em italiano e alemão. Ninguém parece dar um desconto, pode ser a primeira vez de um turista naquele lugar que não saiba que existe um lado fixo para não atrapalhar o fluxo de pessoas apressadas descendo e subindo as escadas rolantes.

Passo pelo mapa central, cada linha colorida memorizada em minha cabeça. À esquerda, a estação *Westbound*; à direita, *Eastbound*; acima, *Northbound* e para baixo, *Southbound*. Tão fácil e ainda assim há quem se perca. Normalmente paro para ajudar um ou outro, não hoje.

Chego na plataforma para aguardar o trem. É preciso ficar atrás da linha amarela. O letreiro eletrônico indica dois minutos para o próximo metrô chegar. Uma dezena de pessoas aguarda, algumas sentadas balançam os pés ou batem no encosto com os dedos de modo intermitente. Há uma regra tácita de esperar que as pessoas saiam do vagão antes de entrar, porém a grande maioria ignora, afoitos por ir pra casa ou sentar no assento vazio.

Mind the gap between the train and the platform — a voz feminina repete, alertando para o vão. A frase é ouvida diariamente, como os demais avisos de cuidado e atenção. Esse ambiente e seus fantoches em movimento é o que permite que eu retire o objeto da sacola e jogue-o no vão sem ninguém perceber. Apressados entram, esbaforidos saem. Sento próximo ao assento preferencial, um casal ocupa três lugares com sacolas e uma mochila, alguns olham de soslaio em reprovação.

Acompanho o trajeto no letreiro eletrônico, o alto-falante avisa a próxima estação. Me levanto no meio da massa afobada, segurando outro cilindro. As portas abrem, me movo em conjunto, a mão descansa entre as pernas e solta o objeto no vão.

See it. Say it. Sorted. — anuncia a voz feminina. Não se pode reportar o que não se vê.

Subo as escadas rolantes em direção à próxima plataforma. Subo as escadas, desço novamente. Outra plataforma, outra estação. E assim completo o mapa

mental com todos os pontos marcados pelo fogo vindouro. Em 33 minutos de viagem, a sacola que levo comigo já está vazia.

O trabalho está completo.

Sigo as placas de *way out* até encontrar o elevador correto. Aperto ao mesmo tempo os botões do 1º e 2º andar três vezes e então o botão de emergência. Fecho os olhos esperando ouvir o som do vento, sentir meu corpo se dissolver em mil pedaços e finalmente voltar pra casa.

Não ouço nada.

Abro os olhos e a luz vermelha me cega, meu corpo dói e eu subo em direção ao infinito.

Estação Menino Deus

— Eu vi aquela mulher, ela entrou no vagão e a sacola de papel pardo rosa tem uma mancha, uma oleosidade que parece ser uma espécie de resíduo — rememora Safira reavendo as memórias do vídeo. — Nós sabemos que a polícia *acredita* que a bomba explodiu dentro do vagão. Pode ter sido nos trilhos.

— Pense, nós também sabemos que o atentado será apontado como um ataque terrorista protagonizado por diferentes homens que serão presos em alguns dias. Você tem certeza sobre esse palpite?

Safira acena com a mão pedindo silêncio. Ana revira os olhos, abrindo a porta que revela inúmeras câmeras de vigilância que apresentam diferentes partes da estação ao mesmo tempo. Safira se encaminha para as telas enquanto Ana pede que os funcionários se retirem.

— Essa mulher padrão é o álibi perfeito. Homens, imigrantes carregados de sacolas ou com muitas roupas causam desconfiança. Uma mulher com sacolas da loja de departamento que metade do trem carrega consigo é apenas uma mulher comum, invisível na multidão. — Safira aumenta e diminui as telas, intercalando corredores sobre as gravações da noite anterior.

— Achei — Ana aponta para a tela: a mulher abandona o vagão, delicadamente retirando a mão da sacola e deixando algo cair entre o vão da plataforma e o trem. As investigadoras acompanham as câmeras, vendo-a se dirigir para a próxima plataforma.

— Vamos Ana. O fim da linha é onde foi a maior explosão, na *Porto Franco*.

Estação Porto Franco

Ana e Safira facilmente encontram a mulher, desembarcando do vagão deixando outro objeto no vão. A sacola parece vazia e ela se encaminha para o lado oposto que havia se direcionado até então.

— Ela está indo em direção à saída — declara Ana, estabelecendo o óbvio.

Na próxima visualização do corredor, é possível vê-la descer as escadas e caminhar no longo corredor. Ela para por alguns segundos na frente de um homem que toca violino, deixando algumas moedas e depois segue mais apressada em direção aos elevadores. As investigadoras veem a porta se fechar e passam para a próxima câmara em frente ao elevador.

A mulher não sai.

Retornam ao vídeo anterior, revendo a suspeita adentrar o elevador e em seguida avançam para a próxima câmara novamente. Nada. Safira acelera o vídeo, as portas do elevador não se fecham e nem se abrem, consegue ver o estrondo que joga escombros por todos os lados, mas o elevador permanece fechado.

— Ela nunca saiu da Estação! Vamos!

As investigadoras correm, descendo as escadas rolantes pela parte escorregadia. O chão está tomado por destroços, as placas quebradas indicam o caminho tomado por faixas amarelas de cena do crime. Atravessam os trilhos em direção ao outro lado da estação, chegando enfim ao elevador.

Safira e Ana contam até três em silêncio, com as armas apontadas para o elevador. Safira aperta o botão e a porta se abre.

Não há ninguém, apenas uma poça de sangue.

E o líquido amarelo, dançando e se juntando como bolinhas de mercúrio de um termômetro quebrado.

Ana e Safira não falam. As mãos trêmulas de Safira pegam o tubo de coleta na pochete, recolhendo o líquido vermelho vivo e a gosma arrastada quase totalmente dissolvida pelo esforço em se juntar. O indício desse plasma denuncia a presença de outras criaturas que viajaram ao passado. Criaturas que não eram nem como Safira, nem como Ana.. Seres que faziam parte de uma raça destruidora de planetas. Ninguém diz os seus nomes, eles haviam sido exterminados no Grande Inverno. Seu planeta havia sido implodido e nenhum deles havia sobrevivido. Ou era nisso que toda galáxia acreditava.

Ana se encosta na parede, repetindo todas as desconfianças que tinha há anos, balbucia sobre conspirações e a urgência de se esconderem para permanecer no

passado, longe de todas as guerras que viriam no futuro. Safira recolhe os restos da criatura, a cena não indicava somente a presença dos seres mas talvez uma tecnologia diferente da que conheciam com as câmaras do tempo. De alguma forma, a criatura tentara voltar utilizando o elevador.

Safira tocou os botões analisando seu tamanho e formato. Conferiu o teto da estrutura, calculando a área, cruzando os conhecimentos que tinha com uma dúzia de deduções baseadas em projeções de tecnologias futuras que nem em sua época eram concretizáveis. Ouviu a melodia arrastada e soube que estavam em perigo. Uma a uma, as criaturas se concretizaram à frente de seus olhos: amontoados que iam se movimentando e constituindo membros rapidamente. Ana tentou engatinhar em sua direção e foi atingida por um tiro certo no meio da testa.

Uma das criaturas se encaminhou para Safira e sorriu. Quando os olhos saltaram para fora das órbitas e os cabelos desceram sobre os ombros, foi possível visualizar o corpo humano que replicava cada característica de Ana. As demais criaturas se amontoavam ao redor do corpo desfalecido da amada até que não restou nenhum indício. Safira ergueu o queixo, fingindo bravura diante do fim, a cópia de Ana acenou a cabeça fazendo sinal para a frente.

Quando a criatura entrou no elevador, Safira se preparou para o golpe, que não veio. A criatura apenas olhou para os braços em posição de ataque de Safira e se encaminhou para o painel. A cópia de Ana manuseou os botões, fechando a porta do elevador:

— Obrigada, Safira. Pela primeira vez, nossa missão está completa. Está na hora de voltarmos pra casa.

08



PROVIDÊNCIA

Um conto sai-fai
de **Daniel Rosa**
ilustrado por
Juliana Lapa





MORRI, MEU FILHO. MORRI E CHEGUEI AQUI AINDA HOJE. Foi rápido, até. É, eu acho foi rápido e acho que foi hoje, ainda nem sei como se conta o tempo desse lado. Acordei num ônibus chique desses de viagem, ar-condicionado e tudo. Lembro de alguma coisa, mas bem pouco, viu? Tava no caixa, caçando troco pra quem ainda insiste em papel e breu. Acordei no chão com um monte de gente passando de um lado pro outro. Tá o filho do patrão de telefone na mão e fica tudo preto de novo. Achei que ele tava ligando pro socorro, tava era ligando pro menino que fica no caixa de domingo, deu tempo de acordar, ver ele chegando e fui. É isso, quarenta ano de serviço e ninguém nem fecha o caixão se precisar. Até ali, era "Silverinha, me faz isso, por favor?", "Silverinha me quebra essa?". Quem quebrou fui eu, no fim das conta. Morri foi cansada. Dona Armênia bem disse que ia ser assim. Véia esperta. Se ocê já fosse grandinho quando ela tava viva não tava aí defendendo essa sacanagem com o povo. Eu demorei pra entender, mas ocê é novo cheio de fusível pra queimar, aí que pra aprender as coisa é rapidinho. Precisa é deixar de ser ignorante porque tá ganhando dinheiro. A vida cobra, Rafael.

Falando em Dona Armênia, quarenta ano depois e eu encontro ela aqui ainda, acredita? Tinha esquecido do quanto que eu gostava dessa véia. Foi no dia da votação a última vez que a gente se falou. Noventa e quatro, dia de Brasil e Itália e ninguém tava vendo jogo, não. Era época dos meus dezoito, ainda chovia dia sim e dia não em São Paulo, era um dia daqueles que não dava pra saber se ia chover o dia inteiro ou só de manhã, mas o povo tava nem aí. Da porta pra rua, eu já não via mais rua de tanta gente encostada. Parecia tudo um bicho só. Roupas de um jeito só, cabelo de um jeito só, tudo parado quieto pra ouvir a televisão. Achei Dona Armênia se embrenhando pelos terno pra chegar no balcão. Todo dia ela largava lá o carrinho de café na porta do metrô da Faria Lima e atravessava

até o meu balcão. Estudei com o teu tio que morreu e já almocei tanto na casa de Armênia pra fazer trabalho de escola que ela cobra tudo em pingado até hoje. "Pingado de boteco ninguém faz igual, Silverinha!", ela falava. O patrão ficava era puto porque tinha era restaurante, não boteco, mas dava o respeito a Dona Armênia e liberava o pingado pra mim. Armênia media uma cabeça pra cima do balcão e tava sempre de avental. Era forte a véia e ai de quem mexesse no carrinho dela.

— Ninguém nem é doido, Silverinha! — Rouca que só, um maço de Derby azul por dia faz isso com a voz da pessoa.

— Silêncio, aí! — Bravejou alguém no meio do povo e Dona Armênia, puta da vida, preferiu falar baixinho, não queria que eles fosse dali sem pagar que nem acontecia por qualquer coisinha ultimamente.

— E o Paulo de segurança ali, olha meu carrinho pra mim, sabe que ganha um bolinho na volta. Mas ó, tem pão, tem café com leite e sem leite, bolo de fubá, tem salgado de presunto e queijo. Vendi nada até agora, Silverinha. Nove hora da manhã, misericórdia! Parado assim só fim de semana e ainda é terça, onde já se viu?

— É a votação, Dona Armênia, ali na televisão, ó! — Servi o pingado do pedido que anotei na cabeça pra não contar no caixa, três dedo no copo e o indicador aponte pra televisão. Sempre furo a fila de pedido pra ela, ninguém nem percebe.

Dona Armênia colou na bancada e foi grudada até a frente da televisão, arrastando o copo americano sem tombar uma gota pelo vidro do freezer e dando umas cutucadas de quadril pra eles chegar pra lá. Forçou a vista pra ler, mas entendeu foi nada. Era sigla, era número, nome de deputado e projeto de lei de não sei o quê, uns homem puto da vida xingando os outros homem puto também. Eu queria era ver o jogo, mas nem isso a gente podia fazer em paz. Eu já sabia o porquê do alvoroço todo, o povo dos banco almoçava e a gente aprendia as coisas de servir prato no restaurante. Doido como uma prosa puxa a outra. Semana passada, servindo um contra a cavalo pra duas peça desse povo aí, eu descobri que morto tinha vida depois de morto. "Saiu no taimas", eles disse. Sei lá quem é, mas tá bom, se tavam dizendo, é isso aí. Achava esse povo sabido naquele tempo, bobona de tudo. Eu nunca fui muito religiosa, mas tinha lá minhas precaução com Deus e Armênia tinha as dela. Ela quem organizava o que tinha que organizar lá na vila, desde o culto na casa de todo mundo até as festa de dia das criança, surpresa de Natal, Cosme e Damião. Era amiga de vereador e tudo, levava jeito, mas nunca se meteu em política, não. Recebeu eu e minha mãe no São Rafael quando viemo de Piedade como se fosse a prefeita do bairro. Não fosse por ela, eu não sei onde a gente tinha ido parar, não.

— Quem tem fé, sabe, Silverinha! Precisa de prova, não, glória! Meu filho tá lá feliz. O que eu tenho é medo do que essa gente vai fazer, Deus perdeu a mão nessa fornada de gente aí.

Dia seguinte, eu servi uma feijoada de quarta pra uma mesa cheia de aniversário de alguém e já tinham inventado ação de não sei o quê de morto. Tava valendo cem conto e quem inventou comprou antes de todo mundo, tava era rico. E foi assim a semana inteira, era só disso que o povo da Faria falava.

— Dô nem uma semana pra ter lei disso aí, quer ver? — A véia falava enquanto batia o cigarro no cinzeiro e golava o pingado, cheia de certeza de tudo. E dito e feito.

Tava lá, Dona Armênia entendendo que tavam era botando lei. Descanso de morto é férias pra sempre, precisa aposentar, não. A gente que é vivo tem mais é que trabalhar. “Contribuir com a economia”, dizia eles. O povo da Faria concordava, tava tudo abanando o rabinho pra televisão. Dona Armênia voltou pro lado do caixa de copo vazio e cara de quem perdeu o rumo da roça.

— Tão votando se a gente pode morrer em paz ou tem que morrer cansado agora, é?

— É...que que cê pensa disso aí, Dona Armênia? Faz sentido pra senhora? Esse povo aí é entendido, não é, não?

— Eu penso que não vou aguentar mais muito tempo de trabalho, não, Silverinha.

— Aposenta quando, Dona Armênia?

— Do que eu ouvi ali, nunca mais. Tão é acabando com tudo. E eu duvido que acaba aí, escreve o que eu tô te falando. Misericórdia.

— É bom que agora o país vai pra frente! Com o plano real vindo aí e vocês querendo coçar o saco quando a coisa tá ficando boa, é? — Um perdido pagando a conta dos amigo soltou uma dessa do lado de Dona Armênia. Se eu conheço bem a véia, teria lhe metido uma bica nas canela, mas aí eu vi que tinha quebrado alguma coisa.

A véia tava feito estátua olhando o pingado esfriando. Naquela época, eu achava que ela tava era só puta com o homem, ou pensando na vida, mas hoje eu entendo. Tava era pensando que mais valia era desmontar a barraca de café, juntar os pote no carrinho de feira e seguir pro rumo de casa. Dona Armênia se virava do jeito que dava naquele tempo. Vendia seu café da manhã na porta do metrô, marmitta de almoço, caneta em dia de concurso e guarda-chuva com tempo fechado. Não tinha mais o filho que perdeu, mas tinha uma filha e um neto pra dar um rumo em casa. A filha não arranjava emprego por nada e cuidava do menino. Ajudava na cozinha de Dona Armênia mas era pouco ainda. Veio pra São Paulo moça, nunca entendi bem de onde. Ralou a vida sem carteira assinada mas dava seus pulo por conta, aprendeu com o pai que morreu pelado a cuidar das coisa do governo.

Armênia ficou até o fim da votação e seguiu o rumo de casa. Aprovaram a lei naquele dia numa pressa que só e ainda deu tempo de trocar de canal e ver o Brasil ganhar. Gritei com todo mundo ali, soltamos fogos, mas tava desconfiada de que a festa não era nossa, não. A vó morreu naquela noite mesmo, "morri de desgosto", ela disse quando eu cheguei aqui. Daí pra frente cê conhece a história, tanto a nossa quanto as dos outros. Conheci tua mãe no enterro de tua vó, tua mãe e o cê veio morar com a gente logo depois. Era teimoso que nem uma mula, mas eu tentava te agradar de qualquer jeito. Valéria assumiu o lugar da tua vó e puxou toda a comunidade. "Dona Armênia tá orgulhosa, Silverinha!", dizia o patrão, todo santo dia, até morrer de atropelo. O filho assumiu logo depois. Tua mãe, que não conseguia emprego nenhum, conseguiu na metalúrgica. Assim que todo mundo começou a morrer, começou a ter trabalho. Era vaga pra tudo. Eu ficava com o pé atrás, mas a gente tinha que pagar tua escola, ninguém queria que cê fosse mais um peão que nem a gente. Todo dia eu via o número de gente descansada no jornal e Valéria fingia que tava tudo bem. "Pelo menos tem emprego, Silverinha!", falava. Morreu depois de dois anos de trabalho, de acidente na fábrica. Eu sei que ela pescou na máquina, mas ninguém no emprego confirmou. Quem tem emprego hoje em dia tem medo de não ter mais por qualquer coisa. Naquela época não era diferente, não.

Cê ainda é novo pra entender as coisas, Rafael. A partir dali, todo mundo morreu mais cedo. Morreu cansado. Acabou férias, acabou fim de semana. Feriado então, que era tudo religioso, virou só lembrança. Acabou tudo que é direito e tudo o que não era também. Pergunta pra tua vizinha Marília o que tavam defendendo na igreja dela na época. Que dormir era pecado de preguiça, Rafael! Preguiça! No jornal, tavam defendendo época de produção de não sei o quê, que a economia tava crescendo e crescendo e crescendo. De madura, apodreceu, veja só. E cê aí, advogando pelo direito do patrão. É pra isso que tua vó morreu de trabalhar? Veja que, se eu fosse você, me ajeitava era logo. Tua vó, rapaz. Tua vó.

Dona Armênia, quando morreu, chegou aqui uma alma teimosa, alma que deixou coisa pra trás. Morreu puta da vida. Cê imagina, trabalhar a vida inteira e morrer antes de aproveitar a vida? Largar os filhos tudo sem nem uma pensão que fosse? Tava que o cão chupando manga. Chegou aqui e parou. Aqui é onde a gente espera. Tem a separação de quem se arrepende do que fez e de quem não se arrependeu de nada. Tem quem fique aqui uma outra vida e até mais esperando pra morrer de vez, e vai saber se volta a viver um dia. Tua vó ficou aqui é puta, mas percebeu que tava chegando cada vez mais gente. Começou com os vó que morreu de desgosto que nem ela, mas foi vindo cada vez mais gente e a coisa tava lotando, era alma saindo pelo ladrão. Gente que morreu dormindo no serviço, acidente de carro, ataque do coração, de estresse, de tiro na cabeça. Tudo perdido. Ninguém queria seguir o rumo. Dona Armênia, que movimentava todo mundo quando tava viva, viu que tava virando uma bagunça que só. A vó que não tinha nada com política se meteu a fazer comício. Que bico que tem essa vó. Convinceu todo mundo que

seguir morrendo pra reencarnar não vale a pena de jeito nenhum. “Melhor ir pro inferno que voltar pra viver do jeito que tá”, falava ela. O povo concordou, mas iam fazer o que aqui? Tinha gente atravessando de falta do que fazer, tudo coçando o saco. Dona Armênia foi lá e botou todo mundo pra trabalhar. Quem construía pra construir, quem pintava pra pintar, cada um que vinha com profissão de vivo arrumou um negócio pra fazer aqui. Passou anos, uma coisinha virou uma coisona. E agora eu entendi porque é que a gente chega de ônibus.

— Misericórdia, Silverinha! Horrível, horrível, até o metrô das seis na Sé era mais gostoso que chegar aqui. Fiz as pessoa chegar sossegada. Botei uns ônibus e uns motorista pra dirigir aqui, chega todo mundo dormindo tranquilo agora, parece que tão de férias.

A véia ficou sabendo que eu tava vindo e veio me encontrar na rodoviária, de térmica na mão pra gente tomar um café. Disse que Valéria preparou e que não podia me receber porque tava era ocupada numa obra de escola num bairro novo que tavam levantando. A rodoviária tem até os véio batendo truco em mesinha de Skol, fiquei foi besta. Desacreditada de morrer e chegar num lugar igualzinho o de vivo, filho. Desacreditada e preocupada. Tinha gente apressada, apressada demais pra quem tá descansando. Cheiro de atraso. Gente de pasta, de mochila, de terno e sapato e de macacão. Quando eu olhei pros letreiro eu percebi a enrascada. Tinha tudo o que gente viva vende e mais o que gente morta precisa de diferente. Era renovação de CNH pra quem morreu, faculdade pra quem não estudou na vida estudar na morte, até psicólogo pra trauma de morte e vai embora. Tava era todo mundo ocupado de novo, Rafael. De novo.

— Mas Dona Armênia, como é que cê me faz um negócio desses aqui no meiotê entre os vivo e os morto, Dona Armênia? Que peste que a senhora fez aqui que não foi morrer de vez?

— Osh, e pra que?

Reparei que eu tava era com saudade dessa voz de Passat véio. Desarmeí toda. Ela bicou o cafézinho, apoiou na mureta e puxou o maço de Derby. Isqueirinho Bic roxo, igualzinho eu lembrava, uma tragada, cinzeiro na mureta mesmo e seguiu na explanação. Armênia sempre usou as mão pra desenhar no ar tudo que falava, o cigarro não apagava de teimoso.

— Pra viver de novo? Eu não! Vê se alguém aqui quer voltar, Silverinha? Até gringo tá vindo parar aqui porque não ficou bom pra eles lá também não. Aqui todo mundo tem seu canto. E outra, aqui quem manda é eu, tem terninho passado pra cantar de galo aqui e fazer ação, lei, dinheiro e outra coisa, não. Todo mundo me respeita. Outro dia, um doido queria abrir um banco porque só sabia fazer isso, lhe dei foi logo uma inchada. Eu já falei com meus amigo aqui e das duas uma, ou reencarna ou vai pro coisa ruim. Se não é Deus pra fazer um negócio justo, eu mesma

faço, amém! Já fiz a casinha do meu neto Rafael inclusive, pra quando chegar com a esposa. Você e Valéria vão ficar lá em casa, que tem lugar pra todo mundo.

— Mas como a senhora tá falando assim de Deus, Dona Armênia? Tá descrente, é?

— Descrente não dá, Silverinha. Deus existe. Tô é chateada pelo pai fugido que ele é. Silverinha, Silverinha... Se você ouvisse cada história que eu ouvi do povo que chegou aqui nesses quarenta ano cê ia tá falando assim dele também. Minha filha, Silverinha, minha filha dormiu no serviço e morreu esmagada na máquina de prensa. É o que eu mais ouço, gente que esqueceu como é que se vive. Aqui eles trabalha e descansa quando sabe descansar, tem gente que esqueceu como descansa, misericórdia!

— E vai fazer isso até quando Dona Armênia? Segurar essa gente toda aqui?

— Até Deus cansar, ué. Tá faltando alma pra botar no mundo, Silverinha. Ninguém mais quer voltar, não. Ele já tá ficando de cabelo em pé. Juntei a nata da cria dele pra ir lá convencer de que ele tem que fazer alguma coisa. Quer dizer, sei lá se é cria dele, né. Se Deus criou a lei, quem foi que criou advogado? Deputado? Fiscal? Pois botei tudo que é doutor porta de cadeia pra ir lá convencer Deus de que ele precisa fazer alguma coisa do lado de lá. Eu não sei se os vivo precisa de um abraço ou uma surra de vara, mas alguma coisa ele tem que fazer.

A gente terminou o cafézinho e seguiu no rumo de casa, de ônibus, sem passe nem nada, só subir. O lugar não tem fim e não tem prédio, cabe todo mundo, sem luxo mas sem lixo também. Não sei até quando dura isso assim, não sei se Armênia aguenta manter tudo na ordem por tanto tempo ou se perde a mão um dia. Todo mundo perde a mão um dia. Também não sei se Deus vai baixar aqui pra botar ordem na gente e não nos vivo, o que eu não duvido também. Agora tô jantando com a tua mãe e não tinha medido a saudade que tava de Valéria. Ver tua mãe bem e inteira assim não tem dinheiro que pague.

Amanhã eu volto de caixa no boteco do patrão. Armênia disse que ele abriu um novo aqui, na frente do metrô, mas Valéria disse que foi ao contrário. Ele abriu o boteco e Armênia falou “Tá é faltando um metrô aí na frente, não tá?” e pronto, fizeram o metrô na frente do boteco do homem. Tem letreiro de restaurante, mas a gente sabe o que é. Tua vó disse que amanhã chega lá pra pegar o pingado e por os papo em dia, eu vou tentar limpar a tua. Pra fechar a conta, Rafael, tô te avisando pro cê entender que se ocê não ajudar a dar um corretivo no povo aí, cê é que vai tomar um corretivo por aqui. Nem tua vó e nem tua mãe vão deixar barato não. Agora deixa eu ir que graças a Deus, ou a tua vó, ainda não é pecado dormir desse lado, não.



09



SOMBRA DE MENINO

Um conto sai-fai
de **thalles**
ilustrado por
Sophia Pinheiro





SONHO COM SANGUE. *E só não digo a dor que sinto porque é dor nunca sentida antes. Ou é porque dor não se diz, só se sente. Meu ventre incha sem sentido. Ele está aberto e o corte, reto que é, é feito pelas mãos de borracha que seguram a faca. É metal que lambe a minha pele. Vermelha, a língua de metal desenha dois lábios. Dois que se encaminham lentos acobertando outras camadas. Primeiro, o cobre da minha pele. Depois, um inchaço engasgado de sangue. Então, o marrom-claro gordo. O útero que não tenho rejeita o fruto. Abriga o feto e o excremento. O vento sente o cheiro da peste.*

Ainda os sonhos me acompanham.

Acordo e sinto a gosma em torno do umbigo. É vermelha! Sei disso mesmo sem ver direito. Tudo é preto ou quase. Os olhos arregalados tentam vencer o embaço. Ouço meu peito que salta apressado. Respiro como se faltasse ar. Como se não tivesse acostumado com a falta. Meu peito batendo forte afasta essa noite dos meus olhos. Traz o ar de pouquinho. Tem gotas de sangue sobre a madeira do chão. Um fio morno desce pelas pernas e é como um risco de alento sobre a pele. É diferente desse ar difícil de engolir, do toque sem vida das sondas, da mentira dos eletrodos e do metal no colete apertado sobre a coluna.

O alarme é disparado e já não tenho mais muito tempo. Os aparelhos que me mantêm no ar são desconectados de repente, cuspindo meu corpo. Caio sobre o chão. De novo, essa noite nos olhos que não me deixa ver para longe das frestas entre a madeira e o ferro que nos separam do compartimento inferior. O socorro das luzes de emergência. Apoio meu peso sobre os braços e me dou conta de

que o sangue escorrendo de mim mergulha no escuro. Aperto de leve o abdome tentando estancar o sangue.

Para nós, o alarme é apenas uma cor, um desfile assustador de sinais. A claridade emitida pelos painéis instalados ao longo de toda a cúpula da unidade finda de uma só vez. Alguns segundos de um nada profundo. Um tempo depois, alguns refletores luminosos nas paredes são acionados e começam o disparo intermitente do vermelho. Formam listras circulares muito finas à nossa volta. Não ouvimos. Para nós, o alarme é cor. As emissões cessam somente quando terminam a limpeza do local. Como se piscássemos velozes e contra a própria vontade, observamos o corpo vermelho-negro-vermelho-negro-vermelho sendo arrastado. Para eles, é como um apito de cães convocando para o ataque.

Da última vez que o alarme foi disparado, passaram dois versos inteiros até que a claridade voltasse. Tenho pouco tempo. Toda vez que isso acontece, ouvimos uma marcha crescente se aproximando. São coturnos em conjunto ferindo o concreto das escadas externas. Preciso acreditar que é uma saída para a superfície. Foram dois versos inteiros da última vez. O disparo do alarme provoca um tremor brusco de nossos corpos. Combinados, sinais luminosos e interrupção da aplicação das drogas. Elas nos paralisam movimentos e pensamentos que consideram suspeitos. É difícil dizer que tipo de perigo oferecemos. Não entendo os limites. Antes das drogas, eram pequenos choques. As drogas trouxeram silêncio e essa noite que cobre os olhos na maior parte do tempo. Nesse tremor de corpos, é como se acordássemos de sono profundo. Por alguns segundos, atingimos uma consciência plena. E então, no instante que se abre como uma fresta para o desconhecido, todos sentimos uma liberdade estranha e nos tocamos, nossas mentes se tocam. Formamos juntos uma espécie de ser único, uma planta de raízes sem número. Galhos e ramos que se multiplicam conectados. Visitamos as lembranças nossas, e cada um a de todos, da vida de antes e que era nossa. As lembranças, todas elas, embaralhadas. Singulares e também confundidas entre si. Da vida de antes. Nessas brechas no tempo, ouço sempre uma canção de minha infância, eu acho. Muito distante. É uma mulher que canta. Ela tem uma voz que assovia sem querer, chateia um pouco sem querer. O último disparo do alarme durou o tempo de dois versos inteiros.

Aqui é só uma voz que fala. E que segue.

Corro. Tento, incerto do que faço, e de onde, e dos meus movimentos. Sigo me apoiando sobre aqueles ainda presos no ar. Imóveis, apenas as pernas balançam à minha volta. Repito a canção na minha cabeça com dificuldade. Torço para que não termine, como não terminam nunca as canções de quando se é criança. Elas não terminam, nós é que... não têm fim, a noite é que... Quero acreditar que todos tenham escutado comigo a mesma canção. Por poucos segundos, eu sei, mas ainda assim. Insisto me apoiando. Puxo com força os cabos, os conectores,

as sondas que vejo pela frente. Uma floresta de metais torcidos. Um emaranhado confuso que nos liga todos. O meu peso faz desprender os fios de alguns dos corpos mantidos no ar. Outros de mim caem pelo chão, também cuspidos. Com minhas mãos, agarro seus rostos. Agito em vão seus corpos também pegajosos para que despertem. Seguro seus rostos e é como se me olhasse num espelho quebrado em muitos pedaços. Não me enxergam, perdidos que estão no branco do avesso de seus olhos. Continuo deixando um rastro de sangue e de iguais. Sentirão o cheiro.

Registrar é o que fazemos. Toda imagem enviada. Elas surgem e não é por vontade nossa. As imagens são dele. Da vida dele, meu duplo. Registrar é o que me cabe e quase não tem descanso. Antes, liberavam todos ao mesmo tempo, todos aqueles da mesma unidade. Liberados por períodos curtos, todos juntos, obrigados a andar em círculos por corredores que levam a lugar nenhum. Nessa época, ainda usavam os choques. Qualquer tentativa de fuga, qualquer ameaça nossa era castigada com esses sinais de dor que vinham das fitas apertadas ao longo da coluna. Não sei dizer bem quais gestos eram perigosos. Podia até ser gesto nenhum. Caímos no chão, de repente, ou vemos cair os nossos. Tinham medo do quê? A suspeita aumentava cada vez mais. Aos poucos, foram diminuindo o tempo de nossos descansos. Éramos liberados em grupos cada vez menores, com intervalos revezados. Os espaços pareciam ainda mais delimitados, mas ainda mais aleatórios também. Tinha a impressão de gravar na memória trechos muito parecidos dos percursos. Os corredores eram muito semelhantes, mas nunca iguais. Se tentássemos desenhar num mapa os nossos caminhos, seriam muitos e muito diferentes uns dos outros. Um mapa único para cada descanso; descanso marcado por portas que pareciam mudar sempre de lugar, às vezes trancadas, outras não. Seguíamos em torno de nós mesmos. Rodávamos em torno daquilo que poderiam ser outras unidades também subterrâneas, possibilidades sem fim. Éramos arrastados como que por um fio invisível dentro desse labirinto que nos leva sempre, no fim das contas, para a prisão do início. Como nos orientar? Como encontrar alguma saída se o que víamos e sentíamos a cada momento era como se fosse pela primeira vez? Mesmo que apenas por pequenos detalhes, tudo era sempre novo. Como, se nossos encontros eram mais e mais curtos, reduzidos todos a trocas de olhares covardes, sombras que se davam as costas, faces dizendo sempre não umas para as outras?

Em nossas prisões, o que fazemos é registrar vidas. Somos adestrados a combinar toda imagem de cada um de nossos *concessores* a uma série de símbolos já programados. Símbolos que não inventei ou compreendo bem. O que me ensinaram foi a série de correspondências, não os porquês. Talvez eles mesmos não saibam com exatidão. Duplicamos sem muito sentido a vida de nossos duplos. Nossos dedos batem firmes as teclas frias presas bem próximas dos nossos dedos. Revivo uma vida inteira sem me mover. Duplico como uma sombra sem vida,

escondida e ignorada. Recebo estímulos constantes que me vêm desse outro. Parece que apenas existo, mas sem viver. Devo estar atento a cada detalhe dele, meu *concessor*, que vive sem grades, sem algemas.

Quem te fala é uma voz que nem é. É voz de um homem outro. E vivo tão próximo dele que costumava me confundir. Os grãos de areia sobre suas pernas roçavam as minhas também. A brisa corria pelo meu rosto. Meus pés sentiam a grama morna num fim de tarde. Minhas mãos sentiam aqueles cabelos úmidos. Meu corpo é que mergulhava... Mas não! Costumava me confundir até perceber que não há tempo onde vivo. Ele não faz sentido. Aqui, o tempo não é uma sucessão de acontecimentos. Na vida dele, o que acontece, acontece dentro de um tempo e de um espaço que se modificam pouco a pouco. Vejo muitas noites de jantares em família. Todos sorriem. Vejo dias de sol muito vivo. Vejo paisagens que desfilam numa série sem fim. Tardes de sono interminável. Vejo o céu de todas as cores. Mas aqui, perdemos qualquer noção de mudança. Não faz sentido pensar nas estações. Não há “lá fora”. Existem cortes. Sou obrigado a registrar e sou obrigado a parar de registrar. E depois retornar para os registros. Tanto em um como em outro está sempre claro. É uma noite profunda de claridade sem fim.

Duvidava se o que eu me lembrava da vida de antes era sonho ou só mais da vida dele. Existiu vida antes? A canção me vem às vezes no percurso controlado dentro desse labirinto. Só as notas. Outras vezes, só os versos, as palavras. Algo me impede de unir os dois. Isso acontece só quando me conecto a todos de uma só vez. Junto dela, a canção, uma mulher de colo aconchegante. Sinto que recupero o tempo. Não o que se foi, mas o próprio sentido dele. Reconstruo o dia e a noite. Com dificuldade, com aquilo que me resta. O dia é da mulher, de cheiros sem nomes e toques sobre pele nenhuma. O dia é do menino que corre sem precisar correr. A noite é do velho. Ele é estranho e conta muitas histórias. Durmo com a voz da mulher. Às vezes, o que vem são só as palavras na minha cabeça. Outras vezes, a canção chega só para os ouvidos. O que lembro dessa vida de antes talvez não seja nem sonho nem sequer tenha a ver com a vida dele. Pode ser um pedaço da vida de todos nós aqui.

Quando o alarme é disparado, primeiro, ele é sempre apenas cor. Depois de alguns instantes, é também o som da marcha sobre o concreto em volta. Cresce e nos rodeia como se viesse de diferentes direções. O tremor se espalha e evapora, mas retorna quando eles atingem e se aglomeram no pavimento inferior. Consigo sentir a presença deles sob nós e sua respiração pesada atravessando as frestas enquanto as luzes se alternam.

Sigo fugindo e espero que meu sangue manche seus coturnos.

Estou deitado no meio de uma plantação. É campo que explode aberto. Fileiras e mais fileiras de galhos emaranhados me cercam. Folhas escuras. Tufos macios, muito claros. Machuca um pouco, consola um pouco. O cheiro é distante na memória e não se parece com o pouco que me lembro da vida de antes, mas é vento fresco. Acalma e maltrata um pouco o rosto. O grão duro. Estou só. Aqui é uma voz que te fala, que reza por ouvidos. E o campo que explode aberto e branco. Fileiras de galhos retorcidos. Mas é vida de verdade. Nem é voz mais que fala. É pés e mãos e pelos e pele toda que falam. Mas é ninguém que ouve. Tento me levantar. Tento e é como se estivesse preso nessa terra. Me esforço em vão insistindo sobre os meus músculos. Cada um deles. Serro os dentes brancos com muita força. Desisto. Apenas ouço a marcha, a batida que se aproxima.

Tenho agora 13 anos e sinto o calor e o gosto do ferro sobre as costas. Há outros como eu. No dorso do menino que está na minha frente, vejo a marca: N.H.I. Ele tem dificuldade para andar, talvez o fogo tenha ferido também o osso, bem fundo. Quando criança, ouvia muitas histórias de colônias inteiras de meninos perdidos de seus pais. Despossuídos distantes de suas casas e terras. *Ocos de almas*, acho que eram chamados assim. Meninos presos sem saber como voltar, sem saber para onde voltar. Meninos que podiam gastar vidas inteiras se perguntando sobre o que tinham feito de errado. Passavam a morar em subterrâneos sem saber seus crimes, sua desobediência.

Não me lembro direito de como cheguei até aqui, de como me tornei um desses meninos. Acordo tentando tapar os ouvidos e me proteger do barulho que de repente ouço. Percebo meus pulsos amarrados. Também muitos braços e pernas amontoados. Eles se debatem desesperados, uns em cima dos outros. Todos aqui parecem perdidos de alguma maneira, incapazes de dizer qualquer coisa que tenha algum sentido claro.

Existe o que não se pode compreender. Fico em completo silêncio, tenho medo de que talvez tenham me arrancado também a voz.

Estou descalço e me machuca um pouco o chão áspero. É úmido e parece que o espaço é cada vez menor. É quase impossível dizer onde começa e termina cada um de nós nessa pilha enorme de gente. Seguimos todos nos contorcendo. Olhamos uns para os outros procurando ajuda e entendo aos poucos que nenhum de nós poderia fazer nada. Nenhuma salvação derrubaria as paredes pesadas que nos cercam. Nenhum socorro chegaria de qualquer parte que fosse. Seguimos enfileirados em uma sucessão de cômodos e agora sendo passo a passo separados. Aos poucos, somos organizados sobre chãos menos grosseiros, cada vez menos úmidos e mais iluminados. Recebemos camisas e calças limpas. Ainda estamos descalços.

Estou parado diante de um espelho. Do outro lado, uma luz se acende e vejo um garoto. Temos a mesma idade, eu acho. O homem tem mãos pequenas e pegajosas. A mulher, redonda. Os dois apoiam suas mãos sobre os ombros do

garoto. Rostos satisfeitos. Seu olhar, do garoto, também não me oferece ajuda. Mas ao menos não tem cheiro de medo só, tem curiosidade também. Existe algo de sincero nos olhos. São várias cabines lado a lado. É uma longa fileira como numa vitrine. Recebo ordens para me mover e mantenho os olhos voltados para o chão. Esquerda. E de costas. E à direita. Encaro novamente o trio e meu olhar, direto, parece assustar o garoto, um pouco. Ele afasta o corpo e se aproxima da mãe. Sem razão. Os adultos se olham e sorriem. O choro de um menino algumas cabines ao lado me distrai daqueles olhos e do espelho. Do outro lado, o garoto acompanha meu olhar preocupado. Seus pais o tiram de lá. A exibição termina.

Já tinham me falado sobre isso antes. Onde vivemos, as pessoas desaparecem um dia, como se nunca antes tivessem existido ou feito parte de qualquer comunidade. Partiam sem deixar rastros, sem que saudade fosse coisa nem ainda inventada para essas pessoas. Era algo assim que me dizia, na vida de antes, aquele velho. Era um avô, o meu talvez, algum vizinho, talvez um amigo antigo da família. Ele aparecia de tempos em tempos, sempre na companhia da escuridão. As rodas eram formadas em torno de sua boca e dos sons que viviam nela. *Todo nosso encontro, meu menino, é uma despedida. Não se apegue muito então.* Falava sempre de um modo muito estranho. Lembro de como suas palavras queriam me preparar para algo que viria. Eram histórias de coisas acontecidas em algum ontem perdido. Eram histórias de coisas ainda não acontecidas e que não poderiam ser evitadas, que não tinham controle. A voz era quase sempre amarga, mas mudava junto do andar da noite. Era como se contar revigorasse. Era o modo como recuperava as forças depois de um dia de andanças. O velho se alimentava de nossos olhares atentos. Ele se alimentava de nossos medos profundos. A impressão era também de abandono. O velho se desfazia junto do ar que saía com as palavras. Deixava um pouco de si em cada frase. *Um dia, menino, conhecerá teu avesso. Acontece com alguns meninos de nossas terras. Arrancam como uma daninha, com as raízes todas no ar.*

Deitado, apoio meu corpo sobre a lateral esquerda. Observo a mim mesmo, mas bebê. Nós dois choramos. Estamos envolvidos por uma luz que se apaga por segundos de tempos em tempos. Sinto que somos observados. Ouço o barulho sem descanso de aparelhos que monitoram nossos batimentos cardíacos, todos os nossos sinais vitais. Uma batida mais lenta cortada por outra, em contratempo, com mais do que o dobro do andamento da primeira. Uma voz distante e fria. “Observem!... dois indivíduos... uma faixa estreita de microprocessadores neuromórficos...” Corro a mão sobre o tórax e percebo dois seios inchados. Deles, escoo um líquido branco grosso. No entorno, pequenas tiras grudadas em nossos corpos. Há muitas também sobre o corpo que não é mais o de um bebê. Meu corpo está diante agora de outro menino. “Ambos são um só... reações físicas e emocionais... o indivíduo conessor...” A voz fria é acompanhada de reações que não consigo diferenciar.

Muitas vozes vindas de muitos olhos. “estímulos sensoriais e psíquicos ao seu receptor... é a melhor das próteses, senhores e senhoras, o próprio o humano. No Humans In Pain!”

Depois que o alarme é disparado, tudo volta a ser como antes apenas depois da limpeza. Eles entram e só arrastam os corpos. Não sabemos o que fazem com eles.

Vejo avançarem sobre a nossa unidade. Invadem e se dividem, vasculhando o espaço. Aguardo atento, confundido embaixo de outros corpos. Além de duas entradas maiores em cantos opostos do andar, abriram uma terceira, retirando um bloco de estrados da divisão entre nós e o pavimento inferior. Espero pelo momento certo. Corro me apoiando sobre as paredes úmidas, seguindo por entre os corredores que mais se parecem com fragmentos dos labirintos que visitei em outros dias. Pareço cavar ainda mais fundo o subterrâneo que é minha prisão. Tenho certeza de que há uma saída para a superfície. Tem de haver! É por onde eles chegam, não?! Os corredores são irregulares e estreitos. Continuo, a mão sobre o abdome e a outra tateando o concreto dos muros, as tubulações de ar, os encanamentos. Subo com dificuldade a escada de aço junto do poço. Aos poucos, sinto aumentar a claridade, a mudança no ar que respiro, menos sufocante. Começo a perceber sons muito diferentes daqueles que ouvi durante todo esse tempo preso. Muito distante daqueles que ouvia por todo o tempo que vivi a vida dele. Sempre ao seu lado, não como um irmão que divide a mesma rotina, os mesmos brinquedos, que luta pela mesma atenção. Como um espectador. Parte da plateia silenciosa de suas vitórias; registrador sem descanso de todas as suas conquistas. Vários dias depois de nosso primeiro encontro, pensei nele, meu duplo, na curiosidade de seu olhar e nas histórias que ouvi quando era criança, que um velho me contava. Compreendi depois que seria o receptor de todo o seu sofrimento. Assim pareciam nos dividir. Crescíamos juntos, mas algo faltava. Nunca entendi a liberdade que ele tem.

Atrás de mim, penso que se aproximam. Olho para o alto e uma noite vai se desfazendo.

Sinto um peso forte sobre meu pé esquerdo.

De repente, me vem a canção. As notas todas. A letra fala de uma terra distante, de uma viagem sem ponto de partida, só chegada.



10



EXU

Um conto sai-fai
de **Ghab Rod**
ilustrado por
Breno Loeser





MAATHEUS GRAVANDO, 24 DE JANEIRO DE 2095, 17:00 HORAS.

"Todo dia ao sair, minha vó dizia: Jesus te ama meu filho! E eu respondia, com um beijo em sua testa: Ô vó, eu também amo muito a senhora! É assim que eu falava todos os dias com minha velha antes de descer do Cabo 15 até a Maré pra ir pra aula, onde agora tem o Complexo de Tecnologias Avançadas Nicolélis.

Todo dia, eu metia meu caô, mas aceitar essa ideia batia pesado no que eu acreditava, porém eu amava ela demais pra mandar a real. E sei lá, às vezes lembrar disso me deixa meio pra baixo, afinal esse era o jeito dela de se importar comigo. É foda. Perdão, vó. Pensava que, se um dia a senhora visse essas ideias que eu guardo aqui, cê ficaria triste porque... acaba que o neguin aqui né muito crente não, sabe? Se isso existisse, a senhora, o vô, cês tava tudo aqui. E tipo... não tem mais espaço pra Deus se esconder em canto nenhum, só nas igrejas. No céu, tá tudo cheio de olho, gente se mudando pra lá e pra cá de Marte. E aqui, putz, já mapearam tudo. Tudo qué palmo de terra e até os oceanos tão mapeados faz uns 40 anos e nada de portal pra outras dimensões. Mas isso até hoje.

Lá no lab, hoje mesmo, eu vou libertar minha cabeça do sofrimento de nunca ter conhecido meus pais. Quem sabe eu tome até um cafezin com a senhora, na nossa mesinha de madeira? Se der mesmo pra interagir com as memórias na Argo, será incrível! Será que essa merda de máquina vai funcionar? Já são anos trabalhando nisso! Enfim, cê não ia gostar de me ouvir falando assim, né? Ia me dar uns tapa e mandar eu pegar meu rumo. Tá bom de caô, partiu mais um dia. Bora lá pegar o saudoso Expresso Universal, sob o olhar sanguinário do vigia! Desligando."

Maatheus caminhava apressado e, já na entrada do acesso à estação Lima Barreto, o velho Cartola fazia a saudação e o acompanhamento dos transeuntes. O som do baixo do violão dava um tom soturno àquela tarde quente e, ao mesmo tempo, dois idosos aproveitavam a praça Luís Gama enquanto tomavam cachaça e gargalhavam em uma das mesas brancas acinzentadas.

— Fala, tio!

— Fala, moleque! Vai pela sombra! Olho nas costa aí!

Não havia tempo para muita conversa. Maatheus já estava atrasado, pois um evento estava previsto para começar às 18 horas. Ao passar por lá, o rapaz sempre via as placas holográficas que mudavam de tempos em tempos, indicando rotas e horários.

A sigla [Ex-U], de Expresso Universal, projeto inaugurado há 10 anos pelo governo, estava estampada por todas as placas do lugar, referenciando as direções que se poderia tomar a partir dali. Ao mesmo tempo que as lia e se orientava, o rapaz se apressava e subia rápido as escadas sujas, o que fazia com que o barulho do concreto sintético ressoasse forte.

Alguns velhos LEDS em circuitos embutidos nas paredes pichadas convidavam as pessoas a caminhar pela escada, dando um ar difuso e luminoso para o ambiente. Pela saúde, o governo pagava cents de Real eletrônico para quem subisse por lá. Mesmo assim, hoje não tinha ninguém. Em geral, a maioria normalmente preferia as plataformas, um grupo de elevadores gigantes que há tempos não dá mais defeitos... mas nunca se sabe. Ao menos, era o que sempre dizia o rapaz, que não imaginava que descobriria algo que mudaria profundamente a sua percepção sobre todas as coisas.

Nos corredores tubulares que acessavam o expresso, Maatheus recebe uma chamada através da neurolink.

— Pô, Maatheus, onde cê tá? Os gringos já tão aqui! — Falou o professor, responsável pelo laboratório de pesquisas neurológicas.

— Desculpa, tô chegando! Vou direto pro dashboard pra puxar os dados.

— Não precisa. Já resolvi essa parte, me encontra na palestra quando chegar.

Ambos trabalhavam em um projeto que iniciava em conexões advindas diretamente do colisor atômico de Angra, onde, através de disparos de ínfimas partículas de fótons arremessadas por turbinas numa velocidade imensa contra um captor neural, tornava-se possível para alguém utilizando a máquina acessar um ambiente mental completamente novo, um mundo paralelo ao nosso, conhecido como “plano das ideias”.

Logo, Maatheus entrou no Expresso, um trem-cápsula que disparava em altíssima velocidade, utilizando trechos de túneis à vácuo. Por dentro, paredes translúcidas renderizando propagandas integradas ao ambiente exibido pela paisagem de fora. E mesmo assim, por mais tecnológico que fosse, o vagão lembrava bastante o velho metrô da capital.

Em quinze minutos, uma imensa distância foi percorrida e ele rapidamente chegou na estação Rubem Fonseca, que dava acesso a vários outros terminais na imensa megalópole que o Rio tinha se tornado. A visão de longe do Complexo por si só já chamava muita atenção, mas o que realmente deixava um sorriso no seu rosto era a chance de conversar com Djey quando chegava, a pessoa que mais gostava e confiava. Eles se conheciam desde alguns anos atrás quando sua avó faleceu e sempre conversavam de tudo um pouco.

Rapidamente, num movimento de indicadores e polegares girando contrariamente, finalizando como quem segura algo invisível, Maatheus fez aparecer entre seus dedos uma emulação holográfica de tela, interagindo imediatamente.

— Ligar pra central do lab. Gente, libera minha entrada, por favor?

— Confirma, por favor, seu nome completo e hash, pelo protocolo?

— Nzambi da Silva, Maatheus.

Após falar seu nome, seu hashcode apareceu no visor holográfico:
#E3hgd1HrDTr¹Ns¹Nç~D1sTrvsD19njtçRCL

— Bem-vindo, Maat, pode entrar! — disse a simpática pesquisadora.

— Depois dou um pulinho aí pra te ver, Djey!

Antigamente, bastava se aproximar para a comunicação do hashcode de DNA, mas agora a portaria estava com problemas, os sensores biométricos tinham sofrido vários ataques e já não se dava mais para confiar totalmente na segurança desses aparelhos, pois seguiam sempre precisando de revisão e em momento algum nada parava, nem os defeitos, nem o tempo.

18:00 horas.

Ao entrar no saguão principal, Maatheus já se deparou com uma reunião de pesquisadores se dirigindo para a palestra do Dr. Immanuel Kant Ur, renomado cientista branco novaiorquino referência absoluta no estudo da mente humana, cuja voz já ecoava pelo ambiente.

— Hoje é um dia especial, um marco. Neste dia, 72 consciências se reúnem para libertar o *Homo Cyber Sapiens* das correntes que o aprisionam no mundo físico e torná-lo o *Homo Superior*! — falou o palestrante em um perfeito português

com leve sotaque anglófono. E prosseguiu: — Coube à essa instituição, braço dos Iluminados, realizar, depois de décadas de pesquisa, a criação da nau que nos levará ao cerne das mais profundas memórias da humanidade, nos levará a um lugar jamais explorado que não fosse pela abstração dos artistas e das religiões! Nos levará ao EIDOS!

Ditas as palavras, um efusivo aplauso tomou conta de todo ouvido ali presente.

— Esse lugar mitológico possui muitos nomes. No Oriente, se chamou Tao e nos Vedas, Akasha. Egíptólogos o conheciam como Nun. As grandiosas Eddas, por elevarem o pensamento heróico e imperativo, determinam-no como Godheim e muitos aqui diriam que esse lugar é o próprio paraíso perdido do Éden ou de Arcádia! A verdade é que algo real existe e se formou com o somatório de todos os sentimentos, toda a imaginação e memória de cada ser humano que pisou na face da Terra. Graças a Dawkins e muitos outros pesquisadores, hoje se sabe que o Eidos se formou junto ao que molda o comportamento humano, o que se pode reduzir a dois imensos grupos conceituais, prazer e sofrimento, com tudo emanando a partir disso. Naturalmente, o plano das ideias pode ser acessado em diferentes níveis de consciência. Acordados, ao divagarmos e relaxarmos nossa mente, ao imergir em um conceito ou abstração, bem como com o uso de psicotrópicos. O acesso natural mais forte se dá quando nosso corpo atinge o sono REM, na camada que há muito se sabe ser relacionada aos sonhos. Cada um de nós possui um microcosmo sináptico do Eidos renderizado pelas substâncias químicas da própria hipófise, de onde a maioria das pessoas não ousa sair. Ainda assim, alguns poucos adquirem consciência e lucidez no sonho, alcançando proezas dignas de ficção como voar e até mesmo se relacionar sexualmente com outras projeções.

Marcando pontos brilhantes no ar e movendo as mãos para criar diagramas em realidade aumentada, ele continuou.

— O meio desse deslocamento acontece no inconsciente coletivo que Jung tanto defendeu em sua tese. Seu haplogrupo genético determina as nuances mais profundas de memória das quais seu cérebro poderá obter do Eidos. E agora, com o domínio da tecnologia de manipulação genética CRISPR, nós temos todas as chaves, o homem poderá acessar tudo que precisa de lá. Agora, senhores, imaginem! Imaginem se por um instante você, dotado de absoluta consciência e poder, pudesse andar, voar, reconhecer e lembrar cada um de seus passos nesse lugar divino, tal qual fazemos aqui hoje?! Imagine que, se um homem em estado normal pode ter inúmeros poderes no Eidos apenas por estar completamente consciente, o que faria um homem em um estado alterado de consciência? O que faria um profeta antigo como Elias? Um mago medieval como John Dee? Um druída de Ávalon como José de Arimatéia? Uma poderosa imagem de D'us, é isso que eles se tornariam e é isso que faremos! CABE A NÓS, Iluminados, trazermos a centelha do conhecimento divino perdido à humanidade! Nós fomos escolhidos

pelo criador para sermos o novo Prometeu, para transmitirmos aos merecedores da palavra todo o conhecimento necessário para tangenciar o destino do mundo!

A plateia parecia completamente hipnotizada pela oratória do filósofo, entusiasmada com uma das possibilidades mais sonhadas por tantos estar quase que ao alcance das mãos.

Então, exatamente nesse momento, Maatheus, que tinha parado para ouvir a palestra da porta, foi visto.

— Quem permitiu que esse SAPIENS MEDÍOCRE entrasse na minha sagrada ágora? Não entendo como vocês ainda não foram EXTINTOS da face da Terra! Tirem-no daqui imediatamente! — vociferou o homem explodindo em um ódio incompreensível.

— Calma senhor, tá tudo bem, ele trabalha aqui conosco! — tentou justificar um dos membros da reunião.

— Você compartilharia a visão da glória absoluta com alguém assim? Você é a escória que dá margem a esse mundo impuro e fraco! Pois ambos SUMAM AGORA DA MINHA FRENTE! SEGURANÇAS!

De repente, seis homens truculentos do exército partiram para cima dos dois, violentamente levando-os para fora do complexo.

— Se voltar, morre! — disse um dos soldados mostrando a ponta da arma.

— Pô, professor Branco, que merda foi essa? Fala pra mim, qual foi o problema?

— Cadê tua consciência social? O problema não é você, garoto. Eles são o problema. Bando de racistas! Um grupo de dentro do governo autorizou a tomada desse projeto por pessoas que nunca tiveram relação nenhuma com o Complexo, e agora aquele homem que você viu discursando é a autoridade. Meu cargo foi dissolvido, mas eu não imaginava que tudo chegaria num ponto como esse. Amanhã será tarde demais.

— E a gente vai deixar eles levarem tudo que lutamos pra criar assim? De mão beijada? Cê não vai lutar por nada, velho? É sério isso?

— Tu quer morrer? Acabou pra gente aqui, moleque. Teu sonho de ver teus pais fica pra depois, podemos ir pra casa agora. Fica fora disso, cê sabe como as coisas são com os militares. Tenho filho pra criar, me desculpa, garoto... — falou o professor já se despedindo do rapaz e afastando-se do Complexo.

Permanecendo sentado na quina do banco de madeira que decorava os jardins da entrada do lugar, turbilhões de pensamento martelavam a cabeça de Maatheus.

— Vou mostrar presse filho da puta quem é o medíocre! Nem fudendo que eu vou deixar isso passar. Eu lutei muito pra ajudar a construir tudo! Eu vou descobrir tudo no fundo das memórias do Eidos e vou resolver essa merda toda! Neurolink, mensagem pra Djey: Djey, eu preciso de um favor seu como nunca antes te pedi na vida. Por favor, me encontra na biblioteca do lab em 1 hora?

20:00 horas.

Na hora marcada, Djey Rute, a passos rápidos, percorreu o longo e frio corredor que dava acesso à biblioteca. Tudo estava escuro, mas as credenciais ainda funcionavam garantindo passagem ao aproximar-se do leitor de DNA.

— Maat... Maat, cadê você? — sussurrou baixinho a moça.

— Tô aqui... — chamou hesitante, num canto escondido de trás da prateleira dos livros de Direito. — Cê já soube o que rolou mais cedo?

— Poxa, eu soube sim! Mas por que expulsaram vocês? E como você entrou agora sem ninguém notar? — perguntou Djey, abraçando-o.

— Eu tenho meus truques! Já tinha hackeado a entrada antes, daí só linkei algumas câms com nosso banco de imagens do mês passado. Essa parada toda rolou porque um bando de racistas tomou tudo da gente!

— Quê?? Sêrio?!

— Sim, real, tá tudo na mão deles! Mas eu não vou deixar!

— O que você pretende fazer?

— Eu preciso entrar lá! Cê sabe que meu sonho é descobrir sobre meus pais e essa é minha única chance. Lá dentro, eu dou meu jeito pra fuder com o plano deles.

— Mas é perigoso! Você pode morrer! Dependendo do nível de consciência de alguém conectado, morrer lá pode fazer com que você entre em coma ou morra em definitivo.

— Ou posso só acordar do transe também. Perigoso mesmo é ver tanta gente ruim tendo acesso a algo que pode mudar o destino do mundo inteiro. Me ajuda, por favor?

— Sim! Eu confio muito em você — ela sussurrou, respondendo com carinho e apertando suas mãos com força nas mãos dele.

Juntos, eles correram até o laboratório principal. Todos já tinham ido embora, mas Djey sabia da agenda do lugar e, estranhamente, o grupo regressaria para um encontro à meia-noite.

— Maat, promete que você volta? Você não tem muito tempo lá.

— Prometo.

Maatheus entrou na cápsula com determinação, se acomodou na Argo, que era como se chamava o projeto que levava a mente ao Eidos, ligou os pulsos aos conectivos e sentiu o corpo inteiro formigar. Uma dor indescritível se espalhou da cervical e nano-conexões estabeleceram-se pelos poros capilares do seu corpo, lançando finos raios elétricos por toda parte ao seu redor, isolada pelo espaço elíptico de vidro.

ENTÃO, TUDO ABRUPTAMENTE ESCURECEU.

Ele abriu os olhos. Estava estendido em uma estação velha e deteriorada de metrô, coberta por ferrugem e pelas poeiras do tempo e esquecimento, como se tudo tivesse sido retomado pela natureza que cercava o lugar. O cheiro seco de fuligem tomava conta do ambiente e, ao redor, tudo era estranhamente cercado por uma savana, com uma floresta densa adentrando nos rumos de onde não mais se pode ver.

— Acorda, acorda, criança, é chegada a hora, *ahora abaetê!* — falou uma maritaca verde de belíssimas plumas ao garoto, ao mesmo tempo que o beliscava.

— Putz, minha cabeça tá doendo muito! Onde é que eu tô? Ué, você fala?

— Fala? Claro que fala! *Hola!*

— Nossa... esse é o tal do Ei...dos? — perguntou Maatheus, ainda se recuperando.

— Ei? Ei, ei, ei! Meu nome não é Ei, é Erê!

— Não, pô, você não! O lugar, se chama Eidos?

— Pô? Não, não, Erê! E-R-Ê! E o lugar se chama *Órun*, que é o nome certo!

— Por que esse é o nome certo?

— É certo que a resposta levaria mais do que o tempo da sua vida para ensinar!

— Ué, e você sabe quando eu vou morrer?

— Morrer é só para o que está vivo! Isso é segredo do sombrio IKU sobre todas as coisas vivas! — respondeu a intrigante ave.

— Hã? Não entendi nada! Preciso descobrir mais e não tenho tempo. Você sabe me dizer onde devo ir para acessar memórias aqui nesse lugar?

— Para lembrar de lembrar, siga na direção do sol se pondo. Quando virdes a lua, estará perto — e depois de dizer essas palavras, a maritaca voou pelo céu que cobria a estação, rumando às árvores da floresta tropical.

Na direção indicada ao longe, oposta à floresta, existiam muitas luzes em meio a algo que parecia ser uma montanha gigantesca. Uma aurora boreal conectava uma ponta a outra do céu crepuscular, com feixes luminosos percorrendo-na numa velocidade incalculável.

Correndo, o rapaz começou a ganhar confiança e seus pés se tornaram mais leves. Logo, ele percebeu que conseguia adquirir uma velocidade incomum naquele lugar. Cada passo reluzia em padrões geométricos, como se os pés tocassem uma pequena projeção de plataforma circular, o que deixava o rapaz pensando se aquilo era mesmo um lugar ou uma renderização de engine gráfica muito bem elaborada.

— INACREDITÁVEL! — exclamou com espanto um maravilhado Maatheus, ao se aproximar muito rapidamente daquilo que parecia ser uma montanha, mas que na verdade era uma enorme construção piramidal erguida pelo povo africano. O majestoso monumento possuía uma imensa ponta dourada, incandescida pelos raios solares numa perfeita conjunção com o caminho tracejado no céu pelo sol e as três estrelas que despontavam do que hoje a cultura dominante chama de cinturão de Órion.

Aos arredores da pirâmide, que as pessoas chamavam de *merkhut*, um número incontável de pessoas pretas trajavam belas vestes de linho, seda, peles de leopardo, plumas e inúmeros adereços multicores numa predominância de vermelho, verde e preto. Postados em saúde e prosperidade, todos observavam com muita atenção e reverência o portal sagrado da construção religiosa, alguém parecia sair de lá de dentro.

— Nossa! O que é tudo isso? — disse Maatheus, pensando em voz alta.

— Isso é a verdade! — respondeu o Erê, de cima do ombro do rapaz.

— Ué, como você chegou...

— *Mira, mira*, ela tá vindo!

Do ponto mais importante, se via a visão absoluta de uma divindade caminhando sobre a Terra. Uma mulher jovem deslumbrante, de pele da cor do céu noturno e profundo, cabelos frondosos como os imensos e sagrados baobás, erguidos

espiralados rumando ao universo estelar com belíssimos adornos e pinturas douradas emulando galáxias por todo seu corpo reluzente como o sol.

— Mas, mas como? É... A... DJEY! — se surpreendeu o garoto, boquiaberto.

— Djey? Não, não! Ela é a filha dos deuses imortais, ela se chamava Hatesh-Hep-Sut e hoje ela reclama para si um novo nome. *Ahora* se chamará MAAT-KA-RA, que significa a “luz da verdade divina sobre a Terra”. O grande deus criador de todas as coisas AMÉM-RÁ a escolheu para liderar toda a poderosa nação do KeMeT ao futuro!

— Eu não consigo te acompanhar! O que? AMÉM-RÁ? KeMeT?

A grande deusa, então, abriu suas resplandescentes asas sobre o povo; e a todos abençoou.

— Eu disse que levaria o tempo de uma vida pra te explicar tudo! Bem... o sol está se pondo e você parou. Se eu fosse você, continuaria! *Pero...* por que você usa os pés? Faz como *yo, mira, mira!* — falou a ave, batendo as belas asas coloridas.

— Se tudo isso é como um sonho, isso tem que funcionar!

Ele lembrou que sonhava voar quando criança, e que imaginar as nuvens e seu corpo ficando leve lhe faziam rodopiar pelo céu. E tinha razão! Seu corpo ficou mais leve e, num impulso, ele se arremessou para cima.

Maat se afastou numa velocidade sobrehumana do chão e, se projetando às nuvens, ele viu o quão bonito era tudo aquilo. Mas ele precisava ir além, precisava avançar ainda mais na direção do sol poente.

23:00 horas.

No laboratório, um barulho estranho e distante captado pelos sensores da entrada principal e retransmitidos à neurolink de Djey a deixou muito preocupada.

— O que foi isso? Acessar painel! Ai nããã!!

Essas foram as palavras dela ao ver o que tinha nas imagens da nanocâmera que ela acessava para verificar o que ocorria no saguão principal. Um grupo de pessoas encapuzadas, com robes roxos e inscrições estranhas bordadas em escarlate, tinham entrado, com as mesmas credenciais de DNA que usaram na palestra mais cedo.

— Que merda! Por que esses DEMÔNIOS vieram pra cá uma hora antes do combinado?! A meu deus do céu, vamo Maat, a gente tem que sair, volta logo,

por favor! — falou a jovem neurologista, monitorando os gráficos do dashboard, pensando em rotas de fuga e rapidamente trancando as duas portas da sala.

No meio do saguão principal de piso quadricular que lembrava um tabuleiro de xadrez, eles abriram um imenso tapete preto e começaram a tracejar em neon um círculo com inscrições que o helper do visor de Djey indicava ser uma língua morta, numa espécie de mistura de grego antigo e hebraico, enquanto o filósofo Dr. I.K.U. se posicionava nu portando cajado e espada, ao centro do círculo. Ao tempo em que entoavam cânticos estranhos em latim, os homens retiraram repentinamente uma criança de dentro de um baú escuro, a qual foi imediatamente sacrificada. A visão absurda e sangrenta desse momento estarreceu a moça, que observava tudo em um vórtice de medo e terror indescritível.

Em *Órun*, muito tempo se passava e Maat se sentia completamente desolado. Depois de procurar muito além da *merkhut*, ele parecia não ter encontrado nada.

As horas se esgotavam e ele não tinha conseguido. O desespero começava a desmoronar toda a confiança que tinha construído. Será que tudo seria em vão? Desceu então dos céus com suas asas douradas feitas de sonho e, numa escura noite que começava, ele buscou abrigo no chão úmido.

Encontrou um tronco seco e apodrecido em uma praia e decidiu ir para lá. Sentou-se e, por completo, se desesperou.

— Eu fracassei. Eu não consigo encontrar memória alguma aqui. Isso é tudo uma ILUSÃO criada por um maldito aplicativo! Que parte do código desse software eu não percebi? Eu sou um completo idiota de ter acreditado numa merda dessas!

Nesse momento, um som de bumbo ressoou forte, fazendo vibrar cada célula de seu corpo.

BUM. BUM. BUM.

— Desperte, mizin fíio!

Erguendo a cabeça para ver o que vinha, percebeu. Homens acorrentados em uma fila a perder de vista choravam e gritavam de raiva, dor e tristeza, caminhando unidos por um enorme tronco que perpassava entre os braços de cada um, roubando suas forças.

Eram esmurrados, enforcados, açoitados, forçados a caminhar em direção à bordo de barcos imundos com nomes eufemistas como Caridade, Bom Jesus, Amável Donzela e muitos, muitos outros nomes. As embarcações infernais de morte estavam infestadas de ratos, doenças, insetos, vômitos, urina, excrementos

e todas as mais sórdidas realizações de violência que se pode imaginar contra outros seres humanos.

— Desperte!

Com sua pálida máscara craniana, aquele que parecia ser o mitológico representante da morte IKU comandava o manche dos navios, ao mesmo tempo que tocava o tambor da marcha fúnebre, que perfurava os homens enfileirados, que sentia alegria com o sabor do sangue que corria sobre a terra. IKU era, é e sempre será onipresente, onipotente e onisciente sobre tudo que vive. Sempre existiu desde o primeiro sopro de vida de todas as coisas.

Porque tudo que é vivo, morre.

— Nem tudo, meu fio. Nem tudo que é vivo morre.

— O quê? Quem tá falando? De onde vem essa voz? — se perguntou Maatheus.

Uma voz lenta e experiente prosseguiu, não aparentando estar em lugar algum e sim em meio a fumaças de cachimbo, dentro dos ouvidos de Maatheus.

— Vassuncê demorô muito a despertá, um sono de muitas existências. Hoj'im dia, quase ninguém mais acorda. Demorô muito a lembrá de lembrá. Buscô se instruí e isqueceu de lembrá. De que vale o processamento do juízo sem a memória? Vassuncê deveria sabê, todo eshcriba deveria sabê. Sabe o que não morre? Uma ideia. Uma ideia sempre é uma ideia. Um sentimento. O amor sempre vai ser o amor onde o amor izistí. Se uma vida é grande pelas conquistas, pelo amor, ela tombém se torna imortal.

— O quê? Onde cê tá? Eu não sou escriba, sou programador! — respondeu Maatheus, desolado.

— Os símbolo muda, mas os significado permanece.

Ouvindo isso, o rapaz se levantou, esbugalhou os olhos e, arranhando a cabeça, esfacelou a mente num completo devaneio, um sublime grito aos céus.

— Eu sou um fracasso completo! Não posso salvar essas pessoas... Não posso nem me salvar... Não posso nem salvar a garota que eu amo, nem nunca disse isso pra ela! Eu não entendo, por que tô vendo e ouvindo tudo isso? Eu me arrisquei e lutei por toda minha vida para saber quem eram meus pais! Eu não conheço essas pessoas, eu não conheço ninguém, essas não são as memórias que eu vim buscar!

— Vassuncê cunhece todos aí. Olhe a Maafa mais de perto. MAIS... DE... PERTO.

Ao atentar o olhar, o rapaz percebeu sua avó amarrada e amordaçada no navio Caridade, enquanto dois homens brancos se revezavam em agredí-la. Cada solução

correspondia a um chute com botas de pontas de ferro nas costelas já quebradas das costas em carne viva da anciã. Mesmo assim, ela tentava corajosamente dar abrigo em seu colo para uma criança que parecia ser Maatheus quando pequeno, enquanto outras choravam ao redor.

Nesse momento, em uma fúria completa, ele tenta se lançar desesperadamente rumo aonde sua avó está para salvá-la, mas suas asas já não existem e seus pés estão fincados até os joelhos em meio a um lamacento manguezal. Ele se esforça, luta, se joga à frente e vai até o fim das forças para seguir se movendo, enquanto tudo acontece diante de seus olhos.

Atônito, as lágrimas que fluíam de seu rosto agora salgavam todo o sabor amargo de dor que ele sentia ao entender que, no final de tudo, o sofrimento de todos também é o seu próprio sofrimento.

— Vê? O que tá lá, tá aqui dentro de vassuncê. O tempo não divide tanto quanto se pensa. Cada passo de quem tá aqui, é um passo de quem tava lá, lutano para que um dia vassuncê tivesse vivo. Suncê caminha com cada mão calejada de um ancestral sobre seu ombro, suncê queira ou não. Dissolve teu egoísmo nas águas e deixa ir.

A dor de ver a pessoa que ele mais amava sendo tão violentamente agredida dilacerava a alma do rapaz.

— Eu sempre fui feito de puro egoísmo e ignorância. Me perdoem por nunca ter percebido. Por nunca ter tentado entender. Por achar que se ignorasse, tudo desapareceria e eu nunca precisaria sofrer.

— Se perdõe meu fio. Se alembre sempre de lembrá... — respondeu a sábia e antiga voz.

— Como posso me perdoar?

— Respire. A culpa é uma âncora. Deixa ela ir e liberte sua mente. Olhe pra dentro, é onde sua resposta está. Os grillhões foram todos rompidos, não existe mais prisão. Suncê não precisa de asas, nada mais lhe impede de vuá. Esvazie seu pote.

Um silêncio absoluto tomou conta do ambiente quando, num lapso temporal, Maat fechou os olhos para aprender a olhar para dentro. Ele então se sentiu mergulhar e, de olhos fechados, vislumbrou a imensidão. Encontrou galáxias, supernovas, sinapses luminosas de memórias, infinitos fractais de sentimentos. Navegou no profundo da existência de todas as coisas. Lembrou então de suas convicções e sobre elas pesou seu coração, seu aprendizado, sua memória readquirida.

Nesse meio tempo, ao longe se via uma enorme elipse de nuvens de tempestade se reunindo de forma agressiva, balançando a terra no seu âmagô e sugando

todos os gritos e almas acorrentadas pela violência do holocausto africano. Tudo convergia em um amálgama supremo de morte e invocação para alguém que parecia querer utilizar o poder espiritual do símbolo de IKU, cuja força parecia aumentar sem parar.

23:57

Nesse momento no Complexo, o grupo encerrou o estranho ritual banhado em sangue inocente e o filósofo começou a caminhar em direção a seu destino. Immanu-El, possuído por escarificações de runas e uma imagem mental em um completo transe extra sensorial, começou a caminhar firmemente à frente de todos os outros homens brancos, em direção à sala que levava ao Eidos. Em *Órun*, Maat retomou os sentidos e, em posição de lótus, ergueu um voo final para dentro de si.

Cada uma das portas de vidro que separavam as sessões do Complexo Nicolélis começaram a se abrir, enquanto uma neblina fria pairava pelos pés de cada um ali presente. As portas mentais pareciam destravadas para Maat, que agora entendia o que tudo aquilo que tinha visto e ouvido representava.

Atrás de cada passo do grupo do filósofo I.K.U. as luzes desligavam, como se as sombras os conduzissem. À frente da imagem mental de Maat, uma luz tão clara quanto o sol.

Por fim, o portal final. A passagem que, como um abismo, separa o homem de seu eu superior. A única porta do laboratório que não cedeu de imediato era a porta que por trás tinha alguém que firmemente acreditava na força da amizade e não desistia do amor.

A um passo de se conectar aos portões do infinito, o filósofo de agora muitos nomes e auto-denominado MEM-PHI-THOTH-EL-ESH, possuído por forças invisíveis e incompreensíveis para muitos, falava enquanto sorria.

— Os antigos eram sobretudo tolos, ingênuos, pobres crianças brincando com as forças do mundo! Pensavam que a história e a verdade, fincada na cultura de quem vivia em todos os lugares, nos hábitos, na reverência, na memória, nos papiros, nas pedras e nas paredes... jamais seriam alterados ou usurpados. Mas o que acontece quando... paredes e pedras são isoladas e destruídas, papiros incendiados, povos completamente extintos e... para os sobreviventes, a implementação da cultura, reverência e memória sendo imposta pelos vencedores das guerras vigentes?

A verdade é uma mentira que as pessoas querem acreditar! A verdade é o que se quer que seja verdade!

A verdade é o que eu quero que seja!

As palavras foram ditas ao mesmo tempo que I.K.U. conseguiu abrir a última porta do mundo material, a porta da sala da Argo, para então ansiosamente encontrar sua máscara mental, a contraparte simbólica arquetípica no Eidos e, por fim, descobrir a luz da verdade.

Um clarão.

BUM!

UMA ENORME EXPLOSÃO!

Implodindo e aniquilando completamente todo o Complexo!

EPÍLOGO.

23:29

— Neurolink, mensagem pra Djey.

Rapidamente, Djey Rute recebe uma mensagem assíncrona, sem chance alguma de resposta. Ela mentalmente abre e ouve, apreensiva.

“Djey, agora tudo faz sentido. Não consigo te explicar exatamente, mas eu vejo tudo.

O amor, a dor, as angústias. As alegrias, o sofrimento, a vida. Eu consegui ver toda a minha família, minhas origens e até mais que isso! Vi todos nós juntos, representando um ideal maior, pra melhorar a vida das pessoas! Você tinha razão sobre tudo que me falava, mas não temos mais tempo, cê precisa ir! Eu consegui me conectar na central e liberei todas as saídas da ala leste, e como eles estão na oeste você consegue fugir, se for agora mesmo. Eu estou apagando as instâncias e espalhando um Quanta-Vírus para lockar e sobrecarregar as turbinas do Complexo, o que vai explodir tudo; pra impedir que essas pessoas entrem aqui nesse lugar sagrado com a Argo. Se isso acontecer, pode ser muito ruim.

Por favor, vai! Você precisa continuar o projeto e ensinar as pessoas. Não vou conseguir retornar fisicamente, mas tenho certeza que retornei porque você nunca vai esquecer de mim, vou seguir vivendo em você. Fica bem! Eu te admiro muito por tudo que você é, por sempre ter me ensinado a pensar, a ser alguém melhor e ajudado muito em tantos momentos que tive de tristeza e solidão.

Obrigado por tudo. Te amo.”





NEGÓCIOS ESCUSOS NO BAR DO FIM DO MUNDO

Um conto sai-fai
de **Oziel Herbert**
ilustrado por
Raphael Salimena





“TU TEM CERTEZA DISSO, ZÉ?”

“Tenho, Gabriel. Relaxe que o *job* é tranquilo e a grana é certa.”

A gente pedalava em direção ao Bar do Fim do Mundo. Aquele lugar maluco que seu Chapinha construiu entre duas dimensões. Metade do bar ficava ali no Alto Alegre I, terrinha boa, com mato pras criança correr, umas casas meio igual que o governo fez pra pobre e um cheiro tóxico de atmosferas misturadas. A outra metade descansava sob um céu alienígena. O velho tinha fregueses em dois mundos. Vendia cachaça pra terráqueos e achocolatado pras a’kasianas. A gente pedalava até lá pra encontrar uma dessas. Uma a’kasiana.

Queria a sagacidade do Chapinha. Uma semana depois do disco voador cair ele já tava com uma penca de pedreiro expandindo o bar pra A’kasia. Deu um pouco de sorte também. Um dos portais abriu bem no meio do Bar dele. Meio que um sinal de Deus, sabe? Aí, enquanto a gente enterrava nossos mortos, ele se preparava pra vender pra alienígenas. Hoje tá rico. A’kassianas tem muito ouro. Quase todo mundo que se envolveu com portais logo cedo tava endinheirado agora. Especialmente quem negociava com o povo de A’kasia.

Depois da queda apareceu muita profissão nova. Tinham os Guias, uma galera que entrava nos portais com turista mostrando fauna e flora alienígena e saindo de lá em segurança. Assim, pelo menos a promessa era essa, né? Nem sempre dava certo. Alemães, estadunidenses, kha’ziones e zwargs eram os clientes mais comuns e não era raro um deles não voltar pra casa. Ou voltar com um pedaço faltando, sem braço, sem perna, essas coisas. Guias experientes sempre botavam no contrato: “não nos responsabilizamos por amputações, queimaduras, ou

qualquer outra injúria corporal.” Tinha os Mapeadores também. Esses caras registravam atmosfera, gravidade, temperatura, risco biológico, enfim, tudo que dava pra se saber do outro lado de cada portal, compilavam tudo em manuais e vendiam pela cidade. Atualmente usavam drones, mas os mais antigos encaravam o desconhecido de frente mesmo. Tem uma, a Alice, acho que é Alice o nome dela. Essa ficou famosa. Escreveu um manual autobiográfico tão bom que vendeu no mundo todo. *Best-Seller internacional*. Milhões de cópias e tals.

Já faz uns 6 anos desde a queda. Aquele ano trágico de 2020. Pacatuba e Maracanaú em chamas. O disco voador caindo. O motor quebrado abrindo portais na cidade toda. Atmosferas alienígenas vazando e matando o povo envenenado. Fauna intergaláctica invadindo a cidade e comendo gente viva. Casas inteiras caindo no infinito porque tiveram o azar de um portal abrindo abaixo delas. Todo mundo vivo hoje tinha perdido alguém naquele ano. Uma mãe. Um tio. Um filho. Uma amiga. E o mais maluco é que olhando pra cidade hoje, nem parece que 6 anos atrás ela perdera tanta gente. Tirando a tragédia, acho que a gente deu sorte com esses portais. Alienígenas são muito bons em infraestrutura. Com ajuda de A’kasianas e Zwargs — nossos alienígenas favoritos — a cidade ficou de pé e melhorada em uns 6 meses. Até saneamento básico todo mundo tinha. E muita oportunidade apareceu também. Emprego pros sobreviventes reconstruindo a cidade. Emprego pros sobreviventes em solo alienígena, sendo pago em ouro, esmeralda, tecnologia. Isso sem contar a mudança administrativa. Antes, Pacatuba e Maracanaú eram municípios. Hoje, por conta da pressão e do interesse internacional nos portais, são um Distrito Federal, A Cidade dos Mil Portais. Entra dinheiro do mundo inteiro aqui. De outros mundos também. Não sei nem como que aqui ainda tem gente pobre que nem eu. Pobre a ponto de arriscar a vida num serviço maluco desses.

De qualquer forma, acho que não enrico mais não. Tô entrando tarde no esquema. Mais pela Rebeca do que por mim. Ela já tá com 4 Meses e eu não pretendo deixar meu filho passando fome igual o bosta do meu pai fez comigo não. Se depender de mim, minha cria vai ter tudo do bom e do melhor. Tudo mesmo. Fatura.

“Tu tem faturado muito?”

Zé não responde de imediato. Parece cansado. Acho que tem trabalho formal também. Trabalha fixo numa fábrica e quando pega folga faz bico nos portais. Deve ser uma barra.

“Nos portais?”

“É.”

“Bicho, sim. Mas eu evito. Tenho filho pra criar e é uma parada perigosa. Lembra do João?”

“Claro, gente fina. Morreu explorando num foi?”

“Foi. Tava comigo. Maluco foi mexer numa planta lá em Kh’or’Mir e a planta não eram planta. Era bicho. Criou boca, engoliu o nego inteiro e virou planta de novo.”

“Caralho, mano.”

“Pois é. E a bicha ainda era transparente. A gente viu ele derreter lá dentro, mano. Gritando. Mariana ficou traumatizada, nunca mais atravessou portal. Eu sou forte, né? Homem de verdade. Então num parei de ir não. Tento evito pegar missão pra num morrer, mas como a grana é alta é foda resistir. Teve um *job* que eu peguei 6 meses de salário num dia. Coisa de louco.”

“Porra... Por que tu não se demite então, mano? Foca nos portais?”

“Sei lá. Pedala quieto aí. Cansei de interrogatório.”

“Beleza. Beleza.”

Era paia ele querer silêncio. Só pedalar deixa minha cabeça muito solta. Mas tranquilo. Deixa o Zé ficar puto. Acho que eu tava falando merda mesmo. Tem que ficar quieto pra fazer as coisas. O bosta do meu pai falava uma parada assim às vezes. “Até o insensato passará por sábio se ficar quieto e, se contiver a língua, parecerá que tem discernimento. Provérbios 17:28.” Acho que ele falou isso uns dois dias antes de abandonar mainha. Desgraçado. Aí Dona Lúcia que saudade eu tenho de tu. Que Deus a tenha. Merda de disco voador.

A gente se aproxima do Alto Alegre I pela Benigno Pereira. A rua ficou conhecidíssima nos últimos anos por causa das a’kasianas que nela habitam. Fizaram até um documentário sobre. Histórias das a’kasianas que saíram do portal no Bar do Fim do Mundo, gostaram da atmosfera amena do planeta Terra e ficaram aqui pra escapar de seu árido planeta deserto. Acho bem louco isso, sabe? Saber que o Ceará pra elas é frio. Tem até uma delas com um marido humano. Maior viagem.

Zé para sua bike.

“Tamo na fronteira. Capacetes.”

“Ok. ok.”

Descemos. Apertamos o botão em nossas gargantilhas. O campo de força, doado a todo morador numa parceria da Cidade dos Mil Portais com o Governo Federal e algumas Embaixadas Alienígenas, se expande. É um traje sutil. Cobre com uma fina camada eletromagnética os nossos corpos e roupas de marginal

barra pesada. Fica um visual bem *high-tech*. Eu gosto. Em outras circunstâncias eu bateria uma *selfie*, pra imprimir e colar no diário mais tarde. Mas como o Zé tá meio puto, cansado, sei lá o que, eu só subo na bike de novo e voltamos a pedalar. Daquela área em diante a atmosfera terráquea tinha se misturado com a a'kasiana e todo mundo que vivia ali estava sempre com seus campos de força ativados.

A quantidade de a'kasianas também aumentava conforme adentramos o bairro. Nas calçadas, sentadas com velhinhas humanas, fofocando. Voltando do mercado com sacolas de compras. Rastejando pela rua levando um cachorrinho para passear. Até passamos por uma criança daqui soltando pipa com uma de lá. Era um tanto cômico ver o corpo vermiforme soltando pipa. A única mão na ponta de sua cauda a'kasiana dando cortes enquanto uma humana segurava o carretel e dizia em evidente chacota:

— Usa as duas mãos, D'rrrzzz.

— Cala a boca, Juliana. Quero ver tu ganhar de mim na rasteirinha.

— E como é que eu vou rastejar melhor que uma cobra?

— Exato, sua palhaça.

Era meio lindo, sabe? Queria que a gente fosse entre si tão de boa como as a'kasianas e os zwargs foram com a gente. Inclusive, não fosse a proteção bélica alienígena que eles botaram nas mãos da Cidade, tenho certeza que tinham inventado uma desculpa terrorista e invadido nossas área. Tirado tudo da gente. Ficado com os portais só pra eles. Certeza que um general russo ou norte-americano safado pensou nisso. Talvez um chinês também.

O Bar aparece no horizonte. Por fora parece tudo bem simples. Tem a cara de um típico bar cearense de esquina. Cadeiras e mesas de marca de cerveja. Tiozões bebaços dançando coladinho ao som de Calcinha Preta. O portal, um buraco grande, roxo, um tanto transparente, vibrando lentamente como ondas de vento na lagoa, no qual metade do bar simplesmente desaparece, é o único elemento que dá ao lugar seu aspecto alienígena. Mas até o portal, depois que você se acostuma com ele, deixa de parecer grande coisa e o Bar do Fim do Mundo parece apenas um prédio mal implodido, partido ao meio. Estacionamos as bicicletas. Acorrentamos pra evitar o furto e entramos. De perto o Bar do Fim do Mundo começa a mostrar suas peculiaridades. Uma a'kasiana sem tradutor sibila para mim. Há cinco garrafas de achocolatado em sua mesa. Ela pisca o terceiro olho no meio de sua testa em um flerte safado. Eu a cumprimento, abaixando o boné.

“Boa, noite senhorita.”

"ZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZ"

Zé abre um sorriso largo.

“Ora, ora, que garanhão você.” Diz com o tradutor desligado.

“Só estou sendo educado, Zé.”

“Sei.”

Passamos pela área externa do Bar e no interior encontramos o icônico balcão de seu Chapinha. Longuíssimo. Metade humano. Metade a’kasiano. Nas prateleiras, além de Whiskys, Cachaças e Cervejas, temos achocolatados e doces do mundo inteiro. Açúcar, para a’kasianas, é como álcool para humanos. Uma coisa eu precisava admitir: Chapinha tinha estilo. Se tivesse nascido em outra região, com outra cor de pele, mais oportunidade de estudo, certamente teria se tornado um artista plástico, diretor de arte, uma coisa chique assim. O interior do Bar do Fim do Mundo contrastava com a simplicidade de sua área externa. Elementos humanos e a’kasianos se misturavam na arquitetura. Mesas com cadeiras para mamíferos bípedes e postes para A’kasianas estimulavam a interação entre espécies. Nas paredes, pôsteres de terráqueos e alienígenas que Chapinha considerava ilustres. Figuras como Bolsonaro, Cazuza e Tim Maia, compartilhavam as paredes com Aphelia e Zaquel, importantes embaixadores de A’kasia que adotaram nomes humanos e foram prefeitos da Cidade dos Mil Portais durante alguns anos. Ajudaram a manter a paz ao impedir que outros humanos tomassem conta do território e riquezas daqui. Juntaram recursos pra construir o imenso campo de força que protege a cidade de ataques nucleares. “Chapinha!” Grita Zé. Pouco depois o homem negro e magricela atravessa sorridente o portal. Sua camisa aberta revela um peito peludo e ostenta um belíssimo crucifixo de ouro maciço. Nos dedos, anéis de rubi e esmeralda. Usava óculos escuros mesmo sendo quase noite. Tudo isso cercado do campo magnético prateado.

“Zé, seu viado safado!” Chapinha chega gritando e abraçando Zé. Dá-lhe um beijo sincero e estalado na testa. “O que traz sua ilustre presença nesse barzinho de esquina meu querido?”

“Íris.”

“Vai fazer negócios com aquela cobra desgraçada?”

“Vou sim. Grana alta. Deixa eu te apresentar o novato que vai morrer por mim dessa vez.”

Zé fala frescando, tirando onda. Chapinha e eu damos risada. “Gabriel. Chapinha. Chapinha. Gabriel.”

Estendo a mão.

“Prazer, Chapinha. Muito bom conhecer sua pessoa.”

“Que é isso meu querido. O prazer é todo meu.”

“Então... Íris já chegou?”

“Tá do outro lado já. Levo algo pra mesa de vocês?” Chapinha responde rápido, subitamente sério.

“Bota uma terça da 150 pra mim.”

“Oh, boa escolha garotão. E pro novato aí?”

“Cerveja mesmo.”

Zé bota uma nota de duzentos reais na mão do velho. Duas entradas para o lado a’kasiano do bar. Primeira dose de qualquer bebida do cardápio inclusa na passagem. “Só isso? Não vai levar nada pra amaciar a cobra?”

“Tô com chocolate no bolso já.” Zé mostra dois bombons baratos e amassados.

Chapinha sorri, fazendo pouco.

“Nunca trabalhou com Íris antes?”

“Não.”

Chapinha pega uma caixa belíssima de chocolates na estante. A parada custava quatrocentos reais e só vinha com uns sete bombons. Coisa fina mesmo.

“Compre se quiser fechar contrato. Quando eu ver que a cobra está desconfiada eu chego lá pra amaciar ela pra você.”

“Tu tá é me roubando, Chapinha.” Zé bufa, indignado.

“Garoto, eu trabalho com A’kasianas há cinco anos. Íris não fecha contrato sem chocolates suíços. Ela não confia em quem não está disposto a dar o melhor pra ela.” Irritado, Zé tira dois lobos guará do bolso. Armados com a promessa de bebidas alcoólicas e chocolates, atravessamos o portal. Enquanto nos afastamos Chapinha diz:

“Área externa. Mesa 42.”

Percorremos o lado a’kasiano do Bar rumo a área externa. O formato, a estrutura, a posição das colunas e as cadeiras, tudo no lado a’kassiano, reflete o humano. Entretanto, enquanto no lado humano se destacam os rostos, as artes e os motivos humanos, no lado a’kasiano o destaque é a cultura delas. As mesas são cercadas pelos postes que elas usam como assento. Confirmando a tentativa de estimular a troca entre as espécies, há, pelo menos, uma cadeira humana por mesa. No telhado há longas estruturas rajadas de madeira, como galhos, onde algumas A’kasianas

embriagadas se penduram imóveis. Outras rastejam nessas estruturas. Divertem-se como crianças num parque de diversões. Enrolam e desenrolam seus corpos musculosos esportivamente. Há um painel imenso com desenhos da serpente alada que elas têm como deusa. Para elas aquela cobra significa tanto quanto Cristo pra nós humanos. Alguns de nós humanos na verdade. Nem todo mundo confia no marceneiro crucificado. Curiosamente, algumas a'kassianas começaram a frequentar as igrejas evangélicas aqui do bairro. Alguns humanos também vinham, todo fim de semana para A'kasia, participar dos cultos à Serpente Alada.

No lado externo, os Sóis Gêmeos de A'kasia incendeiam. Sem a aclimatação e as janelas escuras do interior, percebo como faz sentido que A'kassianas achem o Ceará ameno e que Chapinha use óculos escuros pela noite. O céu de A'kasia é sempre vermelho desse lado. Em A'kasia também é sempre dia. Quase sempre, na verdade, os dias duram cinquenta anos terrestres aqui.

O lugar é uma varandinha bem ordinária. Tão comum quanto a do lado humano. Teto para evitar a chuva e o calor em excesso. Postes para a'kassianas bêbadas. Cadeiras para humanos.

“Tá ali ela. Liga o tradutor.”

Obediente, aperto o botão na gargantilha.

Íris espera enrolada no poste diante da mesa. Seus três olhos vermelhos de afiadas pupilas negras nos esperam de longe. É uma a'kassiana enorme. Deve ter uns nove metros de comprimento. É musculosa. Pelo menos meio metro de diâmetro. Pele é multicromática. Escamas de todas as cores do arco-íris. Seu nome humano faz muito sentido agora. Os cinco chifres em sua cabeça eram bem adornados. Cobertos de brincos, cordões e *piercings* dourados. Será que tudo aquilo era ouro?

“Boa noite, Íris.”

“Noite, Zé. Quem é esse aí?”

Quando ela fala, escuto os sibilares de sua língua original junto a tradução simultânea de nossa gargantilha. Quando Zé fala a mesma duplicação de voz acontece. A voz reptiliana seguida da tradução mamífera, a voz mamífera seguida da tradução reptiliana.

“Gabriel. Vai ser meu assistente nessa.”

Eu aceno com a cabeça. Educada, a serpente acena de volta. Peço licença. Nos sentamos. Chapinha chega silencioso com nossas bebidas e se retira. Íris bebe um gole de seu achocolatado. Fecha os olhos com o impacto da dose. Respira fundo e nos encara.

“É uma missão complicada. Tem certeza de que quer um novato nessa?”

“Gabriel já foi do crime. Sabe se cuidar.”

“Não acho que fui suficientemente explícita nas novas conversas anteriores, Zé. Inclusive peço desculpas por isso. Não pude dar detalhes pra não perder o pioneirismo. Estou te contratando pra adentrar um Portal Virgem.

“Merda.” Diz Zé.

“Putá Merda...” Caralho que cobra doida. A vontade que me deu foi de só me levantar e sair dali. Acho que o Zé pensou a mesma coisa. Atravessar esse tipo de portal era loucura. Sem mapa, sem informação. Só alguns guias faziam esse tipo de coisa. E só depois de mandar muito drone pra analisar a área antes. Não valia a pena entrar assim às cegas. Cê podia cair em qualquer canto do universo. Inclusive em Lugarnenhum. Atravessar. Bater de cara no vácuo e explodir. Já ouvi falar de gente que atravessou o portal assim e puxaram de volta só a carne moída.

“Impossível, Íris.”

“Calma. É ruim, mas não tão ruim quanto parece. Não é um portal cem por cento virgem, não. Cê sabe que eu dou uma exagerada nas coisas. Tem atmosfera depois desse portal. Meus drones foram lá antes. É um planeta vivo.”

“Então se não é um PV. Pra quê me assustar desse jeito?”

“Legalmente ainda é um PV. Eu e minha irmã entramos lá. Só eu sai viva. Não tive tempo de coletar nada pra registrar o portal em meu nome.”

Silêncio. A mão caudal de Íris se abre. Tento disfarçar o susto. Aquela estrutura, quando fechada, parece um chocalho de cascavel. Em adultas era uma arma. Dedos curtos. Armados de unhas longuíssimas de queratina e osso. Boa pra manipular objetos e apunhalar inimigos. Íris segura e ergue seu copo de achocolatado.

“Um brinde a ArcoVerde.” Bebemos em homenagem à morta e voltamos aos negócios. Íris rasteja sua mão caudal até uma bolsa. De lá, tira um pequeno círculo de metal e o atira sobre a mesa. Hologramas se projetam diante de nós. Gráficos sobre o PV 6.512.

“Todo esse oxigênio?”

Zé parece surpreso.

“Sim. A atmosfera é compatível com humanos.”

“E como não exploraram isso antes?” Lembro bem dos primeiros anos de exploração. As terras com portais dando em mundos de atmosfera compatível foram rapidamente compradas por empresas de turismo. São exploradas comercialmente até hoje. Os tais Planetas Seguros. Cheio de colônias de férias.

“Localização.” Íris indica uma parte do gráfico. Zé puxa o holograma com os dedos e expande a informação.

— Oh, verdade...

Olhos para os números. Demoro um pouco mais que Zé, mas acabo entendendo. Esse portal se abria numa altitude elevada. Seria preciso um avião ou helicóptero para atravessá-lo.

“Seria caro demais pra explorar comercialmente. Nem drones de reconhecimento mandaram pra lá antes de mim. Não compensava.”

“Você tem registro de sua entrada? Filmagem? Algo do tipo?” Pergunta Zé.

“Sim. Sim.”

“Então legalmente o portal é seu...”

“Exato. Qualquer recurso que eu encontre lá é legalmente minha propriedade e assim que coletar algo e levar na prefeitura o portal será meu.”

“Tem uma coisa que me incomoda nisso tudo. Você descobre um portal virgem que dá num planeta vivo. Cê poderia ir lá com a’kasianas. Afinal, mesmo com a incompatibilidade atmosférica, basta um traje, uma equipe reduzida, coletar certas plantas, animais, e bumba, portal em seu nome. Lucro pra vida inteira. Por que trazer um humano para fazer seu trabalho?”

A a’kasiana parece um pouco indignada. Sua mão caudal vem até seu queixo. Seu corpo musculoso desliza e aperta o bastão com força. Não, não era indignação. Era raiva. Raiva de um humano percebendo com facilidade suas contradições. Raiva de um mamífero dobrando ela, quando ela é que tinha planejado dobrá-lo. Penso que ela aperta aquele bastão imaginando que o bastão é Zé. Pensando que deveria ter contratado alguém mais inocente, menos experiente. Zé era um cara foda. Mandava até em alienígena.

“Rotação.”

Zé puxa o holograma. Observa atentamente os dados comigo e dá uma risada. “Que azar vocês tiveram. Um dia antes e ArcoVerde ainda estaria viva.”

“Verdade. ArcoVerde está num lugar melhor agora. No paraíso com nossa mãe.” “Amém pra ela.” Zé fala. Zé está contente. Contém o sorriso, mas dá pra perceber que está alegre. Outra vez, demoro pra entender os dados. Quando entendo fico até triste. O planeta por trás daquele portal tinha rotação lenta. Como A’kasia, seus dias duravam cinquenta anos e, na latitude e longitude onde se encontrava o portal, era noite. A’kasianas são animais de sangue frio. Sem um sol, seus corpos ficar letárgicos. ArcoVerde deve ter morrido de inanição. Ou, paralisada,

sem energia, fora devorada por algum predador daquele planeta vivo. O portal tinha deixado de ser fonte de riqueza e se transformou num mundo perigoso e inexplorável para qualquer serpente de A'kasia.

“Quero 50%.” Zé fala. Brusco.

“Tá louco terráqueo? 1% já te deixará rico. É isso que te ofereço.”

“Então falou, valeu.” Zé se levanta e caminha para longe. “Bora embora, Gabriel.” Não esperava aquilo. Fiquei olhando pra ele e pra cobra sem saber o que fazer e só consegui tirar o cu do canto quando ele me chamou pela segunda vez. “Está perdendo a oportunidade de uma vida, Explorador!”

“Sem mim, você não vai tirar nada de lá. Não pense que eu não sei a fama que tenho. Cinco anos explorando e eu tô de pé aqui. Quantos exploradores você conhece com perna amputada? Cara rasgada? Olho torrado de ácido? Quantos já morreram?”

Íris o encara torto. Olhos selvagens. Agressivos. Podia imaginá-la comendo ele vivo naquele momento. Enrolando Zé em seu corpo de puro músculo e quebrando cada um de seus ossinhos pra que ele descesse mais fácil até seu estômago. “40%. Oferece Íris.”

“40% meus. 10% dele.”

Íris rosna. Seus dois imensos inoculadores de veneno à mostra. Seus cinco chifres erguidos, em ameaça.

“40% meus. 10% dele.” Repete Zé. “Ou você arrisca perder seu mapa. Ou espera cinquenta anos até ter uma manhã novamente. Se bem que vocês só vivem o que? uns 30? 40 anos, né?”

Íris sibila. Cospo veneno no copo de cachaça de Zé. Atrás de seus olhos, os buracos pelos quais ela respira bufam. O bufo devagar vira respiro. Os chifres se abaixam. O aperto no bastão cede e volta a leveza.

“Tudo bem, Explorador. Sente-se. Mas, se você morrer, nada fica pros seus parentes.”

“Justo. Eu não vou morrer mesmo.” Diz Zé, sentando. Eu o acompanho.

Chapinha chega com os chocolates. “Um presente de Zé para sua A'kasiana favorita.” “Pensa que pode me comprar com chocolates, Explorador?”

“São Suíços.” Responde Zé. “Experimente.”

Ela come um dos doces e logo seus olhos ficam zonzos. A sobremesa cumpre sua função. A cobra irritada com a porcentagem evidentemente abusiva é substituída por uma serpente amorosa e disposta a acordos.

“Isso... Hmmmmm. Que doce maravilhoso.”

Zé espera. Deixa que ela se deleite. Deixa que seu coração se embriague. Espera paciente até a cobra terminar os chocolates, lembrar que está a mesa com humano e perguntar:

“Voltamos aos negócios?”

“É claro, senhorita. O que precisamos fazer?”

“Saltar no planeta escuro. Coletar atmosfera, fauna, flora e terreno. Ativar drones de mapeamento em área e esperar o seu retorno. Se possível, resgatar o corpo de minha irmã. Se concordarem com todos os termos basta assinar aqui e começamos as preparações.”

Com os documentos digitais assinados, recebemos de imediato um adiantamento gordo. Minha parte foi de cento e cinquenta mil reais. A discussão dos detalhes se prolongou durante a noite quase inteira. Equipamentos, suprimentos, minicurso de paraquedismo e de rapel. Porém, lembro de pouco ou quase nada do fim daquele dia. O imenso número ecoava na minha cabeça. Cento e cinquenta mil reais. Com aquela grana dava pra comprar uma casa pra morar com a Rebeca e a criança. Talvez até sobrasse pra construir um sobradinho pra alugar. Cento e cinquenta mil reais. Tenho impressão que passei o resto da reunião sorrindo feito bobo.

“Picanha o mês inteiro lá em casa.” Soltei em voz alta feito um idiota no meio de uma discussão seríssima sobre como saltar de rapel num portal e sobreviver a abrupta mudança gravitacional no meio da queda sem quebrar várias vertebbras.

12



FOSFENO

Um conto sai-fai de
Adonias Pimenta Jr.
ilustrado por
Priwi





UM RUÍDO SAI DA PAREDE.

As últimas gotas caem sobre a cabeça de Diana, quando a jovem olha incrédula para o registro. Ela é interrompida de seguir com um dos poucos momentos de relaxamento que tem tido nos últimos meses. Ligar o chuveiro e ensopar as preocupações antes de seguir com qualquer outra coisa acabou se tornando um prazer para quem está na reta final de um curso que ela não sabe exatamente para o quê está sendo preparada para fazer.

A cabeça está mais pesada ao sair do banheiro do que quando entrou. Ela acredita que pode encontrar um emprego melhor, mas no instante seguinte lembra do título "219 itens" escrito ao lado da pasta "Processos Seletivos" na sua caixa de e-mails.

O sono virou palco para ansiedade, e dormir a cada dois dias nem é o pior daquele trabalho. Conseguir tirar todas as fotos que cada missão pede e correr o risco de ser pega pelos moradores é uma tarefa inevitavelmente desgastante.

Fugir delas continua sendo puxado, mesmo depois de quase metade de um ano passando pelo jardim do laboratório de Neurocinema da Universidade do Polígono dos Cactos. Atravessar as abelhas é como se fosse um último desafio depois de vinte minutos de ônibus até a rodovia e mais cinco de caminhada até a primeira cancela. A fenda brilhante do pôr do sol realça a casa cinza com telhado alaranjado e brilhante.

"Boa tarde. Qual é o seu número de matrícula?"

"Oi. Só um instante... 204408BBA."

"Pode entrar, Vivian."

"Com licença."

Do lado de fora, parece uma chácara tradicional. A casa não tem número. A picape branca do Joaquim está estacionada, e isso ativa o alerta de Diana. O alpendre é clarificado pelos reflexos das britas que amortecem a poeira do barro. A porta da frente é decorativa e não dá para abrir.

Atrás da casa, é possível ver algumas árvores baixas, pedaços de aparelhagens elétricas do laboratório e um hexágono branco de quase 4 metros de diâmetro com a sigla "UPC" esculpida em baixo relevo. O monumento está cravado na terra de modo aleatoriamente decorativo, mas o ambiente todo parece um jardim elétrico em ruínas. Uma porta lisa de aço escovado que não tem nada a ver com o lugar foi colocada depois por uma questão de segurança. Passou pelas abelhas e entrou por lá, você não está mais ali.

Por dentro, tem cor e cheiro de consultório médico. A maior parte do espaço é ocupada por um gerador de energia gigantesco, no entanto, quase todos os cômodos estão vazios. Quem passa pela BR-405 do Alto Oeste Potiguar não faz ideia de que naquela charmosa casa um enfermeiro e um engenheiro também estão gastando uma grana investigando aqueles sonhos estranhos.

Há quase dois anos, pessoas de toda parte do mundo começaram a relatar uma anomalia nos sonhos que têm ao dormir. Elas acordam sufocadas e dizem que as pessoas estão usando máscaras tapando a boca e o nariz. Dá para dizer que todos conhecem alguém que acordou sem fôlego depois da experiência, ou já passou por ela. O problema não são as máscaras, mas sim o pavor de estar em um ambiente no qual respirar o ar sem filtrá-lo pode comprometer a vida das pessoas de alguma forma. E uma parte disso tem sido fotografado.

Diana só deveria estar no laboratório no dia seguinte. Ela está um pouco nervosa porque está cobrindo o turno de outra pessoa pela primeira vez. Aliás, ela está nervosa porque o que está fazendo não é permitido. A Vivs precisou ficar com o irmão mais novo nas sucessivas crises de asma que ele vem sentindo, e faltar ao trabalho comprometeria o valor dos remédios que são comprados todos os meses.

Depois de entrar na chácara, Diana sabe que deveria trocar os sapatos e vestir o macacão branco — "Só quem acabou de entrar faz isso" — mas ignora a placa com as normas de segurança e sobe as escadas. Ela precisa acessar um computador esverdeado que está ao final do corredor, e até chegar lá precisa passar pela porta do escritório dos seus chefes. Ela caminha lentamente pelo corredor, quando escuta a voz firme de Joaquim.

"Quem é que vai comprar ingressos para assistir a um circo dos anos 60!?"

Diana quase cai ao descer as escadas de maneira ágil e silenciosa. Vestir o macacão branco para continuar se passando pela amiga lhe parece uma boa ideia. Na sala de preparação, ela também coloca uma máscara e um óculos escuros. Os objetos deveriam estar esterilizados e limpos, mas estão com aquele cheiro de que estão guardados há muito tempo. O macacão possui um espaço transparente para transformar o cartão de matrícula em um crachá. Diana lembra o quão nervosa estava na primeira vez que vestiu essa roupa. Não mais nervosa do que está agora.

"Por que você vestiu esse macacão? Só quem acabou de entrar faz isso", ela foi interrogada por Joaquim. Ele apoia o estetoscópio por cima de uma mesa sem saber que a Vivian de verdade não estava ali. Ele também não sabe a resposta da sua pergunta, primeiro porque não tem interesse e segundo porque o nervosismo de Diana a protegeu de falar e se entregar.

Um pentágono branco flutua no oceano sob um sol escaldante. A imagem some ao mexer o mouse. A jovem clica em "Entrar como fotógrafo existente" e insere os dados da Vivs.

"Boa noite, Vivian. Hoje te trazemos de volta à sua missão nº 116. Você irá fotografar a criança fora da escola. Tire pelo menos 20 fotos de rosto em ângulos e expressões variadas. Seu disfarce é o mesmo da missão nº 113. Bons sonhos!"

O desespero toma conta. Vivs tinha comentado que estava fotografando animais em um zoológico. Uma missão de baixíssimo risco. Fotografar crianças é o oposto disso! Existem vários fotógrafos que ficaram em apuros por serem pegos capturando imagens de crianças e sofreram agressões de moradores. Além disso, os que são pegos, geralmente são deixados lá. "219 itens... Remédio para asma...". É melhor começar logo.

Ao abrir os olhos, Diana se encontra sentada numa praça. Os cabelos cacheados e macios do disfarce flutuam sobre seus olhos enquanto ela procura por algo para cobrir o rosto antes de perceber que está em um lugar no qual as pessoas não estão usando máscaras. Fazia tempo que não tinha um sonho desses. É um lugar quente e com pouquíssimo barulho. Dá para ouvir um baixo ruído de um rádio vindo do carro marrom estacionado ali perto.

Ela começa a caminhar quando tem um susto ao ver o pequeno Tom passar correndo pela sua frente. A mãe do menino vem logo atrás, é uma jovem aparentemente da mesma idade que Diana.

Um outro fotógrafo já estava lá registrando os momentos deles. A aflição cresce quando o fotógrafo cruza os olhos com os dela, e fala sorridente, mas baixinho:

"Oi, de novo! A UPC tem estado bastante ativa por aqui! Eu adoro o cabelo desse disfarce!"

Diana está paralisada.

"Stéfany! Cuidado para o Tom não cair!... Você está aqui para tirar fotos dele, né?"

Existem pouquíssimas exceções nas quais um fotógrafo pode se comunicar diretamente com um morador ou com outro fotógrafo. E este acabou de quebrar as regras como se elas não existissem.

"Por que você está falando com eles?"

"A gente sabe que essa é a melhor maneira de evitar conflitos com moradores camaradas e, no fim do dia, ninguém reclama de alvos sorrindo para as lentes."

"Eu preciso que ele fique parado. Essa versão da câmera não captura coisas em movimento."

Diana não está satisfeita por estar quebrando tantas regras sucessivamente, e conforme o tempo passa, mais ansiosa fica para completar a missão. O que deve demorar um pouco para acontecer, pois agora todos estão chegando numa sorveteria perto dali.

"Flocos é o que eu mais gosto. O seu é de quê?"

"Faz uma pose com o seu sorvete!"

O flash se propaga pelo pequeno salão.

A jovem acorda e pisca os olhos algumas vezes. Os sonhos induzidos são tão cansativos como correr uma maratona, e as fortes luzes da sala do experimento deixam o despertar ainda mais dolorido. Ela continua deitada, mas vira de lado e assiste um monitor que deve mostrar que a missão foi completa, os seus sinais vitais estão normalizados e ela pode ir embora. Não vê a hora de ir para casa e poder dormir de verdade. E tomar banho de verdade.

"98% completo. Oxigenação 96. Batimentos 108. Obrigado pelo seu desempenho e até a próxima!"

Diana tenta relaxar se concentrando no som que a água do chuveiro faz sobre a sua cabeça. Vivs ficou constrangida ao saber que colocou a colega numa missão de alto risco. A voz dela estava envergonhada na mensagem:

"Amiga, eu não fazia ideia que eles iam retornar àquela missão agora! Ainda tem muito trabalho no zoológico e me foi dito que isso era uma prioridade. O Tom não parava de correr na minha última missão com ele, e acho que isso inviabilizou algumas fotos. Fiquei tão preocupada com o Zé que eu não sabia que isso poderia acontecer." A voz dela muda gradualmente de tom e de assunto. "Ele aparenta estar melhor. Acho que ele está um pouco ansioso por causa dos sonhos que vem tendo."

Diana se sente triste por Zé não ter uma mãe tão amorosa quanto Tom. A jovem estava muito satisfeita e feliz em apresentar cada coisa para o filho, sem

se importar em repetir: "Vem aqui, Tom! Vamos fingir que estamos tocando uma guitarra pra moça tirar uma foto nossa!"

A Vivs faz de tudo para conseguir dar o melhor para o irmão, mas os pais fazem falta demais, até para a amiga. Diana lembra do próprio pai, e pensa em escrever uma carta para mandar junto com algumas bolachas. Apesar de ser apenas seis horas de viagem de carro, demora mais ou menos quatro dias para as correspondências chegarem até a zona dele.

O jantar com ovos cozidos salpicados de sementes de gergelim torradas a faz lembrar do sorvete de flocos. Ela evita comer as coisas dos moradores com receio de passar mal, mas está certa de que essa iguaria ela não vai deixar passar. "Será que o Antônio gosta?"

"Zip...Zip..." Chega uma nova mensagem para o celular de Diana:

De: Sonar Tecnologia e Cartografia Ltda.

Para: 202433DFH

Caro fotógrafo, apesar de dar continuidade à missão 39, você terá que assumir o disfarce a seguir:

Nome: Rosana Dantas Profissão: Estudante

Onde mora: sozinha em um apartamento vizinho ao lar de ANTÔNIO (alvo nº 32 da América do Sul).

(...)

Diana respira aliviada ao ver que seu novo disfarce vive sozinho. Ela não aguenta mais responder expectativas instantâneas e mal pagas de pessoas que ela não conhece. Uma vez teve que usar o disfarce de uma catadora de lixo, e ficou envergonhada por não conhecer as regras básicas e importantes que todos devem seguir ao separar o lixo, como por exemplo, o que fazer com o descarte do banheiro que pode comprometer toda uma separação já feita.

A felicidade logo é interrompida ao se dar conta de que precisará ser mais criativa para conseguir as fotos de Antônio. Na maioria das fotos capturadas nas missões anteriores, ele estava sempre com calça jeans, camiseta preta, cinza, verde ou azul em tons escuros, o rosto cansado e uma marca avermelhada na parte de cima do nariz. E ele também comia a mesma coisa. "Uma tapioca com queijo e um café com leite. Obrigado."

A primeira coisa que Diana percebe ao despertar é o modelo da câmera que recebeu dessa vez. É grande e nem um pouco discreta. O seu desapontamento é

quebrado ao notar o vazio do apartamento do disfarce. Quase não tem móveis. Em silêncio, a jovem averigua cada canto do lugar para se certificar de que está mesmo sozinha. Diana caminha até o quarto do disfarce e se joga na cama. De lá, é possível ver dois ventiladores, uma escrivaninha, uma cadeira com uma toalha apoiada e uma rede armada. É o lugar mais bem arrumado do imóvel.

Um ruído sai da parede.

Existe uma movimentação no apartamento de Antônio. Diana se prepara para aproveitar a oportunidade para fotografá-lo. Dá para ouvir que a porta é aberta e um objeto é arrastado para fora. Os passos firmes vão sumindo no corredor.

Diana sai do seu apartamento ainda com dificuldades de ligar a câmera. "Por que esse modelo tem microfone? Vídeos não são registrados", pensou.

"Que câmera legal, que modelo é esse?"

Ela pode se desesperar ainda mais com o Antônio bem na sua frente, falando diretamente com ela.

"Faz muito tempo desde a última vez que vi uma dessas. Posso pegar?"

Ele não pode.

"Claro!"

"Essa lente é uma grande angular 10-24mm. Olha só... Clique!"

Antônio tira uma selfie os enquadrando no corredor que dá para os apartamentos que moram. Ele está sorrindo com os olhos na frente da porta do apartamento do disfarce de Diana, onde tem uma planta e uma placa pintada à mão escrito "Boas-vindas". Diana está boquiaberta e com os olhos arregalados na frente da porta do Antônio, sem placa ou plantas. A imagem fica registrada por cerca de quatro horas na máquina antes de ser enviada para os servidores da Sonar e então ser excluída definitivamente do dispositivo. "Existem vários padrões de segurança por aqui e vocês não conhecerem alguns deles é um padrão por si", Joaquim fala no primeiro dia de cada fotógrafo.

"É bom se manter longe do que você quer fotografar para as imagens ficarem boas."

Antônio está incrédulo com a máquina e Diana com a situação. Ela finalmente possui uma câmera que fotografa com nitidez à distância e agora está conversando com o alvo.

"Tô indo ao centro e conheço um lugar onde é possível revelar as fotos desse tipo de câmera. Se você quiser ir comigo, eu espero você ir buscar a sua máscara!"

A bola derrete com o dobro da velocidade em relação à última vez que ela tomou sorvete de flocos, e a paixão de Diana pela sobremesa não aquietou a sua preocupação. “Dessa aí não fazemos. Nunca vi esse tipo de container numa câmara”. O risco de ter interrompido a transmissão das fotos ou até mesmo danificar a máquina é real.

"Eu era viciado nesse sorvete quando era pequeno."

"Esse sabor me lembra uma pessoa." Diana solta um sorriso ao lembrar do pequeno Tom.

"Olha só, então você está com um crush também!?"

"Hahaha... Não! Era só filho de uma cliente. É uma criança adorável, fiz fotos dos dois tomando esse sorvete."

Antônio olha para o próprio celular e respira fundo.

"Você está esperando o quê para dizer que vai até lá para visitá-lo?"

Antônio leva a máscara de volta ao rosto sem dar uma resposta.

"Se você responder agora confirmando que vai ver ele, eu tiro uma foto com você fingindo que estamos tocando guitarra naquele canteiro ali no meio da pista!"

Antônio cai no riso antes de abordar um desconhecido e ter uma foto junto com a nova amiga.

A porta de aço da Sonar está mais leve hoje. Diana sempre se sente feliz quando completa uma missão antes do esperado. Ela quase começa a se preocupar por aparecer em algumas fotos, mas "no fim do dia ninguém reclama de alvos sorrindo para as lentes."

O sol nasce enquanto a jovem se afasta da cancela da propriedade e caminha até o ônibus. Geralmente é nesse momento que o cansaço não dá espaço pro alívio, e ela se lembra da expectativa que tinha sobre esse trabalho, que era de colocar as mãos em aparelhos fotográficos de última geração, e não fazia ideia dos perigos que estaria exposta nos sonhos induzidos. Mas hoje outra sensação ocupou sua mente em forma de vontade. Ela faz planos de chamar a amiga para tomar sorvete de flocos quando o Zé ficar bonzinho.

Depois de ouvir o falsete emitido pelo portão empurrado, Diana pega a correspondência que está no chão para conseguir entrar no seu apartamento. Entre panfletos com promoções de pizzarias, ela encontra um envelope grosso com o remetente do seu pai. Dentro do embrulho, tem uma carta e um pequeno pacote cuidadosamente embrulhado.

*Polígono dos Cactos, Zona 306.**Minha filha, minha amiga,**Desde que o Papai Toni fez a grande viagem, eu venho procurando forças para fazer jus aos dois pais que você merece. Me perdoe porque ainda não descobri como fazer isso. Mas quero tentar de tudo e ver o que conseguiremos construir. E quero começar agora de um jeito muito especial para nós. Mando junto desta carta as fotos dele que mais gosto e guardei como um tesouro. Agora ele é seu.**Meu álbum ficou com algumas páginas vazias. Quando você tiver um tempinho e puder, me mande algumas das suas que você fez durante a faculdade. Se tiver você em alguma delas, vou ficar muito feliz.**Te amo. Papai Fê.*

Diana está com os olhos marejados e a vontade de encontrar o pai aumenta. Ao desfazer o laço do pequeno pacote que estava junto da carta, ela vê três fotos separadas por papéis macios nas mesmas dimensões dos cartões fotográficos.

A jovem está sentada no chão quando pega com as próprias mãos a foto que ela mesma fez do pequeno Tom com a mãe. Depois tem a hilária foto que ela tirou com o Antônio no canteiro da rua. E na última imagem, ela está bem pequena junto dos seus dois pais, eles estão felizes a segurando como se ela fosse uma guitarra.

13



AMEAÇA EXTERIÓR

Um conto sai-fai
de **Carlus Cantoni**
ilustrado por
Douglas Lopes





— **RIO DE JANEIRO, BOA NOITE!** Voltamos com nossa cobertura especial sobre o ataque das criaturas zumbilescas ao antigo centro da cidade. Em nosso jornal especial de hoje, faremos um apanhado de tudo que vem acontecendo, e que culminou nesse grande evento de proporções globais. Os problemas na cidade não pararam, principalmente depois do surgimento dessas criaturas há alguns dias na praia de Copacabana, quando atacaram banhistas e turistas, e agora invadiram o antigo centro da cidade. Falaremos agora com a repórter Yamanandakay, diretamente do antigo centro da cidade — diz o apresentador âncora do jornal.

No futuro, em 2089, o Rio de Janeiro passou por muitas mudanças, como uma grande migração do eixo comercial da cidade carioca, que se mudou para a zona oeste, onde os arranha-céus haviam sido erguidos e cada vez mais se proliferavam. O antigo centro era agora um local onde lazer e história se misturavam, mantendo seu charme revitalizado e o saudosismo arquitetônico de séculos passado.

— Yamanda, boa noite, qual é a situação aí no centro? — pergunta o âncora.

— Olá a todos... A situação aqui continua muito conturbada, Lucius. Estou sobrevoando agora a rua da Uruguaiana, no antigo centro da cidade, onde restaram muitas pessoas presas dentro dos prédios, sem poderem sair, desde que a prefeitura decretou o isolamento total do acesso a essas áreas restritas do antigo centro. Mas parece que alguém resolveu agir no lugar das autoridades. E resolveu descer a cacete nessas criaturas grotescas e fazer aquilo que as autoridades não estão fazendo. Desde então, ele é a grande surpresa do momento, esse homem que luta como um guerreiro ancestral, contra essas criaturas escrotas nojentas. O mais impressionante é que, além dele lutar sozinho contra essas “coisas”, ele também

parece ser imune ao ter contato com elas. E isso é o que mais vem intrigando as autoridades com relação ao desconhecido. Fizemos contato com o comando da operação, que informa que ainda não teve permissão para uso de arma letal contra essas criaturas. E aguardam a chegada da secretária de segurança Regina Jackson, que vai avaliar toda a situação. Parece que a secretária de defesa não vê a hora de se aposentar para poder curtir suas férias fora da cidade. Lucius, devolvo para você aí no estúdio — alfineta Yamanda ao finalizar.

Ela era uma repórter jovem, bonita e ousada em suas palavras, e não tinha medo de se colocar à prova em nenhum tipo de cobertura jornalística..

— Obrigado, Yamanda, voltaremos com você já já! — diz o apresentador. — Vamos agora com a repórter Tinafatemi, ela preparou uma matéria especial relatando todos os eventos em ordem cronológica até o momento atual. Tina é com você!

— Obrigada, Lucius. — responde Tinafatemi, outra bela e competente repórter. — Olá, pessoal, o Rio de Janeiro enfrenta mais um dia de crise, toda comunidade científica e de segurança estão com seu foco de atenção voltados para o Rio de Janeiro nesse momento. Mas vamos à matéria que eu preparei, em que mostraremos como que essa crise se desenrolou. Tudo começou em um domingo ensolarado, a cidade estava cheia de turistas que chegaram para poder se banhar e aproveitar o período de férias. Por volta das dez horas da manhã, banhistas avistaram uma criatura esquisita saindo do mar na praia de Copacabana. O evento causou muita confusão, e a criatura chegou a atacar alguns banhistas, mas logo foi detida pela guarda municipal. Não demorou que mais dessas criaturas surgissem do mar, gerando muito pânico. Logo ficou impossível de serem contidas, já que as armas de persuasão não surtiram efeito contra elas. A praia precisou ser evacuada e a área bloqueada. Na tarde de terça-feira, uma invasão dessas mesmas criaturas começou a acontecer no antigo centro da cidade. Dessa vez em número muito maior, deixando vários mortos e feridos. Uma série de relatos de infecções decorrentes ao contato com essas criaturas começou a ser detectado e ainda na mesma terça a noite, a prefeitura da cidade decretou a evacuação da população e o isolamento do perímetro. Não precisamos lembrar que isso causou um caos absoluto. A operação prosseguiu durante os três dias seguintes, até que, no final da tarde de hoje, um homem desconhecido resolveu enfrentar essas criaturas, lutando bravamente com uma técnica de luta desconhecida. — Eles se referiam a Guido, e sua luta, era a antiga arte da capoeira.

Lutava como um verdadeiro guerreiro ancestral, treinado na antiga arte, uma luta rítmica diferente de muitas outras artes de combate. Guido lutava com um agilidade física impressionante, parecia muito além de um ser humano normal. Seus golpes rodados impressionavam a todos aqueles que assistiam a TV naquele momento. E todos se perguntavam o que era aquilo que ele estava fazendo e por quê.

Todos correram para frente de seus visores para saber o que estava acontecendo. Rapidamente, se procurou saber quem era aquele homem, e porque ele lutava. Sua energia que parecia ser infinita e já lutava durante horas seguidas.

Tudo aquilo estava acontecendo ao vivo, o povo há tempos não tinha um herói real. Sua luta era bela e contagiante, que ora era confundida com dança, ora confundida com acrobacias, mas que, no fim, fazia dele uma arma humana quase perfeita.

Guido era um homem de porte físico avantajado, possuía algumas tatuagens em seu corpo, principalmente em suas costas, homenageando os antigos mestres que vieram antes dele. Mestres dos seus mestres. Sua altura chegava próximo aos dois metros, e era dotado de uma incrível e invejável flexibilidade corporal, que lhe permitia agilidade nos momentos em que ele descia ao chão, trocava de mãos, subia e avançava para cima das criaturas, sem dar a mínima chance para que fosse pego.

— Estamos tentando identificar quem é esse lutador que está se arriscando para salvar a vida dessas pessoas que ainda não conseguiram sair da área de contenção. Autoridades ressaltaram o risco que ele pode estar correndo em acessar essa zona de conflito e ter contato físico com essas criaturas, mas para ele, isso não parece valer.

— Espere! — diz a repórter. Nesse momento, Tina interrompe sua transmissão.

— Temos informações novas da Yamanda.

— Yamanda, está na escuta!?

— Estou aqui, tô de volta...parece que as autoridades resolveram ajudar o desconhecido, e atacar as criaturas finalmente com força letal, espero... Gente, armas tonteantes dos seguranças são ineficazes contra as criaturas, eles não sabem disso? — diz Yamanda, em dado momento em que o número de criaturas abatidas era maior que o número de criaturas que ainda paravam de pé. O batalhão inteiro se arma e mira na direção de Guido. — Espere... gente, os policiais estão atirando no lutador. O que eles estão fazendo, o que esta acontecendo, ficaram loucos?! — finaliza Yamanda, indignada diante das câmeras, enquanto Guido era levado diante das câmeras pelas autoridades para o Centro de Operações.

Momentos depois, em que estava desacordado por ter sido nocauteado por várias armas de tonteio, Guido estava em uma das salas do controle de operações.

— Senhor, precisa ver isso!

— O que temos aqui? — pergunta Demastor.

— Ainda não sabemos dizer, senhor, mas de certo é que se trata de algo diferente do que jamais havíamos visto antes.

— Ah...meu...Deus!

— Os exames preliminares mostraram que a genética desse homem é distinta da nossa. É como se ele fosse um humano melhorado, toda sua estrutura de DNA tem uma proteína a mais de proteção e isso faz com que todo o seu sistema, mesmo sendo muito parecido com o nosso, é biologicamente superior.

— Como assim diferente, checaram seu histórico médico?

— Checamos, porém não encontramos nenhum dado atualizado, senhor, e, se as informações que estamos vendo estiverem certas, esse homem já havia sido dado como morto anos atrás. — Os dois homens conversam enquanto Guido é levado para uma cela especial de contenção. Demastor era comandante de operação de segurança carioca, diretamente subordinado à secretária Regina Jackson.

— A secretária ficará surpresa com essa informação. Avise aos demais para que, assim que ele acordar, a secretária seja imediatamente informada.

— Sim, senhor — responde o médico que estava ao lado do Comandante Demastor, e cuidava da bateria de exames que estavam fazendo em Guido, logo após terem o prendido, ao encuralarem na Rua Uruguaiana. Regina Jackson já estava a caminho. Ela era responsável pela segurança carioca, que era comandada por um consórcio privado.

Regina Jackson era uma mulher experiente, na casa de 70 anos, treinada para situações conflituosas, para momentos como esse, que exigia frieza e cautela para lidar com o desconhecido e conseguir extrair informações suficientes para adotar algum tipo de estratégia com abordagens rápidas, a fim de entender quais seriam as intenções dessa possível ameaça.

Há poucas semanas atrás, Regina já havia tomado sua decisão, e iria se aposentar para ter mais tempo com sua família, no caso, sua pequena filha Lyla de oito anos.

Por muitos anos, ela atuava na área de segurança. E entendia que já havia dado sua contribuição, mas ainda seria surpreendida.

Nesse momento, Regina, para na porta de entrada da sala.

— Já estamos sendo notícia em todos os cantos do mundo.

— Como foi sua viagem? — Pergunta Demastor.

— Nada mau, se eu não tivesse que voltar às pressas, pena que foi a trabalho — brinca Regina. Os dois sorriem, enquanto caminham pelo corredor do centro de operações.

— Parece que sua aposentadoria vai ter que esperar um pouco mais.

— Nem brinque, Demastor, o que temos aqui? — pergunta Regina, assim que recebe um relatório parcial em suas mãos e começa a visualizá-lo.

— Senhora, tivemos uma grande aumento no número de criaturas, elas tomaram noventa por cento do centro da cidade. Já estão em uma quantidade incontrolável, e isso pode se espalhar para as demais áreas da capital, senhora. Se isso acontecer, e for para as áreas mais populosas, teremos um caos total. Aconselho que autorize o uso de força letal contra as criaturas, a situação está ficando inadmissível com a imprensa — diz Demastor, contando com sua experiência de anos na prestação de serviços de segurança e agora atual comandante geral da operação, e sub- secretário de segurança do estado do Rio de Janeiro.

— Se não conseguirmos respostas de como o lutador conseguiu fazer aquilo, não terei para onde fugir quanto a esse assunto, estou ficando sem capital político para impedir isso. Não queria deixar essa lembrança como legado ao me aposentar, ser lembrada por ter autorizado o retorno de armas letais em nossa cidade após décadas — ela lhe devolve o tablete com os relatórios. Em seguida, segue para a sala onde Guido estava detido. Regina precisava resolver aquela situação. — Esse é o tal lutador? — ela pergunta, assim que entra na saleta. Guido estava deitado desacordado, preso em seus punhos por algemas.

— Sim, mas parece que temos um grande quebra-cabeças para resolver agora.

— E qual seria?

— Esse homem não era para estar aqui vivo.

— Disso eu sei, Demastor, pois todos que foram tocados por aquelas criaturas não sobreviveram para poder contar suas histórias. Por isso pedi que trouxessem ele para cá.

— Senhora Regina, esse homem não é o que parece ser.

— Explique isso melhor, Demastor.

— Pelos nossos registros, esse homem já havia morrido a anos atrás, senhora, e apesar dele ser estruturalmente muito parecido conosco, podemos dizer que ele é diferente.

— Esta querendo me dizer que esse homem não é humano?

— Muito além disso, ele é fruto de alguma tecnologia de engenharia genética que ainda não existe.

— Mas, como isso seria possível? — questiona Regina Jackson, com o olhar fixo para Demastor, não entendendo como aquilo poderia estar acontecendo.

Em seguida, Guido é acordado, após receber uma injeção no braço. A substância age rapidamente e ele começa a despertar. Seus olhos piscam, e sua visão retorna ainda meio embassada.

— Senhor Guido Fernandes Ferreira, tenho que parabenizá-lo, o senhor conseguiu chamar minha atenção. Após anos nessa função, fui finalmente surpreendida. Essa coisa aí que você fez lhe tornou um homem popular, senhor Guido. Creio que já teve seus quinze minutos de fama. Porém, agora precisamos de mais respostas

Como se não estivesse entendendo nenhuma palavra, Guido não lhe responde nada, ficando completamente calado.

— Sabe, quero entender como você faz isso. Essa agilidade...e mais que isso, como você consegue ser imune a essas criaturas. Sabe, senhor Guido, temos pessoas inteligentes trabalhando para resolver essa situação em que nossa cidade se encontra. Porém, nenhum deles conseguiu me dar uma resposta sobre como você conseguiu fazer aquilo. Ou o senhor é um homem muito inteligente, senhor Guido, ou está trabalhando para o lado errado — diz Regina Jackson. Tudo aquilo que ela estava falando parecia não fazer o mínimo sentido para Guido. — Acho que, como um bom carioca, deveria colaborar conosco, que tal!?

— Eu, eu... eu não lembro! — Responde o Lutador.

— Hum, como assim, o que você quer dizer com isso? Deixa eu refrescar sua memória, senhor Guido. Aqui nesse relatório, apesar de estranho, me diz o seguinte: Que você era morador de uma antiga comunidade que existiu aqui no antigo centro no passado. E mais, aqui diz que o senhor, por muitos anos atuou, como bombeiro na cidade. Isso faz sentido para o senhor? E olha só que curioso, senhor Guido, o senhor foi dado como morto. Mas isso sabemos que não é verdade, caso o contrário não estaria aqui na minha frente, correto!? Me pergunto como isso seria possível, já que você tem aparecido na TV, esbanjando vitalidade contra aquelas criaturas, não é mesmo, senhor Guido?!

— Não entendo... — responde Guido.

— Tem certeza que deram a medicação correta? — pergunta Regina para Demastor. Ele olha em seguida para o médico que aplicou a dose em Guido. O homem titubia, mas, em seguida, confirma balançando a cabeça com um sim.

— Então temos algum caso aqui de amnésia, senhor Guido, ou o senhor que quer manter seus assuntos em segredo? Olha, podemos fazer isso de váaaaaarias maneiras, e eu devo lhe confessar, senhor Guido, que meu tempo para resolver essa situação em que a cidade se encontra é, de fato, curto. Sou bastante pressionada, senhor Guido, e quero logo poder me aposentar e curtir minha filhinha em casa. Mas essa situação complica tudo, certo!? Que tal fazermos da seguinte forma...

— nesse momento, Regina toca sua mão no braço de Guido. — Aaahhhhhhh! — ela grita de dor, e cai desacordada.

E como se tomasse um forte choque imediato ela cai desacordada no chão. Seu corpo havia sido usado como um condutor e o choque que Regina recebeu fez com que ela desmaiasse. Enquanto estava caída no chão, imagens fluem em sua mente como se estivesse recebendo algum tipo de transmissão, logo mais respostas não demorariam. Uma estranha voz, e imagens desconexas vem em sua mente enquanto estava desacordada.

— Vocês criaram uma aberração — diz a voz. — E esse mal está prestes a se espelhar. Se não for contida nesse exato momento, pode ser tarde demais.

Regina se vê dentro daquela imagem mental, ao mesmo tempo que fazia parte da ação. Sentia que estava consciente, mas sua mente não conseguia imaginar como aquilo era possível. Uma tecnologia ser capaz de acessar dessa forma a mente humana. Aquilo parecia ser tão real, quanto ao que chamamos de real.

— Trouxemos para esse mundo um proto-humano, com resistência capaz de vencer essas criaturas — diz a Voz. — Devem libertá-lo, e deveremos agir em sua causa.

Regina já imagina de quem eles estavam se referindo: Os monstros, O tal guerreiro e a nave, aparecendo quase que ao mesmo tempo, e em um único lugar, seria coincidência de mais.

— Se eu fizer o que estão ordenando, o que vai acontecer após isso?

— Apenas retornaremos a observá-los — responde a voz, dando fim ao contato.

Ao acordar, ainda um pouco desorientada, mas consciente da experiência que teve, Regina havia entendido o recado, tudo parecia tão bizarro e assustador. Ao mesmo tempo que aquela experiência que havia acabado de ter, que para ela, havia sido real; caso contasse isso para alguém, seria considerada louca.

Aquele homem era a chave, e o que estava envolto dele, era um mistério e nada seria facilmente explicável.

Mais do que nunca, desejou que o quanto antes terminasse aquela missão, mais rápido estaria em casa, ao lado de sua filha. Após isso, seria apenas questão de aguardar alguns dias para sua aposentadoria começar.

A situação havia se agravado ao ponto de beirar o descontrole. E se a experiência que havia acabado de ter colocasse de fato um fim a tudo aquilo, o risco em fazer o que foi imbuída de fazer seria compensatório.

Assim que acorda e se recupera. Ao sair da sala, uma “multidão” de repórteres se juntava a sua espera. O corredor que dava acesso à sala de imprensa, onde seria feita a sabatina pelos jornalistas, estava cheio.

Antes disso, ela chama ao “pé do ouvido” um de seus secretários que estava ao seu lado, e passa as ordens para que Demastor, o comandante geral da operação, providenciasse a soltura de Guido.

Mesmo sem entender o real motivo, Demastor, segue suas ordens, e não demora para que Guido, após estar solto, chegasse na estação de metrô da Carioca, onde a base operacional contra as criaturas estava locada.

Regina havia ordenado que os agentes da operação lhe fornecessem vestimenta apropriada para o combate, como se isso fosse garantir-lhe algo. Ao subir pela escada rolante, e passar pelas barreiras de contenção, ele dá visada com a rua infestada de criaturas.

Ao pisar na calçada, a primeira coisa que faz é retirar os calçados pesados de seu pé. Aqueles sapatos que obrigaram a colocar não seriam necessários. Seus pés descalços lhe dariam a aderência necessária.

Em seguida, ele tira a camisa, e amarra em sua cintura, completando seu abadá. Seus atos retomavam algo que nem mesmo ele sabia o porquê de estar fazendo. Ele não lembrava o que havia feito em seu passado, somente sabia o que lhe motivava no momento. Ao terminar de ajustar a sobra de sua camisa amarrada em sua volta, ele olha para seus inimigos ao redor, girando seu olhar em 360°.

Havia pessoas observando pelas janelas dos prédios, os repórteres se amontoavam para pegar o melhor ângulo, e milhares de pessoas iriam assistir seu embate pela TV.

Repórter Yamandakay:

— Boa noite a todos, após acompanharmos ainda a pouco a declaração da secretária de segurança, Regina Jackson, explicando que foi necessário soltar o lutador. Como dito em sua declaração, abre aspas, ser o único homem capaz de detê-las. Será que estariam trabalhando em conjunto, ou estaríamos assistindo um atestado de incompetência da secretária? O importante é que, mais uma vez, o lutador está nas ruas, ainda mais agora, com a infestação total do centro carioca por essas criaturas. E parece que ele não precisa de nenhuma arma para acabar com essas criaturas, a não ser ele mesmo. Aparentemente, ele tem algum tipo de plano em mente, pois após saltar pelas barreiras de contenção que cercavam a estação da carioca, ele chama a atenção dos monstros, correndo em disparada, levando as criaturas acéfalas em direção à Praça Tiradentes, local onde está parado no momento — conclui Yamanda.

Antes que Guido começasse seu ataque, naquele local onde seria seu ringue de batalha, ele olha para o céu e se benze, como se estivesse pedindo a máxima

proteção a todos os antigos mestres que estavam ali presentes ao seu lado, e que ele, naquele momento, representava.

Esquidín donn, esquidín donn, esquidín donn... O som solo do berimbau toca em sua cabeça como se o próprio mestre Bimba estivesse presente.

Seu floreio pelos paralelepípedos da praça servia de aquecimento para sua ação sem estratégia de jogo, a única coisa que tinha em sua mente era que ali seria sua última missão.

Entrava naquela batalha tão preparado quanto um guerreiro zen, apenas a vitória importava. Venceria de qualquer forma, não importava o que seria necessário por essa causa, nem mesmo sua vida ou morte.

O inimigo já estava derrotado antes mesmo do início da batalha, apenas haveria de saber qual seria o preço a ser pago pela vitória.

“Iêeeee”...

Ele inicia a porrada, já com o sangue aquecido com o floreio da Ângola. Com uma Aú invertida e meia-lua de compasso, ele deixa os inimigos “vendidos” quando desce na negativa quebrando o movimento na direção oposta com seu “S” dobrado com chapéu de couro.

Os inimigos vinham ao seu encontro de forma desordenada e era rechaçados como movimentos em zig-zag.

Guido tinha o fôlego dos deuses e gingava de forma incansável, sem parar, como nenhum dos grandes mestres jamais haviam visto antes.

No passado, as pessoas nunca se acostumaram àqueles movimentos, e desde muito antes, quando essa arte era usada por nossos antigos ancestrais, era uma mistura de medo e paixão.

A luta de exercício de agilidade e destreza corporal que nos deixava apaixonados por sua leveza e beleza, tornando o homem uma navalha afiada cortante, ocupando espaços ao girar pelo ar. Era a mesma arte que seu gingado como uma serpente venenosa poderia atacar sem ressalvas de forma mortal.

A praça, mesmo após séculos tendo se passado, continuava sendo um local emblemático para o povo carioca, seria o mesmo local em que não passaria em branco sua midiática luta.

Seu jogo e seus movimentos ficam mais rápidos à medida que o berimbau também começa a tocar mais rápido em sua cabeça.

Todos que estavam em suas casas e assistiam aquele momento batiam palmas, reconhecendo seu ato heróico como se estivessem em uma roda de capoeira.

Não muito distante dali, no centro de operações, Regina assistia pela TV a batalha que Guido travava contra as criaturas.

Ela estava embasbacada e com admiração ao mesmo tempo, sem entender como aquele homem, aparentemente desmemoriado, era capaz de lutar de tal forma. A palavra proto-humano, havia ficado marcada em sua mente.

Ela se perguntava se aquelas habilidades que lhe era conferida era parte de sua programação exata e profunda pelos engenheiros espaciais ou se aquilo era algo genuíno de sua natureza humana que ainda lhe restava.

A vitória daquele homem contra as criaturas que haviam invadido a cidade, apenas serviria de comprovação de que a decisão que havia sido obrigada a tomar estava certa. E de que aquilo que havia visto e sentido de forma individual não havia sido um sonho ou ilusão, mas sim um mensagem real.

— Senhora Regina, devo supor que tomou a melhor decisão, correto? — pergunta Demastor.

— Não sei se foi a melhor, mas sei que foi a única opção para o momento — responde Regina. Demastor lhe olha fixo, sem entender a resposta que ela havia dado.

Para Demastor, havia algo diferente naquele homem que lutava pelas ruas da cidade, os dados haviam comprovado isso. Para Guido, apenas o que lhe fazia sentido eram seus golpes, desenhados previamente em sua mente. Seus mortais em muitas de suas variações faziam parecer que estava flutuando no ar.

Sua luta final era narrada por muitos repórteres, e por Yamandakay.

— É inacreditável! Como que esse homem consegue fazer essas coisas, minha gente, é belo e trágico ao mesmo tempo — narra Yamanda. — Após lutar por horas para salvar a população, o guerreiro lutador, desfaleceu como se tivesse sido programado para aquela tarefa. Estamos falando aqui de duas horas de luta ininterrupta, só posso concluir, caro telespectador, que esse homem, seja lá o que for ou o que fizeram, ele é um herói — conclui Yamandakay, logo após o último monstro ser derrotado, Guido cai ao chão, como um gigante.

Regina, que acompanhou todo o desenrolar das ações de Guido pela TV, tinha muitas perguntas que ficariam sem respostas, mas talvez não fosse necessário respondê-las. Cada um tem sua missão e, às vezes, a única coisa que o precisamos é realizar nossa missão, nosso propósito.

Seu telefone toca, a imagem de sua filha aparece, e Regina atende com um sorriso no rosto, sabendo que tudo havia corrido bem, enquanto Yamandakay encerrava sua transmissão.

— Eu fecho aqui essa transmissão, agradecendo aquele gigante desconhecido por tudo que ele fez, pois “foi preciso algo extraordinário para vencer esse herói”.

14



A MALDIÇÃO DO PARAÍSO

Um conto sai-fai
de **Nina Ladeia**
ilustrado por
Guilherme Chaves





ROSA DESVIOU O OLHAR DA ESTRADA — uma reta de asfalto cortada por luzes até o infinito — e voltou-se para o céu. Seguiu o ponto violeta que pulsava até sumir no apogeu. Franziu a testa enquanto o rastro de fumaça branca dissipava-se devagar contra o breu noturno.

— Chegam até outro planeta, mas não descobrem a cura para essa desgraça...

O chiado da estática a respondeu; na tela no painel da van, uma imagem piscava entre chuviscos. Suspirou, cansada. O que as invenções de Marquim tinham de úteis, tinham de armengue.

Com dois tapas bem aplicados, a tela voltou ao foco: Marquim segurava um fio de cobre nos dentes, enquanto as mãos ocupavam-se com o soldador. A luz das fagulhas marcava os lábios grossos embaixo dos óculos espelhados. “O miserável até que fica bonito assim”, pensou Rosa quando a solda lançou uma última explosão. O jovem cuspiu o fio e suspendeu os óculos de proteção:

— Você disse alguma coisa, Preta?!

Rosa girou os olhos.

— Várias, mas deixa para lá.

— Vixe, que bicho te mordeu, mulher?

— Nada não, só tô cansada...

— Serviço longe, o dessa noite?

— Condomínio militar, depois do aeroespçoporto... Marquim soltou um assovio baixo.

— Eita! Cuidado, viu. Não gosto desses caras.

— Olha que é por causa "desses caras" que você tem um teto! Foi a vez de Marquim girar os olhos.

— As CEI não foram um favor de ninguém! Tá ligada na sigla, né? Centro de Erradicar Invasor!

— "Comunidade para Erradicação de Invasões", Marquim! E, olha, pode não ser o paraíso, mas tem água, luz e nem paga nada.

"Bosta" era justamente um dos itens mais solicitados nas CEIs. Tudo que fosse lixo orgânico era usado para a produção do biogás que mantinha lâmpadas e ventiladores funcionando. Particularmente, a CEI-12, onde Rosa e Marquim cresceram, ficava próxima o suficiente da usina para o odor lembrar do preço de cada dia dentro da comunidade, onde quem não produzia não podia ficar. Quanto a isso, o garoto tinha uma opinião firme:

— Paraíso é Marte, que não tem cota nenhuma para pagar. Duvido que se algum dos bilionários deixar de produzir lixo suficiente, seja ameaçado de despejo...

— Ué. Se não gosta, pega sua cadeira e dá o fora.

— Vou dar o fora mesmo, tu vai ver! Montar um ponto lá no centro antigo e te levar junto! A moça forçou-se a não sorrir.

— Vai porra nenhuma! Vamos viver de quê?! Dessas suas gambiarras?!

— Minhas gambiarras que te impedem de ser gravada pelo babaca do seu chefe nas "atividades", né, moleca?!

Rosa se esforçou um pouco mais para conter o riso, não ia se deixar dobrar. Por pior que fossem as emendas, era inegável que sua associação com Marquim permitia sonetos notáveis. A combinação da esperteza dela e as habilidades dele formavam os melhores golpes e Rosa se divertia ao lembrar de tudo o que os dois, naquela garagem-oficina dele cheia de rampas para a cadeira de rodas, já tinham inventado e feito — em cima da cadeira, inclusive.

— Doidera, né?! Eles nem desconfiam de nada!

— Preta, o mundo pode girar, os home pode construir na Lua, em Marte, até no inferno... Uma coisa nunca muda: o pobre aprende a se virar!

Agora, Rosa não conseguiu segurar a gargalhada.

— Senhoras e senhores, Marquim Cadeira, filósofo, inventor e maior malandro da CEI-12!

— Que ainda vai ter uma grana alta, pra você nunca mais precisar faxinar casa de gente bichada!

— Você que pensa que vou ficar dependendo de homem, rai-ai! E, além disso, quem não trabalha com higienização agora, um dia vai... — bastava chamar de "faxina" que Rosa fazia questão de dar o nome correto. — O mundo é assim: todo ano tem uma praga nova, vírus, aquelas superbactérias... Esse de agora pelo menos não pega em adulto.

Não havia causa, tratamento ou prevenção conhecidos para a popularmente chamada "encefalite marciana". Mesmo com uma designação oficial, o nome ridículo foi o que pegou; o primeiro relato da doença neurológica surgira poucos anos antes, época em que não se falava de outra coisa além dos recém-inaugurados condomínios marcianos. A nomenclatura foi na moda.

O mais estranho na nova praga era o fato de só atingir menores de seis anos. Após os primeiros sintomas (desmaios e confusão mental), os pequenos entravam em estado comatoso profundo, irreversível, para desespero dos médicos, dos pesquisadores e, principalmente, das famílias.

— É loucura, os caras conseguem voar para outro planeta...

— "...Mas não descubrem como curar essa desgraça!" Era isso que eu tava falando antes, quando você não tava ouvindo... Quer saber o que é mais doido? Rolou um comunicado hoje lá no Coletas: saca aqueles bebês de laboratório, criados para não adoecer, sabe? Positivou caso neles. Agora os homens tão perdidos, todo o papo que a causa era genética foi por água abaixo!

— Que merda, vei! E aí, como que o povo ficou?

— Ah, varia, né! Seu Jair adorou, disse que é um sinal que os negócios vão melhorar.

— Filha da puta...

— A Neide, que tem uma menina, começou a chorar, disse que não ia aguentar ficar trabalhando lá, que estava colocando a família em risco.

— Mas eles estão dando tudo pra vocês se protegerem, né?

— Proteção padrão fuleira que só... Dia desses, tavam até querendo tirar, porque nenhum micróbio tinha sido isolado... Nem sei como vai ficar depois dessa última.

O rapaz largou-se no encosto da cadeira, passando as mãos pela nuca, enrolou as tranças dread e soltou um suspiro raivoso:

— Tu quer saber por que eles não descobrem como acabar essas pragas? É que eles não precisam, né?! Bota mais um, dois ano, o governo e os ricaço vai tá morando no espaço,

Rosa apertou os lábios e os botões atrás do volante, retomando o controle manual da van, ao se aproximar dos muros.

— Alguém não tão lascado quanto nós vai ter sua casa limpa hoje à noite — murmurou.

Colunas brancas em frente ao pórtico olhavam o quintal e uma fonte de três andares desligada. Rosa apertou os lábios, esticou o pescoço e, como nas outras três portarias, encarou o leitor óptico para confirmar que era quem dizia ser. A voz fria e gentil do portão informou a entrada liberada, enquanto as grades duplas se abriam. Rosa manobrou a van pelo jardim escuro e estacionou em frente à entrada, digna de um templo. Estalando o pescoço para tirar dos ossos algum ânimo, foi até a porta traseira para liberar seu companheiro de serviço.

— Diga aí, Bobô? Pronto pro novo serviço?

As lâmpadas frontais do robô piscaram. Com um apito curto, ele desceu a rampa, girou 360° sobre as rodas e ergueu o "rabo" em prontidão; a haste metálica que brotava da traseira do corpo ovoide, naquela posição semi-fletida, faziam lembrar um gato.

— É isso aí! Disposição, moleque! Vamos lá!

Rosa pegou a sacola, perguntando-se se conversaria tanto assim com alguém de verdade. Sem perceber, pediu desculpas mentais por não pensar em Bobô como "alguém" e, um segundo depois, balançou a cabeça, rindo: aquele serviço a estava deixando pirada mesmo; não era a primeira vez que lhe assaltava aquela sensação de que o robô ouvia seus pensamentos.

Avançaram pelo pórtico até os imponentes umbrais. Rosa buscava o leitor óptico quando notou a régua de luz amarela vazando pelo piso marmóreo. Após um segundo de hesitação, bateu com o nó dos dedos e a porta entreaberta terminou de escancarar-se. Automaticamente, as luzes da sala se acenderam.

Esquisito. Mansões não costumavam ficar destrancadas. Bobô retesou o rabo e ligou uma luz amarela.

Rosa cruzou a porta e as luzes geladas acenderam debaixo dos degraus de vidro no fim da sala. "Essas casas automáticas dão um susto atrás do outro! Misericórdia!"

— Ô de casa, pode entrar?! — na ausência de resposta, continuou com a voz alta — É da Coleta Purificação. Vim higienizar o quarto da crian... da vítima... da... — puxou rápido o tablet do casaco do uniforme. — ...Vim higienizar o quarto

da cliente Antonella Delfim de Oliveira Batista, conforme solicitado pelo...— precisou de outra checagem — Conforme solicitado pelo serviço social do Grupo de Internamento Domiciliar Vida Plena. Eu vou acessar o quarto, retirar todos os objetos e proceder com a higienização terminal padrão, certo?!

Apenas o zunir das luzes automáticas responderam. Rosa começou a sentir um desconforto sob toda aquela claridade fria. Uma gota de suor desceu por sua nuca. Algo não estava certo naquele lugar.

Sem querer esperar para saber o que era, deixou a sacola cair e ajoelhou-se para abrir.

— Ói, vô subir, viu?! Vai dando licença! — gritou e, depois, baixou a voz para o robô — Jogo rápido, Bobô. Espie que é no segundo andar. Melhor tu montar as perninhas.

Sem precisar de mais ordens, a chapa lisa e metálica de Bobô se abriu em uma delicada linha, antes invisível. Sobre as rodas, duas patas metálicas se projetaram. Combinado com o rabo, nessa nova conformação, ele tinha quase a altura de Rosa e a capacidade de carregá-la.

Rosa iniciou seu próprio processo. Da sacola, retirou e montou a mangueira e o garrafão. Testou o spray, borrifando-o nas próprias mãos e esfregando-as veementemente. Só então enfiou a touca até as orelhas, limpou novamente as mãos e comprimiu o pesado visor na testa, descendo até seus olhos. Outra limpeza e era a vez de encaixar e testar o vácuo da máscara. Nova limpeza e enrolou-se na pesada capa sintética. A última limpeza permitia que ela vestisse a primeira luva. A segunda só vinha depois de calçar as botas.

— Confere se tô empacotada direito, Bobô.

Ela girou em frente ao robô, que, após alguns segundos, piscou a luz verde. Sem esperar mais, Rosa catou a garrafa, os panos e sacos que em breve engoliriam as roupas e objetos de uma vida inteira da pequena Antonella, e rumou escada acima, sem precisar olhar para saber que Bobô a seguia, num ritmo um pouco mais lento que ela, que, sem perceber, andava mais rápido que o habitual.

Entre as (várias) infrações passíveis de demissão justificada, adentrar cômodo não demarcado no plano de serviço era uma das mais recorrentes na empresa.

Era de se esperar a ocorrência de furtos em uma rotina que consistia em entrar em mansões gigantescas para esvaziar um único cômodo enquanto os donos cumpriam quarentena em algum hotel, mas surpreendia Rosa a burrice da galera: não é preciso ser gênio para ter as manhas. As "intervenções" de Marquim em Bobô já ajudavam a parar o registro de rastreio, mas era essencial só levar coisas das quais obviamente os donos não dariam falta: sapatos mais empoeirados do

closet, telas esquecidas atrás de móveis, comida da despensa; nada volumoso o suficiente para levantar suspeita. Mas, até o momento certo, era preciso encenar tudo na frente das câmeras de Bobô e sensores do tablet.

Os lucros de seu "bazar" eram o que faziam aquele emprego valer a pena. Sendo sua própria patroa naquele "empreendimento", decidiu que, essa noite, faria um serviço sem "escapadas". Entrar, catar tudo o que devia, mandar Bobô encaixotar e carregar, bater spray, sair rapidinho. Aquela mansão lhe dava mal agouro. Por ali. Terceira porta, Bobô! — orientou, enquanto seguia rápido pelo corredor da direita.

— Espero que essa menina não seja do tipo que tem um tanto de bonec...
PUTA QUE PARIU!

O apito baixo de Bobô avisou que ele também freara bruscamente. Rosa congelou à porta do quarto: paredes lilases e desenhos de fadas do campo, delicados móveis brancos e estantes com livros e brinquedos cercavam a cama hospitalar onde ela fixava o olhar. Ali, travesseiros de seda e uma colcha de babados aconchegavam a garotinha que repousava. Cabelos loiros em cascatas cercavam o rosto de porcelana, de olhos fechados. Da abertura circular no meio do pescoço curto, o delicado tubo sanfonado conectava a traqueia da criança ao pequeno ventilador mecânico coberto de adesivos florais à cabeceira.

Rosa voltou ao corredor, tentando entender toda a situação e manter seu estômago no lugar.

— Como que mandam vir limpar com o corpo ainda na cama?! — guinchou, quase sem ar. Bobô nada respondeu, e, sem acender nenhuma das luzes, marchou lentamente para dentro do quarto. Soltando o tablet que as mãos trêmulas tentavam acionar, ela correu atrás do parceiro.

— Não, Bobô, vamos dar o fora daq... AI, MEU DEUS! Larga ela, robô maluco!!

Mas era tarde. Com movimentos retos e firmes, a máquina erguia o diminuto corpo da cama, deixando a colcha deslizar e revelando a camisola azul clara que ia até os pequenos joelhos rosados.

Com destreza ao manejar as duas "patas" superiores, ele encostou a criança em seu "colo" e, apoiando-lhe a cabeça como a um bebê, voltou-se para a porta. Ao fazer isso, o tubo desconectou-se da abertura no pescoço, o que fez o ventilador mecânico iniciar um silvo estridente e constante. Rosa abriu os braços, exasperada:

— Qual foi, brother?! Quem tá te mandando fazer isso?

Em resposta, o tórax da menina inflou-se e pulsou, deixando uma sequência de tosse explodir e expelir catarro pelo óstio da traqueostomia. Num reflexo, Rosa

cobriu o rosto, mas não o suficiente para evitar ver o que veio a seguir: os grandes olhos azuis da criança abrirem-se, piscarem e, afinal, a encararem.

Rosa, de pernas bambas, precisou apoiar-se no umbral da porta. Piscou várias vezes, tentando absorver a cena.

Uma gargalhada estrondosa explodiu no ar. O riso insano se prolongou até se tornar um soluço convulso e lamurioso. Movendo apenas os olhos, Rosa buscou a origem da voz. Da mesma direção, veio o som do vidro rolando pelo piso encerado. A garrafa de whisky deslizou até encontrar a ponta de suas botas. Ela ergueu os olhos para o fim do corredor, onde uma forma avançou lenta, tropeçou algumas vezes e desabou para a frente.

Instintivamente, Rosa saltou para sustentar o homem que, por pouco, não caiu com a cara no chão. Ele tornou a gargalhar de olhos fechados, o cheiro do whisky e de diversas outras bebidas emanava de sua boca, e o de suor e vômito de todo o resto do corpo.

— Senhor? Senhor? Qual foi, senhor?!

Ela chacoalhou o homem de terno militar, em desespero. Após alguns segundos, ele abriu os olhos e sorriu, entorpecido.

— Você... veio limpar...— e uma nova gargalhada se formou na garganta, mas foi interrompida por uma onda de náuseas.

Rosa era treinada pelo Coleta Purificação para recolher objetos frágeis, dirigir vans elétricas e programar Bobô, mas era treinada pela vida para segurar gente bêbada de forma que não se afogassem na própria sujeira. Então, virou o homem de lado, deixou o vômito correr e, sem pensar, abriu o garrafão e virou o líquido desinfetante na cabeça do bêbado.

Se o frio não o acordasse, aquele cheiro horrível ia.

O homem reagiu tossindo, e balançou a cabeça afastando a moça. Depois de alguns segundos, ele abriu novamente os olhos e pareceu focar a visão e enxergá-la.

— O senhor está bem?!

— Bem?! — repetiu, com um sorriso triste. Lágrimas desceram dos olhos verdes pelas bochechas e molharam a farda.

— Eu... Eu vou chamar ajuda...

Mas, com uma agilidade surpreendente para sua condição, o militar agarrou o pulso que Rosa esticava para chegar ao tablet.

— Você veio limpar, não foi?!

Sem saber muito o que fazer, ela meneou com a cabeça.

— Eu... Eu sou da Coleta Purificação, e vim...

— Purificação?! — ele gargalhou novamente, sem diminuir a força sobre o pulso da moça. — Estamos longe disso, sabia?! Não há mais o que fazer... Não há perdão agora, entende? Estamos todos condenados, não há... *Não há perdão para o que fizemos...*

Todos os alertas de que ia dar merda, que Rosa vinha ignorando desde que pisou naquele serviço, apitaram mais alto que nunca:

— Olha aqui, meu irmão! Me largue que eu vou chamar uma ambulân...

Nesse instante, ele puxou uma pistola de dentro da farda imunda. Rosa congelou no meio da frase. Seus instintos das ruas se acionaram quando o bêbado gritou:

— Não há mais salvação para nenhum de nós! É o fim... É o fim de tudo! Agora você vem limpar, mas não há mais como! Não há como limpar...o que fizemos a eles... o sangue em nossas mãos... Eles não nos deixarão esquecer!

— Senhor, vamos manter a calma...

Segurando o pulso dela com mais firmeza, ele a forçou a virar a palma para cima. Então, com a outra mão, sem soltar a pistola, retirou do bolso coberto de medalhas uma pequena placa azulada, que encaixou no meio das mãos de Rosa, sussurrando:

— Você vai limpar... Alguém vai saber... Limpe isso...

E, sem que a moça pudesse pensar, dizer ou fazer nada; sem que ao menos pudesse mover-se, a pistola disparou, explodindo o céu da boca em que fora encaixada. A bala saiu pela parte de cima do crânio do militar, deixando as paredes cobertas de sangue, lascas de osso e pedaços de cérebro.

Devagar, a força dos dedos do homem no pulso de Rosa diminuiu, até o braço cair sem vida. Em seguida, todo o corpo desabou de lado, em uma crescente poça rubra.

Rosa nem se percebeu gritando até tampar a própria boca. Deu por si em pé, diante da cena horrível: o corpo, com metade da cabeça estourada, perdia lentamente o calor; e, no ar, somava-se ao cheiro de álcool e suor o odor ferroso de sangue.

O cheiro da morte obrigou-a a agir. Logo, alarmes e sirenes iriam disparar, câmeras e sensores seriam acionados e portões fechados.

— Bobô — disse em um fio de voz. — Você gravou isso!?

O som de alguém espancando o portão o acordou antes do intrafone. Ainda de olhos fechados, apertou o botão contra o mastóide:

— Rosa!? Que foi, menin...

— Marquim, abre a porta da garagem AGORA!

O jovem empurrou o tronco na cama até tocar a parede logo atrás. A tela de segurança mostrava Rosa voltando para a van da Coleta Purificação, de faróis apagados.

Sem entender nada, Marquim apertou o painel e o portão estalou e rugiu na ferrugem para abrir, enquanto ele alcançava a cadeira de rodas aos pés da cama. Ajeitou apressado as pernas

— Preta, o que é que rolou...

— Cala a boca. Não dá tempo de explicar! Me descobre o que é isso!

Ela jogou em suas mãos um objeto que ele reconheceu rapidamente. Arregalou os olhos, antes de esfregá-los para ter certeza de que as remelas não o estavam enganando.

— Preta, tu roubou isso aqui?!

— Claro que não, idiota! Quer dizer, não dessa vez! — completou ao ver a expressão dele — O dono da casa... Um militar doidão... Ele me deu, antes... Antes de... — Um soluço de lágrimas cortou a frase. Marquim aproximou-se o máximo que a cadeira permitia e abraçou-a pela cintura, com um dos braços.

— O que aconteceu, Pretinha?! — perguntou, com um sussurro carinhoso, enquanto usava a mão livre para ligar sua estação de trabalho. As luzes de led embaixo da mesa e nas duas telas ao fundo da garagem iluminaram o cômodo, e só então ele percebeu. — Caralho! Isso é sangue?!

Rosa limpou o rosto depressa, respirando fundo para retomar o controle da voz rouca:

— Quando eu cheguei, a mansão não estava vazia e tinha esse cara lá com farda militar completamente embriagado! Ele disse umas coisas loucas e me entregou isso, depois surtou e explodiu a própria cabeça quando viu...

— Quando viu o quê, Rosa?!

Uma batida soou na porta traseira da van.

— Bobô está ligado? Você desativou o localizador pra empresa...

Mas a empresa, e as possíveis leis que estavam infringindo, sumiram da cabeça de Marquim quando ele viu Bobô descer a rampa em seu formato "bípede", com a garotinha nos braços metálicos.

— Que porra é essa?!

— Descubra o que é isso aí que te dei, Marquim. Descubra agora ou a gente tá morto ou preso daqui a pouco!

Com um giro rápido da cadeira, o rapaz se colocou em frente às telas e instalou o plug na entrada. Imediatamente, as luzes oscilaram mostrando imagens.

Marquim deixou a tela da direita atuar sozinha, abrindo e separando os arquivos, e se concentrou em usar a da esquerda para entender tudo aquilo — a do meio seguia rachada e visã. Em poucos segundos, ele já entendia o que via:

— Puta merda. — murmurou.

— O que foi?!

— O cara era general. Figurão das Navegações, esteve em Marte várias vezes já. Acho que estava à frente da Usina de Biogás de lá.

As imagens voavam nas telas. Rosa reconheceu as fotos da instalação. O exterior não era muito diferente das que conhecia na Terra. Não entendia o que estava assombrando Marquim à medida que as imagens avançavam e ele xingava com a voz cada vez mais sumida.

— O que foi, homem de Deus!?

Rosa evitava olhar para trás, onde Bobô, sem receber nenhum comando de voz, movia-se para permitir que o corpo frágil e magro da menina se sentasse, recostado em sua lataria. Marquim deslizava os dedos sobre a tela, empurrando as fotos para um lado e abrindo uma série de textos do outro. Brasões oficiais da República Militar do Brasil sumiam e voltavam.

— Eles estavam... Eles estavam queimando alguma coisa lá para conseguir energia... Alguma coisa viva!

— Sim! Merda e lixo! Como o biogás daqui, não é?!

— Não... Não era suficiente. Parece... Preta, acho que eles estavam... Queimando coisas vivas de lá... Coisas que... *Não morriam com fogo.*

— Como assim?! Uma bactéria? Um vírus!? O vírus que ninguém encontra e está causando essa doença nas crianças?!

Antes que Marquim pudesse responder, uma rajada de tosse fez os dois se virarem.

A garotinha ergueu devagar a cabeça. Sentada ereta sobre o robô, como em um trono, segurava em uma das mãos trêmulas um pequeno tubo plástico empapado de catarro e sangue. Com a outra, empurrava o pescoço para cima, tamponando o buraco onde segundos antes estava a cânula de traqueostomia arrancada. O esforço para isso parecia hercúleo, e ela estava pálida. Estava voltando a passar pelas cordas vocais. Lentamente, enquanto a cor retornava a sua face, a menina abriu os olhos azuis e os encarou com um olhar intenso. Ainda respirando devagar, informou:

— Meu... nome... não... é... Vírus.

15



A SEMENTE DA RETOMADA

Um conto sai-fai
de **Geo Amaral**
ilustrado por
Sophia Pinheiro





Complexo urbano de Piratininga, Pindorama, 2062

JAN CHEGOU NO PRÉDIO DA MÃE ENSOPADA. A garoa perene de Piratininga tinha se tornado uma tempestade durante a noite quente. Confiara na roupa resistente à água, mas até os tecidos repelentes mais avançados tinham um limite contra a chuva corrosiva. *Não são como o plástico das velhas capas, que de fato separavam a pessoa do ambiente tóxico, pensou.*

Enquanto esperava a mãe liberar o portão, um anúncio infossensível surgiu no pequeno hall do prédio, visível através das grades. Mostrava a própria Jan usando um vestido de losangos verde água, desfilando com uma leveza que ela mesma não achava ter. O preço flutuava ao redor. Havia a opção física, que incluía o custo de frete, e a versão infossensível, bem mais barata. Jan optou pela última, precisava mesmo de uma roupa melhor para encontrar os parentes, já que a sua estava toda manchada pela chuva. A própria mãe não a enxergaria no vestido infossensível, mas pelo menos estaria bem apresentável para os demais.

— Pode entrar! — Jan ouviu pelo interfone.

Quando o portão se abriu, percebeu um movimento de canto de olho. Virou-se para a rua, que continuava deserta, quase toda coberta pela enxurrada escura. Uma insegurança a tomou, mas na mesma hora considerou-se maluca. Os infinitos drones e câmeras de segurança espalhados pela cidade haviam reduzido a violência para quase zero, a ponto de os prédios mais novos nem terem travas eletrônicas. *Devo ter visto algo sendo levado pela água, boiando pelo meio-fio.*

— Veio sem guarda-chuva outra vez, Jan? — a mãe disse ao abrir a porta do apartamento. Apesar de mais baixa do que a filha, dona Bibi a envolveu em um abraço de urso, molhando o avental colorido. — Vai ter que tomar um banho, sabe como a chuva faz mal para sua pele.

— É o problema de ter uma mãe como a senhora — Jan disse, desvencilhando-se.

— Uma mãe que se importa em abraçar sua filha em carne e osso? Que não quer encontrar com ela só por imagens na cabeça que mais parecem alucinações?

Jan suspirou. Não via sentido em abraços, eram só uma forma de contrair doenças. Reparou nos muitos cabelos brancos que agora se intercalavam com os fios pretos grossos de dona Bibi, e também nas rugas surgindo no seu rosto redondo, mais visíveis nos cantos dos olhos amendoados. Uma visão incomum, pois, com a interação infossensível entre os memresistores implantados nos neurônios de quase todo mundo, a imagem pessoal havia se tornado a combinação entre o que um quer mostrar e o que o outro quer ver. Rugas, cabelos brancos e roupas manchadas não existiam mais. *Mãe, é você que parece uma alucinação, um fantasma de eras passadas.*

— Nunca vou entender a senhora não ter instalado os receptores, sabe que eu trabalho com isso, e garanto que não tem nenhum ris... — Jan parou de falar e farejou o ar. — Esse cheiro...

— Sim, bolinhos de mandioca com tomate e alecrim — dona Bibi disse. — Seus preferidos. E são de verdade, o cheiro não está só na sua cabeça. — Ela riu.

Jan a seguiu até a cozinha, passou pelo piso de lajotas vermelhas e foi direto para a área de serviço, onde tirou máscara, capuz, botas e o resto da roupa molhada. Procurou pela secadora até se lembrar de que a mãe não gostava “dessas coisas” e pendurou tudo no varal. Pensou em reclamar e desistiu, sabendo qual resposta viria: *muita energia, muito consumo, muito resíduo, tudo é um motivo para dona Bibi não aceitar o progresso.*

— O que são essas pintas? — a mãe apontou para a barriga de Jan, quando ela se aproximou para roubar um bolinho da travessa sobre a pia. — Está doente? Será que foi a chuva? E como ficou magra, dá pra ver até os ossos!

— Nada que eu tenha sido avisada — Jan disse com a boca cheia e olhou para si mesma. Teve que conscientemente desligar a função de Eu-Ideal dos receptores para deixar de ver uma barriga musculosa sedosa e enxergar a pele manchada em volta das costelas aparentes.

— *Eu* estou te dizendo, se é de um aviso que você precisa — a mãe insistiu.

— Não qualquer aviso. O convênio de saúde analisa os dados vitais coletados pelos meus receptores e avisa se tenho um problema. Não deve ser nada de mais, eu nem tinha visto.

— Receptores, convênios... Deve ser por causa dessas comidas de mentira que você gosta. — Dona Bibi tirou outra travessa de bolinhos do forno. — Pelo menos hoje vai comer alimentos de verdade, do tipo que antigamente deixávamos a natureza nos oferecer na quantidade e variedade certas. A campainha tocou.

Banhada e vestida com uma das batas largas de algodão cru da mãe – exibida infossensivelmente como o vestido de losangos verde água que ela acabara de comprar –, Jan foi até a sacada envidraçada, o maior cômodo do apartamento. A mãe fazia questão de manter ali uma mesa de dez lugares, onde juntava os poucos amigos e parentes que aceitavam a tarefa demorada e cansativa de atravessar a cidade fisicamente para encontrá-la. Nunca chegavam a dez. Hoje, tia Iraê ocupava a ponta, com o filho Daniel do lado direito.

— E pensar que a Irlanda de quarenta anos atrás era como Piratininga hoje — disse Iraê, acenando um oi para a sobrinha. — Chovia esse tanto e era só um pouco mais fria. E agora, quem diria, é um bloco de gelo.

A tia, pela visão de Jan, tinha longos cabelos castanhos encaracolados e um nariz pontudo, completamente diferente da irmã. Era difícil, porém, saber o quanto disso era verdade na realidade precária, não modificada pelo processamento dos receptores. *Aqui, só minha mãe tem a visão precarizada da realidade, sem o acesso à rede infossensível. Como ela pode achar bom ver as pessoas como elas realmente são?*

— Aquecimento e congelamento são só algumas das reações da natureza contra a destruição que temos promovido há séculos — disse dona Bibi, ao colocar na mesa uma torta de castanhas.

— Mas já melhorou muito, né? — disse Iraê, cortando um pedaço da torta. — De fato, na nossa época, quando aqui ainda era São Paulo e Brasil, queimava-se petróleo como se não houvesse amanhã. Fora o lixo, plástico, resíduos. Mas depois que a Pindorama Empreendimentos comprou nosso país, tudo isso ficou para trás. — Ela colocou uma garfada na boca. — Hum, que delícia, Bibi!

— Será que ficou mesmo, ou as pessoas não enxergam mais a *realidade precária*? — Daniel disse, servindo-se de salpicão.

— Filho, não vá começar com essas bobagens, não seja como sua tia — disse Iraê, com a boca cheia. — Está vendo, Jan, eles querem que Pindorama vire outra Bolívia.

Jan quase engasgou com o arroz decorado com grãos de milho vermelho.

— Ah sim... — disse Jan, e tentou mudar de assunto. — E qual é a receita desses...

— Que mania, mãe! — Daniel a interrompeu, retomando a questão. — Bolívia nem existe mais, agora é Wuliwya Suyu. Lá sim, o nome indígena representa uma retomada real do território. Aqui, chamar de Pindorama foi só pra megacorporação que agora é dona de tudo dar pinta de politicamente correta.

Iraê balançou a cabeça, servindo-se um copo de cerveja cauim.

— Pronto, virou ambientalista. Culpa sua, Bibi, olha o que fez com meu menino. Vamos trocar, vou ser mãe de Jan, e você cuida de Daniel.

Bibi riu e, ainda de pé, pegou nos ombros da filha.

— Acho que vai ficar sozinha nessas suas ideias, irmã. Pressinto que Jan está vindo para o meu lado.

Jan sabia o que viria a seguir. Prendeu a respiração e virou o resto do copo de cauim.

— Como assim, Jan? — Iraê abriu os braços.

Jan ficou vermelha, de um jeito que a imagem infossensível não conseguiu disfarçar.

— Você não sabe da novidade — continuou Bibi. — Jan está namorando uma moça lá de Wuliwya Suyu. Nunca se viram, né? Sabe como são essas relações de hoje. Mas já é um avanço, deve ser alguém que não pensa só em esburacar o mundo e tapar tudo com cimento.

Daniel disfarçou um risinho e Iraê abriu a boca e não disse nada, parando uma garfada de torta no ar.

— Mãe... — Jan baixou os olhos.

— Lembre-se, filha, pode chamá-la para vir ficar aqui em casa, tem espaço.

— Ela não quer, não gosta do jeito que vivemos em Piratininga. — Jan suspirou.
— Diz que precisamos mudar de pensamento, nos voltar para a natureza.

— Mas ela está certíssima — disse Iraê, mordendo uma erva-doce crocante.
— Eu sempre falo que só Bibi quer continuar morando nessas caixas de fósforo.
— Iraê fez um gesto largo, apontando o apartamento. — Como aguenta, sem nem um pedacinho de grama pra colocar os pés e se conectar com *Nhanderu*.

Jan estranhou a maneira como seus receptores traduziram a frase. Ela mesma não era religiosa, então o certo seria ter escutado exatamente o que a tia disse, e

tinha quase certeza de que ela havia usado alguma divindade da mitologia católica, como Deus, Cristo, Nossa Senhora ou algo do tipo. *E Nhanderu teria sido o que minha mãe ouviria, caso tivesse receptores... Estou virando ela?*

— Pelo menos esse lugar é da época em que as coisas eram de verdade, não é *smart*, nem info-qualquer-coisa — Bibi disse, colocando na mesa uma cesta de pães doces. — Vocês moram em um calçadão de concreto de uns cem quilômetros com um muro a cada quatro metros, e deliram que tem grama, árvores, até animais. Quando ali era a Serra da Cantareira, tinha mesmo, agora é um deserto cimentado.

Iraê apertou as sobrancelhas e olhou para o filho.

— Calçadão?

— Sim, claro — disse Daniel, revirando os olhos. — A tia Bibi tá certa. A senhora sempre esquece dos receptores. O que vê não é real.

— Ah, eu cresci entendendo que o que eu via era a realidade. — Iraê balançou a mão direita, como se dispensasse o problema. — Agora é bem melhor, mas esqueço que existe a tal da vida precária, sem o tapinha de sensações que os receptores dão. E daí que a grama só está na minha cabeça? Aqui nesse apê não tem verde do mesmo jeito.

— Eu vivo falando isso para minha mãe — Jan disse e colocou um pedaço de pão na boca. — Ela podia ter receptores e comprar todas as maravilhas do mundo infossensível.

— Aliás, novidade! — a tia deu um gritinho. — Agora eu tenho a minha própria árvore!

Uma que existe mesmo, não só na minha cabeça.

— Como assim, nasceu uma árvore no seu cimento *precário*? — Bibi fez aspas no ar para enfatizar a última palavra e se sentou ao lado da filha.

— Não, nasceu lá onde era a Amazônia, é uma sequoia gigantesca. Mas, como ela tem receptores nas raízes e no tronco, posso abraçá-la no meu jardim e a sensação é a mesma de estar lá. Vocês precisam ver, não tem comparação. Posso mostrar?

Jan concordou com a cabeça e um tronco de árvore mais largo que a mesa de jantar surgiu na sua frente, subindo até atravessar o teto. O cheiro de madeira úmida e o som do farfalhar das folhas encheram o ambiente. Um pássaro piou ao longe.

— Opa, é melhor eu mostrar como ela fica lá no meu quintal — disse Iraê.

O apartamento sumiu de vista, revelando um jardim gramado com flores e plantas decorativas, além do tronco largo que subia pelo menos dez metros

antes de se dividir nas dezenas de galhos que formavam a copa frondosa. Era impressionante, Jan nunca tinha visto uma árvore como aquela. Então tudo desvaneceu e ela voltou a enxergar as travessas de comida sobre a mesa. Reparou outra vez em algo no canto da visão, esverdeado como uma luz refletida na água. Quando olhou em volta, não havia nada de errado. *Receptores não dão defeito há anos. Será que é a minha cabeça que está com problemas?*

— É uma pena que você não pode ver, Bibi. Minha árvore é uma maravilha. Apesar de aqui achei ela meio desbotada. Talvez seja a diferença de luz.

— Tudo bem, prefiro assim — disse Bibi, segurando um copo de cauim. — E você paga por ela, imagino, pela *sua* árvore.

— Claro, descobri ela em um anúncio. Inclusive, deve ter sido a sua filha ou um colega dela que programou o sistema para eu receber a divulgação. Foi uma flechada direta no alvo.

— Iraê piscou para Jan.

Daniel, que tinha ido até a cozinha durante a demonstração da árvore, voltou com uma tigela cheia de jabuticabas. Jan pegou uma daquelas coisinhas pretas e a girou nos dedos. Uma fruta quase em extinção. Era o tipo de coisa que só via na casa da mãe, assim como as verduras e ingredientes naturais que ela usava nos pratos: milho vermelho, mandioca, abóbora, alecrim, batatas e até castanhas, raras como ouro. *Afinal, onde ela consegue essas coisas? São tão diferentes das comidas industrializadas. Não consigo parar de comer.* Espremeu a jabuticaba com os dentes, engolindo o suco e os caroços. O sabor era intenso.

— Sim, fui eu mesma que programei o anúncio, e foi um sucesso de vendas — Jan disse, servindo-se de mais bolinhos. — Estão refazendo uma parte da Amazônia, tentando simular as interações que os indígenas faziam com a floresta antes da invasão europeia. Querem ver se certas espécies vegetais impossíveis de sintetizar e cultivar em ambiente artificial ressurgem por vontade própria.

— Tem tanta coisa da minha infância que desapareceu para sempre — Bibi disse. — Lembra, Iraê, quantos tipos de batata e mandioca nós comíamos com os parentes? Hoje, quando não são sintéticas, só se acha um tipo de cada, e com gosto de papel.

Iraê abriu um sorriso, segurando um pedaço de bolo de milho.

— Claro, lembro até daqueles cogumelos que nos faziam sonhar...

Uma esfera branca piscante surgiu na visão de Jan, boiando quase em cima da cabeça de sua mãe. Era uma requisição urgente do seu trabalho.

— Tudo bem, filha? — Bibi perguntou. — Você arregalou os olhos.

— Sim, mãe. Tenho que trabalhar um pouco, algo aconteceu. Vou ficar ali na sala, você sabe, meio *off*.

Bibi a olhou de um jeito estranho, mais intensa que o normal, mas logo voltou-se para a irmã e retomou a conversa.

Jan não se sentia muito bem. Foi cambaleante até a sala e deixou o corpo afundar em uma antiga poltrona de couro. Teve outra vez a sensação de alguma coisa luminosa na borda do seu campo visão, mas dessa vez conseguiu focar no lado esquerdo e percebeu umas manchinhas verdes brotando como uma trama. Lembrava musgo crescendo em um tronco velho, mas em velocidade aumentada dez vezes. *Só pode ser a cerveja cauim confundindo minha interação com os receptores neurais, não estou louca.*

O comunicado da empresa dizia que oitenta e dois por cento das intrusões comerciais infossensíveis veiculadas nos últimos três minutos haviam apresentado distorções visuais e de conteúdo. Anúncios de comida sintética mostravam pessoas apodrecendo de dentro para fora depois de ingerir o produto; um *tour* espacial se tornava uma viagem sem retorno, pois o mundo havia se dissolvido; e outras veiculações tiveram resultados ainda mais grotescos. Os problemas mais graves aconteciam com os produtos infossensíveis, como o vestido de Jan. Ela olhou para si mesma e se viu coberta de mofo, cogumelos e restos de tecido podre. Então não era só o seu campo de visão que estava com problema, mas toda a rede. *Isso só pode ser um ataque terrorista.*

Ela acessou o sistema de manipulação infossensível comercial, onde moldava o que cada pessoa via e sentia durante a exibição de um anúncio. Percebeu um problema na inteligência artificial, um superalgoritmo capaz de mostrar os produtos no momento exato em que a probabilidade de compra seria quase absoluta, com base em tudo o que se passava no cérebro e na corrente sanguínea de cada pessoa conectada aos receptores. Por algum motivo, a I.A. estava desligada; os produtos estavam sendo mostrados segundo outros critérios. O programa de manipulação de conteúdo também apresentava falhas, respondendo lentamente, até que travou por completo. Aconteceu algo que Jan nunca tinha visto: a interface sensível do sistema ficou completamente verde. Ela tentou sair dali, voltar à visão da realidade, e não conseguiu. Sua mente estava presa naquele fundo infinito verde musgo. Alguma outra inteligência havia tomado conta de todos os sistemas.

Depois de alguns segundos, a imensidão verde começou a se dissolver. Pontos esbranquiçados parecidos com mofo surgiram no canto da visão e foram se expandindo, ficando mais brilhantes, fosforescentes. Olhando para aquilo, presa naquela janela do não-mundo infossensível, Jan sentiu um aperto no peito. Uma angústia, uma sensação de morte. Sentiu-se suja, estagnada, atolada de óleo, dejetos,

ácido. Sentiu-se queimada, ressecada, derrubada e picotada. Sentiu-se quente, abafada, sem conseguir puxar o ar. Sentiu-se repetida e duplicada infinitamente, enquanto suas irmãs e irmãos morriam e sumiam, e seus genes eram remexidos, invadidos. Sentiu-se contaminada, poluída, depredada e exterminada.

Não era mais uma só pessoa, mas parte de uma coletividade simbiótica que se espalhava por todo o solo e todo o ar, e podia sentir o que sentiam, e, apesar das minúsculas gotas de prazer e esperança que invadiam o fundo dessa massa de sensibilidades, a emoção mais palpável ainda era a dor. Jan perdeu os sentidos.

Dona Bibi mantinha a cabeça da filha desacordada em seu colo. Acariciava os cabelos grossos de Jan ao redor de uma tiara feita de ervas e hifas de fungos entrelaçadas. Dois grandes cogumelos-ostra-de-rosa nasciam da testa dela, abertos como flores, seus micélios descendo por dentro da carne, ao redor dos olhos e pelas bochechas, serpenteando para a nuca. *A essa altura os esporos e o pólen já devem estar em ação*, Bibi pensou. *Em breve, como Jan, todos faremos parte da simbiose que salvará o mundo.*

As duas estavam no banco de trás de uma caminhonete muito antiga. Como sempre, chovia. Seguiam por uma estrada esburacada, ladeada por plantações de soja a perder de vista, como um mar verde-amarelado. Ao longe, um helicóptero automático levantava voo, içando um container.

— Como essas plantações sobrevivem nesse clima? — Daniel perguntou do banco da frente, sem tirar os olhos da direção.

— Modificações genéticas — Bibi respondeu. — A soja sintética de Piratininga absorve oitenta vezes mais água do solo e produz uma seiva grossa, quase plástica, que substitui a borracha em muitas aplicações industriais.

O helicóptero, até então muito silencioso, começou a soltar um ruído de metal torcido e a rodar em torno de si mesmo, sacudindo o container. Os cabos de aço se romperam com um estalo e a carga caiu sobre a plantação como uma bomba. Terra e soja subiram em um cogumelo de poeira, encobrindo a aeronave, que também veio ao chão com uma explosão.

— Parece que a inteligência simbiótica começou a afetar os sistemas que são totalmente artificiais, tia. — Daniel deu um soco no teto da picafe, comemorando. — É agora!

— Nhanderu nos guiará nessa retomada — Bibi disse, olhando para os cogumelos na testa da filha, abertos como duas comportas rosadas para outra realidade.

De repente, a caminhonete fez um movimento brusco, quase derrapou, pulou nos buracos da estrada, e então parou.

— Também já sinto os efeitos, tia — Daniel disse, virando-se para trás. Seus olhos estavam esbranquiçados e da testa surgia um talinho verde. — A senhora consegue dirigir?

— Claro, sem os receptores que contaminam o cérebro, eu não preciso me purificar nem transmutar. Já estou conectada à inteligência simbiótica de Nhe'ery.

Bibi deixou a filha e o sobrinho acomodados no banco de trás e andou pela chuva e lama para o lugar do motorista. Iraê, no banco do passageiro, dormia enquanto um cogumelo- ostra-de-rosa brotava entre os seus cabelos brancos, no topo de sua cabeça.

De pulso em pulso elétrico, batida em batida de coração, o emaranhado de extensões micorrízicas se expande, infla e contrai. Em uma dança animal-vegetal-tecno-fúngica, a divisão entre os reinos se esfacela. A inteligência da floresta se espalha, adota cada ser como seu parente, em uma celebração de existência simbiótica. Orgânicos ou inorgânicos, toda entidade volta a ser parte de Nhe'ery, que os recebe e acolhe, preparando a ressurgência.

De um memresistor implantado na raiz de uma sumaúma, mãe das árvores, veio o primeiro sinal. Pelo ar, ondulou-se como um peixe até grandes baleias satelares com chifres de antenas; foi mastigado em zeros e uns; digerido e digitalizado; regurgitado e transmitido a correntes elétricas de sinapses engrossadas por neurotransmissores e desnutridas pela sede dos receptores infossensíveis.

O segundo sinal, porém, nasceu tocado pelos tendões micelares da rede rizomática que se espalha por diversos planos, da tecnologia aos sonhos, da vida à putrefação, do recordar ao ressurgir.

Contaminado, agora parte de uma simbiose que o abraçou como um igual, o sinal se dividiu. Espalhou-se pela rede dos nervos fúngicos e caules vegetais por toda a superfície do planeta; esvoaçou-se em pólen eletrificado por toda a atmosfera; ondulou-se da antena ao neurônio. E retornou, sussurrando à sumaúma a verdade que constrói mundos.

O muro surgiu do meio do mar de soja, como se fosse um aro de metal gigantesco caído do céu. Bibi parou a picafe perto da fronteira, onde diversas placas rodoviárias desbotadas avisavam: “Área de proteção de comunidades humanas isoladas, mantenha distância”. Parece até que são áreas radioativas, ou cheias de monstros,

Bibi pensou. Colocaram os muros com a desculpa de proteger quem está dentro, mas na verdade a megacorporação sabia do risco dessa ressurgência. Ainda bem que nenhum muro vai deter a retomada da floresta.

Bibi desceu do carro, passou pelas placas de madeira meio derrubadas pela chuva e achou a parte onde o muro estava corroído. Tinha pelo menos quinze metros de altura, mas em vários pontos parecia fragilizado. Ela tocou com a bota uma das áreas alaranjadas e o metal cedeu para dentro, abrindo um buraco de vários metros.

Voltou para a picafe, colocou a primeira marcha e, espalhando lama ao acelerar, seguiu em frente. Diferente do exterior, dentro do muro havia árvores, uma diversidade incrível de plantas e até animais. Bibi viu uma família de saguis passar pelos galhos, ouviu os pássaros cantando e sorriu quando uma joaninha pousou no para-brisa. Aos poucos conseguiu enxergar a nuvem de pólen no ar, descendo das alturas, trazendo contexto e informação da atmosfera. *O céu está tomado e o solo deve estar eletrificado pela atividade da inteligência simbiótica.*

Pouco depois, Bibi cedeu o controle do carro. Tramas esverdeadas tomaram o painel e a direção, passando a guiar o veículo até o ponto de encontro.

— *Bem-vinda de volta a Nhe'ery, Bibi Guarani* — disse em sua mente uma voz coletiva, formada pelo farfalhar de folhas, sons de animais e o ressoar de ondas na praia.

O carro parou onde a Mata Atlântica dava lugar à areia da praia. Os parentes de Bibi chegaram em seguida, cobertos pelas pinturas e saiotes de celebração. Ajudaram-na a levar Jan, Daniel e Iraê para a casa comunal.

Jan acordou zonza, com a cabeça pesada. Não sabia onde estava, era um lugar cercado por paredes altas de uma trama verde clara com frestas por onde entravam raios de sol difusos. *Isso é a realidade precária, ou ainda estou presa no mundo infossensível?*

Olhou para a barriga e as pernas, cobertas pela bata de algodão cru. *Para onde foi o vestido de losangos?* Tentou reativá-lo, mas nada aconteceu. Buscou acessar as opções das transações infossensíveis, e nada. *O que está acontecendo, por que meus receptores não funcionam?*

Seu coração disparou. Como último recurso, desejou entrar em contato com a namorada, Tereza, que morava em Wuliwya Suyu.

Em vez de ver o rosto de Tereza materializado em sua mente, sentiu um toque que começava na ponta dos dedos das mãos, subindo como um leve choque elétrico.

Apesar de não a enxergar infossensivelmente, seu cheiro a envolvia, marcando sua presença, e sabia que a namorada também a percebia. Tereza estava feliz por ter acabado de comer um achachairú tirado do pé, algo que não fazia desde que tinha cinco anos de idade. A árvore havia ressurgido nos novos pomares de Wuliwya Suyu. Entre a felicidade e a surpresa pelo contato, ela exalava uma certa preocupação, pois Jan sumira por dois dias, mas uma onda de alívio a tomou quando entendeu que tudo estava bem. O fato de poderem se conectar nessa nova forma, não mais informacional, mas verdadeiramente sensível e simbiótica, a empolgava. Jan e Tereza estavam à distância de uma batida do coração, pois a inteligência da floresta conectava todas as regiões do mundo, dos vastos céus às entranhas da terra.

Jan sorriu, deixando-se contaminar por aquelas sensações nunca antes experimentadas, e desejou que um encontro de corpos se desse o mais rápido possível. Percebeu que Tereza abraçou essa vontade, agora disposta a conhecer esse novo Pindorama. E combinaram sem palavras que fariam isso muito em breve.

Jan levantou-se e foi até a saída da construção. Lá fora, deparou-se com uma visão tão incrível que suas pernas bambearam. De um lado, o mar esverdeado arrebatava em uma praia de areia cor de palha e, do outro, assomava-se uma mata de árvores imensas, coroadas por copas carregadas de folhas e frutos, filtrando a luz do poente. Ela nunca havia visto o sol sem a barreira da chuva eterna de Piratininga e, com o céu claro, a luz intensa criava nuances fantásticas de cor, matizes vivos muito diferentes do cinza morto da cidade.

Ela deu um passo à frente e pisou pela primeira vez em grama fresca, levemente úmida. O cheiro de mato era fabuloso. Pássaros piavam, mosquitos zuniam, crianças cantavam, tambores ressoavam. Ao longe, diversas outras construções esbranquiçadas mesclavam-se à paisagem, e delas entravam e saíam pessoas de corpos pintados, coloridos para uma celebração. Era possível sentir sua alegria, a empolgação com algo novo, uma semente dormente que brotava outra vez.

Jan ouviu passos na grama e se virou para encontrar sua mãe, que carregava nos braços uma cesta larga. Ela sorria.

— Enfim acordou, Jan! Bem-vinda a Nhe'ery!

Jan apertou as sobrancelhas.

— Mãe, isso é real? Parece um lugar de conto de fadas. Onde estamos?

— Em uma das poucas regiões que, graças a muita luta e esforços, ainda se mantém exuberante. — Bibi fez um gesto com um braço, mostrando as árvores. — E, agora, o resto do mundo poderá voltar a ser assim. A ressurgência já começou, filha. A inteligência simbiótica da floresta está operando os sistemas que eram de destruição e depredação, transformando-os em matrizes de retomada e bem-viver.

— Então... essa inteligência da floresta hackeou a rede infossensível? Assim de repente? — perguntou Jan, sentindo um aperto no peito. — Não tem volta?

— Nhe'ery contou com a ajuda dos técnicos da própria rede infossensível — disse Bibi, e apontou para a filha. — Vocês implantaram receptores nas árvores e em animais, querendo transformá-los em produtos. Essa foi a semente da retomada. Agora, todos podem se conectar apenas pela força da vontade, e também sentir o solo, o ar e os oceanos em sintonia com os demais seres vivos e não vivos do planeta.

Jan esfregou os olhos, angustiada. Reparou na cesta da mãe, repleta de ameixas, pitangas e jabuticabas. Atrás dela, mais ao fundo na mata, havia passarelas e caminhos reluzentes onde pessoas interagiam com animais e plantas. No mesmo instante, ela soube, mesmo sem receber uma informação direta, que todos estudavam e planejavam em conjunto como seriam as novas comunidades simbióticas que reconstruiriam Pindorama com formas renovadas de pensar e agir.

O coração de Jan disparou outra vez. Como se tomasse um tapa na nuca, ela se deu conta de que o mundo não seria mais o mesmo. Sentiu o vazio de não poder mais acessar os códigos, ligar para seu chefe, saber notícias do mundo todo, comprar as coisas que só existiam na sua mente e na das outras pessoas conectadas à rede infossensível. *Como habitar a mera realidade precária, sem tudo o que torna a minha vida mais leve, mais interessante?* Deixaria para trás estilos de vida, prazeres e confortos. Não seria mais alguém importante em sua profissão, reconhecida e valorizada. Tudo o que sabia fazer melhor, tudo o que tinha estudado, se dedicado e aperfeiçoado por anos a fio se provaria inútil. Seria a criatura mais incapaz entre todos naquele novo contexto, em um ambiente terrível, ainda que belo. *Eu não sou ninguém nesse mundo, não existo.*

Apavorada, girou o corpo, lutando para puxar o ar.

Com a vista embaçada, Jan viu uma moça pintada em texturas vermelhas e amarelas andando ao lado de uma onça. Um senhor curvado operava um controle remoto, e um drone que lembrava uma grande abelha voava atrás dele. Duas crianças brincavam de bola, correndo pela areia, pulando na água espumosa do mar.

Jan se lembrou de soltar bem o ar, como seu terapeuta sempre lhe dizia, mas não conseguiu diminuir a aceleração dos batimentos e nem a tontura. Tocou em sua testa e sentiu o grande cogumelo-ostra-de-rosa nascido da sua carne. *Quem sou eu aqui? Quem eu posso ser?*

Ela se virou para a mãe, que ainda sorria. Dona Bibi deixou a cesta de frutas no chão e abraçou a filha, que desta vez aceitou e retribuiu o afeto.

— Quem eu vou ser aqui, mãe? — sussurrou Jan.

— Será Jan Guarani. Minha filha, parente de um bocado de gente, orientada pelos espíritos ancestrais e integrante da inteligência simbiótica da floresta.

Vamos precisar do seu conhecimento para fazer essa retomada. Será ainda mais importante aqui do que era lá fora. Sinto sua angústia. Agora, se permita saber como eu me sinto.

Ainda abraçada, Jan suspirou e tentou se conectar com a mãe, como tinha feito com Tereza. De repente, um calor a tomou, e uma excitação quase sexual percorreu sua pele, deixando-a suscetível à brisa, ao toque da mãe, à grama fria no chão. Veio à tona uma consciência do seu corpo no aqui e no agora como nunca antes havia experimentado.

Sentiu da mãe a alegria, o entusiasmo, a certeza e a confiança na transformação do mundo para algo melhor, mais vivo e intenso. Havia, no fundo de cada terminação nervosa superexcitada, uma redoma de paz. Jan deixou-se contaminar por aquele sentimento, entendendo que havia muito mais possibilidades para preencher o vazio deixado pelo seu mundo perdido do que antes ela imaginara. As capacidades de retomada e reconstrução não sofriam com a restrição imposta pelo capital e suas hierarquias. Os limites se mediam agora pela ordem da vida, da potência de fazer e de existir de cada ser em comunhão simbiótica. Jan finalmente conseguiu entender o que dona Bibi havia tentado lhe ensinar desde criança. Ficaram naquele abraço silencioso por minutos, compensando os anos de distância, de ausência de toque e de amor.

Quando se soltaram, Jan sentia-se melhor. O vazio ainda estava lá, e levaria tempo para preenchê-lo, mas ela tinha a impressão de que poderia fazê-lo com calma, sem desespero. E que uma parte dele poderia continuar vazia, para lembrá-la de como tudo um dia havia sido, como uma marca do luto pelo modo de existência perdido.

Há tanto a especular, a imaginar e a fazer. Por onde começar?

Do alto de um galho, um mico-leão-dourado se conectou à inteligência simbiótica e propôs para Jan o início de uma jornada: o passeio entre os campos de flores de Nhe'ery, cujos botões apenas começavam a se abrir.

16



NOVAS MEMÓRIAS PARA BRASÍLIA

Um conto sai-fai
de **Elisa Ferreira**
ilustrado por **TAI**





NÃO ESTAVA REGISTRADO EM NENHUM BANCO DE DADOS e os poucos sobreviventes lúcidos do Ano 2137 – ano em que 2/3 dos cultivos alimentares foi contaminado e se transformou em espécies zumbi – mal tocavam no assunto. Quase noventa anos mais tarde, os jovens voluntários e líderes da Resistência tentavam conseguir informações com seus antecessores, seus avós e bisavós, mas assim que surgia o assunto de como eles conseguiram sobreviver à extinção, a feição dos mais velhos refletia profunda angústia. As impressoras de comida transformavam milho e trigo em todo tipo de comida diferente, mas os mais velhos preferiam suas sondas de alimentação.

Uma das bisavós de Cíbele-12Æ sempre lhe contava histórias felizes de sua adolescência, do cachorro que a família tinha. No leito de morte, a bisavó lutava contra a rejeição tardia de sua sonda de alimentação, uma modificação que a maioria daquela geração possuía e não abria mão, mesmo com as impressoras de comida em seu auge. Entre uma dose de anestésico e outra, ela contava novos trechos de seu passado: não as memórias de quando Bob era vivo e corria pelas vielas até o parque de grama sintética, mas a memória de quando, famintos e com menos de quinhentas quilocalorias por dia, a família agradeceu Bob por seu tempo como membro da família e o partiu em pequenas porções. Bob e seus amigos do parque não chegaram ao Ano 2138.

Os pais de Cíbele-12Æ tentaram rigorosamente convencê-la de estudar, estudar e estudar mais para conseguir uma vaga no concurso público e ir à Lua, onde os descendentes dos colonizadores trilionários mantinham sua vida luxuosa e confortável com apenas alguns poucos servidores. Desde criança, lhe mostraram imagens de como seria a vida em outro mundo, tão melhor, mais saudável, onde se poderia

observar o céu noturno estrelado de verdade, não nas telas acopladas no teto das urbes que simulavam o céu. Cíbele-12Æ nunca lhes deu ouvido, ela sempre sonhou o mesmo que sua falecida bisavó: poder brincar com um cachorro real, não uma realidade aumentada; talvez cultivar e tocar a grama ou comer algo com prazer.

De um lado do laboratório, o grupo de vinte cientistas se revezava entre doses de ácido contra a radiação, acessos de tosse e a linguagem crítica exibida nas telas do computador. No teto, na lateral das paredes e na janela, luzes piscavam em frequência de emergência: branco, depois vermelho. No display da janela, o sinal de alerta mostrava que não era possível identificar a origem da interferência. Do outro lado da sala, um tubo fechado abafava o barulho de batidas vindas de seu interior. Lá dentro, a jovem voluntária da Resistência, Cíbele-12Æ, usava seus punhos para tentar, em vão, se comunicar com a equipe do lado de fora enquanto se lembrava do porquê de ela estar ali submetendo-se à viagem experimental.

— Ei! Alguém me escuta? Luana? Treze? — seu comunicador não recebia as vozes da equipe e parecia também não transmitir a voz dela. — Merda!

Uma sensação de formigamento percorreu o corpo da jovem e o silêncio foi quebrado por falas entrecortadas no comunicador:

— Cíbele. Desculpe. Não tempo. Descul... — a última palavra deu lugar ao som de estática.

A dor do formigamento tornou-se insuportável. “Vai dar tudo certo.” ela pensou. “Eu vou voltar só uns dois anos, manter a discrição quando chegar, seguir meu treinamento de espiã. Descobrirei quem sabotou os purificadores de ar antes de os sabotarem. Depois de hoje, 2224 não vai ser como 2137 foi.”

“Voltar. Impedir. Curar. Esperar.” Era esse o lema da Resistência que todos os voluntários levavam gravado no peito e usavam como motivador. A visão de Cíbele-12Æ esmaeceu até a completa escuridão. Perdia seus sentidos.

O sol brilhava forte e erguia-se a partir da linha do horizonte na Rodoviária do Plano Piloto. Deitada no chão de concreto, curvada em posição pouco confortável: ali estava Cíbele- 12Æ. Ainda desorientada, ela tentou se levantar e sentiu o braço esquerdo preso na alça da mochila, parte da sonda havia se enganchado. Soltou o braço e ergueu a mão na altura do visor, protegendo os olhos da luz direta.

Cambaleava até a plataforma mais próxima quando foi abordada por um estranho de camisa azul-marinho “Vai trabalhar, zé droguinha!” Cíbele-12Æ fez pouco caso da abordagem mau humorada: seu pensamento estava na sala do laboratório com seus companheiros da Resistência. Não notou na ocasião que o estranho passava pelo local com os braços e rosto descobertos e usava um tecido

cobrindo o queixo. Ela seguiu com o protocolo e tentou estabelecer contato com seus companheiros.

— Laboratório, alguém me escuta? — ela falava com a voz abafada dentro do respirador enquanto lia seus sinais vitais exibidos na lente do visor, mas a única resposta era o silêncio do outro lado da linha. Ela mexeu um de seus cyberlox¹ na tentativa de afastá-lo do rosto, mas o tubo de crinolina verde continuava a cair sobre o visor, subindo e descendo conforme o ar exalava de seu respirador. Após uma breve pausa, ela continuou falando com o gravador ligado:

— Aqui é Cibele-12Æ. O salto foi um sucesso, mas meus sensores não conseguem indicar a data em que estou. Ainda sinto um pouco de desorientação e dificuldade em reconhecer o ambiente ao meu redor. A hostilidade é familiar.

De repente, o tubo começou a balançar na direção oposta, fazendo-a olhar para o lado e tentar definir a origem da corrente de ar. Caminhou entre o crescente número de pessoas reparando agora em suas estranhas vestes, indo em direção à parte onde o teto da Rodoviária dava lugar à abóbada da cidade. Pequenos pingos d'água começaram a cair e escorrer por seu visor e roupas, deixando-a estupefata.

— Não é possível! — exclamou e sacou da mochila o analisador de amostras. — A última vez que fizeram chover dentro de uma urbe já faz quinze anos!

Ao desviar o olhar do céu para os prédios da central de Brasília, Cibele sentiu o mundo virar de cabeça para baixo quando notou que os prédios cresciam invertidos, de ponta para cima. Pareceu a ela que os prédios se achataram em direção ao solo, seu senso de direção estava embaralhado, então os prédios voltaram a se erguer em direção ao céu, encontrando-se com as nuvens enquanto ela perdia os sentidos e caía ao chão desmaiada.

A cozinheira de um restaurante da Rodoviária passava por perto naquele momento, e apiedou-se da exótica jovem caída no chão. Gabriela já era acostumada a encontrar pessoas nesse estado, mas se recusava a vê-las como escória. Tratava-as como qualquer outra pessoa. Com a ajuda de um estudante, Gabriela carregou Cibele e a sentou numa das mesas do restaurante.

Cibele-12Æ começou a abrir seus olhos e notou que não estava no mesmo lugar em que caíra. Fazia silêncio no comunicador e o visor indicava níveis de oxigênio que diminuía conforme o tempo passava.

— Laboratório, se alguém me escuta, eu não sei o que está acontecendo. Tudo aqui é bizarro.

¹ Tubos de material sintético flexível comumente encontrados em cores neon e preto utilizados no topo da cabeça simulando dreadlocks.

“Estou sozinha”, o pensamento invadiu sua mente. “Curar, esperar, impedir, voltar. Como eu vou fazer isso agora? Eu preciso descobrir quem sabotou os filtros de ar, mas agora não sei nem mesmo onde e principalmente quando estou!”

Do outro lado da linha, não haveria resposta de ninguém, pois aquelas pessoas da Resistência estavam duzentos anos no futuro, em uma sala fechada, enterrados a mais de três quilômetros da superfície de um planeta cinza e estéril. Do outro lado da linha, numa cidade que se assemelhava a um esconderijo, ou mais como um cemitério, os companheiros de equipe lamentavam o sacrifício de Cibele-12Æ, e o honravam ao focar toda a atenção em simulações de modelos que previssem a restauração da biodiversidade da Terra. Tudo isso, apenas para concluir a cada rodada que suas cidades subterrâneas virariam mausoléus assim que a radiação enfim terminasse de se infiltrar na Terra.

— Que bom que você acordou! — a voz alegre da cozinheira falou do outro lado do balcão onde ela arrumava frutas frescas numa cesta, trazendo Cibele-12Æ de volta à realidade. — Tem um prato para você. Vou esquentar para ver se você fica melhor, viu, querida? Não, não precisa pagar nada — ela completou enquanto amarrava o avental branco e colocava a touca nos cabelos após ligar a televisão no jornal matinal, sumindo pela porta da cozinha antes que Cibele-12Æ tivesse tempo de perguntar por suas credenciais.

Cibele, por fim, olhou ao redor e notou que as pessoas mal usavam máscaras e suas vestes não pareciam oferecer proteção alguma contra radiação ou calor. Ela achou jogado no meio das coisas em sua mochila o aparelho analisador de amostras e esperou pelo resultado do ar: não havia traços de radiação, poucos de poluição e apenas alguns patógenos simples. O ar era próprio para respirar sem auxílio.

— Bom dia, jovem! Acordou de verdade agora. Eu sou a Gabriela, qual seu nome?

— Cibele-12Æ. Eu autorizei o compartilhamento de credenciais, você não recebeu meus dados?

— Olha, não sei do que você está falando, mas vê se come logo para não ficar caindo por aí. Não é bom confiar em ninguém esses dias. A marmita é de ontem, mas 'tá fresquinha ainda — a cozinheira suspirou, servindo a marmita que acabara de esquentar e aumentando o volume da televisão para escutar as notícias do dia.

— Bom dia, Brasília! Hoje é segunda-feira, sete de março de 2022 — a voz da jornalista pôs fim à dúvida de Cibele.

Ela olhava para seu prato de comida, sem entender o que estava acontecendo. Seu coração palpitou. Ela não se lembrava da última vez que havia visto um prato tão cheio, tão diverso e incrivelmente colorido. Sua roupa era colorida, as luzes da urbe eram coloridas, em seu visor as letras brilhavam em vários tons, mas de onde ela vinha a comida era invariavelmente monótona e da mesma cor pálida

e lavada. O estômago mandou um claro sinal de fome para o cérebro, e Cibele não recebeu sobre a real qualidade do ar de 2022. “Que lugar é esse?” Seu coração palpitou mais uma vez enquanto as mãos se dirigiam ao respirador. Ela cortou o fornecimento de oxigênio. “Curar, voltar”. Seu coração pulava e ela segurou o fôlego. Não resistiu muito. Quis ligar o oxigênio novamente; resistiu ao instinto olhando o resultado da amostra de ar no visor e o prato de comida em cima da mesa. Repetiu o mantra da Resistência mais uma vez. Se livrou do respirador.

Nada aconteceu e ela pôde respirar livremente, assim como comer. Começou pelo que parecia um bife, já que os pequenos grãos brancos e pretos e a salada colorida lhe eram virtualmente desconhecidos – certamente uma nova impressão de trigo, ou milho ou os dois juntos para criar uma ilusão de comida diferente, não sabia como as pessoas comiam em 2022. Lembrou-se do que havia comido no dia anterior à viagem, tudo era milho ou trigo e tinha sabor de milho ou trigo, não importava quantas vezes tentassem disfarçar imprimindo a comida em diferentes formas e texturas, mas não aquele bife macio, suculento.

A folha verde em seu prato exalava frescor – aquilo definitivamente não era feito de trigo. Cibele-12Æ devorou o prato como se não houvesse amanhã, mesmo sabendo que haveria e seria trilhado por desastres nos duzentos anos seguintes; pelo menos onde ela estava naquele momento o amanhã poderia ser melhor do que em sua casa. Saboreou cada garfada, os sabores suculentos, as variadas texturas, o frescor, o aroma que ela passou a sentir. Curiosa para saber o que havia comido – com certeza não eram coisas impressas – dirigiu-se à cozinha para descobrir.

— Nunca viu uma quentinha? Arroz, feijão, alface, tomate e bife de carne.

— Bife de carne? Carne de trigo?

— Não, é carne, carne mesmo! — exclamou a cozinheira. Em protesto, ela retirou um grande pedaço de carne do congelador, balançando-o em frente a Cibele-12Æ, orgulhosa de sua compra na promoção. — Pode ser carne de segunda, mas é carne de verdade!

O mundo pareceu girar novamente, mas era só o estômago de Cibele perturbado pela notícia de que o que acabara de comer um dia foi como Bob, também partido em pedaços cada vez menores para lhe fornecer energia. Agradeceu a cozinheira e pegou rapidamente suas coisas na mesa, saindo em direção a um banheiro com a comida subindo tão rápido quanto lhe vinham à mente as memórias do relato de sua bisavó.

Esbarrava nas pessoas do caminho causando comoção e angustiando-se a cada toque. Naturalmente, entrou no primeiro banheiro que viu, sendo logo expulsa por se tratar do banheiro errado. Quando enfim chegou a uma privada, todo o

conteúdo de seu estômago foi expelido. “O Ano 2137 nunca mais vai acontecer. Nunca. ‘Voltar’, mas o que vem agora?”

Por meses se encontrou sozinha, sem contato com a Resistência. Perdida, vivendo entre as margens, alimentando-se da insossa ração que trouxera consigo. Amigos de rua a ensinaram onde dormir, higienizar-se e também lhe apresentaram companhias peludas. Passava os dias observando a cidade entre poças, calor e carros de som com promessas superficiais. Mesmo sabendo que seu visor jamais mostraria sinal algum vindo de casa, Cibeles-12Æ assistia aos dias cada vez mais secos passando por seus olhos. Sentia saudades da chuva. Enquanto ela passava mal e chorava cercada por seus pensamentos e memórias, perdia a esperança na humanidade, apegando-se apenas a companhia de alguns Bob de rua. De um ínfimo recanto de seu coração, crescia o sentimento de que a humanidade merecia, sim, o fim que havia conseguido. Queimando o quintal de casa, cavando a própria cova, vendendo a esperança de um plano da Lua e...

Uma mão tocou o ombro de Cibeles e a acordou do transe.

— Oi, você está bem? Precisa de ajuda? 'Cê tá parada aí há um tempão. — perguntou a mulher de longos cabelos verdes com uma mochila nas costas e uma garrafa d'água na outra mão, oferecendo-a para Cibeles-12Æ. — Como você se chama?

Aqueles olhos protegidos por óculos de grau brilhavam como lume castanho e Cibeles-12Æ pôde sentir o mesmo que Fernanda sentiu. As duas imediatamente se identificaram e ali se concatenou uma conexão entre o desejo de acolher e o desejo de ser acolhida. A mulher do presente demonstrou preocupação e Cibeles-12Æ sentiu-se aberta a suas vulnerabilidades pela primeira vez naquele ano e contou o que havia acontecido.

— Eu... — depois de muito escutar e ponderar alguns minutos em silêncio, Fernanda também se abriu, aliviando a expressão de dor em seu rosto. — Só de pensar na ideia, morar no subterrâneo... É um princípio tão simples quando se para e pensa, ‘se eu posso não fazer, por que fazer e prejudicar outra pessoa?’ Consigo imaginar quantas vezes você já foi chamada de histérica, provavelmente mais que eu. Talvez você esteja certa e não duvidem de você daqui a duzentos, cem ou mesmo só trinta anos. Eu prefiro ser histérica, radical e louca hoje do que estar errada quando tudo virar chorume radioativo, mas sabe qual é a melhor parte? Já encontrei aqui um bando de loucos como você e eu.

A jovem de cabelos verdes falava sem parar sobre seu grupo e como pretendiam levar conscientização às pessoas, tocando seus corações na esperança de que tivessem como escolher melhor as próprias ações e principalmente representantes. Animada com sua nova e esquisita amiga, Fernanda contava dos pequenos feitos até ali realizados por ela e seu grupo, esperançosa de que o falatório a inspirasse a se juntar à turma. Cibeles não falava nada, mas parecia melhorar e olhava para todo o ambiente com o maior ar de interesse.

Brasília em 2022 misturava o concreto à grama, os prédios com o céu, as promessas com a realidade. O amálgama de culturas se encontrava ali que era o centro do país e, como uma babel, ninguém se entendia. A distância entre as regiões administrativas era tão grande quanto a diversidade que abrigava e as discussões rapidamente se tornavam acaloradas e enfadonhas, resultando na maioria das vezes em palavras redundantes e ações apenas tapa-buracos. No coração das decisões mais relevantes, nada importava mais aos governantes do que desmembrar a terra onde ninguém de fato via, mas que todos podiam sentir o gosto amargo do dito progresso.

A seca demorou mais do que o de costume para ceder à chuva, e a chuva inundou mais do que o de costume naquele ano e também no próximo. Alguns ricos se mudaram para lugares menos afetados e ninguém notou sua falta; todos os milhões que sofriam com as enchentes e com a seca estavam de pé nos ônibus.

Em alguns desses veículos, às vezes estavam Cibele (sem 12-Æ), Fernanda e outros “loucos” espalhando panfletos que correlacionavam o devasso crescente mar de soja no Planalto com as enchentes no Quadrilátero, o saneamento básico sucateado com crianças internadas nos hospitais, a poluição das nascentes com a torneira seca em agosto.

— Vocês podem não ver com seus olhos, mas estão sentindo na pele. Como podemos continuar chamando de progresso tantas obras, concreto puro, desmatamento logo ali no entorno da nossa própria casa, da nossa própria rua? Não precisamos de um milagre, precisamos lembrar que não somos donos da Terra! — a voz de Cibele alcançava todo o veículo, mas ela temia que não alcançasse o coração de seus ouvintes a tempo.

No ônibus, o burburinho dos passageiros soava como um coro “É a maluquinha da cabeça de tubo de novo”, “Lá vem a ecochata”; apesar disso, a cada viagem, a curiosidade era instigada e tudo o que ela dizia podia ser rapidamente confirmado na internet. Os passageiros acabavam checando os fatos com seus dispositivos móveis. Pouco a pouco, a chateação se transformou em indignação. Certamente, o oceano virar plástico não é um problema para quem mora a mais de um dia de viagem de um litoral, mas as nascentes do Cerrado também estavam cobertas de plásticos e esse problema era escancarado nas ruas alagadas, nas erosões ao lado das casas e nas torneiras secas todos os anos.

Primeiro, vieram as feiras de orgânicos e as excursões de limpeza de nascentes. Depois, começaram a plantar espécies nativas em área pública, encantadores canteiros nas ruas, segurando erosões, nas casas, lajes e telhados. Com tanta gente trabalhando com o mesmo propósito, logo se tornou possível pressionar os administradores. Redes de esgoto e cooperativas de coleta seletiva se instauraram em todas as regiões. Goiás e Tocantins assistiam ao modelo de progresso cíclico se desenrolar anotando o passo a passo do experimento.

Cibele e Fernanda assumiram cadeiras no Conselho do grupo, junto de Miguel, Hugo, Júlia, Flávia, Sabrina, Tiago, Alex, e tantos outros e outras. Às vésperas de 2026, quando as eleições gerais para presidente do país aconteceriam, o grupo se dividiu entre os apoios e por pouco não se desmanchou. Cibele não deixaria que isso acontecesse, afinal, aquela era sua missão. Então, ela fez o que há muito não fazia e que no final do dia fora mesmo treinada para fazer: se infiltrou em todos os gabinetes e conversou cara a cara com todos os representantes. Colheu informações de quem eram seus amigos e parceiros de negócios.

A tarefa de conhecer, conversar e levantar dados foi árdua e Cibele esbarrou em diversos representantes que não tinham vontade alguma de mudar e até riam quando ela mencionava o trabalho do grupo em deixar as cidades mais verdes, mais sustentáveis.

— Enchentes, e daí? Eu não sou São Pedro, não posso fazer nada.

A maioria mostrava interesse, mas não queria arriscar sua popularidade com medidas que talvez não pudessem ser cumpridas em apenas quatro anos.

— Tem noção de quantos votos eu vou perder? Mesmo se eu promettesse essa tal de reviravolta verde que você defende, não ia conseguir passar nenhum projeto, não ia ter orçamento. Quem tá votando lá dentro cuida dos próprios interesses, você não é mais tão garotinha para não saber disso...

O estresse e a correria dos bastidores das eleições começou a afetar a jovem viajante do tempo. As noites de sono eram cada vez menos tranquilas, refletindo as conversas que tinha com aquelas pessoas que diziam representar o interesse coletivo. Cibele por fim confidenciou à sua melhor amiga que três anos antes a havia tirado de um buraco.

— Eu lembro do futuro, sabe, Fernanda? Minhas memórias vêm à noite, como pesadelos que não posso escapar. São as lembranças de casa, dos meus companheiros que nunca vou poder saber como estão, ou contar se eu consegui mudar alguma coisa além de uma ou outra horta no quintal de alguém.

— Cibele, o que aconteceu é parte do seu passado, é parte de quem você é. Agora você pode imaginar o amanhã, repleto de “se”, de coisas que ainda acontecerão. Melhor do que sonhar com um céu estrelado é poder escolher todos os dias fazer o que é certo e criar novas memórias, assim como você está fazendo. Eu sinto muito por você estar presa aqui conosco, longe dos seus amigos, sem certeza do que aconteceu com sua família, mas eu sou grata por tê-la ao meu lado por todos esses anos. Se tudo der certo, vamos envelhecer juntas vendo o pôr do sol por muitos anos.

— Eu adoraria ver o pôr do sol com minha melhor amiga até nós ficarmos bem velhinhas. Eu só sinto que...não estou fazendo o máximo possível, entende?

— Eu digo o mesmo. Você tem a sua voz e as pessoas te amam, todo mundo aqui acha o mesmo. Cíbele, para nós, você é como um farol.

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer, amada amiga, que chegou a hora de você sair das sombras.

— Não, não, nada disso — Cíbele hesitou. — Eu não sou feita da mesma matéria que uma líder. Não nasci para isso!

— E você acha que esses políticos que você investigou são? Pensa nisso, Cíbele, é a nossa única chance de mudar mesmo, de fazer todas as pessoas reconhecerem a importância de preservar a natureza, a nossa própria casa! Com você nos representando, todas as pessoas vão te ouvir.

— Você realmente acha isso? Ou só diz para me agradar, porque é minha amiga?

— Eu não acho, eu tenho certeza. Eu te vejo lá. — Fernanda segurava a amiga pelos ombros e olhava em seus olhos. — Meu voto sempre será seu.

— O que foi que eu te disse? O que foi? — Fernanda roía alegremente a quarta espiga de milho verde.

— “Eu te avisei” — Cíbele suspirou, empilhando sua terceira espiga. — Esse céu é ainda mais bonito do que eu me lembrava.

O Sol começava a se pôr pouco acima da linha do horizonte na estação de interligação do Expresso Pequi, a cinquenta quilômetros do Congresso Nacional. Algumas dezenas de grandes dirigíveis se alinhavam no céu para assistir ao fenômeno.

— Rápido, nosso dirigível já vai subir!

As duas se apressaram em direção aos dirigíveis movidos por energia solar, deixando a competição de comer milho em 6 a 5, com Fernanda no atual tricampeonato.

A primavera acabava de começar e a pouca poeira do ar estava assentada com as primeiras chuvas, garantindo boa visibilidade no equinócio. Conforme o sol descia, o céu assumia as cores do arco-íris, indo do azul marinho no leste ao resplandecente e breve acobreado no oeste que banhava toda a mata integrada, iluminando os galhos retorcidos, as primeiras folhas e fazia as flores dos ipês amarelos se iluminarem como pequenas estrelas no solo.

— Conselheira Cibebe, o discurso de abertura do Festival da Chuva do Centenário será em quinze minutos — lembrou a cerimonialista que veio do outro lado do dirigível.

— Não é o céu que está mais bonito — disse Fernanda enquanto abraçava sua melhor amiga e ambas desviavam a atenção da Via Láctea, já visível no céu estrelado, para o Parque que se estendia por quilômetros, integrando diversas casas e comércios à vegetação local e painéis solares —, é a cidade. O Cerrado é o mar de Brasília.

FIM



17



VITAE- HISTORIA

Um conto sai-fai de
Arthur Cavalcante
ilustrado por
Juliana Lapa





FIQUEI SABENDO DE SUA MORTE POR UMA VIZINHA. Ela ouviu o grito da empregada quando regava as plantas da varanda, e logo me ligou. Fala relutante, como a de um veterano de guerra que anuncia à família a morte do bravo combatente. E emendou sua surpresa. Dona Olga era coroa enxuta e deveria viver pelo menos mais uma década.

— A empregada ligou para o Nando, e ele chegou rápido — disse ela. — Meus sentimentos.

— Obrigado por me avisar.

— A Vitae-Historia vai ficar linda. Quando vai ser?

— Não sei.

Um dia depois, recebi a ligação do Nando. Faríamos juntos a cerimônia, mas diante de uma juíza no tribunal.

Meu próprio irmão havia me processado.

Abri no mesmo dia a agenda com o número do meu único amigo dos tempos de escola. Há dois anos fui padrinho de seu casamento. Fortalecemos o laço. Ele era o único advogado que eu conhecia e me informou dos detalhes jurídicos sobre herança. É impressionante como a divisão de bens anda de mãos dadas com a divisão dos bons. Abri o GPS do celular e as entranhas de Maceió se projetaram em forma de avenidas, um sistema nervoso igual ao meu, à flor da pele. O advogado

fez questão de não falarmos tudo ao telefone. Ele disse querer me mostrar detalhes técnicos, mas eu sabia da verdade. A relação entre cliente e advogado é marcada não apenas por burocracia, mas afeto.

Quando cheguei ao seu apartamento, ele fez a pergunta-navalha: estaria eu disposto a ir até o fim?

No dia da audiência, chamei um motorista por aplicativo. Desci no início da orla de Ponta Verde, o que me daria uns vinte minutos de caminhada até o local. Naquelas condições, o sol da manhã queimou meu rosto ao cheiro de maresia. Até chegar ao destino, eu já havia colidido com duas moças e um rapaz, todos de óculos escuros, que caminhavam na faixa estreita para esportistas.

Duas árvores demarcavam a entrada do sobrado. Uma placa designava os empreendimentos naqueles três andares. Confirmei a informação com a recepcionista. Segundo andar. Não havia elevadores. Subi os lances de escada e me deparei com um aquário quase tão grande quanto as dimensões da parede. Não sei nada sobre peixes, a não ser os que almoço. Tilápia, Arabaiana, Carapeba. Os do aquário tinham caras fechadas, bocas semiabertas. Variavam de tamanho e me encavaram de volta. Outros navegavam pela decoração: uma réplica da orla de Ponta Verde, uma réplica daquele prédio onde eu estava e uma réplica da porta a cinco metros de mim. Qual de nós vivia num aquário?

Abri a porta. Uma mesa comprida mal deixava espaço ao redor para nos mover. Quatro rostos me encararam: o da juíza, na ponta da mesa; de meu advogado, indicando com a mão a cadeira ao seu lado; do advogado de meu irmão, e ele próprio. Nando usava terno preto, em luto. Corte fino. E com um meio sorriso de triunfo.

Espancar um colega de escola pode parecer um evento extraordinário para muitos. Ou não significar nada. Tem violência que é autodefesa contra o outro, e tem violência que é diversão para quem a comete.

Estamos no campo das escolhas. Para a pessoa que sofreu a afronta, escolher reagir com a violência da vingança é diferente de recorrer ao sistema jurídico na busca por reparações. Há registros de violência deliberada entre gangues de chimpanzés, mas nós humanos temos algo que nos aparta de seres tão primitivos. A noção de tempo. Para nós, o tempo é uma ficção que nos alça a um evoluído patamar, bem menos imediatista. O tempo cura. Nosso sistema jurídico avalia o aqui e o agora, com uma margem para prescrição dos crimes. O mesmo acontece aos seres humanos. Um homem é incapaz de processar outro por algo que aconteceu há tantos anos.

O tempo cura.

Não somos macacos.

Não faço ideia de quem era.

É irrelevante procurar seu nome nos registros escolares de vinte anos atrás. Em primeiro lugar, porque nunca soube; em segundo, porque há apenas um borrão no lugar de seu rosto.

Quando vejo nas redes sociais que meus antigos colegas de turma se tornaram respeitáveis engenheiros, enfermeiros ou biólogos, não sei a quem procurar. Muito menos se preciso. Acompanho comentários sobre fotos e vídeos, na esperança de alguém dizer, Se lembram de fulaninho que arranjava briga com o Silvio na hora do intervalo, pois é, ele é esse. Já disseram, Naqueles tempos havia um garoto que xingava e batia em todo mundo, né? Eu mesmo já briguei com ele, Eita, eu também, Pior que eu também.

Mas é só isso. Uma união de pessoas que compartilham da mesma violência sem nome.

Garoto, fulaninho, *esse*. Por onde você anda? “Era uma vez um menino que batia em todo mundo e causou uma ferida entre dois irmãos”, era esse o seu nome.

— E o senhor ainda não chegou ao cerne da questão — disse a juíza ao advogado de meu irmão.

— O objeto é complexo, meritíssima. Nosso pedido é que seja feito um exame mais minucioso.

— Para descobrir supostas realidades alternativas...

— Exato.

— Já peguei três casos parecidos e todos foram tentativas de charlatanismo. Espero que reformule seu pedido para que eu não o considere um ato atentatório à dignidade da justiça ou até mesmo um desacato.

— Com todo respeito, meritíssima, é a primeira vez que temos um caso envolvendo uma Coroa de Guerreiro. — O advogado retirou da pasta preta três fotos: duas antigas em cor sépia e outra colorida em alto contraste, colocando-as sobre a mesa.

— O Auto de Guerreiros não está morto, como os livros de história de Alagoas parecem sugerir. Dona Olga foi uma brincante. Aqui, vemos uma foto dela com as fitas de cetim caindo pelo rosto. Nesta outra, com seu grupo de guerreiros com doze integrantes. — Ele pegou a foto colorida e a ergueu. — As fitas coloridas complicam o diagnóstico preciso.

Meu advogado interveio.

— Objeção, meritíssima. O fato de a primeira foto ter uma mulher com as fitas sobre o rosto impede a identificação, e a segunda está borrada, deixando as feições do rosto impossíveis de averiguação.

— Foi feita a Vitae-Historia com essas fotos? — perguntou a juíza.

— Ainda não, meritíssima. Consideramos que a Coroa de Guerreiro de dona Olga foi suficiente para gerar indícios.

A juíza fez cara de poucos amigos.

— Espero não estar perdendo tempo pela quarta vez.

— Obrigado, meritíssima — disse o advogado enquanto tentava trocar um olhar com meu irmão. Mas este continuava seguindo a mim, como se mais interessado em descobrir uma decepção escondida.

Sinto que tratei mal meu irmão naquele tempo. Na verdade, não sei ao certo como eu fiz isso, mas sinto que fiz. No colo de minha avó, posso tê-lo olhado de esguelha, um desdém de faz de conta, mas verdadeiro. No fundo, eu enquanto neto recebia aqueles mimos com afeto de hierarquia, eu acima e meu irmão, abaixo. Seja como for, nossa avó não dava importância, ou parecia não dar importância. Mas se isso faz alguma diferença, nunca fiz questão de averiguar. Uma estranha emoção me assalta ainda hoje ao pensar sobre isso. A culpa por ter roubado o momento mais especial da vida de uma criança. Como alguém que dá um filhote de cachorro como presente, para logo em seguida descobrir apenas um cadáver.

Pelo que pude entender, ele não espancava qualquer um. Devia fazer uma seleção, como colecionador de figurinhas escolhendo as melhores. Mas, pelo que eu não pude entender, ele batia em muita gente sem qualquer critério aparente.

Soube mais a respeito antes de virar num corredor da escola. Ao ouvir sua voz conversando com outro menino, gelei e me espremi na parede para esconder meu vestígio.

— Como você faz? — perguntou o outro.

— Assim... — Ele pareceu organizar os pensamentos. — Não é que eu saia dando chute em quem vier pela frente, tá na cara. Mas tem gente que pede com os olhos.

— Com os olhos?

— A-hã. É como se estivessem carregando uma culpa por algo que fizeram, só esperando alguém como eu aparecer e aplicar a punição. É como um favor que faço.

— E você gosta?

— Às vezes.

Agora, durante o sexo com minha esposa, eu lhe passei a mão pelos seios, cintura, coxas. Enquanto ela sorria de prazer, a data da segunda audiência com a juíza insistia em martelar a consciência, junto com aquela poeira no pátio da escola de gosto amargo. Eu tento me levantar, mas o garoto que briga com todo mundo insiste em outro soco. Mais poeira, mais tosse. A palma da minha mão queimada no cimento ao tentar me erguer, e lá vem outro chute. Todo mundo olhando e apontando.

— Você está longe — disse ela.

— Só um pouco.

Papel, lista de feira, marcação a lápis: arroz, feijão, carne e dois carrinhos de brinquedo. Uma mão oferece um tecido, outra mão recebe, uma troca. Áudio: Com[...]frio, fica[...] Nando e Silvinho vão passar bem e [...], o que mais quero então é[...]. Casa, parede quebrada, dois homens trabalham, dois meninos observam. Árvore de Natal, três bolas vermelhas, pisca- pisca desligado, olhos de um menino atentos. Áudio: [...] atrasou, aí cortaram. [...] posso sim, mas sempre [...] dos dois, entenderam?

Espelho, reflexo de dona Olga, cabelo molhado, toalha à altura das axilas, se encara, chora.

Quatro pés descalços, mãos manipulam meias, cada meia é posta em cada pé, sorriso dos dois meninos, lancheira, mochila. Meninos saem correndo.

Televisão, filme, desenho animado, perseguição, polícia e bandido. Áudio: essa cidade é pequena demais para [...], já vi esse, quando?, [...] da quinta.

Mão segura um papel com código de barras, valor, mão pega outro papel, outro código de barras, valor, mão coloca os dois papeis em cima de um terceiro.

Menino chega perto, recebe um abraço e se afasta, outro menino vem para outro abraço, os dois saem correndo. Áudio: Cadê meu beijo, e você também, cuidado [...] avisou.

Prato, comida, sopa, pão, dois meninos comem, discutem um com outro, apontam dedo, um pega a colher e joga um pouco do caldo no outro, o primeiro menino chora.

A juíza levantou a mão, interrompendo a transmissão.

— O senhor está perdendo nosso tempo.

— Meritíssima?

— Uma sucessão de imagens da Vitae-Historia sem relevância para o caso. Não entendo aonde quer chegar. E o senhor ainda pediu um adiamento.

O advogado do Nando aquiesceu.

— O laboratório entregou a Vitae-Historia com atraso, meritíssima, confirmando nossa tese sobre a complexidade do objeto.

— Encontraram alguma coisa?

Com uma troca de farpas no olhar, meu advogado e o do Nando se encararam.

— Muitas coisas.

Foi ao meio-dia que nos conhecemos. Eu tinha oito anos na época e ela... bem, a avó sempre foi velha. Havia uma pastelaria perto de casa onde eu e Nando costumávamos ir com painho e mainha. Não era grande coisa, mas a gente podia brincar no jardim e tomar um refrigerante de máquina horroroso. Naquele meio-dia de sábado, a pastelaria ficava fechada. A clientela inteira de preto, no velório, todos passando a mão no meu ombro, às vezes escondendo palavras que poderiam machucar ainda mais.

A avó ficava sempre em pé, atrás de mim e do Nando, cada mão segurando os ombros dos netos, num quase abraço. Usava óculos escuros que lembravam uma modelo dessas de revista, apesar do rosto vermelho de choro. Aquela mistura lhe dava uma beleza à sua maneira. Até aquele dia, nunca soube de sua existência, de seus jeitos, das preferências de leitura, Será que ela gosta de filme de ação? Ou Por que painho e mainha nunca falaram dela antes do acidente?

Nos fundos, os dois caixões, um tênue véu cobrindo os rostos rodeados de flores. Pessoas que eu nunca havia visto ou lembrado passavam a mão em suas testas, faziam preces baixinho e davam lugar a quem vinha atrás.

Nando chorou várias vezes em soluços. Mas eu, não. Talvez porque não entendesse tudo o que havia passado, talvez por eu ser o caçula e não ter tido maturidade de absorver a profundidade da tragédia. Ou talvez porque aquilo já era um indício de minha cegueira ao que acontecia ao redor.

Depois, todos foram embora, a avó ficou cuidando da gente e ao longo da semana voltamos à escola. Passávamos os dias mal saindo de casa, a avó contando o pouco dinheiro na mesa.

Foi a primeira vez que senti falta daquele refrigerante de máquina.

— Protesto! As informações são contraditórias! — interveio meu advogado.

— Por isso mesmo, contundentes. Meritíssima, alegamos que a Coroa de Guerreiro é um objeto complexo e pudemos provar. É preciso avançar.

— Em quê? — indagou a juíza.

— Cada fita de cetim em volta da Coroa traz uma realidade distinta. É através da Vitae-Historia de cada uma que poderemos comparar. São dezesseis fitas, então serão dezesseis testes.

A juíza refletiu por um instante.

— Quanto tempo?

O advogado do Nando fez um cálculo mental e disse quando poderiam agendar a próxima audiência. A juíza concordou com um sorriso e meu advogado pareceu transtornado.

Não havia registros de nenhum outro processo jurídico que tivesse seguido aqueles passos. Todos sabiam: estavam escrevendo a História, o exato momento a ser estudado pelos futuros advogados do mundo. O futuro era deles.

Quanto ao Nando e eu, nem o passado era nosso.

Na época, eu tinha vinte e cinco anos, faria vinte e seis dali a um mês. Por causa da situação difícil, nunca dei prioridade a me formar na faculdade, e minha avó

foi a primeira a me incentivar a conseguir emprego e ajudar em casa. Anos antes, após concluir a escola, fui caixa de supermercado, recepcionista de hotel e até auxiliar temporário de escritório.

A avó sempre jogou no bingo e apostava nas cartas. Dizia ela que a sorte estava ao seu lado, porque bastava acertar uma vez para a vida ser abençoada pela mudança. Infância, adolescência e idade adulta chegaram para mim e para o Nando, mas nada da bendita mudança bater à porta. Apanhado na rede das contingências deprimentes e estranhas, consegui passar num concurso como auxiliar administrativo em outro estado e melhorar a remuneração, ajudando a avó com o necessário, mesmo que de longe. Nando agora seguia sua vida como estudante de Fisioterapia, já que trabalhava com não sei o quê, mas pagavam o suficiente para bancar a faculdade.

Parecia-me que a civilização continuava sua mudança e só nossa avó permanecia no mesmo lugar. Mas foi naquele São João que ela mandou mensagem. Finalmente havia acertado num sorteio e não precisava mais do dinheiro que eu lhe mandava todo mês. Fiquei preocupado se logo não acabaria, porque remédios e médico eram os olhos da cara, mas ela disse, Qualquer coisa eu falo, não se preocupe, porque dá e sobra.

Sonhei muitas vezes que dirigia um carro de duas portas. Sempre um modelo antigo. O design interior asfixiante em virtude dos bancos perto do painel frontal, meu peito amassado contra o volante, o limpador de para-brisa ligado, mesmo sem chuva, final de tarde com lusco-fusco encandeando no horizonte. Na faixa ao lado, motoristas passam como raios e só escuto estrondo atrás de estrondo. É tudo tão pequeno que meus braços mal se mexem para manipular o volante e tenho vontade de vomitar. É insuportável. Consigo parar o carro num canavial, não vejo ninguém, nem residências próximas. Apertando-me todo, saio do carro. E sou atingido por outro em alta velocidade. Num piscar de olhos, saio de dentro do carro e já estou no velório de meus pais, acompanhando-os de um terceiro caixão.

Nós três, mortos pelo mesmo motivo. O sonho prossegue, mas eu nunca me lembro.

Acordei com minha esposa chorando, no escuro do quarto. Seu corpo sacudindo nos soluços. Liguei o abajur e verifiquei as horas. Três e vinte da madrugada. Por detrás da cortina, a janela deixava entrar a lua cheia.

Ela não fala comigo enquanto chora. Detesta quando insisto. Dei um beijo em sua testa e me levantei para preparar um café para mim e um chá para ela, os dois sem açúcar. Não volto a dormir se acordo de repente. Trouxe as duas xícaras e ela se sentou na cama, encostou-se à cabeceira e deixou seu lindo cabelo preto cair sobre os seios. Ao agarrar a xícara, enxugou com a outra mão as lágrimas.

Ficamos ali parados, bebericando nos canecos enormes, ambos com a estampa de nossa viagem a Marechal Deodoro, no interior de Alagoas.

Recuperou o fôlego. Estava pronta.

— Alguma vez já teve vontade de voltar no tempo?

— Voltar no tempo?

— Para dizer umas verdades a quem merece.

— Não entendo o que quer dizer.

— Sonhei com meu pai, mas eu não conseguia falar. Já é a terceira vez. Ele ficava naquele uniforme branco da marinha que eu detestava. Mais uma viagem para outra cidade, mais algum serviço “em nome de seu país”, e mais uma vez eu perdia meus amigos. — Ela apoiou a xícara entre as coxas e começou a chorar, mas dessa vez, articulou o que pôde. — Meu pai me chamou na porta e eu fui atendê-lo. Sorrindo, me disse que tinha uma surpresa. Estou tremendo até agora, assim como tremi no sonho. Eu queria dizer “Você não tem o direito de me destruir”, “Não pode achar que minhas emoções se resumem ao seu emprego”, “Olha o sofrimento que traz à mamãe, que mal consegue trabalho e já tem que pedir demissão”. Mas eu não conseguia. Acordei com as palavras cortando minha garganta. Sinceramente, espero que quando eu morrer, não escolham nenhuma cena para a minha Vitae-Historia em que meu pai apareça. Ainda guardo minhas roupas de adolescente e nenhuma delas deve mostrá-lo como lembrança.

Ela bebericou da xícara outra vez e colocou-a na mesinha ao seu lado.

— Sinto que vou morrer. Prometa que vai respeitar meu pedido.

— Você não vai morrer.

— Prometa.

— Prometo.

— Inteiro?

— Como assim?

— Fale a promessa toda.

— Se você morrer antes de mim, a cerimônia de sua Vitae-Historia não vai mostrar aos parentes e amigos quaisquer vestígios de sua relação com seu pai.

Ela enxugou outra lágrima.

- Desculpe te acordar.
- Não tem problema.
- Não respondeu à pergunta.
- Qual?
- Se já quis voltar no tempo.
- Acho que todo mundo já faltou com a resposta no momento em que deveria dá-la.
- O que aconteceu com você?
- Nada demais.

De novo. Era um código entre a gente. Ela sempre se abria comigo e buscava em mim a mesma postura. Eu lia em seu olhar a confirmação do sentimento de entregar-se ao outro naquelas confissões. E é claro que eu poderia aproveitar a deixa, colocando tudo para fora, todas as vezes em que recuei, recuei, mastigando fúrias amargas, principalmente naquele dia com o Nando, eu poderia dizer que meu irmão me salvou daquele menino que batia em todo mundo, que por causa dele eu estou vivo hoje, que se não fosse sua interferência as sequelas seriam irreversíveis, que ele próprio também apanhou, se colocou na frente para me proteger, uma postura que eu não esperava, mas que quando chegou em casa eu não pude retribuir, eu sabia que o humilhava, que aprofundava sua raiva, angústia e ressentimento contra mim, seu próprio irmão não articulou a palavra exata, dois garotos sangrando, imundos dos pés à cabeça, mas só um acolhido em casa, e eu me calei quando deveria responder, Ei ele estava lá estava lá sempre esteve lá mas eu nunca porque.

- Sabe que pode contar comigo, não sabe? — perguntou ela.
- Sei.

Dei-lhe um beijo na testa e ela me abraçou. Não importa se duas pessoas estão casadas há quatro anos. A gente nunca conta tudo.

Nove, dez, onze, doze, treze...

Quatorze degraus ao todo. Saí da audiência e desci as escadas. Meu advogado ao lado, gesticulando, gritando sua revolta. Iríamos recorrer, mas eu disse que não precisava.

Combinou para que eu pudesse encontrá-lo mais tarde. Nando havia ganhado a causa, mas a situação inédita exigia uma nova instância de análise. Saí do

sobrado, atravesssei a rua e fiquei parado diante do mar, na orla da Ponta Verde. Inspirei profundamente. Um leve zunido nos ouvidos. O mesmo da brisa marinha sibilando através dos banhistas e buzinas de carro logo atrás.

Das dezesseis análises para a Vitae-Historia de nossa avó, mais da metade mostrou aquilo que nunca aconteceu. Imagens de outra realidade, de intenções que nunca se cumpriram. Sonhos imaginados. Nunca saberei o motivo de nossa avó me valorizar mais do que ao Nando. Dizer que eu era o caçula não justifica nenhum dos beijos que nele nunca foram dados. A prova definitiva foi o contrário do que aconteceu: um abraço que ela deu nele quando chegamos vítimas do garoto que brigava com todo mundo. Em nossa realidade, ela cuidava apenas das minhas feridas, e Nando permanecia atrás da porta, observando quando seria sua vez. Aquele abraço jamais havia me deixado e o alcançado. Nossa avó reconhecia meus machucados, mas não os dele. Ao longo de nossa convivência, desde a morte de nossos pais, ele já atinava com seu olhar imaturo para a verdade daquela nova vida, de que através de uma misteriosa indiferença ele seria sempre o segundo na lista dos afetos. Por isso, tivemos tantas brigas. E o abraço ausente foi a gota d'água. Eu sabia disso. Ele sabia disso. Mas o não-dito era soberano.

Na noite daquele mesmo dia, minha esposa viu meu celular vibrar numa nova notificação. Nando tinha desistido do dinheiro deixado por nossa avó, advindo do sorteio. O valor era muito maior do que imaginávamos e todas as audiências foram em torno disso. Mesmo ganhando a causa, sabíamos que o dinheiro era o menos importante.

Espero sinceramente que Nando tenha encontrado o que procurava. Eu ainda não encontrei.

18



NA TEMPESTADE VERMELHA

Um conto sai-fai
de **Bia Sá**
ilustrado por
Winny Tapajós





(O EPISÓDIO DO PODCAST COMEÇA com a voz firme e carismática de uma mulher chamada Jaz.) Ela tinha doze anos quando morreu pela primeira vez. Acharam o seu corpo flutuando no meio da tempestade vermelha, a maior das tempestades de Júpiter. Após içarem o seu corpo mole dos gases escarlates, ela abriu os olhos que brilhavam a cor forte dos arredores. Vivíssima, ao contrário do que todo mundo achava. Rubi foi como lhe apelidaram depois dessa experiência única. Experiência essa que, por trinta anos, ela não contou para ninguém. Hoje, enfim, iremos descobrir o que aconteceu naquele dia tão atípico em Brasiliana, a primeira cidade brasileira e flutuante do planeta. Rubi está aqui como convidada para o podcast Verdades Humanas. Saudações, Rubi!

Saudações, Rubi! *(repete a outra entrevistadora do podcast, Alice, a voz mais baixa e aguda do que a de Jaz.)*

Rubi (uma voz rouca): Olá, todo mundo! É assim que vocês jovens falam hoje em dia, né? Jaz: Haha às vezes. Nós nos sentimos honradas por esse depoimento exclusivo! Mas, por que levou tanto tempo para contar para alguém? Não deve ter sido fácil...

Rubi: Bem... É complicado. Outros podcasts e jornais tentaram, sim, me convencer ao longo dos anos, especialmente nas datas de aniversário, quando, de repente, a comunidade inteira se lembra daquele acidente estranho na tempestade vermelha. Alguns até me ofereceram dinheiro, mas... eu não queria contar. Não parecia... Não me sentia confortável.

Jaz: O que mudou? Se não se importa em nos contar.

Rubi: ... minha esposa, acho. E, assim como todo mundo, depois que Brasiliana fez um milênio de existência em Júpiter, repensei umas coisas da minha vida,

como esse segredo, e percebi que talvez esteja na hora de finalmente contar para o mundo o que aconteceu.

Alice (voz impaciente): Acho que a gente pode partir para a pergunta que não quer calar: é verdade o que dizem? Você morreu tipo de verdade?

Rubi (alguns segundos de silêncio): Bem... *De verdade* acho improvável, já que estou aqui. Mas, sim, era pra eu ter morrido lá.

Jaz: Só pra deixar claro: a tempestade vermelha não é um lugar seguro para fazer passeios, especialmente sem uniforme térmico, não é mesmo, Rubi?

Rubi: Uniforme térmico, máscara de oxigênio, doses de adrenalina e o mais importante: permissão legal e supervisão de alguém com experiência profissional. Lá não é um parque de diversão.

Alice (tom curioso): Sobre esses dois últimos, digamos, *itens* que você mencionou, posso estar errada, mas eles só foram acrescentados após o seu incidente, né?

Rubi: ... creio que sim...

Alice (para Jaz): Até fizeram um curso de mergulhos escarlates em homenagem a ela, sabia disso, Jaz?

Jaz (tom brincalhão): Se eu sabia, deletei da mente! haha

Rubi: E era bem maior do que hoje.

Jaz: Hã? O curso?

Alice: Acho que ela está falando da tempestade vermelha...

Rubi: Sim, sim. No século que a descobriram, isso quando a humanidade era 100% terráquea, se não me engano, cabia umas 4 Terras na tempestade vermelha.

Alice: É, por aí... Hoje não cabe uma. Por isso que a humanidade precisou se mudar pra cá, mais espaço pra uma população maior e que não para de crescer.

Jaz: Por que será isso, hein?

Alice: O quê, o tamanho da tempestade?

Jaz: É.

Alice: É só o processo natural do percurso dela. O que me faz pensar o quão grande ela era quando começou...

Rubi (tom sombrio): Preenchia o planeta inteiro... *(alguns segundos de silêncio. As entrevistadoras se entreolham, espantadas.)*

Jaz:... e por que você diz isso?

Alice: ... você disse com tanta certeza que quase me fez acreditar que esteve lá, no início.

Rubi: não foi realmente *no início*... Quer dizer, o sistema solar e o universo já eram bem grandinhos quando aqueles gases vermelhos preencheram todos os cantos de Júpiter, milhões de anos atrás.

(*Outros longos segundos de silêncio. Jaz finalmente dá uma risadinha curta e irônica.*) *Jaz*: E cá estamos nós, num filme de terror. Achei que era pra ser um podcast leve.

Alice (voz insegura): ... como você sabe disso, Rubi? Algume cientista da Universidade Federal de Europa te disse?

Rubi: Não, eu vi.

Alice e Jaz (em uníssono): Hã?

Rubi: Quando eu estava mergulhando na tempestade vermelha, eu vi coisas.

Jaz: Tipo gente morta? (*se vira para Alice*) Isso é um clássico, né?

Rubi: Bem, sim, só que não humanas. Eu vi e senti Júpiter antes da humanidade. Outro tipo de natureza, sabiam? 100% gasosa e líquida. Não tinham árvores, flores, pedras, rios, como agora, só as nuvens que são quimicamente diferentes da Terra. Onde há cidades flutuantes hoje, antes eram só tempestades de várias cores e densidades. Seria impossível pra nós vivermos aqui, era um ambiente muito hostil. Não que não seja mais, quero dizer. As cidades flutuantes só sobrevivem graças àqueles escudos filtradores que as envolvem o tempo todo, isso é de conhecimento geral.

Alice (tom pensativo): É, a gente aprende no ensino fundamental...

Rubi (balançando a cabeça): É, mas não como eu vi. O Júpiter de antes era esbelto, perfeito e será assim outra vez, quando a humanidade seguir em frente.

Jaz (tom nervoso): Seguir em frente quer dizer morrer?

Alice: Ou morrer que nem você morreu? Tipo... morrer e renascer das cinzas, que nem aquele mito antigo, como é o nome... ?

Jaz: O que, fênix?

Alice: Sim? Acho que sim.

Rubi: ... pode ser, ainda não está completo.

Jaz (tom irônico): O que, o futuro? Como poderia, se não aconteceu? (*força uma risadinha para esconder o nervosismo.*)

Rubi: Está acontecendo agora.

Jaz: Que droga é essa que você tomou?

Alice (murmurando): Acho que ela tá falando de espaço-tempo.

Jaz: Espaço-tempo?

Alice: É, acho que ela tá falando de umas ideias do Norbert Elias, né? Foi um escritor humano terráqueo do século... hum... não sei, um pouco antes das imigrações espaciais, as que não deram certo.

Jaz: As pra Marte?

Alice: Isso! Ele escreveu sobre diferentes tipos de tempo, diferentes noções, quero dizer... tipo, tem o tempo que contamos no calendário, temos o social, temos o físico... Vários outros que não lembro agora. E tem o tempo na nossa memória, acho que ele chamou de tempo psicológico. Funciona de um outro jeito, não é como o físico. E... é como se, na nossa mente, sempre existisse viagem no espaço-tempo, já que podemos acessar, num só instante, lembranças da infância e da adolescência ao mesmo tempo, enquanto projetamos futuros alternativos, que são tipo os nossos desejos e sonhos, e isso tudo com o presente ao nosso redor. E, bem, para os seres vivos, os tempos também funcionam de maneiras próprias, já que cada um tem sua cultura, há espécies de animais que vivem alguns dias, há outros que vivem centenas de anos. E por aí vai.

Jaz: Isso é bem bizarro!

Rubi: Nem tanto.

Alice: É, é bem legal depois que você realmente entende.

Rubi: Foi mais ou menos isso, só que não era a *minha* mente. Era a mente de Júpiter.

(*Alguns segundos de silêncio.*)

Jaz (tom irritado, para a outra entrevistadora): Se você me disser que *isso* não é bizarro, vou te dar um tapa aqui e agora!

Alice (ignorando-a): Ok... O que exatamente isso quer dizer? Nos conte um pouco mais sobre essa sua experiência mergulhando na tempestade vermelha. Mas não fale apenas sobre essas visões, nos conte sobre o que te levou a *mergulhar* nessa aventura.

Jaz: E depois *eu* é que faço as piadas ruins!

Alice (tom sarcástico): Você é a rainha delas!

Rubi (voz insegura): ... posso falar?

Alice e Jaz (constrangimento claro nas vozes): Sim!

Rubi: Ok, acho que vocês sabem disso, mas vou contar mesmo assim. Qualquer coisa, vocês cortam, editam, sei lá. Eu estava brincando com umas amigas num pátio de Brasília, brincávamos de pique-pegas com aqueles tênis que flutuam, er... esqueci o termo... *(dá de ombros)* Bem, acho que não importa, eles não são mais vendidos. E, enquanto estávamos lá, tropeçando no ar, dando risadas, uma outra amiga finalmente apareceu com as mãos atrás das costas e uma expressão facial estranha. Ela não queria subir, então descemos e fomos falar com ela, já reclamando que teríamos que trocar os tênis pra ela brincar também. Algo tão bobo, pensando agora... *(fica em silêncio por alguns segundos, introspectiva)* Se eu soubesse que minha vida inteira iria mudar por causa dela...

Jaz: Pera... Então *foi mesmo* uma aposta? Eu ouvi dizerem que a recompensa não era dinheiro, era -

Rubi (tom agressivo): Não foi aposta!

Jaz (surpresa na voz): ... ok, então... ?

Alice: desafio?

Rubi: Não! Foi... ela... foi uma ameaça. Assim que descemos para o chão do pátio, ela aumentou o sorriso e eu juro que senti um frio na barriga naquela hora. Como se soubesse que algo muito ruim ia acontecer, sei lá. Minha esposa diz que se eu tenho essa hipersensibilidade às vezes, ela acha que é um dos efeitos colaterais de quase morrer, talvez seja, afinal eu mergulhei na tempestade vermelha sem nenhuma máscara de oxigênio.

Jaz solta uma exclamação.

Alice (voz chocada e atropelada): p-pera, peraí! Deixa... não, como assim?! Você sobreviveu... Você foi lá sem proteção nenhuma?? Caramba, como você tá aqui??

Jaz (a voz mais alta e aguda do que antes): Acho que posso dizer que, nesse momento, todos nós estamos bastante intrigados com essa sua história. Tô até arrepiada aqui, olha! Por favor, nos conte mais. Por que exatamente ela te ameaçou? Foi diretamente para você ou...?

Rubi: Na verdade, *não*. Mas eu era a mais velha e me senti responsável por todas as outras. Eu disse ameaça, talvez seja um exagero. O que não é um exagero quando somos crianças, não é mesmo? Tudo parece grande demais, complicado demais, assustador demais. Não houve nenhum dinheiro envolvido, nem nenhum

tipo de recompensa. Tereza era o nome dela, e só estou dizendo aqui porque ela faleceu faz bastante tempo, Tereza era filha de duas competidoras das olimpíadas femininas espaciais de Júpiter, elas... se não me falha a memória, elas eram de uma equipe formada graças a uma escola federal, a primeira de Brasileira, sabem?

Jaz e Alice (vozes automáticas, pois estão concentradíssimas na história): Sei.

Rubi: Pois é, ela pegou as asas metálicas, *as duas, hein*, quando ninguém estava olhando e chegou em nós. Mostrou as asas e ficou tipo "tá na hora de uma brincadeira diferente, essas rotineiras tão chatas já". Nós demoramos pra entender o que ela queria dizer, só víamos aquele tipo de aparelho nas transmissões olímpicas de anos em anos, não fazia parte do nosso cotidiano. Ela colocou uma nas suas costas e estendeu a outra pra mim. E ficou me olhando, como se fosse óbvio que eu seria a outra garota a fazer aquela loucura. Naquele momento, acho que a gente já tinha entendido, sim, o que era a tal brincadeira diferente e as mais novas, elas tinham uns seis, sete anos, elas toparam na hora e ficaram tentando me empolgar, praticamente implorando pra eu me juntar à Tereza na exploração da tempestade vermelha. E, olha, uma parte de mim queria só aceitar, afinal quer aventura mais interessante do que aquela? Mas eu me lembrei que as jogadoras usavam sempre outras coisas pra se proteger e perguntei "cadê o resto", "que resto?" ela não queria fazer tudo direitinho. Ela queria é se jogar na tempestade vermelha.

Alice (voz cuidadosa): Você disse que ela morreu faz tempo...

Rubi: Ah, não, não, ela morreu mais velha, durante algum acidente, sei lá. Vivia aprontando, fazendo merdas, se metendo em enrascadas. Não duraria muito mais do que o começo da vida adulta.

Jaz: E a ameaça?

Rubi: Ah sim, ela me provocou, as outras crianças implorando pra eu aceitar, ela fazendo chantagem emocional comigo, dizendo que não seria mais minha amiga, que convenceria todo mundo que eu era maluca e perigosa, colaria em todas as minhas provas, eu detestava isso, bobagens de outra época. Acabei aceitando, obviamente. Não estaríamos aqui nessa entrevista, se eu tivesse ignorado elas e ido pra casa mais cedo.

Jaz: Você se arrepende? De ter aceitado, de não ter ido pra casa?

Rubi (após uma pausa breve): ... não. Não pela mudança no status, se tem alguém se perguntando isso. Espero que não, detesto quando assumem que eu fui lá porque queria ficar famosinha. Não posso dizer o mesmo de Tereza, não que isso importe agora, claro.

Jaz: Por que não se arrepende? Se você não se importar em responder...

Rubi (após alguns segundos em silêncio, pensativa, olhando para cima): Pelas coisas que vi. Pelo o que Júpiter me ensinou. Por quem eu me tornei após essa experiência.

Jaz: hum. Taí uma resposta que eu não esperava...

Alice: Acho que, nessa hora, o público deve estar bastante ansioso. Você finalmente nos revelou o mistério por trás da sua ida à tempestade vermelha, desmistificando décadas de fofocas e boatos problemáticos. E nos contou que viu coisas. Pois bem, finalmente está na hora de te pedirmos detalhes sobre essas visões. O que aconteceu exatamente quando você mergulhou?

Rubi (respira fundo): Tereza nos levou até os limites da cidade flutuante por um caminho que não tinha ninguém. E eu duvido muito que não tenha sido planejado. Nós descemos de elevador e não tinha ninguém. Nós andamos por alguns corredores e nada! Seria coincidência demais e, na minha vida, depois de tudo o que vivi e presenciei, desafio o universo a me provar que coincidências existem. *(Jaz e Alice dão risada)* É sério, a vida não faria sentido, ainda mais aqui em Júpiter. As energias daqui são diferentes, são mais *peculiares*. Talvez por causa do tamanho, talvez por ser um planeta gasoso, talvez por a humanidade não ter se originado aqui, não sei.

Alice (voz indecisa): Desculpa a intromissão rápida. Tem gente que diz que, na verdade, nós não viemos da Terra, e sim de algum exoplaneta em alguma galáxia que não tem mais nenhum vestígio de humanidade.

Jaz (surpresa genuína): Uau!

Rubi (tom divertido): É, eu gosto dessa ideia também. Pensei até em escrever uma série de ficção científica baseada nisso, mas. Enfim, o mergulho.

Alice (entre risadas): Sim, o mergulho. Quem sabe outro dia, nós te entrevistemos sobre sua carreira literária e você bota essa ideia pra frente. Ou uma autobiografia, hein? Nos contar em detalhes sem intromissões e limite de tempo sobre o mergulho e o contato especial que você teve com Júpiter. Uma leitora, você já tem.

Jaz: Duas!

Rubi (Após uma risada curta e alta, fica séria e um pouco tensa): eu estava bastante nervosa. Nunca usara as asas metálicas antes. Tereza me explicou rapidinho como manobrá-las *(tom falsamente bravo)*, que foi, aliás, uma péssima aula! *(Alice e Jaz riem)*. E nós fomos para uma plataforma suspensa na beirada da cidade, no andar mais inferior, bem perto dos motores, lá é o único lugar que dá para passar pelo escudo sem prejudicar o ambiente de dentro e, sabe, *matar um monte de gente no processo* *(Mais risadas. Rubi pausa para beber água.)* Eu perdi ela de vista logo no começo do mergulho. Eu digo mergulho, mas pareceu muito mais uma queda. Uma queda de vários quilômetros de gases tóxicos e todos daqueles tons mesclados entre

o vermelho e o laranja. Uma cor forte que ainda me persegue em sonhos, embora não todos. Os que são rodeados por essa cor não são exatamente premonições, são mais lembranças daquele dia em que me rendi à mente de Júpiter.

Jaz (confusa): Eu ainda não entendi o que você quer dizer com isso. Mente de Júpiter. Como pode um planeta ter mente?

Rubi (voz cansada, como se fosse a milésima vez que tem essa discussão): E por que não?

Jaz (mais confusa): ... porque é um planeta, e não gente? Não tem... consciência, sei lá.

Rubi (incomodada): E quem garante isso? *Nós*? Seria justo classificar astros como sem consciência só porque *nós* é que estamos os classificando? Só porque não temos acesso aos seus pensamentos e emoções? Sabe, se a gente passasse menos tempo ignorando o resto do universo, poderíamos ouvi-lo e entendê-lo direitinho. Eu entendo Júpiter agora porque uma parte de mim morreu, sim, naquela tempestade, a parte que se recusava a ouvir e preferia uma mente fechada e ignorante. Mas vocês não precisam passar por isso também para ouvi-lo.

Alice: Lá venho eu com outra referência de leitura. Tem um outro livro, O mistério da consciência, acho que do... Antônio Damásio? É! Em que, logo no começo, ele discursa um pouco sobre esse questionamento. Sobre animais e vegetais também terem consciência, porém diferente de como a nossa funciona. E não é justo mesmo decidir que outros tipos de vida não sentem e pensam, que não são vida, só porque não os compreendemos.

Jaz (tom indeciso): ... então... vocês tão dizendo que Júpiter tem vida? Que um *planeta* é vivo?

Rubi: Júpiter, Marte, Terra... Os satélites naturais, as estrelas, os buracos negros, os meteoros, os cometas, as galáxias, o universo...

Jaz (voz baixa): ... não sei se entendi bem... Como isso sequer pode ser possível...

Alice (respira fundo antes de explicar): Sabe as células? Então, pensa nelas. Dentro de uma, tem várias coisas com funções diferentes, mas que, juntas, mantêm a célula viva, né? Pensa que essas células são tipo o universo. Tem a gente, os insetos, os peixes, as árvores, os mares, os planetas, as galáxias etc. E todas essas coisas, e as outras, claro, todas são codependentes umas das outras. Nós, seres humanos, precisamos de oxigênio e água, por exemplo. E, pra isso, precisamos de planetas que nos forneçam esses elementos, se não morremos. E se nós morrermos, outras coisas param de funcionar. Se vão se adaptar ou morrer também, aí eu não sei (*risadinha irônica*).

Jaz (tom chocado): Então, a gente é tipo um grande organismo?

Alice e Rubi (vozes felizes): É.

(Alguns segundos de silêncio contemplativo depois, Jaz exclama, de repente): Uau! Já tamos quase no tempo limite da entrevista de hoje. Nem percebi o tempo passar dessa vez *(tom brincalhão)*. A conversa tá muito boa mesmo, um pouco confusa, mas acho que vou sobreviver.

Rubi (rindo): Vai, sim!

Alice (voz alegre): Para finalizar, então, vamos voltar à pergunta de antes: o que exatamente a mente de Júpiter te mostrou? Você já nos contou alguns detalhes esparsos, discutimos sobre a questão do espaço-tempo. Planetas também não pensam como nós, naturalmente, somos seres com necessidades próprias, únicas. Além das diferenças de tamanhos, né. Cabem zilhões de pessoas humanas aqui, mas só cabe um Júpiter.

Rubi (tom brincalhão também): E muitas Terras!

Alice (rindo): Sim! Nos conte mais sobre o que aconteceu contigo depois que mergulhou ou, bem, *caiu* na tempestade vermelha. Tudo o que se lembrar e quiser contar. Não se preocupe com o tempo disponível *(Jaz pigarreia)*, nossa editora lidará com isso depois.

Jaz (murmurando): tadinha...

Rubi (respira fundo e solta um suspiro pesado antes de ficar alguns segundos num silêncio introspectivo): Eu senti antes de ouvir e ver. Formas estranhas na vermelhidão. Por alguns minutos, não pareciam nada, só formas. Mas, aos poucos, elas foram contando histórias. Histórias antigas, histórias recentes e histórias que ainda não tinham acontecido. Muitas delas ainda não aconteceram, na verdade, eu chequei. Todas elas tinham dois pontos em comum: Júpiter e Terra. A humanidade no meio, como se fosse a ponte entre esses dois mundos. Nós estamos aqui agora, não estaremos para sempre. Um dia, seguiremos viagem para outras galáxias, as histórias me mostraram isso. Levei anos pra entender da onde elas vinham, nem mesmo psiquiatras sabiam me explicar. Eu entendi sozinha, acho, quando as peças foram se encaixando, fazendo sentido. Pequenos ciclos se completando. É por isso que virei astrobióloga, sabiam? *(Jaz e Alice exclamam ao mesmo tempo, surpresas e empolgadas)* Haha é... Eu queria entendê-lo melhor, acho. Ainda não o compreendo tanto quanto gostaria, é um processo complexo...

Alice (tom curioso): Você tá falando de Júpiter ou do universo?

Rubi (em dúvida): É uma excelente pergunta! *(dá risada)*

Jaz (após rir mais um pouco): Pode nos contar um pouco mais sobre a travessia? Além das formas e das histórias, o que mais você recorda? Lembra de ser resgatada?

Rubi (voz tensa): Hum... sinceramente? Lembro não. Lembro das histórias que eram apenas fragmentos confusos e perdidos naquele momento. Lembro, de repente, de estar numa cama no hospital. Lembro de todo mundo no meu bairro saber o meu nome, da minha existência, e de me sentir extremamente incomodada com isso. Lembro de várias coisas que não aconteceram no mundo, mas sim pra mim e pra Júpiter. Como vou saber se isso aqui é real? Não sei. Talvez eu ainda esteja lá, caindo sem fim na tempestade vermelha, tentando manusear sem sucesso asas metálicas que não foram feitas para mãos amadoras e apavoradas. Talvez isso aqui seja só mais uma lembrança do futuro, uma forma de me confortar, sei lá. Me mostrando uma realidade que eu poderia ter tido, com uma mulher que me ama e uma cachorra me esperando em casa. Uma realidade fictícia me mantendo viva enquanto caio.

Jaz (tom irônico): Isso aqui parece bastante real pra mim!

Rubi: É, bem, os tempos se entrelaçando lá também pareciam...

Alice (voz tensa e preocupada): Você chegou a rever Tereza? Conversaram, brincaram alguma vez depois daquele dia? Sabe se o que aconteceu contigo também aconteceu com ela?

Rubi: ... hum, não, não e não. Nunca nos falamos de novo, eu não contei pra ninguém que ela foi a responsável, nem as outras crianças, pelo visto. As mães dela devem ter percebido a ausência das asas ou talvez ela tenha recuperado de mim e da polícia o instrumento que usei e devolvido antes delas perceberem, não ficaria surpresa. De qualquer forma, isso não importa mais! Ela não está aqui, nem as mães, nem ninguém da família.

Alice (voz baixa e nervosa): ... será que ela escapou mesmo?

Jaz e Rubi (confusas): Hã??

Alice (o nervosismo faz as palavras saírem apressadas e atrapalhadas): Eu sei que é só uma ideia louca, mas a gente discutiu sobre muitas ideias assim aqui, então... hã... *(respira fundo, mais nervosa do que antes e um pouco constrangida)* Arr, me arrependi de ter... ok. Você disse que ela morreu depois, que sobreviveu à tempestade... como você pode ter certeza disso se nunca mais a viu?

Rubi (tom de surpresa): Você acha, então, que eu saber do acidente em que ela morreu foi, na verdade, só mais um dos fragmentos que não compreendi direito ainda?

Alice (som de dedos agitados batucando a mesa): Talvez.

Jaz (tom sarcástico): Ou você acha ou não acha, amiga.

Alice: Acho que esse é um bom momento pra finalizar o episódio de hoje.

(Jaz e Rubi dão risadas curtas e estranhas. Elas começam a falar ao mesmo tempo e a apresentadora fica quieta, deixando Rubi prosseguir) Vou ser sincera, depois de hoje, eu tenho certeza é de vários nadas! Mas agora deu vontade de pegar o tablet e e fazer umas pesquisas. Poderia até fazer agora, se vocês não se importarem...

Jaz: Ah, mas não precisa!

Alice (voz um pouco nervosa): É... tamos bem. Podemos finalizar. É agora que toca a música de término.

Jaz: Coitada da nossa editora. Ela terá muito trabalho para editar isso depois.



AOS PÉS DE GUAYMIABA

Um conto sai-fai de
Brunno Apolonio
ilustrado por
Aislan Pankararu





[TRAVESSIA DISTRITO DE ICOARACY - ILHA DE COTYJUBA | BAÍA DE SANTO ANTÔNIO | 2023]

Para mim que já tanto vi tomando forma de correnteza, leito e furo de rio, há poucas coisas que diria serem realmente novidades. A novidade mais recente, digo, de uns séculos pra cá, é essa sensação de desaguar no papel, borbulhar sonora, visível em pixel através de meios para que vocês me sintam. Resolvi contar como canto, evocando as memórias, e confesso que me empolgo. É como vocês mesmos dizem, “veio com o tempo”, esse papo de me fazer gota em livro, live, moda e museu para me comunicar com vocês. Por assim dizer, eu e outras vidas que compõem essa humanidade resolvemos transpor para cá o encanto das histórias que vocês não revelam, mas que ainda irão precisar. Eu poderia marear mais pela ilha grande de *M’Barayó*¹ ou subir o Guamá, mas os ventos de *Maery Tupinãbá*² sempre me encantaram e por aqui fiquei. O trânsito dos povos e seus parentes, o que trazem e levam, cultivando a si mesmos e as espécies que conferem as marcas dessa terra. É por isso que sigo atenta, semeando as recordações daqueles que navegam entre mim e as ilhas, sobretudo com quem tenho a honra de dividir as visões *espirais* do tempo que nós, Baías, carregamos em nossos ventres milenares. E eu, o que faço pra justificar todo esse falatório antes de termos personagens? Bem, agora me chamam de Baía de Santo Antônio e continuo inundando estas bandas.

Bené, que também pisa nessa fita retorcida do tempo, é desses que conseguem enxergar a espiral, os sonhos do leito e os próximos temporais enquanto vende

1 Marayú kapuãma - Ilha de Marajó

2 Maery Tupinãbá - Mairí Tupinambá

água, pupunya³ cozida, doses de café, bala de gengibre e beijo de moça nos portos e na travessia entre Icoaracy, no continente, e Cotyjuba, uma das ilhas nas beira da cidade. Vive disso há décadas. Fez família, levantou taba e fama na ilha, mas hoje, 2023 no tempo de vocês, está na contramaré e enfrenta dificuldades para sustentar as contas.

O último barco do dia com destino a Cotyjuba se prepara para levar quem ainda tá pelo Continente e Bené me fita, tentando oferecer a sua banca ambulante para um ou outro gato pingado. Os céus de isolamento nos atravessam e despertam lembranças da infância de Bené em Cotyjuba, essas que vêm em sua mente que nem os *stories* de hoje em dia, mas melhores, porque ficaram gravadas para sempre e agora sussurram no enquadramento entre as vigas de madeira que sustentam a embarcação. Chega o silêncio até cala p'rele ver o caldo do *kurasí*⁴ sumindo nos cílios d'água a caminho do fundo.

Eu queria mostrar para Bené algumas fotos, como essas digitais de hoje, contando que ninguém chegou até aqui sozinho, algo que sacie a curiosidade de gente que nem ele, visionários com olhos d'água dentro de si. O meu sonho, na verdade, é trazer todas as formas de vida para assistirem novamente seus parentes manejando os mundos e compondo as matas, a grande passagem do cacicado marajoara para o lado de cá a fim de refundar sua Maery, e até mesmo a espiral se retorcendo com a chegada de invasores e suas consequências, mas vamos com calma. Desta vez o barco viaja com poucos passageiros. Segundo o Comandante Miranda, um marujo recém chegado na área, o pessoal tá coletando uma única passagem para alguém ir ao Continente resolver as questões de uma, duas e até três pessoas, de tão pegada que está a situação.

— Não tem mais dinheiro pra ficar passeando e comprando roupinha aqui em Icoaracy não, Bené. Tira por ti, estás vendendo bem?

Bené consente forçando a vista para localizar algo que só ele parece perceber em uma ilhota na margem oposta ao Continente.

O comandante atrasa ao máximo para a viagem valer a pena, mas se tem dez pessoas ali é muito. Uma delas é Dona Jaque, irmã de Bené, acompanhada de uma *kunhãtãí*⁵ que aparenta seus oito anos de idade no colo, surpresa com o efeito que o vento faz em seus cabelos.

— E essa aí, mana? Que eu saiba, tu ainda não tem neta nenhuma... — curioso com a aparição desse novo ser humano sob as águas.

— Fale teu nome pro tio, fala...

3 Pupunya - pupunha

4 Kurasí - sol

5 Kunhãtãí ou Kunhãtã - menina

— Dorinha!

— Essa é neta daquela prima lá de Ponta de Pedras, Bené. A gente se deu e estamos aproveitando pra resolver umas coisas juntas né, Dora?

— Eu gosto de atravessar e tia Jaque também!

Bené e Jaque sorriem carinhosamente.

— Na tua idade eu também já atravessava e olha onde eu ainda estou, Dorinha. Tu não vai mais querer sair daqui, menina. — brinca Bené.

— Pronto, meu amor, agora tens mais um amigo que gosta da mesma coisa que tu — comenta Dona Jaque, passando as mãos nos cabelos da *kuñãtai*.

Bené, que volta os olhos para o rio, percorre também um caminho interno, reflexivo, sabendo que não tirou nem o do dia com as vendas. A essa altura da vida já se acostumou com o tempo do fundo e talvez não visse mais sentido na vida caso não estivesse diariamente entre essas terras. E embora já tenha feito vários planos para sair dos trapiches e trabalhar no Continente com carteira assinada e tudo, não consegue se acostumar. Nasceu em igarapé e quer encantar por ali mesmo.

Os feixes solares derradeiros pintam tudo de laranja, confundindo a visão de Bené de tão reluzente que refletem na água e acomodam ainda mais os seus pensamentos. De certo modo, é disso que ele sentiria falta se saísse daqui: os raios iluminando o seu interior, a maresia que o acalanta, a visão trêmula e aquela última piscada que antecede os sonhos imersos.

— Olha os papagaios, Dorinha!

— Tia, por que eles voam tão alto? — apontando para a revoada que passa acima.

— Acho que eles gostam de ver tudo, saber das coisas, que nem a gente.

— Hmmm...

E continuam empolgadas, mirando em pontos específicos, nas andorinhas que seguem a embarcação e os seres que as *mapiaetá*⁶ sugerem no céu, rindo e fabulando, gostando do jeito que sorriem mirando em seus olhos.

Nem a empolgação das parentas consegue tirar Bené do parapeito da embarcação, marejado, quando fixa o olhar em uma onda particular para acompanhar a revoada de papagaios, desta vez surgindo aos seus pés em direção ao fundo. Nesses momentos é como se ele vivesse tudo pela primeira vez, deixando de lado o presente e aos poucos imergindo.

6 *Mapiaetá* - nuvens

Aqui entre nós, não sou eu quem “escolho” o que Bené vê. Na verdade, sempre depende da pessoa, do quanto ela consegue perceber e lidar; mas como eu acompanho o nosso amigo aqui há muito, posso garantir que desde pequeno carrega na memória suas heranças, ainda que perdidas. Dorinha, que do alto de sua inocência não é obrigada a saber de nada, sempre quer ouvir e falar com todo mundo na viagem, então muda de cadeira e interfere por um instante aproveitando o pouco que sobrara da atenção de Bené acima da linha d’água.

— Tio, o que tu tá fazendo?

— Ei, menina! Eu to descansando e tu?

— Não sei, eu sou criança, só estou indo.

— Verdade, só precisa ouvir as histórias do mundo. Vem cá, e tu já viste aquela prainha ali, Dorinha?

— *Mamê*⁷? Não to vendo...

— O que tu falaste? Ali olha!

Dorinha se escora em Bené, que sustenta o braço para que ela encoste a cabeça e veja o rio passando a sua frente.

[LEVANTE TUPINAMBÁ ATRAVESSANDO AS BAÍAS AO REDOR DE MAERY | 1617]

Nesse entardecer, curiosamente, a revoada que Bené persegue com os olhos desagua no meu leito junto com outros seres cintilantes que iluminam os igarapés onde vários povos se reúnem em suas canoas em 1617. Vamos lidar com a cronologia que vocês entendem, senão não vai dar certo aqui, depois pesquisem. Voltando. Eles, os parentes luminosos, assim como todas as árvores com suas auras em constante levitar, exigem concentração de Bené para compreender quem é o quê nesse emaranhado de raios flutuantes toda vez que isso acontece, quando dá de cara com Guaymiaba, quem reúne os parentes há dias se preparando para o já esperado eclipse solar. O cacique Tupinambá sabe que, mais importante do que a prensa nos invasores, é fundamental marcar com a sombra da lua em Gaia a insurgência para que sempre seja lembrada.

— A lua crava nas constelações o peso de cada flecha lançada, meus parentes.

Encoraja o cacique, passando a mão em seus longos cabelos brancos que recaem sobre minhas águas iluminando a vida no fundo, cacos de barro, cardumes e olhares curiosos surgindo de todos os lados. Japiim, um parente-pássaro que passa o bico entre as penas das asas, também encoraja.

7 *Mamê* - onde

— Aproveitem que a mata brilha ainda mais quando a sombra toca o rio e sigam forte sentido Guamá, que eu venho por cima. A gente tira alguém de lá?

— Convidem os seus para voltar com a gente, mas destruam o forte, não deixem nada, comida, armas. Peguem só o que eles roubaram da gente, mas não tirem a vida de nenhum, vamos ver quem sobrevive na *kaaetê*⁸ sem a nossa presença. — sentencia Guaymiaba.

As gargalhadas, pios, grunhidos e o ranger das árvores se entrelaçando comunicam aos novos parentes o caminho do encontro. O fato curioso para mim é que tenho a impressão de que os dois já se conhecem, Bené e Guaymiaba, embora acumulem pelo menos quatrocentos anos de diferença um do outro.

Para Guaymiaba, a união dos *igara'u'anace*⁹, vindos de *M'Barayó* junto com os Mapuás, Pacajás, Anajás, Guaianazes aos milhares, além da adesão dos parentes que já estavam socializados no plano de invasão, foi uma bela surpresa. A essa altura da maré, pouco importa explodir o forte e afundar o poder bélico dos *karíwas*¹⁰, mas sim lançar ao futuro as possibilidades de um eclipse ainda maior e encantar, se necessário, parar criar as constelações eternas no *Tapíra rapé*¹¹, o caminho da anta acima de Gaia que os guiaria para eternidade.

A canoas descem cada vez em maior número do alto do Rio Guamá, levadas pelas sombras que começam a se formar na medida em que a lua ganha amplitude e efeito sobre essa parte mundo. As ondas molham as várzeas onde raízes dançam ao ritmo das remadas que as tocam.

— Viemos seguindo as faíscas que vocês deixaram no caminho — anuncia o tuxaua dos Anajás para um grupo de Pacajás. E o pajé Pacajá, um ser *wirapu'ru*, os reconhece com seu canto melodioso.

— *Eẽ*¹², umas garças nossas deixaram o rastro lá pra vocês, parente. Vocês são muitos e tinham que vir, então vou logo dar os papos: geral tá afim de descer o cacete lá no sítio dos gringos de surpresa e tiramos o dia para se entocar por essas bandas!

— Foi o que elas contaram! E foi por isso que combinamos com o pessoal lá das beiras do Iguapé.

Lá vem eles ali, olha. — acena o tuxaua para uma multidão que surge de um furo de rio.

8 Kaaetê - floresta

9 Igara'u'anace - parente da canoa

10 Karíwa - branco

11 Tapíra rapé - Caminho de Anta em Nhengatu ou Via Láctea em português

12 Eẽ - sim

— Égua, firme! Então bora só dar um tempo e seguimos. *Yapitá iké!*¹³ — pedindo em língua geral para todos os que chegam juntarem seus cascos.

Quando metade do *kurasí* é coberto, os remos, raízes e seres desenham com as rajadas de vento trovejantes o caminho em direção ao Forte do Presépio, a edificação que os invasores construíram para se proteger dos sucessivos ataques e fundar uma espécie de aldeia deles, se vendo incapazes de viver em sociedade. Tomam as duas margens dos rios, de tantos que são. E seguem.

[CONTINUAÇÃO DA TRAVESSIA DISTRITO DE ICOARACY - ILHA DE COTYJUBA | BAÍA DE SANTO ANTÔNIO | 2023]

Toda travessia é uma brecha, absorvida em menor ou maior grau, a depender também da interferência do homem nos leitos. Ao fazer a última curva e direção ao trapiche de Cotyjuba, todos parecem maravilhados com o lusco-fusco e aportam com as feições serenas, subindo nas motorretes para entrarem nas trilhas ilha adentro.

— Quanto é esse salgadinho aí, Bené?

Só quem não parece estar sereno é Bené, que demora a sair do barco e não consegue acenar e nem responder ao pessoal que lhe aborda.

— Primo, a mamãe perguntou se o senhor pode deixar no fiado uma garrafa de café pra gente tomar agora de noite.

Bené pula do barco na margem, calado.

— Ei, Benedito, tu tá de porre é?! — indaga Miranda.

Ao deixar todos sem resposta, segue para casa sem dar um pio e, ao entrar em casa, adormece sem sequer perceber o caminho. Não é de hoje que ele avista fenômenos em mim, mas nunca tinha visto uma das insurreições Tupinambá, as batalhas, tampouco a complexidade daqueles seres com impressionante nitidez e obstinação; e são as imagens dos remos das canoas que trazem Dorinha em seu sonho, agora fazendo parte do Levante e não mais como *kunhãtã*, mas sim como Anta acompanhando as canoas na carreira beirando a mata. Mais do que correr, Dorinha espalha as sementes presas em seu dorso na medida em se embrenha aos silvos das árvores que nem matintas. Bené, que agora se vê como pássaro, cai de súbito em uma das canoas na companhia de um bando de garças enfileiradas nas bordas. E basta uma delas abrir suas asas para desencadear o mesmo movimento em dezenas, que formam uma penumbra a parte, desta vez clara e luminescente tomando conta de tudo, ofuscando a sua visão e o fazendo acordar com a mesma urgência, como se retornasse de uma fenda às seis da manhã.

13 Yapitá iké - hoje nós ficaremos aqui

Ainda orientado pelos resquícios de imagens que continuam surgindo na alvorada, organiza a sua banca ambulante de olho nas primeiras notícias do dia.

— Bom dia. Veja na edição desta manhã: A Marcha das Mulheres Indígenas toma conta de Brasília para acompanhar o julgamento do marco temporal pela corte suprema; economistas ligados ao Planalto discutem projeto de renda básica que pretende diminuir a desigualdade social no país.

— Esse apresentador é de um desses interiores daqui, sabia? — comenta Jaque metendo a cara pela janela.

— Ô, Jaque, que susto, por que tu já estás acordada aí?

— Bené, primeiro eu vim saber de ti, saístes que nem um doido ontem do barco.

— Eu to bem sim, mana, mas obrigado. Eu tava era exausto, não tinha tirado nada no dia, mas hoje vai ser melhor, eu creio!

— Vai sim! Então, a outra coisa que eu vim ver contigo é se podes me ajudar...

— Hum!

— Cara, preciso ir com a menina outra vez lá em Icoaracy para tirar uns documentos, ela precisa voltar a estudar, mas não tenho nem a grana do transporte, olha... tu não consegue falar lá com aquele teu amigo, o comandante, pra ajudar a gente dessa vez?

— Jaque, ele nem meu amigo é. E, além do mais, é sovina, não tens noção da mão fechada desse homem e nem é o dono do barco, mas eu vou ver o que posso fazer. A gente se encontra lá pelo porto então, bora pegar o das sete.

— Só tu mesmo, Bené! Ta bem, eu vou pegar a garota e parto para lá.

Bené checa se a garrafa térmica está fechada, dá uma última olhada na banca, a atraca em seu corpo e segue andando para o trapiche. Ainda no meio do caminho avista de longe Dorinha de cócoras na calçada com uma tapioca na boca e dona Jaque apreensiva acompanhando a sua chegada. Os raios daquela manhã o acompanham na correnteza e ainda o confundem, experimentando vertigens que entrelaçam o eclipse de 1617, e o mundo presente o forçando a andar com os olhos fechados afim de filtrar o que sente, seguindo firme para cumprir o acordo.

[TRAVESSIA ILHA DE COTYJUBA - DISTRITO DE ICOARACY | BAÍA DE SANTO ANTÔNIO | 2023]

— Já no trapiche, Bené e Miranda se cumprimentam e antes que o marujo caminhe para uma banca de café da manhã, ele dá o bote. Ei, mano, tu tá afim de uma pupunha? Quentinha...

— Eeeegu-até tô, olha. — responde salivando.

— Pronto! Eu te sirvo lá dentro, bora. Aquelas minhas parentas vão comigo, beleza? Dá uma cortesia pra elas aí, vai.

— Tu e as tuas doidices né, Bené! Que parente é essa já? De onde tu conheces esse pessoal?

— De tudo quando é lugar, Mira. Se tu cavucar um pouco na terra vais achar um parente por aqui, vai te acostumando que tem em tudo quanto é lugar.

— Hmmm, tá beleza. Então vamo logo que tá na hora!

Dorinha e Jaque pulam dentro do barco em um único salto, tamanha a sincronia entre elas.

A caminho de Icoaracy, as pessoas que dormem na ilha e trabalham do outro lado lotam os primeiros barcos da manhã. Bené faz algumas vendas, mas não está disposto o bastante para percorrer o barco inteiro oferecendo seus produtos. Serve Miranda, senta deixando a banca de lado e não faz mais nada senão dividir a atenção entre o rio (e se a turma de Guaymiaba aparece novamente?), Dorinha ali à sua frente e qualquer movimento das margens, n'um tira-teima incessante que, ao invés de mantê-lo acordado, o choca e ele apaga em seus próprios braços.

Exausto. Em mais um sonho, uma Anta cruza com o caminho da canoa onde Bené está.

— Tio, eu sonhei que a gente é bicho. Tu és papagaio! Atravessa tudo, de ilha em ilha, todo dia, mas sempre dorme naquela ali, que nem hoje. Eu te ouço aí em cima! Obrigada pelas sementes que tu largas pra aqui gente...

Saltando da canoa, agora Bené enxerga a Anta da copa de uma árvore e toma um susto com a altura, acordando no presente em sobressalto, caindo de algum lugar.

A *kunhãtã* continua ali perto e detém a sua atenção até o final da viagem, com a aura de bicho anta ao fundo, assim como se vê os seres ao acessar o mundo em meu leito.

[MAERY | 2125]

Em 2125, os seres humanos já perceberam há pelo menos um século que não há como viverem sociedade sem abdicar da mediocridade que os trouxeram até aqui. A ciência patenteada nunca deu conta do mundo, a propriedade privada corroe os câmbios financeiros e as conferências climáticas finalmente admitem a inteligência da natureza como ponto de partida nos caminhos para uma nova fecundação do planeta, agora induzida pela união do que sobrou dos Estados em um acordo global. O problema é: nem um acordo entre poderosos globais é o

bastante para executar um plano desse tamanho sem os povos originários, quem detém em conjunto com os seres os conhecimento presentes nas vidas em terra.

Mas, além disso, e talvez o que mais apavora grande parte deles, é uma nova epidemia que assola o mundo: alguns humanos estão parando de sonhar e a cada geração tem seus sentidos mais atrofiados. Sim, é isso. Uma grande parcela da humanidade que vive há gerações distante de recursos naturais para se manter em pé, aqueles que nunca conseguiram se ver como parte integrante e deterioraram as suas relações com o meio ambiente, agora sentem os efeitos em seus próprios corpos: a visão limitada para formas e cores, a incapacidade de ouvir determinados sons (sobretudo de fenômenos naturais) e a perda gradativa da capacidade de sentir o gosto de alimentos orgânicos desde o momento em que nascem – esses que há muito tempo são substituídos pela *ração* produzida pela indústria e tem cada vez mais adeptos, com excessão dos que vivem em terras originárias, retomadas e em agroflorestas. E para o desespero dos que não tiveram escolha e já nasceram nesse contexto, os elementos químicos presentes nos alimentos que seus pais e avós consumiram entranharam-se com suas células de tal forma que bloqueiam as faculdades sensitivas de toda a geração seguinte. Os mínimos prazeres como ver um filme, descrever um fato passado ou mesmo narrar os acontecimentos presentes para si mesmo (afim de compreendê-lo) ganha uma complexidade antes inimaginável. Ou seja, se tornam incapazes de lidar com intuição, complexidade, tem baixo poder adaptativo e nada podem fazer para retardar os efeitos a curto prazo.

Nos últimos trinta anos, uma parte até tentou conter as dragas lamacentas que corroem a sua própria vitalidade, outros assumiram a responsabilidade de terem colocado rios e bacias em coma e estão pagando o preço, alguns partiram do planeta e ninguém mais teve notícias – como caravelas que partem em direção à própria sorte – e outros continuam juntando dinheiro para conseguir o seu lote no espaço. O que não muda são os planos dos que não podem imaginar o futuro, mas tentam comprá-lo, essa gana por encontrar outro pedaço do cosmos para *colonizar* a tal maneira que fizeram comigo e outras vidas. Alguns outros trilionários já reconhecidos pelo mundo inteiro como os donos de quase todo o dinheiro do planeta, e portanto responsáveis e financiadores da tragédia, chegaram ao comum entendimento de que somente uma nação originária intercontinental teria efeitos práticos para conter o avanço da S3R13, a variante mais grave da doença. O humano, bicho jovem, convenhamos, ainda tem dificuldade para lidar com a inteligência intrínseca a todos os modos de vida. Esse bicho demorou para aceitar que carrega consigo as suas e outras existências agregadas de múltiplas formas cascadeando luz e escuridão desde o início dos tempos, e só agora foram capazes de reconhecer a única tecnologia capaz de salvá-los: reativar as reminiscências moleculares e voltar à sua origem.

O plano é: todas as pessoas ao redor de costas marítimas, igarapés, lagos, cachoeiras, corredeiras e nascentes precisam acionar, juntas, uma espécie de botão coletivo que reseta as consciências que fecundam o mundo durante o próximo

eclipse solar; mas organizar o levante rumo ao fundo não é tarefa simples, requer uma organização e trocas complexas que há muito não são praticadas e nem todo mundo vai entender de cara, porém é a única saída. Eclipses são e sempre serão fendas, fugas, oportunidades em que Gaia se organiza para acessar a espiral convidando todas as formas de vida a se transformarem a partir do piscar de *kurasí*, que tudo ilumina. E eu, carregada de memória, aguardo recarregando os feixes-cipó luminescentes para o momento esperado, observando essa gente-peixe, os vagalumes, águas-vivas e olhos d'água que também esperam, em meu peito-leito cheio e estrondoso, as fendas se abrirem para se lançarem.

O eclipse chega um pouco antes do previsto e tão logo a *yasí*¹⁴ se projeta para a comer a luz do dia, a maré alta, que não desagua há meses, inicia a formação de grandes círculos a frente de todas as margens, tecendo milhares de olhos d'água - um para cada ser. A primeira linha de sombra toca *kurasí* convidando toda a parentada a guiar e articular cada passo do ritual, mesmo em águas urbanas, essas que sempre rememoram o passado e projetam o porvir a despeito do desinteresse das sacadas glamurosas beirando Maery - que volta a ser chamada dessa forma após a sociedade formar maioria e alterar o nome da cidade em homenagem ao chamado ancestral. Antes de mergulharem, os círculos caudalosos se interligam seguidos de raios de lianas, cipós milenares fartos de vida, que sobem ao céu abrindo novamente os poros de meu peito-leito de rio quando uma *kuñã*¹⁵ conhecida por vender tapioca na orla puxa a fala.

— Eu também nasci aqui nessa taba invadida pela cidade assim como vocês e ainda vi mamãe contar como aprendeu a sonhar com tio Bené entre estas ilhas. Isso antes de meus parentes subirem o Rio Guamá de volta para suas terras, antes dessas beiras começarem a emudecer.

A sombra avança e toca as gotas que se unem às raízes em suspensão que saem de mim, fazendo da escuridão um deleite claro e radiante que se espalha como pinceladas no horizonte com as rajadas de vento. E ela continua.

— E estou aqui novamente para dizer que ontem estive com ele. Veio voando, como ainda prefere, dizendo que descobriu por onde os seus parentes passaram, sorrindo entusiasmado na companhia de um bando ao lado de Guaymiaba n'uma algazarra que só vendo. Voavam tão alto que já enxergam os dias seguintes e nos viram aqui...

Para além dos originários, comovidos e atentos a cada confluência energética, o restante das pessoas treme de medo e segue quem conta a história até o momento em que ela imerge.

14 Yasí - lua

15 Kunhã ou Künhã - mulher

— *Yapumĩwa-itá*¹⁶ — finaliza, embebendo o mundo.

Assim que todos ultrapassam a linha d'água, as nebulosas começam a formar inúmeras trilhas e arranjos celestes, iniciando a reorganização de molécula em molécula do corpo Gaia. Os que mergulham de olhos abertos encontram biofótons confluindo em todas as direções, ainda descrentes de suas capacidades visionárias outrora vedadas, mas sentindo que as partes mais opacas de seus corpos são as mais procuradas pela claridade; já os que se inundaram olhando para dentro de si mesmos enxergam os cipós se manifestando em seus vasos sanguíneos e formigamentos dos pés a cabeça, se deixando levar pela prazer que é se sentir em ebulição e imaginar as suas maneiras o que estaria acontecendo, ainda que de olhos fechados.

Após o susto inicial, tomam conta do que acontece ao redor e veem as áureas de todos os seres se projetando no ar, nos edifícios, ruas e adentrando as casas, n'uma linguagem de imagens próprias sobrepondo os biofótons fluorescentes e se movimentando em ondas que rebentam incessantemente. Assim que são tocados por estas imagens e suas essências animadas, também começam a resvalar com a dos outros seres e automaticamente deixando todos inundados de luz. Por um momento, é como se todos tivessem acesso as suas “partes em comum” e compartilhassem suas visões particulares, além de conseguirem acessar um ser por vez se assim quiserem. As lianas continuam trepando e subindo ao céu e agora são centenas, entrelaçadas, expandindo as suas teias e ligando as imagens caleidoscópicas a dois pontos principais: céu e as águas de Gaia. A única questão que foge ao entendimento dos não indígenas e não passa despercebida em lapsos de racionalidade é o tempo que essa experiência está levando. Algumas pessoas procuram as outras para se certificar se é isso mesmo, que estão respirando dentro d'água (de mim), e confirmam ao notar os reflexos de seres peixe em cada uma delas. A investida racional dura pouco, pois é interrompida pelo surgimento de serpentes coloridas a perder a conta, trafegando em uma dimensão superior e circundando tudo o que o entendimento alcança. Em um instante, as águas são tomadas pelas serpentes, em Maery, prevalecendo as jiboias e sucuris, que sobem pelos cipós até o céu.

Quando a última delas atinge a dimensão superior, Gaia emite um sinal, um pulso-relâmpago, um *flash* único e super potente que é percebido em todas as formas como um relampejo vindo de dentro delas, resetando os sentidos, reavivando memórias e despertando novamente o sistema de crenças capaz de resistir aos efeitos da doença, mas não somente. Um fenômeno de tal amplitude que reativa a informação genética de ancestrais a seus descendentes, reflorestando a partir dali os insensíveis novamente.

O pulso-relâmpago abre um clarão infinito que pouco a pouco se dissipa dando lugar às passaradas de papagaios que se movem como *mapiaetá* convocando a plenos pulmões todos os seres retornar ao presente.

16 *Yapumĩwa-itá* ou *Yapumĩwaetá* - mergulhados

— Cuí-quí, cuí-quí, cuí-quí, cuí-quí, cuí-quí, cuí-quí...

Submergem cerrando os olhos, acompanhando a sincronia das asas sem fim, se reconhecendo ao sentir o canto e não há nenhuma palavra que o substitua para uma mensagem tão precisa. Boiam contemplando o verde de diferentes tons que brotam na medida em que *kurasí* volta a emanar suas ondas luminosas em nós.

Aquela passarada segue e vem outra. E outra. E mais outra. Agora sim, vislumbram em traços nítidos... o porvir é antepassado.

GLOSSÁRIO

Eẽ - sim

Igara'u'anace - parente da canoa Kaaeté - floresta

Karíwa - branco

Kunhã ou Kũnhã - mulher

Kunhãtã ou Kunhãtã - menina

Kurasí - sol

Maery Tupinãbá - Mairí Tupinambá, como era chamada a região onde hoje é Belém do Pará

Mamẽ - onde

Mapiaetá - nuvens

M'Barayó - Em Tupi, dá origem ao nome da Ilha de Marajó

Pupunya - pupunha

Tapíra rapé - Caminho de Anta em Nhengatu ou Via Láctea em português

Wirapu'ru - uirapuru

Yapitá iké - hoje nós ficaremos aqui

Yapumĩwa-itá ou Yapumĩwaetá - mergulhados

Yasí - lua

20

BIOS

Contos

Ilustrações

Mentorias



ADONIAS PIMENTA JR.

PAU DOS FERROS/RN, 1988

Autor potiguar formado em cinema, atua como designer de produtos. Vê no gênero sai-fai uma oportunidade de testemunhar uma amostra de vários tipos de futuros, desde os desejados até os negligenciados. O autor faz sua estreia na escrita especulativa com a publicação em Sai-Fai (Museu do Amanhã, 2023) do conto "Fosfeno", uma história onde o futuro é o passado e o presente é o futuro.

Instagram: [@heyadonias](#)



ARTHUR CAVALCANTE

ARAPIRACA/AL, 1989

Doutor em Escrita Criativa, trabalha com a cultura alagoana na ficção. Atualmente mora em Natal com a esposa e é professor de Escrita Criativa e de Roteiro no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Coordena o projeto Sala dos Escritores, desenvolvendo com os alunos narrativas para diversos meios. Publicou os romances Um Conto de Sangue (Caravana, 2023), Mestre de Guerreiro: entre a coroa e a flecha (Pandorga, 2022), Labirinto de Escombros (FOLK, 2020), além de outros contos.

Instagram: [@arthur_escritor](#)

[Créditos das imagens] Adonias: Arquivo Pessoal/ Arthur: Arquivo Pessoal



BIA SÁ

RIO DE JANEIRO/RJ, 1995

Nasci no Rio de Janeiro, onde meu corpo físico habita enquanto a mente viaja para lugares fictícios. Escrevo ficção experimental, de space opera à fantasia épica, sempre com mulheres diversas e fortes protagonizando aventuras em qualquer lugar, qualquer tempo, apesar de futuros alternativos e mundos fictícios serem os meus favoritos. Sou uma feminista que ama crítica literária feminista e uma escritora sem paciência para o mundo real, embora pense muito sobre ele.

Instagram: [@biasaescreve](#)



BRUNNO APOLONIO

BELÉM/PA, 1985

Me criei na periferia de Belém do Pará, trilhando nas matas ao redor de casa, brincando nos igarapés, rios doces. E, já na vida adulta, muniando por grandes cidades até encontrar nas palavras o caminho para narrar memórias coletivas e minha ancestralidade. Hoje, moro no arquipélago do Marajó e é na literatura onde fortaleço os laços com minhas raízes e semeio em histórias ancestrofuturistas as provocações trazidas pelos saberes indígenas, sempre diante dos desafios humanitários que enfrentamos.

Instagram: [@mechamobrunno](#)

[Créditos das imagens] Bia: Arquivo Pessoal/ Bruno: Arquivo Pessoal



CARLUS CANTONI

RIO DE JANEIRO/RJ, 1976

Pai de dois filhos maravilhosos. Fundador da Audio Geek Show, roteirista de podcast de ficção e de áudio séries. Apaixonado por storytelling e escrita criativa, insere em suas obras elementos ficcionais envoltos em situações corriqueiras. Seus personagens são carregados da dualidade da psique humana, a partir da compreensão de que a verdadeira jornada do herói está na superação do medo e dos desejos por meio do desconhecido.

Instagram: [@carlus_cantoni](https://www.instagram.com/carlus_cantoni)



CAROLINE SAMPAIO RIBEIRO

MANOEL VITORINO/BA, 1994

É formada em Letras e pesquisadora de literatura. Participou da coletânea As coisas que as mulheres escrevem (Desdêmona, 2019), e continua participando, desde então, de outros fazeres coletivos e individuais relacionados à escrita.

Instagram: [@srcaroline](https://www.instagram.com/srcaroline)

[Créditos das imagens] Carlus: Arquivo Pessoal/ Caroline: Arquivo Pessoal



DANIEL ROSA

SANTO ANDRÉ/SP, 1989

Viveu da infância à adolescência na cidade de Salto de Pirapora, interior do estado de São Paulo, onde escrevia por hobby, como puro escapismo. Aos 18 anos, precisou se mudar para a cidade grande onde cursou Análise de Sistemas e se enfiou no mundo corporativo. Apaixonado por música, literatura e ficção em geral, tenta, agora adulto, retomar o hobby de infância e publicar cada vez mais.

Instagram: [@_danielrosa](#)



DAVENIR VIGANON

ALVORADA/RS, 1983

Historiador, escritor e resenhista. Organizou duas antologias de ficção científica pela editora Caligo e apresenta o Diário de Anarres no YouTube. Acredita que é na leitura que nos conhecemos de verdade, porém, falar das coisas que gostamos é um bom começo. Suas referências na literatura são Philip K. Dick, Ursula LeGuin, Franz Kafka, Luiz Bras e Rubem Cabral.

Instagram: [@davenirviganon](#)

[Créditos das imagens] Daniel: Daniele Nogueira/ Davenir: Marlucci Garcia



ELISA FERREIRA

BRASÍLIA/DF, 1997

Agora, aos 26 anos, acredita que enfim começou a viver a própria vida. Vegana, esquisita, fã de ficção e desbravadora de mundos fantásticos — seja em planetas distantes ou no próprio "quadradozinho". Espera ter um estilo próprio e tocar o coração das pessoas para ver nos próximos $\frac{3}{4}$ de sua vida uma utopia se tornar realidade. Um conto por vez.

Instagram: [@elisafsescritora](https://www.instagram.com/elisafsescritora)



GEO AMARAL

SÃO PAULO/SP, 1982

Atua como psicanalista, escritor e pesquisador. Hoje, mora no interior de São Paulo. É bacharel em Publicidade e Propaganda, mestre e doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo e especialista em Roteiro Audiovisual pela PUC-SP. É autor de *Um estranho tão familiar: teorias e reflexões sobre o estranhamento na ficção* (Bandeirola, 2023) e, com Maurício Pessoa, da fantasia urbana *Carcasas de abissais* (Urutau, 2023).

Instagram: [@geo_amaral](https://www.instagram.com/geo_amaral)

[Créditos das imagens] Elisa: Arquivo Pessoal/ Geo: Arquivo Pessoal



GHAB ROD

SÃO PAULO/SP, 1988

Radicou-se nordestino ainda menino, com um coração cearense genuíno. Trabalha como desenvolvedor de sistemas e, em meio às teclas do cotidiano, descobriu que poderia escrever em códigos, não só para respirar, mas também para inspirar. Segue criando, tecendo um mistério sobre as veredas do sertão e trazendo à luz um denso épico no berço da humanidade, ápice da origem do mundo. África, Brasil e seu país Ceará tangenciam sua vida e fazem seu coração bater forte.

Instagram: [@rodriguesghabriel](https://www.instagram.com/rodriguesghabriel)



GIU YUKARI (縁) MURAKAMI (村上)

BELÉM/PA, 1996

É autora nipo-amazônica de ficção. Paraense e neta de imigrantes japoneses, suas narrativas trazem aspectos identitários de sua vivência nordestina brasileira e dos efeitos da imigração diaspórica em suas obras. Foi vencedora dos Prêmios Literários Fox-Empíreo (2017) e Uirapuru (2021). Possui textos publicados no Brasil, nos EUA e no Japão.

Instagram: [@giuyukarimurakami](https://www.instagram.com/giuyukarimurakami)

[Créditos das imagens] Ghab: Arquivo Pessoal/ Giu: Lucas Ohana



GYULIA FELIX

SÃO GONÇALO/RJ, 1999

Cursou Segurança Pública e Social, mas suas verdadeiras paixões são a escrita e a música - apenas no local de fã e consumidora de divas pop, seus dotes artísticos ficaram concentrados mesmo na escrita. Escritora e geminiana nata, que ataca de influencer iniciante nas redes sociais, pelo menos até onde o signo permitir. Seu objetivo é levar a diversidade de sua vida, e de quem é, para seus mundos imaginários.

Instagram: [@gyuliafelix](https://www.instagram.com/gyuliafelix)



JULIANE VICENTE

PORTO ALEGRE/RS, 1993

Filha de Oyá e neta de Luiza. Multiartista, performer, slammer e cientista afrofuturista. Atua como ministrante de oficinas, possui contos publicados em selos editoriais nacionais e internacionais. É bailarina no Grupo Andanças, na Cia La Negra e no Afro-Sul Odomodê. Criadora do projeto transmidiático Pampa Bizarro. Como doutoranda em Comunicação e produtora cultural, pesquisa a transmídia e os processos de criação artística.

Instagram: [@juliane.vicente](https://www.instagram.com/juliane.vicente)

[Créditos das imagens] Gyulia: Anne Felix/ Juliane: Arquivo Pessoal



MÁRCIO MOREIRA

FORTALEZA/CE, 1989

Escritor de livros com e sem figuras. Começou a escrever assim que aprendeu a usar um lápis. Como roteirista, criou quadrinhos como Lícy e O Labirinto (Reboot Comic Store, 2023) com Débora Santos e, com Talles Rodrigues, Sexta-feira (Conrad, 2021) parte da coletânea Mayara e Annabelle: Hora Extra, vencedora do HQ Mix. Além disso, teve contos publicados nas revistas Trasgo, Faísca e Eita! Magazine e sua primeira novela, A Outra Máquina, foi publicada em 2022 pela editora Dame Blanche.

Instagram: [@marciomorena](https://www.instagram.com/marciomorena)



NINA LADEIA

SALVADOR/BA, 1989

Lê desde sempre e escreve narrativas curtas desde 2020. Suas temáticas favoritas são ficção especulativa e histórica, e todos os subgêneros. Suas influências vão de Jorge Amado a Douglas Adams, passando por Ray Bradbury e Pedro Bandeira. Já publicou contos na revista Mafagafo e nas coletâneas Farras Fantásticas (Corvus, 2021), Sintonia Mortal (Corvus, 2021) e A Sociedade das Mulheres Elementares (Corvus, 2022). Também é médica, professora e mãe.

Instagram: [@nina_ladeia](https://www.instagram.com/nina_ladeia)

[Créditos das imagens] Márcio: Arquivo Pessoal/ Nina: Gabriela Ladeia Cirne



OZIEL HERBERT

FORTALEZA/CE, 1995

É escritor, fanzineiro, roteirista e realizador audiovisual. Caminha pelas ruas de sua cidade natal vendendo suas histórias de ficção científica, terror e fantasia em pequenas fanzines. É um taurino típico, sempre cansado, comendo alguma coisa ou dormindo. Tem se encontrado nos últimos anos como uma pessoa não-binária.

Instagram: [@seu.rosinh4](https://www.instagram.com/seu.rosinh4)



PEDRO DRABLE

RIO DE JANEIRO/RJ, 1987

É roteirista, escritor e especialista em conteúdo para plataformas digitais. Seu enorme entusiasmo pela tecnologia é balanceado por uma dose saudável de ceticismo sobre a capacidade humana de entender e controlar suas próprias criações. Isso se traduz em textos bem humorados sobre os novos problemas que surgem a cada avanço em direção ao futuro.

Instagram: [@caixadenada](https://www.instagram.com/caixadenada)

[Créditos das imagens] Oziel: Bruna de Fátima/ Pedro: Yuri Andreoli



THALLES

JUIZ DE FORA/MG, 1988

É mestre em Estudos Literários. Publicou nas antologias de contos Águas d'ilê (Aldeia de Palavras, 2021), com organização de Cristiane Sobral, Conto Brasil (Trevo, 2020) e (Des)encontros em contos (O Sexo da Palavra, 2021). Com poemas selecionados para a Revista Lavoura e para a coletânea Prêmio Off Flip de Literatura (Selo Off, 2021), publicou o livro de poesia Nau (Avá Editora, 2022).

Instagram: [@thallesncastro](https://www.instagram.com/thallesncastro)

ILUSTRAÇÕES



AISLAN PANKARARU

PETROLÂNDIA/PE, 1990

Originário do povo Pankararu, é formado em Medicina pela Universidade de Brasília. Com o costume de desenhar desde criança, Aislan retoma a prática como autodidata no ano de 2019. As obras de Aislan Pankararu evocam a riqueza visual e simbólica dos Pankararu, a fim de ressaltar a sua luta e resistência. Em 2020, realizou sua primeira exposição, Abá Pukuá homem céu. Seu trabalho está presente no acervo da Galeria Jai-der Esbell e Instituto Inhotim.

Instagram: [@aislanpankararu](https://www.instagram.com/aislanpankararu)

[Créditos das imagens] thalles: Arquivo Pessoal/ Aislan: Raquel Aviani



BRENO LOESER

ARACAJU/SE, 1994

Afro-religioso, artista, designer e mestre em Ciências da Religião pela UFS. Hoje, mora e trabalha em Aracaju e no Rio de Janeiro. Atualmente, possui o seu e-commerce de arte no site brenoloeser.com. Seu trabalho desenvolve e se inspira na diversidade das práticas religiosas afrobrasileiras, trabalhando com a estética das representações de divindades, entidades e elementos de culto, ao mesmo tempo que busca reafirmar a luta contra o racismo religioso.

Instagram: [@brenoloeser](https://www.instagram.com/brenoloeser)



DOUGLAS LOPES

ITU/SP, 1998

Foi para Curitiba cursar Comunicação Social pela UFPR em 2016 e, em 2018, começou a ilustrar profissionalmente. Em 2019, participou da Comic Con Experience na Artists' Alley, com o lançamento da história em quadrinhos *Existe Outro Caminho*, que conta a história do rap nacional. Em 2021, entrou na lista Under 30 da Forbes na categoria Design, Arquitetura e Urbanismo. Em 2022, foi convidado e participou como palestrante no evento Topia, com o tema A Cara da Arte BR.

Instagram: [@darkstream.cc](https://www.instagram.com/darkstream.cc)

[Créditos das imagens] Breno: Farm Rio/ Douglas: Acervo Dark Stream



GUILHERME CHAVES

SÃO PAULO/SP, 1994

Nascido na periferia da zona leste de São Paulo. Descendente do povo Xukuru de Ororubá, designer, ilustrador e, hoje, pai da Maria Naturaleza. Possui um olhar artístico voltado para sua ancestralidade, elementos que compõem a dualidade do contexto natureza e cidade e outros afetos que carrega pelas andanças da vida. Além de São Paulo, também está presente em Nova Iguaçu e, através deste intercâmbio interestadual, pôde enriquecer seu olhar artístico.

Instagram: [@chavesilustra](https://www.instagram.com/chavesilustra)



JULIANA LAPA

CARPINA/PE, 1985

Seus trabalhos são trazidos da memória, a partir de sua relação com a natureza e com as emoções. Vida, morte, espiritualidade e feminino se relacionam em uma prática intuitiva e arqueológica das imagens e materialidades produzidas, associando a prática criativa ao cuidado emocional, ecológico e social. Revela uma simbologia própria que deságua em desenhos, pinturas, fotografias, cadernos e experimentações sonoras. Atualmente, vive na sua cidade natal.

Instagram: [@julianalapa](https://www.instagram.com/julianalapa)

[Créditos das imagens] Guilherme: Isabella Sena/ Juliana: Arquivo Pessoal



PRIWI

OSASCO/SP, 1985

Artista visual, ilustradora e quadrinista. Começou a trabalhar com ilustração em 2005 e, desde então, trabalhou em editoriais e campanhas publicitárias com animação e realidade virtual. Atualmente, tem se dedicado aos livros ilustrados e produções autorais, além de dar aulas de desenho e ilustração com lápis de cor tradicional ou digital.

Instagram: [@pri_wi](#)



RAPHAEL SALIMENA

JUIZ DE FORA/MG, 1983

Desde 2006 publica tiras no blog [linhadotrem](#). Participou das coletâneas Imaginários em quadrinhos, vol. 1 (Draco, 2013) e Rei Amarelo em Quadrinhos (Draco, 2015). Publicou Argos - um fim do mundo muito louco (Draco, 2015) em coautoria de Léo Martinelli, Linha do trem - The Best Of (Draco, 2017), Linha do Trem - É o que tem pra hoje (Draco, 2022) e Vagabundos no Espaço, Vol. 1 (Draco, 2018). Venceu o prêmio HQMIX nas categorias Web Quadrinhos (2010), Web Tira (2017) e Publicação de Tiras (2018). Vive em Juiz de Fora (MG) e se dedica ao space opera Vagabundos no Espaço.

Instagram: [@linhadotrem](#)

[Créditos das imagens] Priwi: Arquivo Pessoal/ Raphael: Arquivo Pessoal



SOPHIA PINHEIRO

GOIÂNIA/GO, 1990

Vive e trabalha em São Paulo (SP). É pensadora visual: artista, pesquisadora, cineasta e educadora popular. Interessada nas políticas e poéticas das artes visuais, do audiovisual, educação, processos de criação, gênero, sexualidade e epistemologias ameríndias. Doutora em Cinema e Audiovisual (PPGCine/UFF), mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFG) e licenciada e bacharel em Artes Visuais (FAV/UFG).

Instagram: [@sophiaxpinheiro](https://www.instagram.com/sophiaxpinheiro)



TAI

MAIRI/PA, 1990

É artista visual e professora, e se inspira, principalmente, nas mulheres amazônicas e em sua cultura ancestral. Produziu trabalhos para empresas como Nivea, Grendha e Salon Line. Autora da HQ Causos de Visagens para Crianças Maluvidas (2022), além de integrar diversos grupos ativistas como o rede MARPARÁ, coletivo Quadrinistas Indígenas e Associação Wyka Kwara.

Instagram: [@ixe_tai](https://www.instagram.com/ixe_tai)

[Créditos das imagens] Sophia: Arquivo Pessoal/ TAI: Victor Estacio



WINNY TAPAJÓS

BELÉM/PA, 1996

É indígena da etnia Tapajó, ilustradora e designer de estampas e vive em Palmas (TO). Ao longo da sua graduação em Arquitetura e Urbanismo, que foi concluída em 2020, Winny se envolveu em várias áreas das artes. Atualmente, trabalha como designer de estampas para uma empresa carioca, faz freelas de ilustração e algumas produções livres, sempre em busca de incorporar elementos que envolvem sua cultura e a natureza que a cerca às suas artes.

Instagram: [@winnytapajos](https://www.instagram.com/winnytapajos)



ALE SANTOS

CRUZEIRO/SP, 1986

Autor afrofuturista, combina ficção científica e cultura afro-brasileira em suas obras. Explora temas como afrocentricidade, ancestralidade, resistência e futuros imaginativos, usando a literatura como ferramenta para destacar questões sociais e políticas. Sua escrita desafia os limites, estimulando o leitor a repensar estruturas sociais e oferecendo perspectivas inspiradoras da diáspora africana. É uma voz importante na literatura afrofuturista, trazendo novas possibilidades para a comunidade negra.

Instagram: [@savagefiction](https://www.instagram.com/savagefiction)

MENTORIAS

[Créditos das imagens] Winny: Arquivo Pessoal/ Ale: Arquivo Pessoal



ALEXEY DODSWORTH

SALVADOR/BA, 1971

É mestre em Astronomia pela USP e doutor em Filosofia pela Universidade de Veneza. Atualmente, coordena pesquisa em riscos globais no Instituto de Estudos Avançados e Convergentes da UNIFESP. Autor de livros e HQs de ficção especulativa, recebeu duas vezes o Prêmio Argos. Em 2022, foi finalista do Troféu HQMIX na categoria Melhor Roteirista Revelação e ganhou o Prêmio Odisséia pelo romance gráfico de ficção científica SA-ROS 136 (Draco, 2022).

Instagram: [@dodsworth.magnavita](https://www.instagram.com/dodsworth.magnavita)



LIDIA ZUIN

PORTO FELIZ/SP, 1990

É jornalista, mestre em Semiótica e doutora em Artes Visuais pela Unicamp. Lidia é colunista no Tilt UOL e autora do romance de ficção científica REQU13M. Publicou junto a Roger Spitz a série de livros Thriving on Disruption (Disruptive Futures Institute, 2023), sobre tecnologia e negócios. Possui contos publicados em coletâneas e artigos publicados no Brasil e no exterior. Atualmente, mora na Suécia e trabalha com escrita técnica e foresight.

Instagram: [@lidiazuin](https://www.instagram.com/lidiazuin)

[Créditos das imagens] Alexey: Leonardo Chioda/ Lidia: Arquivo Pessoal



LU AIN-ZAILA

NOVA IGUAÇU/RJ, 1977

É escritora, ensaísta, pesquisadora e pedagoga. Escreveu as obras *Duologia Brasil 2408*, *Sankofia* e *Ìségún*. Nas horas vagas, faz jujus educacionais usando história e cultura negra. Nunca perde a chance de desafiar os limites do especular afrofuturos e imaginários fantásticos que podem estar entre nós.

Instagram: [@luainzala](#)



TRUDRUÁ DORRICO

GUAJARÁ-MIRIM/RO, 1990

É Makuxi (Bonfim, RR). Artista e pesquisadora de literatura indígena, administra o perfil @leiamulheresindigenas no Instagram. É curadora da I Mostra de Literatura Indígena no Museu do Índio (UFU/virtual). É autora da obra *Eu sou Macuxi e outras histórias* (Caos e Letras, 2019). Foi residente no Cité Internationale des Arts (Paris, 2023). Atualmente, está no pós-doutorado/UFRR (2023-2024).

Instagram: [@trudruadorrico](#)

[Créditos das imagens] Lu: Arquivo Pessoal/ Trudruá: Arquivo Pessoal

COLOFÃO

COLOFÃO

COLOFÃO

COLOFÃO

COLOFÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA, MUSEU DO AMANHÃ E SANTANDER APRESENTAM

SAI-FAI FICÇÃO CIENTÍFICA À BRASILEIRA

APRESENTADO POR



Todas as atividades do Laboratório de Atividades do Amanhã são apresentadas pelo Santander.

PARCEIROS DO MUSEU DO AMANHÃ

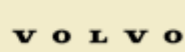
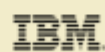
PATROCÍNIO MASTER



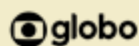
MANTENEDORES



PATROCÍNIO



PARCERIA ESTRATÉGICA



CONCEPÇÃO



GESTÃO



REALIZAÇÃO

